

SILVANA BARBOSA

SOMENTE EM TEUS *Brasos*



SÉRIE LIBERTINOS • LIVRO 2



PERIGOSAS

Silvana Barbosa

Somente em Teus Braços

NACIONAIS-ACHERON

Sumário

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[EPÍLOGO](#)

Capa de Rebecca Barboza

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Conforme a lei 9.610/98 fica proibida a reprodução e comercialização desta obra sem a prévia autorização da autora.

Quero agradecer à amiga Néli Rúbia, por todo o apoio, carinho e dedicação na revisão e divulgação deste livro.

Dedico este livro à minha mãe, Helenicia. E também a todas as amigas, com destaque especial às que conheci nas Redes Sociais, e que me ajudaram durante o processo de criação desta história, com dicas úteis e participação ativa em pesquisas e opiniões. Sem colaboração, afeto e amizade, nada é possível.

SOMENTE EM TEUS BRAÇOS

PRÓLOGO

Londres, 1829

O primeiro grande sinal que Robert Andersen Barker, o marquês de Brighton, constatou a respeito de sua própria degradação moral, fôra ser duramente criticado por seu melhor amigo, o visconde de Alvoy, Timothy Flanagan, colega desde os tempos do Eton, e depois de Cambridge, fiel companheiro de jogatinas, bebedeiras e algumas orgias. Se suas atitudes podiam ofender a um homem tão devasso como Tim, com quem já havia até partilhado algumas mulheres, então havia mesmo algo muito errado. A indignação do amigo devia-se ao fato de que a mais recente conquista do marquês Robert, Madeline, era a bela esposa do embaixador da Itália, delicada e gentil mãe de uma criança de três anos. Foi mais especificamente esta criança o estopim para a discussão entre os dois companheiros. Tim não engolira o fato de Robert enredar uma jovem mãe, de boa reputação, arriscando o casamento dela e o futuro de uma criança, enquanto havia tantas outras mulheres disponíveis em Londres, e sem tanto a perder. A reprimenda sobre a atitude de Barker virou discussão, troca de ofensas, insinuações sobre inveja e finalmente distribuição de socos e pontapés. Depois que os ânimos se acalmaram, e após refletir imparcialmente sobre o assunto, o marquês

colocara um fim no romance antes que o relacionamento fosse a público, e o casamento da amante, maculado de forma irremediável. Aplacou a ira do amigo e tranquilizou um pouco sua própria consciência, despertada por Timothy após um longo período adormecida. Não era a primeira vez que brigavam, e mais uma vez retomaram a amizade.

O segundo e definitivo sinal de que era mesmo um calhorda atendia pelo nome de Alelia Bennett, e aconteceu poucos meses depois da violenta briga com Timothy. Assim que pousara os olhos na americana, sentiu o familiar comichão que lhe alertava sempre que se deparava com uma mulher fogosa que podia satisfazê-lo entre os lençóis. Não que se saciasse com muita facilidade, mas ao menos estava sempre tentando encontrar alguém que acabasse com sua angustiante insatisfação.

A procura até que era um entretenimento bem agradável.

Alelia era casada com Seeley, membro da Câmara dos Comuns, um típico inglês, eloquente e de ideias rápidas, com quem Robert até gostava de conversar, tomar uns uísques e jogar cartas de vez em quando, mas que não era seu amigo o suficiente a ponto de fazê-lo respeitar sua esposa. Quando conhecera aquela esfuziante americana de cabelos negros, não a achara nenhuma beleza especial. O charme da mulher estava no seu modo de olhar às pessoas, e sua fala rápida e mordaz. O marquês julgara, inclusive, que aquele território não seria difícil de conquistar. Ledo engano. A senhora Bennett o rechaçara duramente logo à primeira tentativa de sedução. Qualquer outro teria posto o rabo entre as pernas e se afastado com a resposta taxativa dela, mas não o lorde de Brighton. O problema é que Robert adorava as mulheres e, embora ocasionalmente se envolvesse em aventuras amorosas inofensivas e sem importância, sua especialidade mesmo era seduzir as mais difíceis.

E adorava desafios, empenhando-se verdadeiramente em vencê-los.

A conquista era um jogo que o instigava enormemente, e uma negativa era um delicioso incentivo a novas investidas. Além disso, acreditava que fazia parte da natureza feminina dizer não à primeira vez, e ceder depois que o homem já estivesse a ponto de pedir de joelhos, transformando a conquista em um jogo saboroso para os dois lados envolvidos. Só depois de muitas e mirabolantes investidas, e com apenas um mísero roçar de lábios, roubado ainda por cima, como troféu, viu que estava de fato vencido. Não compreendia exatamente onde estava seu erro, pois sua técnica já o havia posto na cama de mulheres muito mais bonitas que Alelia. Claro que já havia recebido alguns “não” em sua vida — raras vezes, óbvio — porém aquela derrota específica mexia com seu ego masculino. E o fato de Seeley Bennett ser um homem de aparência absolutamente comum, sem nenhum atrativo especial, o deixava ainda mais intrigado. Afinal, o marquês de Brighton era alto, com ombros largos, de olhos azuis intensos, um sorriso que sabia ser perfeito, e fartos cabelos negros. Já Seeley tinha olhos e cabelos de um marrom banal, estatura mediana, um corpo que não apresentava nenhum grande destaque. Se comparados, achava que a escolha feminina seria óbvia, mas a tal mulher não parecia enxergar a beleza de Robert, e estava sob o encanto do marido. Resolveu descobrir o que havia no rival que pudesse manter uma esposa tão fiel e satisfeita.

Tornou-se amigo de Seeley para observá-lo melhor, estudando suas palavras e atitudes, desconfiado que o grande segredo do casamento de Bennett fosse sua habilidade na cama. Sabia que Seeley havia tido um passado bem dissoluto, e contabilizado um bom número de amantes.

Descobriu, e isso não demorou muito depois que começara a frequentar a residência do casal, qual era a razão para o sucesso daquela união: Amor. O casal era absurdamente apaixonado. Nunca vira um casamento entre ricos e nobres conter amor. Julgava que esse sentimento

fosse para adolescentes sonhadores, para amantes, certamente, e talvez para a plebe. Ficou quase chocado com a descoberta, e depois de algum tempo, embevecido. Apagou de sua mente todas suas más intenções em relação à senhora Bennett e passou a sentir prazer em estar na companhia dos novos amigos. Com o tempo, começou a ter desejos de também encontrar uma companheira a quem amasse, mas para isso, precisava mudar alguns de seus velhos hábitos, e moderar-se.

Seguindo o exemplo de Tim, passaria a evitar às recém-casadas, aquelas que tinham filhos pequenos, bem como mulheres que fossem notoriamente promíscuas. Tornar-se-ia, gradativamente, mais seletivo, sem abrir mão por completo de seus jogos de conquista, ciente de que sua veia de predador precisava ser saciada. Ainda teria um bom leque de opções pela frente e não havia necessidade de virar santo — mesmo que quisesse, sua libido voraz não permitiria — a sociedade aceitaria um solteiro com amantes, contanto que não exagerasse na falta de cuidado com as damas sob sua proteção. Esperava que, se suas atitudes se tornassem mais discretas, conseguiria manter seu nome afastado dos constantes escândalos que agitavam aos fofoqueiros londrinos, e seria mais fácil agarrar a oportunidade de casar-se com uma boa mulher, uma que o amasse de fato, que não o desejasse somente por seu título, riquezas e poder. Sabia que a esposa que começara a idealizar depois de conhecer a intimidade dos Bennett jamais deixaria que um cínico destruidor de lares e de corações se aproximasse. Precisava estar preparado quando ela surgisse em seu caminho. Ah, e obviamente não poderia permitir que ninguém soubesse que intencionava encontrar uma noiva, pois senão seu sossego acabaria. As mulheres podiam ser muito criativas e persistentes na sua procura por um marido rico, e ele seria uma presa a ser caçada com afínco. Seria terrível mudar de caçador para caça... E, além disso, apesar do desejo de casar-se por e com amor, não tinha

PERIGOSAS

pressa. Nenhuma.

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO I

Londres, 1833

Robert aceitara ir àquele baile na residência de lady Adelaide por duas razões: A primeira era que seu caso com a cantora lírica Eve Blanaid havia acabado e enfim podia respirar, olhar para quem quisesse e conversar com outras pessoas sem que a artista louca tivesse um ataque de ciúmes. A segunda razão era que Timothy havia insistido que comparecessem, alegando que o baile era um dos primeiros e melhores da temporada, e vários parlamentares, nobres, industriais e poderosos comerciantes compareceriam com suas filhas e sobrinhas, ou à caça de uma boa noiva, e que a presença deles seria mais uma oportunidade de firmar laços de amizade que poderiam ajudá-lo a fincar a ideia da abolição definitiva da escravidão na mente dos altos membros da sociedade, atendendo a um pedido específico da Coroa. A abolição já era iminente, mas Guilherme IV desejava que a transição acontecesse o mais pacificamente possível, e isso envolvia contar com o apoio das pessoas que detinham o dinheiro e eram os responsáveis pelos grandes negócios no Reino Unido.

Ao marquês de Brighton, assim como a outros líderes que lutavam pelo fim da escravidão há tempos, cabia a responsabilidade de divulgar as vantagens que a abolição traria para o país, em todos os ângulos.

Robert há muito fizera alianças que garantiam bons resultados quando propunha melhorias de cunho social, suas principais metas, amparado

NACIONAIS-ACHERON

no apoio de William — para os íntimos como ele — ou Sua Majestade Guilherme IV, para o resto da população, e em sua amizade com Bennett, da casa dos Comuns. Curiosamente também se relacionava muito bem com o primeiro ministro, Charles Grey, ligado ao partido Whig, que já havia dado dor de cabeça ao rei na época da Reforma.

— Já dizia Rousseau: Os homens nascem livres e iguais. — sorriu Robert, pacientemente, para o idoso lorde Montgomery.

— Não sei se concordo muito, Robbie. Veja o caso de uma família de nobres como a nossa, por exemplo. O primeiro filho, o varão de um homem que carrega um título, já nasce preso a ele, atado a normas e convenções e grilhões invisíveis que vão ditar seu comportamento para o resto da vida.

— Sim, mas falávamos dos que não são favorecidos com riquezas, milorde. Estou certo que qualquer escravo preferiria ter essas amarras invisíveis da nobreza do que as correntes verdadeiras com que lhes atam os pés.

— Mas... Abolir totalmente a escravidão não iria quebrar a economia das cidades que sobrevivem com o auxílio dessa mão de obra?

— Ao contrário, meu senhor. Estima-se que se toda a mão de obra escrava passar a receber salário e consumir, o mercado será aquecido.

— Além dessa nova lei da fábrica que vai privilegiar os funcionários, você vem com mais essa? Meu amigo, não se cansa de procurar confusão?

Robert sorriu. A lei a que o nobre se referia não privilegiava os funcionários em detrimento dos patrões, só protegia as crianças menores de nove anos, obrigava as indústrias a manterem escolas caso empregassem operários de 10 a 13 anos, e garantia horário justo de trabalho. Robert sonhava com uma lei que proibisse qualquer trabalho infantil, mas sabia que a pobreza empurrava as famílias a essa condição, e não era ingênuo para imaginar que tal situação pudesse mudar do dia para noite.

— Lorde Montgomery! Sempre pensei que gostasse de crianças! — provocou o marquês.

— E gosto! Não dissimule e nem me confunda mais do que já sou confuso, estávamos falando dos escravos...

Robert Barker deu uma risada, e o velho lorde também.

Montgomery pensou um pouco sobre o mercado consumidor. Tinha interesse nisso, muito mais interesse no lado econômico da coisa do que no lado social que o marquês enfatizara antes. Além disso, depois de tantas leis favoráveis aos escravos nos últimos anos, e da descoberta dos maus tratos nos navios negreiros, era impossível a abolição definitiva não acontecer logo.

— Está certo, Robbie. Tem meu apoio. Agora me dê licença, pois preciso me sentar, meu rapaz. Estou muito velho para ficar acompanhando mocinhas a esses bailes entediantes, mas minha neta implorou que eu viesse acompanhá-la hoje. Ai, minhas pernas doem... — afastou-se, escorando-se na bengala.

O marquês, ou Robbie, para os amigos, sorriu com mais essa pequena vitória. Lorde Montgomery era um bom homem, que sempre acabava por apoiar, mesmo que não fossem pelos motivos mais nobres, as causas que Brighton defendia ferrenhamente. Sim, Robert Barker era bom na política, e a comparava com a arte da sedução: Tinha vários enfoques sobre o mesmo assunto, e a questão era só descobrir qual o mais útil no momento da abordagem.

Agora que já havia feito alguns contatos úteis, resolveu apenas relaxar e usufruir da boa bebida e comida de lady Adelaide, ouvindo a agradável orquestra e admirando os alegres casais de dançarinos que deslizavam no salão. E admirando ainda mais as damas com seus belos e elegantes vestidos. Fazia tempo que Robert não se aventurava em um baile de debutantes. Achava que aos trinta e dois anos aquele não era mais seu

NACIONAIS-ACHERON

ambiente, mas surpreendeu-se com a quantidade de homens de sua idade, e até mais velhos, ávidos pelas mocinhas de dezesseis que debutavam aquela temporada. Embora não houvesse dúvidas de quão bonitas e atraentes eram as jovens, o fato de que eram um bando de virgens inocentes, não lhe trazia nenhum tipo de estímulo, diferentemente da maioria dos homens. Ao contrário, tanto recato no modo de olhá-lo, por mais curiosas que fossem a seu respeito, tinham efeito quase nulo em suas partes baixas, e não tinha a menor intenção de corromper donzelas. Não mais. Já havia alcançado sua cota de erros a esse respeito anos atrás, e há algum tempo empenhava-se em se comportar dentro dos parâmetros aceitáveis pela hipócrita sociedade, e não estava disposto nem a abrir mão de seus novos princípios e nem a abrir mão de um corpo quente e experiente em sua cama, sendo assim, preferia dedicar-se às mais velhas, que lhe davam sem muito esforço tudo o que ele exigia. Distraiu-se com um pouco de rapé, e um copo de conhaque.

Avistou Tim, investindo todo seu charme em lady Collete, uma viúva de curvas generosas, que parecia bem satisfeita com a atenção de seu belo amigo. Sorriu, e continuou observando o ambiente, até divisar o jovem lorde Grayson Shakman, filho do barão de Hunt, que parecia concentrado em algum ponto específico no canto do grande salão.

Foi até ele.

O rapaz, apesar de alguns anos mais jovem que Robert, frequentava os mesmos clubes de cavalheiros que o marquês, as mesmas rodas de jogos, e buscava sempre as mais belas damas. Possuíam o mesmo apetite sexual exacerbado. Enfim, eram seres da mesma espécie.

— Shakman. — cumprimentou-o.

— Brighton! — o rapaz de cabelos cacheados parecia surpreso — Ora, frequentando os bailes da temporada, agora?

— E por que não? — sorriu.

NACIONAIS-ACHERON

— Ah, Deus! — fez uma careta brincalhona — Acabaram-se todas as minhas chances essa noite!

Robert deu uma risada, e voltou-se, olhando em direção ao interesse de Grayson.

— Mostre-me o objeto do seu afeto de hoje e prometo não interpor-me em seu caminho.

— Por toda a temporada?

— Ah, não. A minha generosidade só estende-se a esta noite. — sorriu mais uma vez.

Grayson deu de ombros.

— Certo. Nem sei mesmo se tenho alguma chance com a belezinha que atraiu meu olhar agora. Tristan chegou primeiro, e como já deve ter ouvido falar, ele sabe fechar bem um cerco quando algo lhe interessa.

— Sei. E você também não é assim?

— Tentamos seguir seus passos, Vossa Graça. — ergueu a sobrancelha, com ironia.

— Por favor, não me culpe desse pecado, pois já tenho os meus. — riu, olhando para a moça que conversava com Tristan Smith e Jake Cunningham. — Engraçado, ela me parece familiar... Quem é?

— Nunca a vi antes. É bárbara, não te parece?

Robert aguçou a vista. A mocinha tinha os olhos em formato amendoado, e àquela distância não lhe podia ver a cor, mas supunha que fossem escuros. Os cabelos castanhos estavam presos à moda, com vários cachos atados por um delicado adorno, e um vestido rosa, discreto como era esperado das jovens de sua idade, que permitia ter uma sutil percepção de sua cintura delicada e quadris largos, adequados para os prazeres da carne e também para parir sem dificuldade. O tipo de rosto era de fato incomum,

agradavelmente anguloso, com uma boca rosada que não parecia parar de sorrir. Provavelmente os dois rapazes ao lado dela a entretinham com divertidos gracejos. A mocinha tinha potencial. Mas era uma “mocinha”, o que já a descartava. Ou não?

— Esplêndida.

Grayson Shakman voltou-se para ele lentamente, notando algo em seu tom de voz: — Prometeste.

— Não chegarei nem perto, senhor! — bateu os calcanhares e ficou rígido, fingindo fazer uma continência militar. Depois, voltou a sorrir — Não terei mesmo chance. Já tem três pretendentes, todos mais jovens que eu. Não sou páreo para Tristan, Jake Rae e você.

— Não seja cínico. Se tentasse, quem não teria chance seríamos nós.

Robert sorriu mais uma vez, e olhou em volta, procurando alguma dama mais adequada aos seus propósitos. Uma loura, lindíssima, passou rapidamente por ele, sem olhá-lo. Robert acompanhou-lhe o andar, até o balançar das ancas, sentindo-se vibrar.

Bela, mas apaixonada por outro. E provavelmente, satisfeita com o que tinha.

Voltou os olhos ao salão, onde várias damas o olhavam discretamente, muitas com curiosidade, outras abanando-se com seus enfeitados leques, de forma nervosa.

Uma mulher morena passou, bem devagar, de braços dados com outra, uma ruiva, mais velha. Ambas muito bonitas. A ruiva lhe lançou um olhar rápido e vazio, e a morena lhe encarou com acinte, oferecendo-lhe um sorriso malicioso.

Fria como gelo, pensou em relação à ruiva. Daria muito trabalho, e dessa vez queria um resultado um pouquinho mais rápido. Mais devassa que

eu e fácil até demais, constatou, em relação à morena.

Revirou os olhos, respirou fundo e olhou em volta mais uma vez. Vamos tentar de novo, disse a si mesmo, admirando outras damas, desanimado. Se não encontrasse nada interessante naquele local, sempre haveria os bordéis, para quem optava por diversão garantida sem precisar ter nenhum trabalho com a conquista. Era uma opção pouco emocionante, mas nunca podia ser completamente descartada... Um garçom surgiu providencialmente, e os homens serviram-se de conhaque.

— A bebida aqui em Muriel House é boa, o que me faz lembrar uma das razões pelas quais parei de vir a esse tipo de baile: a maioria dos anfitriões serve uísque ruim, vinho aguado e refrescos quentes. Tenho que parabenizar lady Adelaide por não ser mesquinha...

Grayson deu uma risada, e concordou. Uma senhora veio apressadamente em direção a eles, com três moças muito magras e dentuças atrás delas.

— Hum... E a outra razão é que algumas mães são tão inconvenientes em tentar empurrar suas filhas, que sinto-me até constrangido. — Robert olhava em volta, traçando uma rota de fuga antes que as damas o alcançassem.

— Nem tente correr, Brighton. Não vou enfrentar lady Mary sozinho! — reclamou o outro — E se voltou a frequentar os bailes é consciente de que carrega agora a faixa “procurando uma noiva”.

— Eu? Não, senhor! — surpreendeu-se. Que praga! Esquecera-se das antigas regras ao comparecer em um dos bailes da temporada: não importava a má fama se fosse um homem rico e solteiro, e se fosse um aristocrata com um belo e tradicional título de nobreza, tanto melhor. A maioria das mães enlouquecia só de pensar na possibilidade de sua filha virar uma lady de verdade.

NACIONAIS-ACHERON

A mulher os alcançou, e era rápida até no falar: — Milordess! Que bom encontrá-los juntos! Estava falando às minhas filhas que meu marido, Deus o tenha, era muito amigo do falecido marquês de Brighton e do nosso querido, e felizmente vivo, Barão de Hunt. — ela deu uma risadinha.

Os dois homens sorriram complacentemente.

Era a primeira de várias abordagens que o marquês sofreria aquela noite, e Robert achava engraçado que fosse considerado um devasso pela sociedade, um perigo tremendo para mocinhas desacompanhadas, um corruptor de virgens, mas um ótimo partido em caso de casamento. Era muita hipocrisia! Como poderia saber se uma daquelas moças lhe serviria? Com uma dança ou duas? Com uma conversa supervisionada por uma tutora? Era ridículo! Entendia perfeitamente porque os rapazes mais jovens desenvolviam técnicas divertidas e mirabolantes para ficar a sós algum tempo a mais com as moças que lhes interessavam. De qualquer forma, seu desejo não era entreter-se com meninas, mas sim com mulheres. Assim que avistou lady Whirley, uma jovem e bela viúva, considerada inacessível, o marquês sorriu. Finalmente algo que valia a pena!

Robert ajeitava sua gravata em frente ao espelho, e deu um sorriso à imagem refletida de lady Whirley envolvida em lençóis, na cama atrás dele: — Thereza, minha querida... sabe que não posso ficar. Se alguém me vê sair de sua casa pela manhã, sua reputação ficará devastada... — Robert explicou. Na verdade, o marquês não passava as noites com suas amantes, nem mesmo com aquelas que moravam em alguma residência montada especialmente para abrigar uma nova conquista. Logicamente não se deixaria apanhar pela viuvinha, por mais solícita que tivesse sido na cama.

Ah, a viúva inacessível a princípio, se mostrara muito ardorosa

afinal...

— Mas, Robert... Sou uma viúva, não espera-se que seja exatamente uma santa... — reclamou, em voz vacilante.

— Só quero resguardá-la. As pessoas podem ser muito cruéis...

— Como você é... — franziu a testa.

— Se você diz... — deu uma risadinha, e passou a mão nos cabelos. Aproximou-se da mulher na cama, com olhar insinuante — Ganho um beijo de despedida?

— Voltará a visitar-me? — indagou, ansiosa, puxando a gravata dele e trazendo o rosto bonito do marquês para perto do seu.

— É o que quer? — deu um sorriso sedutor, e roçou seus lábios nos dela — Acabou de dizer que sou cruel...

— Não faça caso do meu comentário, Robert. Venha ver-me amanhã, que tal?

— Seu desejo é uma ordem.

No caminho para sua casa em Mayfair, Robert olhava vagamente pela janela de sua carruagem, as ruas sombrias, pessoas que voltavam a pé das noitadas londrinas, a maioria delas composta de grupo de homens falando alto, bêbados. Era tudo sempre igual... O marquês suspirou alto, sentindo-se vazio: Mais um dia sem novidades... Mais um dia inútil, entre vários anos inúteis.

CAPÍTULO II

Por Deus, esquecera-se completamente de Thereza! Depois de um dia cansativo no parlamento, seguira para seu clube preferido em Pall Mall, onde se encontrou com os companheiros de sempre para jogar, beber e fumar. Cumprimentou a todos, e sentou-se para uma partida de uíste ao lado de Grayson. A conversa parecia mais interessante e divertida que de costume, os cigarros e charutos que Tristan Smith, o proprietário de uma rede de tabacarias, trouxera para seus amigos, pareciam melhores do que nunca, e as bebidas servidas desciam muito bem por sua garganta. Perdeu a noção da hora, e somente quando Tim reclamou que só faltava deixar as roupas para Tristan e Jake Rae Cunningham, é que Robert percebeu que também já havia perdido muito na mesa. Já não era a primeira vez que ele e Tim perdiam uma pequena fortuna para os outros dois, e a dupla ainda tripudiava deles, dizendo que um dia levaria até seus casacos.

Os dois jovens faziam uma boa parceria, e acabaram se tornando adversários constantes nas mesas, e amigáveis companheiros de copo de Tim e Robbie.

Todos estavam muito trôpegos quando deixaram o clube, e apenas quando seu valete abriu as cortinas pela manhã é que lembrou-se do encontro que marcara com a bela viúva. Coçou a cabeça, sem se preocupar demais. Enviaria um presente caro e bonito acompanhado de um cartão, dando uma desculpa qualquer e a promessa de uma visita em melhor hora. E se ela não se agradasse de sua atitude, paciência. De qualquer modo, pretendia ir ao palacete dos Brown essa noite, com intenção de integrar-se mais às pessoas consideradas respeitáveis, e era quase certo que encontraria Thereza mais uma vez, e se não houvesse nenhuma dama mais interessante, a seduziria

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS

novamente. Simples.

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO III

Suzanne terminava de colocar suas roupas no armário quando a criada dos seus tios entrou no quarto.

— Senhorita! Eu é que devia estar fazendo isso! — a moça estava surpresa e preocupada ao mesmo tempo. — Sua tia vai ficar aborrecida comigo...

— Que bobagem, Liza. Tia Ellinor nem precisa saber. — Suzanne sorriu, e seu sorriso bonito tranquilizou imediatamente a criada.

Suzanne Lucilla Fergunson Cunningham, filha única do renomado botânico Gerald Elliot Cunningham e de Martha Fergunson Cunningham, tinha o nome longo de uma princesa e a aparência de uma jovem deusa. Era difícil não se render à moça de sorriso fácil, de modos gentis e comentários bem humorados. Além de tudo, Suzanne possuía hábitos simples e reações intuitivas, e agia independente da boa vontade alheia, graças ao tipo de vida que levava com seus pais.

Não era habituada a ser paparicada, por não ter residência fixa, e nem servos fiéis, de modo que ela e a mãe eram bem desembaraçadas em funções diversas, que variavam entre conversar com príncipes até preparar banquetes para vinte pessoas.

Seus pais eram o que se poderia qualificar como nômades. Há cerca

NACIONAIS-ACHERON

de três anos não visitavam Londres, sempre em viagens atrás de novas plantas para o senhor Gerald publicar mais um livro. Agora sua mãe decidira que deviam fincar raízes, para o bem da filha. E para tanto, procuravam uma casa para morar na cidade.

Suzanne aceitara a decisão dos pais em passar a temporada na mansão do irmão do pai, Gabriel, casado com Ellinor, sua tia preferida, sem questionar, enquanto a nova casa não era encontrada. E se resignara à ideia de ser apresentada à sociedade. Procurava ser uma ótima filha. Era a melhor, garantia seu pai.

Jake e Christian, seus primos, haviam ficado indóceis com a chegada da prima mais nova, a quem consideravam como uma irmã. Estavam preocupados com a simples ideia de acompanhar Suzanne nos bailes, com o furor que ela iria certamente causar. Olharam-na nervosamente assim que entrou na casa, e constataram que havia ficado ainda mais bonita do que da última vez que haviam se visto.

Se estivessem os três juntos, seus olhos verdes, belos e imensos, denunciariam seu parentesco. Nos cabelos residia toda a diferença. Os rapazes eram louros.

Suzanne era ruiva. Não uma ruiva comum. Suzanne era a expressão mais perfeita da definição de uma mulher de cabelos vermelhos. Suas madeixas eram uma explosão de cachos rubros de impressionar qualquer cabeleireira, de matar de inveja as moças de tolos cabelos escorridos, das que necessitariam horas para imitar aquele penteado perfeito. E tinha a boca tão vermelha quanto seus lindos cachos, para completar. Abaixo do pescoço o que se via não era menos interessante.

Algumas pessoas invejosas podiam questionar o que havia de tão belo em uma moça com cabelos daquele tom, mas a beleza do conjunto que Sue exibía era indiscutível. Dificilmente um homem não se quedaria

encantado por ela.

Portanto, toda a família estava ansiosa com a ideia de finalmente apresentá-la à sociedade. Era certo que causaria boa impressão. Apesar do pequeno atraso com a apresentação, já que havia acabado de completar vinte e um anos, estimava-se que, com sua estampa impressionante, estaria noiva de um bom partido antes da temporada acabar, e grávida de seu marido já na temporada seguinte.

Apenas Suzanne não acreditava que as coisas seriam assim tão fáceis. Na verdade, não procurava demonstrar, mas estava apavorada. Que homem a aceitaria quando soubesse de sua história, aquela que nem mesmo seus tios e primos conheciam?

Barker estava atento à porta principal de entrada do palacete dos Brown. O baile estava cheio, mas uma curiosidade havia lhe remoído durante todo o dia. Intrigara-se com o fato de Tristan estar entre o bando de libertinos de sempre na noite passada, ao invés de na companhia daquela preciosidade que conhecera no baile de Muriel House. Instigara-o mais ainda quando Matthew Fallentin provocou o amigo perguntando sobre os seios da debutante. O sorriso que se desenhcou no rosto de Tristan, e que ele esforçou-se para ocultar, falou mais que mil palavras. O rapaz negou qualquer ato indevido, e defendeu a moça ferrenhamente, apesar de toda a chacota dos homens em volta, que o chamavam de cafajeste.

A maioria dos cavalheiros não levaria mesmo a sério a brincadeira de Matt, mas Barker não era assim. Algo havia realmente acontecido entre Tristan Smith e a dama de beleza exótica, que agora sabia chamar-se Juliet Fiennes, e vinha a ser filha de um casal de amigos de seu falecido irmão, o que explicava o fato de achá-la familiar. Mas o que poderia ter acontecido

entre o casalzinho era o que interessava ao marquês, então, talvez o caminho estivesse livre para ele, e quem sabe o que o futuro reservaria ao lado daquela donzelinha? Quantos anos exatamente teria ela? Sorriu para si mesmo quando a jovem finalmente chegou, acompanhada dos Chase. Era mesmo uma beldade.

Robert era alto e largo o suficiente para cobrir a visão de uma jovem do porte da senhorita Fiennes. Estrategicamente parou à sua frente, impedindo-a de caminhar. A moça, distraída, quase tropeçou nele, e murmurou um pedido de desculpas, sem erguer o olhar. O marquês cumprimentou o casal Chase, educadamente.

— Juliet, querida, este é o marquês de Brighton, Robert Andersen Barker. — apresentou-os lorde Chase — Sou o responsável por essa adorável mocinha hoje, milorde.

— Vossa Graça. — cumprimentou Juliet, flexionando os joelhos brevemente, e tocando o vestido, mas ainda sem encará-lo.

Robert precisava chamar sua atenção. Imaginou que ela estava procurando Tristan em volta. Encobriu-lhe a visão mais uma vez e comentou: — É a filha de Maggie e do almirante Vincent, estou certo?

Juliet finalmente ergueu os olhos para ele, e o encarou. Concordou com a cabeça, ao mesmo tempo em que os Chase lhe respondiam que sim. Robert estendeu a mão para a moça: — Conceda-me a dança que vai se iniciar, senhorita. Não aceito um não como resposta, já que sou o primeiro da fila.

Embora fosse mesmo uma moça muito interessante, e seus modos e palavras mostrassem sua natureza ardorosa, ficou muito claro para Robert, durante a conversa que travou com ela, que Tristan já havia conseguido fisgá-la. Tivesse a avistado antes do jovem empresário no último baile e a história poderia ser outra, mas num caso como esse, em que já havia sentimento entre

NACIONAIS-ACHERON

um casal, abstinha-se de uma sedução ostensiva, obedecendo aos princípios que havia imposto a si mesmo poucos anos atrás. Nessa situação o método a usar era apenas manter-se próximo. Se o casal não vingasse, então talvez ele pudesse conquistá-la, sem risco de partir algum coração, e com o cuidado devido para não arruinar a reputação da senhorita. Ou talvez simplesmente não fizesse nada. Afinal de contas, se resolvesse meter-se com uma virgem a essa altura da vida, seria para um compromisso sério, menos que isso não valia a pena o trabalho. Então era preciso pensar bem se a dama realmente compensaria a empreitada.

Mal a música havia acabado e Tristan já estava ao seu lado, cumprimentando-o com frieza e carregando Juliet para longe.

Oh, seu companheiro de jogos não gostara nada do interesse em sua bela amiga... Divertiu-se imaginando a raiva de Tristan em relação a ele, o ciúme tão evidente que era quase palpável.

Enfim resolveu entreter-se com o baile. Robert pôs-se a um canto e olhou em volta, só agora prestando realmente atenção aos outros convidados. Perdera um tempo precioso da noite apostando numa conquista que enfim não vingara, e precisava recuperar esse tempo. Onde estava Thereza? Avistou-a dançando uma quadrilha, alegremente. Então algo mais lhe chamou atenção no centro do salão. Fora apenas um reflexo vermelho, um movimento rápido do que parecia ser uma vasta cabeleira ruiva. Acompanhou, um tanto hipnotizado, a dona daqueles cabelos cor de sangue movimentar-se, de costas para ele, passando de braço em braço pelos cavalheiros, seguindo os passos determinados pela dança, com uma graça que mesmo a distância era impressionante. Esticou o pescoço tentando lhe ver o rosto, mas acabou sendo impedido de observar melhor a dama, pois o barão Whitehead o chamou, batendo em seu ombro.

— Brighton, junte-se a nós para degustar o maravilhoso Madeira que

Brown vai nos oferecer em sua adega!

Robert conteve uma expressão de impaciência pela intromissão, e seguiu Whitehead resignado, fingindo um sorriso. Não podia fazer uma desfeita nem ao barão, e nem ao anfitrião da casa, que não costumava abrir sua adega para todos. E, além disso, havia a boa política a fazer, não poderia perder a oportunidade de trazer mais aliados à sua causa.

Antes de afastar-se arriscou mais um olhar para o salão, e viu novamente o reflexo vermelho rodopiar entre os dançarinos. Era um brilho único, mágico, e mesmo quando estava na cama de Thereza, mais tarde, aplacando a ansiedade de seu corpo ao invadir o dela consecutivas vezes, o marquês de Brighton ainda pensava em como seria a dona daqueles cabelos de fogo.

Suzanne foi dormir exausta. Os rapazes londrinos não haviam lhe dado trégua no baile. Seus pés doíam, pois há muito tempo não dançava tanto, mas divertira-se a valer. E os amigos de Jake e Chris eram muito bonitos e simpáticos. Cafajestes, via-se longe, e nem precisava que os primos lhe avisassem, pois já se tornara uma especialista em reconhecê-los em qualquer nacionalidade. Não eram, felizmente, do pior tipo. Ah, porque existiam várias espécies, várias raças de libertinos e devassos. Uma moça como ela não sobreviveria num mundo tão masculino se não soubesse detectá-los e se defender dos maus elementos. E Suzanne tivera que aprender do pior modo.

De qualquer forma, apesar de todos os seus íntimos temores, ela não se furtava dos pequenos prazeres que uma garota de sua idade poderia usufruir. Então quando o gentil lorde de Grafton convidou-a para um passeio no jardim, Suzanne hesitou por apenas um instante. E no momento em que

NACIONAIS-ACHERON

ele a beijou, ela simplesmente aproveitou o momento. Seus primos, no entanto, não acharam nenhuma graça no casal. Não adiantou explicar que fora só um rápido e mero beijo. Jake e Chris queriam matar o lorde, como se ele tivesse feito a pior das ofensas a uma dama. E no final das contas, quando ela explodiu na maior das gargalhadas ao ver os três rapazes rolando no chão sujo de barro do jardim, cheio de pétalas de flores nos cabelos, tendo sua risada acompanhada por Luciane, a noiva de Christian, por Juliet, sua nova amiga, e por Tristan, amigo de seus primos, os homens que estavam brigando acabaram por contagiar-se por seu bom humor, e riram também.

A noite acabou mais cedo para os Cunningham, imundos e rasgados por causa dos espinhos da sarça que rodeava um dos canteiros sobre os qual eles haviam desabado. Havia sido de fato uma noite memorável.

Como nenhum convidado imaginava a razão da briga, a reputação de Suzanne não corria riscos. Para todos os efeitos uma turba de rapazes ricos havia se excedido nas bebidas e começado uma pequena briga, sem grandes consequências. Comportamento natural...

E Suzanne foi deitar-se ainda dando boas risadas. Antes de pegar no sono, porém, lembrou-se mais uma vez de uma figura que vira atravessar rapidamente o salão dos Brown. Era um homem alto, de cabelos muito negros, mais longos do que os ditames da moda sugeriam, e olhos extremamente azuis. Conforme ele passava, muitos pescoços femininos se voltavam para ele. Suzanne o observou de um canto, enquanto conversava com algumas de suas novas amigas. Pensou que devia ser proibido alguém ser tão bonito assim, e que certamente aquele homem devia fazer mal à saúde mental de qualquer mulher.

Robert havia seguido diretamente do Parlamento para o clube de NACIONAIS-ACHERON

esgrima, depois de um almoço rápido. Aguardava Tim chegar quando Grayson o avistou e o convidou para um treino.

Puseram-se em posição, a mão esquerda erguida para trás, a direita empunhando a espada. Grayson Shakman investiu com tanta fúria contra Brighton, que o marquês se surpreendeu: — Aborrecido comigo por alguma razão, Shakman?

— Talvez! — tocou-lhe a espada no flanco — Ponto!

— Alguma dama de seu agrado cruzou meu caminho? — sorriu, e com um floreio elegante desvencilhou-se de mais um ataque.

— Sim, mas não no sentido que está pensando!

O marquês de Brighton pensou rápido, mas não conseguiu imaginar que lady Thereza fosse do interesse do jovem lorde, apesar de ter apenas vinte e sete anos e ser linda. Afinal, parecia-lhe que o interesse do rapaz estivesse nas virgens, ou nas amantes pagas.

— Então, esclareça-me! — investiu contra Shakman, e com movimentos rápidos, pôs a espada em seu peito — Touché!

Grayson parou um minuto, e logo voltou aos golpes, enquanto falava: — Alguns dias atrás, no baile de lady Adelaide, percebi o interesse que certa moça causou em Tristan, e até em mim.

— Ah...

Grayson enamorara-se de Juliet Fiennes, imaginou Robert.

— Pedi que se comportasse. — Grayson lentamente baixou a espada.

— Sim. E lhe disse que o faria apenas naquele dia. — baixou sua espada também.

— A assediou ontem. Todos notaram.

— Não. Dancei com ela, nada mais. — ficou impaciente — E que tem você com isso?

— Tristan pediu-me que me mantivesse afastado, pois pretende cortejar a moça seriamente, e eu concordei. Isso foi antes de você surgir, depois de anos afastado dos bailes, e arrastar a moça para o centro do salão. Só dançou com ela, mais nenhuma!

— E daí? — Robert ergueu as sobrancelhas, contendo o riso.

Shakman estava muito sério.

— Daí que Tristan resolveu que não correria mais nenhum risco com você por perto e arruinou a reputação da moça!

— Heim? — espantou-se. Agora era responsável até pelo estrago que outros faziam?

— Todos em Londres estão comentando!

— Quer dizer que Tristan se diverte deflorando uma mocinha e eu sou o bandido? — reclamou, indignado.

— Eu não disse que ele a deflorou! — Shakman arregalou os olhos.

Tim havia chegado, e já estava com um sabre em cada mão, pois era adepto da esgrima mais ágil, e conseqüentemente mais emocionante. Entregou uma das peças a Robert, e um funcionário recolheu a espada elegante que usara antes.

— Por acaso ouvi a conversa. Não exagerem, amigos. Tristan nada mais fez do que desfilar com a moça em carro aberto, beijá-la diante da sociedade, e protagonizar com ela uma briga ruidosa em sua confeitaria de Westminster. Nada que um bom anel de noivado não conserte. Londres já viu coisa muito pior, não é, Robbie? — bateu nas costas do amigo.

— Foi isso, Shakman? — indagou Robert, voltando-se para o outro amigo.

— Foi. — resmungou Shakman.

— Muito barulho por nada! Por que não arruma outra moça para

cortejar e esquece a senhorita Fiennes?

— Não estou apaixonado por ela, mas é uma boa moça, e gostaria de pedir-lhe que não a prejudique, nem a Tristan.

Robert e Timothy o olharam, desconfiados. Ergueram seus sabres e os encostaram no peito de Shakman.

— Fale, calhorda. O que mais tem aí? — perguntou o marquês.

Shakman não se controlou mais, e começou a rir: — Acabei de apostar uma bolada que Tristan casa com Juliet antes do Natal.

— Cafajeste e egoísta! — gritou Tim, rindo também — Sabia que não se importava com a reputação da moça!

— Me importo sim. Conversei com ela ontem, e é boa pessoa. Mas a aposta... Não gosto de perder.

— Deixe Tristan saber disso, estou certo que ele não dará risadas da sua aposta. — Robert reclamou, afastando-se. De repente, como se lembrasse de algo, voltou até Grayson.

— Houve alguma coisa mais interessante do que minha presença no baile de ontem?

Grayson pensou um pouco, coçando o queixo.

— Ah! Jake e seu irmão Christian se embolaram com Grafton, e trocaram alguns socos. Não sei exatamente o que causou a contenda, mas suspeito ter algo a ver com a prima dos Cunningham.

— Prima?

— Hum... não a viste? Sorte nossa que pudemos dançar e conversar com ela sem mais um para disputar sua atenção. Suzanne é muito mais bonita que a Fiennes. Ruiva, olhos verdes, curvilínea, divertida. Maravilhosa! — Grayson contou, animadamente.

Ruiva! Era ela! Robert quase lambeu os lábios. Começou a ansiar

para que a noite chegasse o mais rápido possível, quando poderia ver de perto a tal dama, que agora sabia chamar-se Suzanne.

Treinar esgrima com Tim era um exercício divertido, e deixara Robert com o espírito muito mais leve. Além disso, a sensação de que algo bom estava prestes a acontecer tomara conta dele. Sentia-se tão bem, que até pedira que seu cocheiro desse uma parada em Hyde Park para que tomasse um pouco de ar antes de voltar para casa. A tarde estava agradável, e o parque estava cheio. Cumprimentou galantemente várias damas no caminho, e seu bom humor permitiu até que parasse para conversar com algumas matronas da sociedade, que se mostraram encantadas com sua atenção. Seguiu seu caminho quando foi abalroado por ninguém menos que a senhorita Juliet Fiennes, que lhe fez a gentileza de depositar duas manchas imensas de sorvete sobre seu elegante casaco preto.

O marquês apenas revirou os olhos diante do acidente, e nem assim se aborreceu. Pelo contrário, conversou com ela, usando seu charme de sempre, e depois até a aconselhou a ser mais cuidadosa em seus passeios com Tristan, antes que sua família lhe forçasse a um casamento às pressas. Passou-lhe uma pequena descompostura, conseguindo deixá-la preocupada o suficiente para ser mais diligente com seu escolhido.

Quando a jovem se afastou, abalada com a reprimenda do marquês, Robert pôde ver com quem Juliet estava brincando ao fugir com os sorvetes na mão.

Era a moça ruiva.

E era definitivamente a coisa mais linda que já havia visto! Então, mesmo a distância, Robert sentiu uma coisa que só sentia na reta final das corridas de cavalo, ou quando tomava um grande susto: seu coração disparou.

Após alguns segundos de hesitação, pensou em alcançá-las.

— Senhorita Fiennes! — ele chamou, observando-as correrem de

NACIONAIS-ACHERON

mãos dadas, como crianças, sem ouvir ninguém, muito menos a ele.

Não poderia alcançá-las, a não ser que também resolvesse correr atrás delas. Por um momento pensou em realmente fazê-lo, mas o senso de ridículo o conteve.

Então Robert apenas sorriu, vendo-as passar efusivamente entre as pessoas rígidas, que as fitavam de esguelha.

Eram diferentes da maioria, aquela bela dupla de senhoritas, pensou o marquês. Tristan já havia garantido uma daquelas preciosidades para si mesmo, mas a outra, ah, essa seria dele, decidiu. E não abriria mão disso de forma alguma.

CAPÍTULO IV

— Você, Robbie, no Almack's? É sério? — Tim estava incrédulo, olhando o amigo vestido elegantemente, de pé em sua sala.

— Esperava que você fosse também, para me apoiar. — sorriu Robert.

— Nem pensar! Ir ao Almack's é praticamente a mesma coisa que anunciar nos jornais que estou à procura de uma esposa!

— Que tolice!

— Ah!! Você está procurando uma esposa! — apontou o dedo acusador para o amigo.

Robert deu uma risada.

— Não é para tanto...

— E quanto à lady Whirley?

— Thereza e eu já acabamos.

— Mas ainda ontem estava enfiado...

A criada de Tim entrou com alguns sanduíches e suco, e o dono da casa engoliu o restante da frase obscena que estava formando. Disfarçou.

— Ainda ontem estava enfiado na carruagem dela.

Robert reprimiu uma risada.

— Eu sei que ontem estava enfiado... na carruagem dela. Mas depois disso... me despedi definitivamente.

— Ah! Já pensando em se enfiar noutra carruagem, não é?

Robert deu de ombros.

— Vai comigo ou não?

— Não. Christian me convidou para uma competição de uíste que vai ocorrer na casa da noiva dele, e será muito mais divertido do que encarar um monte de mães chatas e suas filhinhas casadoiras. Ele não o convidou também?

— Convidou, sim, mas acho que o Almack's terá mais gente que na reunião dos Hogarth. Desejo continuar arrebanhando mais aliados para a abolição.

Tim o olhou com deboche.

— Quer arrebanhar é uma nova dama para seus lençóis, porco devasso. Estou surpreso que resolva fazer isso justamente no baile mais tradicional para apresentação de debutantes.

Robert pegou um dos sanduíches de patê, e comeu um pedaço, evitando responder. O visconde não se deu por satisfeito e continuou: — Não diga que resolveu voltar a seduzir donzelas só pelo prazer de ser o primeiro em sua cama!

Essa havia sido uma fase da qual Robert não se orgulhava nem um pouco, mas infelizmente a maior parte dos rapazes de sua idade fizera a mesma coisa em algum momento da juventude, porém com menos alarde. Agora soava um tanto vergonhoso, e muito constrangedor. E Tim sabia o quanto esse assunto incomodava Barker.

— Tim! Sou um homem de trinta e dois anos, e não mais um moleque!

— Ótimo!

— Queria saber o que o faz pensar que pode ser minha consciência.
— resmungou o marquês, muito irritado.

— Já que você não tinha nenhuma, alguém precisava exercer essa

função!

A voz potente de Robert engrossou ainda mais: — Ah, que hilário! Um libertino que negocia com cortesãs e se aproveita da necessidade financeira de mulheres bonitas. As mantém atadas a você através de contratos que lhe garantem sexo sem limites e acha que tem mais consciência do que eu!

— Me aproveito? Sei que você é contra esse tipo de negócio, mas é só uma forma de garantir que a amante que sustento generosamente e protejo, me será fiel! — defendeu-se o visconde.

— Se procurasse envolver-se com uma mulher de bem, para variar, não precisaria dessa precaução! Mas não, prefere-as subservientes e submissas, como escravas! — Robert enfiou seu chapéu na cabeça, aborrecido — Boa noite!

— Como se atreve a falar assim? Ao menos as minhas são o que são, eu não as transformo em putas como você faz com as que se envolvem com você!

— O que?

— Já trataste a muitas mulheres como lixo, Robert.

— Mudei, mas, no entanto você...

Tim o interrompeu imediatamente:

— Sabe que já me envolvi com muitas mulheres de bem, e desimpedidas! Pior você, que se envolve com mulheres de bem apenas para ter o gosto de desonrá-las! — ficou de pé, irado.

— Não faço isso! — voltou-se furioso — Mesmo antes de Madeline, essa nunca foi minha intenção!

Encararam-se, frente a frente, tal como gladiadores numa arena prestes a duelar, os olhos faiscando.

NACIONAIS-ACHERON

Mas após alguns segundos, a fúria arrefeceu. Eram passionais, geniosos, arrogantes, falavam demais, mas além de tudo, eram amigos. Isso jamais era esquecido, mesmo diante das maiores explosões entre eles.

— Está bem! Retiro o que disse. — Tim ergueu as mãos — Estou cansado demais para socá-lo, e não quero estar diante das pessoas esta noite com um olho roxo.

Robert puxou o ar dos pulmões:

— E eu retiro o que disse sobre você se aproveitar de mulheres sem dinheiro e submetê-las. Não foi justo. E também não pretendo chegar ao Almack's com o nariz quebrado.

— Certo. Um brandy? — indagou Timothy, ainda um pouco mal humorado, dirigindo-se até o aparador, onde a criada havia deixado uma garrafa e dois cálices — Esse é um dos melhores da França.

— Claro!

Sentou-se com naturalidade, e logo o aborrecimento entre eles foi se desfazendo. Era tão habitual discutirem furiosos e depois voltarem à velha amizade de sempre quanto decidirem jogar uma partida de xadrez, ou saírem às mulheres num sábado à noite.

Robert tomou alguns goles antes de partir para o Almack's, e Timothy seguir para a casa dos Hogarth, na Piccadilly.

Logo na primeira dança, mal Tristan afastara-se para dançar um minueto com a tutora da senhorita Fiennes, o marquês de Brighton aproveitou-se da brecha e conduziu a moça para o centro do salão, sem sequer convidá-la primeiro. A jovem, apesar da descortesia, tratou-o polidamente.

— O senhor não tem outra dama para atormentar, marquês? — indagou, encarando os incríveis olhos azuis de Robert.

Juliet Fiennes era uma jovem incomum. Olhava às pessoas diretamente nos olhos, não se intimidava facilmente, e respondia a qualquer um de igual para igual. Das poucas vezes em que Robert havia tido oportunidade de conversar com ela, a moça mostrara-se franca e direta. Tão diferente da maioria das jovens da sociedade que era impossível não se tornar uma das queridinhas da temporada. Tristan havia sido esperto em reservá-la para si. Admirava o companheiro de farras por sua sábia decisão.

Robert sorriu:

— Talvez, se a senhorita colaborar... Por que não me apresenta aquela sua amiga ruiva de hoje à tarde?

— Ora, então finalmente revelou-se! Só me tirou para dançar porque desejava chegar até minha amiga... Que coisa tão pouco lisonjeira vinda da parte de um marquês! Que feio, meu senhor, que feio! — ela sorriu.

O marquês a provocou mais um pouco, até que finalmente Juliet confessou-lhe: — Sinto muito, mas não lhe farei o favor de apresentar minha linda amiga, por quem tenho muito apreço. Não a colocarei em semelhante perigo. O risco é evidente! — respondeu.

— Meu bem, julgame perigoso? Que dano acha que eu poderia causar a sua linda amiga?

— Céus, posso pensar em alguns tipos de danos que me fazem corar... — revirou os olhos.

Robert jogou a cabeça para trás, soltando uma boa risada, antes de voltar a falar: — Ah! Se não confia em mim, terei então que apresentar-me sozinho... Afinal, não foi o que fiz com você?

Juliet não lhe fez caso.

Ele voltou à carga:

— Não quer me apresentar às suas amigas porque pretende me manter como reserva para o caso de seu compromisso com Tristan não acontecer?

— Ora, o marquês usa golpe baixo! — riu gostosamente, no que ele a acompanhou — Acha que vou aceitar esse tipo de jogo de sua parte? Sou jovem, mas não sou tola para cair nesse truque provocativo.

— Valeu a tentativa só para ouvi-la rir. — deu de ombros.

— Não perca seu tempo procurando por minha amiga aqui. — avisou — Preferiu uma partida de uíste a companhia dos nobres londrinos emproados...

Robert tentou ocultar sua decepção, mas logo seus olhos voltaram a brilhar. A partida de uíste na casa de lady Luciane Hogarth!

Cumprimentou Juliet galantemente assim que a dança acabou, pegou seu casaco e chapéu apressadamente, e mandou seu cocheiro Adam seguir diretamente para a casa dos Hogarth.

A mãe de Luciane aproximou-se da filha, que estava cochichando e rindo com suas amigas Suzanne e Georgiana: — Luciane!

— Sim, mamãe?

— Só quero lembrá-la que deve comportar-se.

— Não compreendo... — a jovem a olhou com expressão inocente, torcendo um cacho dos cabelos cor de trigo entre os dedos.

A mãe pigarreou, e olhou rapidamente para as duas amigas da filha, atentas à conversa. A senhora estava um pouco constrangida, mas continuou: — Luciane... claro que compreende! Sabe que falo de lorde Tim! Você e ele,

suas brincadeiras e... conversas. Não esqueça que a casa está cheia e seu noivo está presente.

A mãe afastou-se, e Luciane revirou os olhos claros: — Que ridículo! Lorde Tim é divertidíssimo, e não conversar com ele seria um castigo. Além disso, Christian mal se dá conta que existo. O máximo que meu noivo faz em relação a mim é beijar-me a mão quando me encontra! — reclamou a moça, enrolando ainda nas mãos um dos belos cachos que caía sobre seus ombros.

— Enquanto lorde Tim gostaria de beijar em todos os lugares, se você lhe desse chance, Lu. — completou Georgiana, dando uma gargalhada.

— É mesmo, Luciane? — Suzanne riu.

— Não! — Luciane ficou ruborizada — Ele é sedutor, mas não gosta de donzelas...

— O que é uma pena! — cutucou Georgiana, rindo — É o patife mais adorável de Londres, é impossível não gostar dele.

— Georgiana! Não esqueça que Suzanne é nossa amiga, mas antes disso é prima de Christian!

— Não se preocupe, Luciane. Não direi nada a ele, nós mulheres temos obrigação de sermos unidas! — Suzanne sorriu, com sinceridade — E não há nada de errado em ser admirada.

— Ah, Suzanne, você é única! — Luciane lhe deu um beijo no rosto, sapeca.

— Agora diga-me quem é esse lorde tão... hum... simpático e informal? — Suzanne olhou em volta, curiosa.

— O bonitão de colete amarelo e preto... — cochichou Georgiana, apontando um homem muito alto e elegante, de cabelos castanhos e fartos, no centro de um grupo masculino que estava às gargalhadas. — Aposto que está, como de hábito, contando piadas indecentes...

Georgiana e Luciane se abanaram com seus leques, vigorosamente, enquanto o admiravam à distância. Ele sem dúvida se destacava entre os outros cavalheiros.

Suzanne esticou-se para olhá-lo. Ah, ele era realmente bonito, e tinha dedicado a ela um olhar bem devassante assim que chegou a mansão.

— É mesmo um libertino! — Suzanne voltou-se surpresa para Luciane, sua amiga aparentemente tão recatada.

— Claro que é, por essa razão minha mãe fica nervosa quando converso com ele.

— Conversa? Vocês ficam se provocando, isso sim. — disse Georgiana.

Luciane deu uma risadinha:

— É apenas brincadeira, Georgie.

— Ah, sim... Queria ver você provocar assim ao Barker. — retrucou a amiga.

— Ele também não gosta de virgens, mas confesso que não sei se me arriscaria a mexer com a fera, que poderia sentir-se verdadeiramente provocada. — Luciane olhou para os lados antes de continuar falando, certificando-se de que ninguém as ouvia — Minha mãe diz que o marquês é perigo certo. Pior do que qualquer rapaz daquela lista de risco da qual Jake faz parte.

Todas as damas e moças de família sabiam quem eram os homens que faziam parte da lista negra da sociedade. Aqueles com quem ficar a sós era absolutamente arriscado, pois não mostravam pretensões de casar-se um dia, apenas divertir-se.

— Quem é esse Barker? — Suzanne indagou.

— O melhor amigo do Visconde Timothy. Robert Barker é o

marquês de Brighton. Não sei se virá. Mas se vier, já fique sabendo que sempre é o homem mais bonito e sedutor de qualquer recinto. Sabe o que diziam sobre ele antes de receber seu título de marquês e uma cadeira na Câmara dos Lordes? Que ele era resultado de uma brincadeira entre Deus e o diabo. Os dois poderosos resolveram fazer uma criação em parceria. Deus criador de tudo fez um homem perfeito, lindo da cabeça aos pés. E ao diabo, ficou a parte de presentear-lhe com o dom da palavra. Ambos lhe doaram partes de um cérebro privilegiado. Daí nasceu Robert Andersen Barker, a forma e o carisma de um deus, a malícia e a eloquência de um demônio. — explicou Georgiana.

— Algumas versões diriam que tem a voz de um anjo, e a sabedoria de Salomão. Outras diriam que recebeu o dom da persuasão do próprio diabo, e certamente o corpo para o pecado... — replicou Luciane.

Suzanne estava de boca entreaberta de espanto, os olhos verdes arregalados: — Existe alguém assim?

As amigas riram.

— Bem, ninguém é totalmente irresistível... — disse Luciane, dando de ombros.

— E o julgam perigoso porque é mais libertino que lorde Tim?

— Não, nisso são iguais.

— E? — insistiu Suzanne, curiosa.

— Ele diverte-se seduzindo as damas que lhe pareçam um desafio. Dizem também que quando era mais jovem, seu passatempo era instigar à tentação as debutantes que eram apresentadas à sociedade. E dizem também que as donzelas caíam como moscas aos seus pés. Deve ter deflorado mais de vinte! — Georgiana segredou, com a mão em concha para que ninguém mais a ouvisse.

— Que horror! — Suzanne arregalou os olhos.

— Isso é um exagero! Duvido que as histórias que contam sobre ele sejam todas verdadeiras. Não veem o caso de Jake e Tristan, que foram envolvidos num escândalo tremendo sem terem feito nada, com as malditas das irmãs Wallace? Elas queriam casar com rapazes ricos e inventaram que eles as haviam seduzido. Isso já tem uns dois ou três anos, e eles ainda padecem de má fama. Sabemos como a sociedade gosta de inventar... — replicou Luciane.

— Ah, isso é verdade. — concordou Georgiana.

— Quero ver a cara da minha mãe quando me vir na mesma mesa de jogo do lorde Tim. — os olhos de Luciane brilharam de alegria — Será hilário!

— Vai provocar a sua mãe ou sua intenção é mesmo provocar meu primo Chris? — perguntou Suzanne, sorrindo.

— Na verdade quero só jogar uíste com quem joga bem, e o visconde é ótimo, pelo que soube. Os melhores são Tristan e Jake, mas os malvados preferiram o Almack's! — reclamou Luciane — Vou pegar mais baralhos na biblioteca.

— Não, Luciane, fique aqui e continue recebendo os convidados que não param de chegar. A casa está mesmo agitada hoje. Eu vou buscar mais cartas. — Suzanne foi até a biblioteca.

Robert se surpreendeu com a quantidade de convidados na casa dos Hogarth. Foi andando um pouco incerto entre as pessoas, observando as mesas espalhadas pelo salão, onde vários conhecidos já estavam jogando, conversando e bebendo. O clima era descontraído e várias damas jogavam com cavalheiros. O marquês achou que a mistura era muito mais interessante

NACIONAIS-ACHERON

do que a exclusividade masculina dos clubes londrinos.

Então, aconteceu.

Suzanne, a dama ruiva, passou por ele.

Usava um vestido verde, e seus cabelos faziam um interessante contraponto com a roupa. A Robert pareceu que se uma rosa vermelha criasse vida, e resolvesse sair caminhando por aí, se assemelharia em muito com aquela moça.

Estava distraída, carregando uma caixa, e sequer levantou a vista para olhá-lo. Mas Robert estava muito atento, e mal a jovem passou, sacudindo os esfuziantes cachos vermelhos, Barker prendeu uma mecha entre seus dedos, e o segurou com firmeza. Suzanne logo se percebeu presa pelos cabelos, e estacou.

Suzanne voltou-se, com um sorriso simpático na boca de lábios carnudos. Robert ficou hipnotizado. A boca se Suzanne era ainda mais convidativa do que parecera quando a vira pela primeira vez no Hyde Park. A pele era clara, e curiosamente sem as sardas típicas das pessoas ruivas. Era muito formosa, e o corpo do marquês logo confirmou-lhe que teriam boa compatibilidade física.

— Não pude resistir. — explicou ele com as sobrancelhas ligeiramente arqueadas, indicando com a cabeça o cacho preso entre seus dedos.

— Compreendo. Muitas pessoas ficam curiosas com a cor, mas os cachos são mesmo naturais. — ela continuava sorrindo-lhe.

E Robert estava começando a ter uma ereção. Até a voz dela tinha encanto. Ah, talvez não uma flor ou uma deusa, talvez fosse uma sereia...

— São lindos. — a voz de Robert soou um tanto rouca.

Suzanne fez um ligeiro movimento em agradecimento, e seu sorriso

diminuiu.

— Obrigada. Agora, tio, se o senhor puder soltar meu cabelo, eu ficarei muito agradecida, pois estão esperando por mim. — ela inclinou a cabeça.

Tio? Robert ouvira bem? Ela dissera “tio”? Soltou o cacho como se o ferisse, e a moça deu-lhe as costas, seguindo seu caminho.

— Ela chamou-lhe de tio? — indagou Tim, aproximando-se, com cara de riso.

Robert ainda estava surpreso, e sua animação havia murchado bastante, e não era só a animação que havia murchado.

— Chamou... — voltou-se para o amigo — Fez isso com você também?

— Ah, fez. E com mais meia dúzia de tolos que tentaram bancar os sedutores com ela. Disse ao Gould que era um modo carinhoso de tratar aos homens com idade para ser seu pai... — Tim deu uma boa risada — É uma moça malvada!

Robert acabou sorrindo também. Então era só uma artimanha para inibir os cavalheiros mais assanhados! Menos mau.

— Então, desistiu do Almack? — perguntou o visconde, com expressão irônica.

Suzanne respirou aliviada quando se afastou daquele homem tão desconcertantemente bonito. Era o mesmo que havia visto no último baile. Não soube como conseguiu manter-se fria diante dele, e ainda ter presença de espírito o suficiente para pô-lo em seu lugar. Deu graças a Deus mais uma vez por sua habilidade de disfarçar as emoções, e por não ruborizar-se com

facilidade, pois aquele cavalheiro havia a sacudido por dentro de uma forma que certamente nem Cedric havia conseguido.

E obviamente, a sensação lhe encheu de medo.

Suzanne entregou a caixa com os baralhos a Luciane, e a amiga pegou-lhe pela mão, docemente: — Obrigada, querida! Agora vamos procurar lorde Tim para jogar. Onde estará a Georgie? — olhou em volta, procurando a outra amiga — Oh, estou certa que o visconde iria adorar uma mesa com três damas!

Luciane riu, abrindo caminho entre as pessoas e puxando Suzanne, procurando os parceiros para o jogo. Logo avistou o nobre: — Lorde Tim, é nossa vez!

O lorde voltou-se para olhar as damas, e Suzanne viu que ele estava conversando com o belo homem que a fizera estremecer poucos minutos antes.

— Ah, marquês! — Luciane fez uma reverência rápida ao outro cavalheiro, e perguntou, alegremente — Gostaria de juntar-se a nós?

— Com todo prazer! — respondeu prontamente, sorrindo. Beijou a mão de Luciane, galantemente. Em seguida fixou o olhar em Suzanne.

Luciane puxou a amiga para sua frente, e sorriu para os cavalheiros: — Acho que os senhores não conhecem minha amiga e prima de meu noivo Christian: Suzanne Cunningham. Esses são o visconde de Alvoy e o marquês de Brighton.

— Milorddes. — Suzanne curvou-se graciosamente, sem demonstrar que já havia cruzado com os dois homens, em momentos diferentes, àquela mesma noite. E um deles, era “o mito”, em carne e osso, a cria de Deus e do diabo. Ela deveria ter adivinhado.

— Encantado! — responderam em uníssono.

— Podemos ir, cavalheiros?

Tim ofereceu o braço à Luciane, e se dirigiram à sua mesa conversando animadamente. Robert e Suzanne seguiram um pouco atrás, e quando um cavalheiro que estava passando próximo a eles gesticulou distraidamente para um amigo do lado oposto, o marquês puxou a jovem rapidamente para que não levasse um safanão. Ficaram muito próximos, e Suzanne ergueu os grandes olhos verdes diretamente para o olhar azul celeste de Robert.

Por um momento, o mundo pareceu parar.

Robert umedeceu os lábios com a língua. Ah, vou gostar muito disso, pensou. Vou gostar imensamente...

Suzanne engoliu em seco.

— Está bem, senhorita? — indagou Robert, com voz baixa, e sedutora, ainda mantendo-a bem próxima ao seu corpo.

Suzanne afastou-se, e comandou sua mente a responder de forma firme: — Ótima. Obrigada, Sua Graça. — felizmente sua voz soou normal. Voltou a andar, buscando Luciane e Tim, que já os aguardavam junto a mesa destinada a eles.

Robert seguiu-a, ocultando seu sorriso.

Em pouco tempo de jogo ficou óbvio para Robert e Tim que as duas moças sabiam jogar uíste, e que Luciane era de fato uma jogadora excepcional.

As parceiras de jogo não eram tão jovens quanto as debutantes que encontravam-se abarrotando os bailes da temporada, mas ainda assim eram respeitáveis senhoritas da nata da sociedade. No entanto, naquela mesa, diante das cartas, os modos impecáveis ensinados por mães e preceptoras foram logo esquecidos e trocados por expressões e maneirismos aprendidos

fora de qualquer círculo educacional aprovado por tutores de qualidade. Os dois nobres surpreenderam-se ao constatar que elas jogavam para valer, sem intimidar-se. Como homens!

— Seu noivo a ensinou a jogar? — indagou Robert, surpreso por estar perdendo para uma dama.

— Na verdade foi o Jake. — ela sorriu.

— Ah! Eu devia saber. Chris não joga tão bem quanto a senhorita.

— Incomoda-o estar perdendo para uma dama? — Luciane semicerrou os lindos olhos cor de mel, fitando-o.

Robert levou menos de um segundo para dar-se conta do que Luciane planejava, habituado que estava a ter apenas homens como parceiros nas jogatinas. Então o flerte seria usado como arma para desestabilizar o oponente? Se ela desejava seguir por aquele caminho, Robert não a decepcionaria. Inclinou-se um pouco na direção dela: — Senhorita, jamais me incomodaria. Fique à vontade para fazer comigo o que bem quiser...

Luciane deu uma risadinha, e voltou seu olhar para as cartas.

— Não adianta. Vossa Graça não vai me fazer errar a mão com seu charme...

Suzanne e Tim riram, e o marquês deu de ombros: — Que coisa! Talvez eu esteja perdendo o jeito.

— E talvez o inferno esteja congelando. — Luciane respondeu, sem encará-lo.

— Oh! — ele inclinou-se na direção de Luciane novamente — Estimula-me!

— Ah, não, Robbie. Tenho tentado que Luciane me estimule faz tempo, e ela sempre me diz não! — redarguiu o visconde, dando toda uma entonação obscena à sua frase.

Robert e as duas jovens riram alto, e os jogadores das outras mesas voltaram-se para olhá-los.

Tentaram manter mais baixo o tom do riso e da conversa, para não atrapalhar as outras partidas, mas a todo o tempo os cavalheiros procuravam atrapalhar a concentração das damas, com comentários dúbios e desconcertantes, mais provocantes a cada nova cartada: — Senhorita Suzanne! Se sorrir para mim mais uma vez quando eu fizer uma jogada ruim, juro que terei que abandonar a mesa para tomar ar! Estou ficando sem fôlego! — Robert falou, fingindo consternação.

— Senhor marquês, se encarar-me com esses belos olhos azuis mais uma vez, alegarei aos juízes que está tentando ganhar de forma pouco honesta. — ela respondeu.

Robert entrecerrou os olhos para fitar Suzanne, que revirou os seus em resposta, com um sorriso travesso.

A partida seguia longa e acirrada, e os comentários provocativos, também.

— Diga-me, senhorita Suzanne, escolheu esse vestido especialmente para jogar uíste comigo, não foi? — indagou Tim, olhando significativamente para o decote da jovem, exatamente quando ela ia jogar.

Suzanne tinha o mesmo sangue frio para o jogo que Luciane, e não titubeou frente à provocação ostensiva.

— Na verdade, caro visconde, comprei-o justamente pensando nos cavalheiros que teria que enfrentar. E pedi que a modista aumentasse ainda mais o decote... — sorriu, estufando o peito sedutoramente enquanto passava o dedo suavemente pelo recorte no tecido. Os cavalheiros ainda acompanhavam o movimento de seu dedo no decote, quando Suzanne fez a jogada com a outra mão.

Os dois homens entreolharam-se, e fingiram abanar-se, assoprando ar.

— Isso foi muito cruel de sua parte! — Timothy suspirou.

— Estamos derrotados, Tim. Toda a vez que a senhorita Suzanne vai jogar, não consigo prestar atenção nenhuma às cartas! — replicou Robert, olhando fixo ao decote de Sue.

— De fato quando me sentei para jogar e dei-me conta da beleza de nossas adversárias, fiquei propenso a sugerir que cada rodada perdida valesse alguma peça de roupa. Ainda bem que não fiz a proposta. Eu e você estaríamos nus agora, Robbie. E as donzelas, infelizmente, muito vestidas... — respondeu o outro.

Luciane e Suzanne quase caíram para trás de suas cadeiras, às gargalhadas. O noivo de Luciane finalmente se aproximou, desconfiado. Havia deixado a farda de major em casa, mas sua postura rígida denunciava os anos de carreira militar.

— Como está a partida? — perguntou, com sua voz grave.

— Sua noiva e sua prima são ótimas jogadoras, e mesmo quando tentamos distraí-las, elas fazem boas jogadas. — reclamou Tim.

De jeito nenhum alguém na mesa revelaria os métodos ali adotados para distrair seus oponentes. Christian não acharia a menor graça, e não adiantaria tentar explicar que as brincadeiras, por pior que soassem, não passariam do salão dos jogos.

— Hum. — Chris juntou as mãos às costas, e ficou algum tempo apenas observando o jogo, as sobrancelhas franzidas, uma expressão contrariada no rosto.

O grupo, sabiamente, evitou qualquer comentário inadequado enquanto o rapaz estava parado ao lado deles, e afinal ele acabou entediando-

se, indo juntar-se a uma mesa que acabara de iniciar uma nova rodada.

— Senhorita Luciane, por favor, seja minha nova parceira de jogo. — pediu Timothy, debruçando-se sobre a mesa, na direção da jovem — É muito mais bonita que o Robert, e joga bem melhor que ele...

— E perderei o noivo na primeira noite que sair para jogar com o senhor. — ela riu, negando com a cabeça.

— Ora, sou solteiro. Livre-se de seu noivo, senhorita. Eu posso muito bem ocupar o lugar dele! — ergueu as sobrancelhas, com expressão esperançosa.

— E ficar noiva sabe-se Deus quantos anos mais na espera por um solteiro pouco simpático ao casamento? Nem pensar! Cair na mesma esparrela duas vezes seguidas é demais... — fez expressão de pouco caso.

— Como pode me partir o coração desse modo? — o visconde fingiu sofrimento, enquanto Robert e Suzanne riam baixinho, para evitar a fúria de Christian.

— Oh, pobrezinho... — Luciane alisou-lhe a mão por sobre a mesa, num gesto rápido — estou certa que encontrará uma consolação muito bonita e ansiosa para curar seu coração partido...

— Tão bela e tão cruel... — replicou Tim, fitando-a com olhos brilhantes.

O fim da longa partida resultou em vitória das damas.

Os quatro jogadores estavam rindo ainda, junto à mesa de bebidas, quando Luciane foi requisitada para substituir seu pai na atenção aos convidados, já que o senhor Hogarth desejava jogar. Tim afastou-se para conversar com outros cavalheiros, deixando Suzanne e Robert sozinhos.

— Não imaginava que me divertiria tanto. — comentou Suzanne, olhando o salão cheio.

— Nem eu. Estou muito satisfeito por ter vindo para cá essa noite. — respondeu Robert, com sinceridade — Que tal darmos uma volta pelo salão e observarmos as outras mesas?

Caminharam lado a lado, com suas taças na mão, parando de vez em quando para observar algumas partidas.

— Pelo visto nossa mesa era a mais animada. — comentou Suzanne, ao observar a concentração dos jogadores.

— Normalmente eu e Tim não costumamos ser tão faladores durante o jogo, mas a companhia de fato influenciou-nos.

— Ah! Está dizendo que eu e Luciane somos má influência! Nem posso acreditar! — ela riu.

— Não! — Robert apressou-se em explicar — Quis dizer que era impossível não desejarmos desfrutar da companhia de vocês.

— Não estamos mais na mesa de jogo, marquês, não precisa mais provocar-me para que eu erre a mão. — Suzanne respondeu, brincalhona.

— Não estou brincando agora, Senhorita. Na verdade, em relação a você não fiz nenhuma brincadeira durante toda a noite. Tudo o que disse era verdadeiro. Tudo. — parou de andar, e fitou-a intensamente — E eis que finalmente consegui fazê-la ruborizar... Perguntava-me quando aconteceria, pois as coisas que eu e Tim dissemos antes... bem... foi muita coisa.

Um sorriso malicioso ia se abrindo na face do marquês, lembrando-se do que ele e o visconde haviam dito às moças na mesa do jogo, provocações elogiosas, mas pouco decorosas, admitia. Nunca havia falado assim às donzelas, e as respostas delas, à altura, só os faziam ir mais além nos comentários picantes. Deliciara-se com a brincadeira, e surpreendera-se que elas não se intimidassem.

Suzanne de fato sentia as faces quentes, pensando em todos os

comentários provocantes que ele havia lhe feito durante o jogo. Se postos sob esta nova perspectiva... que houvessem sido feitos a sério... Jesus!

Robert se aproximou um pouco mais, e sussurrou-lhe: — Posso repetir-lhe cada frase que disse antes, esperando que agora entenda a forte impressão que causou em mim...

Suzanne deu um passo para trás, e Robert alcançou-lhe o braço, segurando-a pelo punho da manga.

— Não fuja de mim. Chamaremos atenção se o fizer, pois serei obrigado a persegui-la.

Suzanne recordou-se da conversa com as amigas sobre ele, no início da noite, e tremeu ante a possibilidade de ser caçada por um predador tão experiente. Já bastava ser olhada pela maioria dos homens como se fosse um presente bonito e caro que eles desejassem com urgência desembulhar. Não precisava de nada ainda mais complicado de se lidar do que mera admiração.

— Ah... — lamentou Robert, adivinhando-lhe o olhar temeroso — Já vi que minha fama alcançou-lhe antes que minhas palavras o fizessem... Por favor, acredite-me, não tenho as cores tão fortes como me pintam.

Suzanne deu-lhe um breve sorriso, e devolveu, no mesmo tom: — Senhor marquês, acredite-me, para alguém como eu, infelizmente a maioria dos homens têm cores fortes, sim. E das mais escuras. Mas as damas é que quase sempre saem manchadas.

— Posso compreender que a senhorita atraia muitos admiradores, e que alguns deles possam representar-lhe grande risco, mas garanto-lhe: não sou um dissimulado, e nem premedito manchar a honra de quem quer que seja.

A jovem observou-o argutamente. Nesse momento não parecia perigoso, apenas um pouco aborrecido.

— Por favor, venha comigo. — pediu o marquês, percebendo que ela não o olhava mais com temor.

Suzanne não questionou, acompanhando-o num misto de curiosidade e obediência infantil.

Robert conduziu Suzanne a um corredor, aproveitando que não estavam sendo observados, e a empurrou delicadamente por uma porta que não estava trancada. Era um pequeno escritório, que o marquês já devia conhecer de outras visitas à casa.

— O que disseram sobre mim? — perguntou ele, sem rodeios, muito sério.

Suzanne suspirou, já arrependendo-se de ter se deixado levar. Não pretendia falar ao marquês o que se dizia às suas costas. Por que fizera a tolice de acompanhá-lo? Olhou em volta e calculou como poderia escapulir daquela situação. Começou a circundar a mesa no centro do escritório, esperando que pudesse alcançar a porta de saída.

Robert logo adivinhou suas intenções: — Não está planejando fugir como uma covarde, está? Não é possível que a moça que respondeu a tantas provocações sem inibições ainda há pouco, tema responder quando a coisa é séria. Garanto que não ficarei aborrecido com o que disser, e nem perguntarei quem lhe passou as informações sobre minha pessoa.

Suzanne parou de andar pelo escritório e lhe encarou. Deu de ombros: — Sinceramente, creio que já sabe o que dizem do senhor, milorde.

— Por favor... — ele pediu, aproximando-se tanto e encarando-a com tamanha intensidade, que era impossível Suzanne negar-lhe qualquer coisa que pedisse. — Quero ter a chance de defender-me, pelo menos diante de você.

— Pois bem, já que deseja saber... Disseram-me que seu passatempo

é seduzir as donzelas, e que roubou a castidade de pelo menos vinte delas.

— O quê? — ele ficou genuinamente surpreso — Isso é mentira! Vinte virgens! Não acha que se fosse verdade eu já estaria morto por algum pai ofendido?

Suzanne havia concordado com Luciane que esse número devia ser exagerado. Mas certamente, aonde havia fumaça, também havia fogo.

— Quantas foram? — ela perguntou, direta. Não sabia por que se achava no direito de perguntar, já que era algo que não lhe dizia respeito. Mesmo assim o fez. — Bem, se exige saber de mim o que dizem, é justo que eu queira saber o que é fato ou não. Algo aí neste boato deve ser verdade. Ou não?

— Sim, algo aí neste boato é verdade.

Robert desviou o olhar. Agora ele estava analisando se aquela conversa deveria ou não estar acontecendo tão logo. Suzanne precisaria saber com quem lidava, mas aceitaria o passado dele, sem que ele houvesse tido tempo de conquistá-la?

— E quanto deste boato é verdade? Qual o número de...

— Seis. — respondeu Brighton, seco. Já havia revisado o número muitas vezes em sua mente, não sem uma boa pitada de desconforto nos últimos tempos que relembrou seus atos de rapaz aventureiro e inconsequente. Tal recordação servia para lembrar-lhe que certos erros não podiam ser apagados.

Suzanne disfarçou seu espanto. Seis donzelas defloradas! Era absurdo! E também surpreendente que ele se desse ao trabalho de responder-lhe, já que nada representavam um para o outro.

Ele a encarou, como se incentivando a dizer alguma coisa.

— Considero um número alto. E não posso evitar incomodar-me com

isso. — ela retrucou, encostando-se na mesa.

— Concordo. Sei que soa ultrajante. — ele admitiu, encostando-se à mesa também, ao lado dela, tão próximo que os braços se roçaram. Ficou satisfeito porque ela não se afastou — Não tenho uma boa defesa quanto a isso, só o fato de que meu pai era um cafajeste, meus dois irmãos mais velhos eram libertinos, e eu não podia fugir à regra... Fui muito insensível quando estava na casa dos vinte anos, e julgava que as damas podiam se divertir da mesma forma que eu. Então simplesmente ia atrás de qualquer uma que achasse bonita e interessante, e se ela fosse virgem, isto não importava. Esclareço que não forcei nenhuma delas, nem iludi as jovens com promessas falsas de casamento. Tudo acontecia porque ambas as partes queriam... não calculando o que isto poderia causar futuramente. Também não imaginava que um dia seria marquês, então não usava o título como moeda para barganhar. Meu pai detinha o título, e meu irmão mais velho é que deveria herdá-lo. E ainda havia o meu irmão do meio na linha de sucessão. Eu era apenas o terceiro filho, um garoto rico, que pensava somente em se divertir e gastar dinheiro com roupas e farras.

— Como conseguiu escapar de um casamento, fazendo o que fez?

— Usava de astúcia e esperteza, tinha dinheiro, e um pai que desde o início limpava toda a sujeira que eu fizesse, orgulhosamente. A ele agradava muito que tivesse filhos machos muito luxuriosos, não importando se tivéssemos ou não agido com escrúpulos. — ele suspirou.

— Isso agora o incomoda... — ela constatou.

— Muito. Consola-me o fato que cinco damas fizeram bons casamentos, por influência de meu pai, que não desejava ver seu filho casar-se jovem. Muito menos com uma moça que lhe parecia inferior de algum modo, fosse por se deixar seduzir, por não ter sangue nobre o suficiente para seu filho... ou outra razão. — ele tentou sorrir, sem sucesso — Achava-se

superior a maioria das pessoas por causa de seu marquesado, tradicional e poderoso. Então, usando seu prestígio e dinheiro, consertava um por um os meus estragos, sem, contudo, incomodar-se de consertar os próprios filhos. Achava as situações em que eu e meus irmãos nos metíamos, muito divertidas.

Suzanne estava um tanto surpresa por Brighton estar lhe concedendo, espontaneamente, detalhes de sua vida. Então não resistiu a perguntar-lhe: — Não disse que foram seis virgens? A sexta moça não casou?

— Na verdade foi a primeira delas que não casou. Ela não deveria contar, porque éramos inexperientes e agimos por puro instinto. Eu era pouco mais que um menino, e ela também era quase uma criança. — respondeu, com uma ponta de tristeza.

A revelação atingiu Suzanne de uma forma bastante incômoda, mas conseguiu esconder o próprio sofrimento. A história pareceu-lhe familiar.

Robert não estava habituado a abrir-se, e nunca na sua vida, havia feito isto para uma mulher, mas o fato de Suzanne não o estar olhando com censura animou-o a continuar, e seu instinto lhe dizia que só esclarecendo quem era de verdade poderia conquistar a adorável ruiva ao seu lado.

— Ela não era da sociedade, como as que vieram mais tarde. Esta era filha de nosso cavaliário, e nos conhecíamos desde bem pequenos. Estávamos sempre juntos, nos adorávamos. Quando tudo aconteceu entre nós, achamos tão bom que tolamente corremos a contar aos nossos pais, ansiosos por casar-nos. Meu pai quase ficou louco! Encheu o bolso do nosso criado de dinheiro e despachou-o com sua família para o mais longe possível. Então quem ficou louco fui eu. Meu irmão Reynold resolveu ajudar-me a localizar o paradeiro da menina. Um ano depois conseguimos achar o local para onde meu pai os havia mandado.

— E ela?

NACIONAIS-ACHERON

— Havia morrido ao tentar dar à luz meu filho. O menino também não resistiu.

Mesmo que a expressão do marquês se mantivesse nula, a nota de emoção transpareceu, e Suzane sentiu os olhos umedecerem. Tanto por ele quanto pelas pobres vidas perdidas.

— Oh, sinto muito, Robert! Digo, Excelência! — retificou-se, embaraçada. Como pudera lhe chamar pelo nome de batismo? Acabara de conhecê-lo, meu Deus! Aquelas poucas horas divertidas numa mesa de jogo deram-lhe um falso senso de intimidade. Não lhe concediam de forma alguma direito de tratar assim a um marquês.

O marquês ergueu as sobrancelhas ao ouvir Suzanne chamar-lhe pelo nome de batismo.

— Pode chamar-me de Robert, ou Robbie, se o preferir. Todos que me conhecem intimamente assim o fazem, e depois de todas as coisas que dissemos um ao outro na mesa de uíste, e de tudo que estou lhe contando agora, é impossível dizer que somos completos estranhos. — sorriu, mas era uma expressão apagada em sua face — Quanto à minha primeira... namorada... bem, sofri muito na época, e sinto tristeza por ela até hoje.

— Teve outros filhos depois? — perguntou, com cautela.

— Nenhum. Meu irmão me explicou como deveria fazer para evitar uma gravidez indesejada. Depois de ter sofrido a primeira perda, aprendi a ser muito cuidadoso quanto a isso.

Olhou-a de um modo que Suzanne não conseguiu decifrar. Estaria ele avisando-lhe que se fosse seduzida, não correria riscos? Era muito atrevimento da parte dele, se tivesse isto em mente. Mas como ele não havia tentado nenhum avanço, não podia julgá-lo mal ainda. Poderia dar-se ao luxo de conceder-lhe o benefício da dúvida.

O que Suzanne não poderia saber era que na verdade Robert desejava dizer-lhe que não se permitiria um erro semelhante, prejudicar alguma moça, trazer dor e sofrimento para si mesmo ou para outra família... De certo modo ele tentou esquecer sua tragédia pessoal vivendo a vida de forma desregrada e provocativa, num exorcismo insensato e agora sabia, pouco digno. Porém, isto não cabia em palavras neste momento. Era difícil falar algo do tipo, sem que soasse fútil, ou que parecesse apenas uma desculpa rota para seu mau comportamento...

— Quantos anos têm? — perguntou o marquês, tentando mudar de assunto para algo mais ameno.

— Fiz vinte e um na semana passada.

Robert assentiu.

— Quantos anos acha que eu tenho?

— Hum... Não sei...trinta?

— Trinta e dois. É verdade que sou mais velho, mas francamente, senhorita! Chamar-me de tio?

Suzanne deu uma risada, surpresa. Olhou-o diretamente. Tio? O mais belo, o mais simpático, e certamente o mais sedutor de todos os tios que poderiam existir...

A diferença de idade entre eles não queria dizer absolutamente nada. Certamente isto não definiria compatibilidade. Entre a divertida amiga Georgiana, que ia se casar em breve com o simpático tenente-coronel Miles, a diferença era de cerca de quinze anos, e o casal estava muito apaixonado. Lembrou-se de outros casos semelhantes.

Casar-se com alguém apenas onze anos mais velho era uma dádiva, principalmente diante da quantidade de uniões disparatadas que aconteciam todos os dias em toda a Europa, onde tantos pais casavam suas jovens filhas

com velhos decrepitos.

E lá estava Suzanne em mais um de seus devaneios, dessa vez pensando em casamento com um marquês!

A risada agradável mexeu com Robert por dentro. Ele também sorriu. Sentia-se muito aliviado por Suzanne não ter saído correndo após sua revelação sobre as virgens, por não tê-lo rechaçado ou o olhado com desprezo. E mais do que tudo, sentia-se bem ao lado dela, natural e à vontade, como se a conhecesse de longa data. Poderia passar todo o tempo do baile ali, em sua companhia.

Certamente era bom sinal que ela estivesse rindo ao seu lado, amigavelmente, sem aquele ar de ansiedade que muitas damas apresentavam ao ficar a sós com ele, como se Robert fosse lhes cair em cima num ataque de luxúria.

— Deveríamos ter trazido uma garrafa de vinho para cá. — o marquês sacudiu sua taça vazia.

— Acho que já podemos voltar ao salão, e tomar mais uma taça de vinho agora mesmo. — Suzanne afastou-se da mesa, tranquila, disposta a sair do escritório.

Robert rapidamente desencostou da mesa e pôs-se diante dela. Cercou o corpo de Suzanne, pondo as mãos a sua volta, apoiadas no tampo de madeira, e curvou-se ligeiramente, para que ficassem à mesma altura.

— Disse que fez aniversário há poucos dias...

— Sim... — ela afastou-se o quanto pôde do marquês, surpreendida, e as nádegas bateram na mesa. Estava presa.

E sabia bem o que ele faria em seguida.

— Posso lhe dar os parabéns? — inclinou o rosto em direção ao de Suzanne, o nariz reto e perfeito roçou o dela, numa carícia — Parabéns,

minha linda senhorita...

Seus lábios encontraram os dela, e embora estivesse assustada a princípio, Suzanne não tentou fugir. Ele era muito bonito, e a verdade é que a perspectiva de beijá-lo era extremamente excitante.

Porém foi mais que um leve beijo.

Robert a estreitou nos braços, roçou os lábios nos seus numa carícia inquietante, e introduziu a língua vagarosamente na sua boca.

Suzanne sentiu-se flutuar. Quando as línguas se encontraram, o beijo tornou-se vibrante, e Robert apertou-se a ela, empurrando um joelho entre as suas coxas, colando quadril a quadril, fazendo-a perder a noção quase instantaneamente, entregando-se ao momento. Se não estivesse tão presa a ele, decerto cairia, pois lhe fraquejaram as pernas.

— Beija deliciosamente bem, Suzanne... — ele murmurou, tornando a cobrir sua boca, feliz por sua escolhida não ser inexperiente de todo.

Ela percebeu vagamente que estava sendo posta sentada na escrivaninha, que suas saias farfalhavam num movimento rápido, que uma mão corria por sua perna, e que sentia Robert muito melhor agora. Ele beijava-lhe o pescoço, e Suzanne entreabriu os olhos, sentindo-se desfazer nos braços fortes dele. Olhou para baixo, para si mesma, e quase gritou.

Aparentemente suas roupas também se desfaziam. As camadas de sua saia haviam subido consideravelmente, suas pernas estavam expostas e o marquês estava firmemente preso a ela, encostado em sua... peça íntima! Via até, e ele também via, claro, os babadinhos e laços da calça curtíssima, adquirida na França junto com outras semelhantes, que escandalizaram sua mãe.

Suzanne deu um pulo da mesa, empurrando-o. Uma tarefa hercúlea, já que ele era bem mais alto e mais corpulento que ela. Conseguiu afastá-lo

apenas alguns centímetros, o suficiente para surpreendê-lo.

— Não! — ela gritou.

— Mas... o que foi? — Robert perguntou, atordado.

— Estava me despindo!

— Não! — o marquês defendeu-se, de olhos arregalados, recuando alguns passos. Não estava. Estava? — Suzanne, eu não ia fazer nada de mais! Só a estava beijando!

— Suspendeu minha saia!

Ah, isso? Bem, isso ele havia feito. Mas era só. Não estava tão louco a ponto de deixá-la nua no escritório do velho Hogarth. Ainda não perdera o juízo.

— Mas não ia passar disso, juro! Só desejava chegar mais perto de...você. — Queria ir muito além disso, obviamente, mas tinha um bom instinto sobre as mulheres, e sabia que com Suzanne, sua conquista final e definitiva, deveria ser especialmente cuidadoso.

Não tinha intenção de cometer nenhum erro com sua futura esposa.

— Não sou mais um desafio a vencer, marquês de Brighton! — avisou, furiosa, os olhos verdes faiscando de ira.

Robert previa que em algum momento em seu relacionamento, mais adiante, Suzanne iria acusá-lo de seduzi-la, sendo ela uma donzela e ele um homem experiente, mas não pensava que seria tão logo, quando não havia ainda feito nada de realmente pecaminoso.

— Não grite. — ele pediu, com suavidade, pondo as mãos nos bolsos — Vai atrair atenção de outras pessoas. Minha reputação está no chão mesmo, mas imagino que se importa muito com a sua...

— Eu me importo de ser usada como uma distração para um homem entediado. — respondeu, com a voz já moderada.

Robert deu um suspiro profundo antes de perguntar: — O que mais lhe foi dito sobre mim?

Suzanne percebeu que os belos olhos do marquês refletiam tristeza, e sentiu-se mal com isso. Não entendia porquê, afinal ela é quem deveria estar infeliz e sentindo-se digna de pena!

— Hã... — retorceu as mãos uma na outra, constrangida — Não importa, milorde.

— Sim, importa. Não quero sombras pairando entre nós, e não quero que fique me chamando de senhor, ou milorde, vossa Graça ou Excelência. — respondeu, um pouco ríspido.

Suzanne ficou confusa com o comentário dele, mas ergueu o queixo, dizendo a si mesma que estava diante de um aproveitador sem coração, e forçou-se a confrontá-lo: — Dizem que se diverte desvirtuando as damas, encarando-as como um desafio, como um jogo.

Barker arrependeu-se de ter feito a pergunta sem ter uma boa resposta preparada para dar.

Não havia muito a dizer em sua defesa, pois em essência o que diziam dele era a verdade. Presenteou Suzanne com seu mais simpático sorriso: — Também deram números para isso? Estou curioso para saber quantas viúvas seduzi, quantas mulheres casadas corrompi, a quantas solteiras arruinei a reputação...

— Então é verdade... — ela murmurou, olhando para o chão, sentindo-se zozza — o senhor é assim e... diverte-se desse modo...

— Suzanne... — ele tentou segurar a mão da jovem, mas ela recuou.

— Deixe-me em paz! — precipitou-se até a porta, e saiu a passos rápidos.

Suzanne, em nenhum momento desde que chegara a Londres, teve

ilusões de que conseguiria casar-se com alguém da nobreza. Mas por um minuto, um minuto mágico em que Robert Andersen Barker, o marquês de Brighton, contou-lhe sobre seu primeiro amor, Suzanne esqueceu que estava conversando com um lorde rico e influente, acostumado a manipular e a mandar em todos, através de seu charme ou de seu título, e pensou, naquele instante único, que estava diante de um ser humano que poderia entendê-la, e com quem poderia compartilhar seu segredo sem sentir-se humilhada. Que engano terrível! Brighton não estava à procura de uma companheira para um compromisso sério, e sim em busca de mais uma aventura. Amaldiçoou mais uma vez sua beleza. Deixava os homens agitados, e como já havia sentido na própria pele, muito perigosos. Encontrou o primo Chris conversando a um canto com sua noiva, e interrompeu-os.

— Christian, estou com uma dor de cabeça horrível, incomoda-se se eu pedir a seu cocheiro que leve-me para casa agora?

— Deixe-me pegar meu casaco e a acompanharei. — o primo respondeu.

— Não é necessário. Fique com Luciane, primo. Eu envio a carruagem de volta, pode ser?

— Sem problemas, Sue. — olhou-a atentamente — É só dor de cabeça mesmo? Sente algo mais, prima?

— É só isto, mesmo.

Luciane também a olhava com preocupação: — Em cerca de duas horas encerraremos a noite. Gostaria de aguardar, talvez deitar-se um pouco no meu quarto?

— Prefiro ir, obrigada. — precisava sair dali, já.

Robert esperou alguns minutos antes de também sair do escritório. Daria um pouco mais de espaço e de tempo para Suzanne, e depois a procuraria novamente.

Uma qualidade sua era ser paciente, e não vencera a resistência de tantas damas até hoje sendo um apressado. Era consciente de que uma boa conquista levava tempo, e se pretendia conquistar aquela bela dama realmente, teria que fazer tudo muito bem feito. E o faria, sem dúvida.

O fato de Suzanne corresponder tão bem aos seus beijos já era bom sinal, ou melhor, um delicioso sinal.

Luciane veio até ele, com Chris ao seu lado: — Perdi minha parceira de jogo, marquês, então a próxima rodada vai para o senhor e lorde Tim. — apontou-lhe a mesa que ocuparia.

— Como assim, perdeu a parceira? — Robert franziu as sobrancelhas — A senhorita Suzanne sumiu?

— Não! — Luciane e o noivo sorriram, pacientemente — Sue não estava sentindo-se bem e foi para casa.

Sue... O apelido agradou Robert. Mas não ficou feliz com o fato da moça ter partido sem que ele pudesse voltar a falar-lhe primeiro. Da próxima vez que a encontrasse teria que reiniciar sua conquista praticamente do zero. Sabia que uma mulher podia remoer um problema durante toda uma noite, e chorar toda uma noite também. E isso era muito mal para seus planos. Resignou-se e assentou-se em frente a Tim, para jogar uíste novamente. Tinha certeza que dessa vez a partida não teria a menor graça.

Tim e Robert terminaram a partida vitoriosos, num tempo surpreendentemente rápido, principalmente levando-se em conta quanto tempo havia levado jogando com Luciane e Suzanne. A noiva de Christian

NACIONAIS-ACHERON

estava observando as últimas cartadas, e lhes deu os parabéns quando venceram.

— Só espantou-me que se mantivessem tão soturnos, quando não deram sossego para mim ou Suzanne um pouco mais cedo. — a moça comentou, sorrindo.

— Minha adorável anfitriã, sem sua presença à mesa, o jogo não teve a menor graça... — Tim beijou a mão de Luciane.

— Faço minhas as palavras de Tim. E exijo que nos conceda uma revanche a qualquer hora. — completou Robert.

O marquês também a cumprimentou com um galanteio, e ambos dirigiram-se à saída, depois de serem parabenizados pela última vitória.

— Depois de hoje, nunca mais verei o uíste da mesma forma. — sorriu Robert, observando seu amigo, que estava calado à porta, aguardando que os cocheiros trouxessem suas carruagens.

O visconde não fitou ao amigo nos olhos. Mas respondeu: — Muito menos eu. Vou segredar-lhe uma coisa, Robbie. Passei a maior parte daquela partida de uíste com as damas tão excitado com a companhia de Luciane, que estava quase a ponto de jogá-la sobre a mesa, despi-la de suas roupas e possuí-la na frente de todos. — respondeu Tim.

Robert se sobressaltou.

— Que? Está falando realmente a sério, Tim?

— Muito sério.

— Mas... Sempre julguei que quando conversava com a senhorita Luciane o fizesse como faz com tantas outras moças, por cortesia ou simpatia.

— Sempre foi assim, e essa noite começou do mesmo modo. Porém, de repente, não era mais uma questão de simpatia. Aquela coisinha bonita me

olhava, falava, e... simplesmente estava enviando sinais direto para minha virilha. — deu de ombros.

O marquês estava perplexo, pois o amigo Timothy, apesar de trocar piadas de duplo sentido e galanteios com várias das senhoritas que conhecia, nunca as desrespeitava, e tinha opiniões muito rígidas sobre esse assunto. Metia-se com qualquer mulher que lhe interessasse, mas seduzir donzelas estava fora de questão.

Robert olhou-o com expressão séria:

— Não precisaria lembrá-lo, mas vou: Não é seu tipo preferido, é muito jovem, é noiva de um de nossos parceiros do clube, um militar ainda por cima, e, o principal... estou quase certo que é uma donzela casta! Virgem!

— Sei, sei. — Tim sacudiu a mão, como para afastar as ideias que pairavam sobre sua cabeça — Porém nenhum desses pensamentos razoáveis me fez diminuir o desejo que senti. Mas estamos partindo e não fiz nada de indecoroso, no fim das contas. Apenas usei as palavras. Se ela imaginasse quanto de verdade havia nas coisas que lhe disse, duvido que continuasse a provocar-me.

— Ainda bem que não ficaste sozinho com ela, seu pervertido. — Robert deu uma risada, batendo-lhe nas costas — Desejar deflorar a noiva de outro... Meu Deus! Por muito menos fui desafiado para duelos!

— Não julgo que seja menos grave dormir com a esposa de um conde, ou com a filha de um coronel... — riu o outro.

— Nenhuma delas era virgem... — defendeu-se, com um sorriso malicioso.

— Faz tantos anos que não tenho uma virgem, que nem lembro mais... Ai, lá estou eu pensando naquela mocinha novamente! — O visconde esfregou a testa, agitado — Vou partir daqui direto para um bordel ou para

um banho muito frio!

Robert deu uma gargalhada alta, ciente que encontrava-se numa situação parecida.

Suas carruagens chegaram quase ao mesmo tempo, e Robert absteve-se de dizer que também ele desejou tombar uma de suas adversárias de uíste sobre a mesa e possuí-la com toda a força de seu desejo.

CAPÍTULO V

Desde que começara sua temporada em Londres, virara hábito Suzanne receber uma profusão escandalosa de buquês de flores, que enfeitavam diariamente a sala de visitas dos seus tios. Surpreendeu-se de receber tantos à manhã posterior ao baile do Almack's, que não havia comparecido, contrariando a vontade de sua mãe e de sua tia. Segundo as reclamações contidas em praticamente todos os cartões que acompanhavam as flores, sua falta fora intensamente sentida. Suzanne não pôde deixar de dar uma boa risada. Ah, os cavalheiros ingleses eram muito galanteadores e dramáticos! Menos do que os franceses, claro, ah, não existiam cavalheiros mais sedutores que os franceses! Talvez os italianos... Não, os italianos eram charmosos aduladores, mas não tão impetuosos. Na verdade, impetuosos eram os escoceses... e os irlandeses, agressivos nas investidas. E os gregos, eram os mais... Suzanne sacudiu a cabeça com mais uma risada, apagando seus devaneios e comparações. O fato de ter viajado pelo mundo e estar coberta de recordações estranhas e divertidas, servia para distraí-la quando queria evitar pensar em coisas mais sérias. E precisava não pensar na noite passada, na casa da amiga Luciane.

Suzanne respirou fundo, e voltou sua atenção aos buquês. Acabara de chegar o mais belo deles, trazido pelo mordomo Giles. A criada Liza soltou um gritinho quando viu o exuberante arranjo de flores vermelhas, onde as rosas predominavam: — Todas as flores desse arranjo são exatamente da cor de seu cabelo, senhorita Sue!

O mordomo Giles, um senhor afável que também já havia sido conquistado por Suzanne, concordou: — Alguém teve muito trabalho para compor esse arranjo, e certamente foi dispendioso...

Suzanne pressentiu de onde partira o buquê, e logo pegou o cartão que o acompanhava.

Era do marquês de Brighton, como previra.

E imediatamente qualquer pensamento comparativo sobre os cavalheiros que conhecera em suas viagens, desapareceu. Não havia conhecido, em nenhum país pelo qual passara, um homem como Robert Barker.

Nem mesmo Cedric, e toda a loucura que a tinha acometido quando estava com ele, comparava-se ao que sentia só de pensar em lorde Barker, na simples visão de sua poderosa figura, ou o que sentira ao seu lado, e em seus braços. Sim, somente em seus braços sentira-se tão sensual, tão desejosa de alguém, tão viva.

E pensar nele agora, aspirando o aroma das flores daquele fabuloso buquê, tão intenso quando o do homem que o havia enviado, percebendo que até sua escrita era viril, causava nela uma sensação nova e atordoante, e uma ânsia crescente em seu corpo por algo que não conseguia identificar, e que aumentava ainda mais sua angústia.

Não era de admirar que ele houvesse conseguido deitar-se com tantas mulheres, a ponto de sua fama ganhar destaque nesse campo. O maldito espalhava seu carisma em qualquer ambiente, mesmo sem estar presente, somente com a simples menção de seu nome, como estava assinado no papel em sua mão: Robert. Mais do que isso, ele pontuara: “Seu, Robert.”

Timothy e Robert chegaram ao sarau dos duques, tios de Jake e Christian, exatamente na hora solicitada por seus anfitriões. O visconde reclamou um pouco da insistência de seu amigo para que não se atrasassem, mas por fim deixou-se levar, quando o marquês lembrou-o de que Luciane lá

NACIONAIS-ACHERON

estaria.

— É uma oportunidade e tanto para que tire de sua cabeça as ideias indecentes que teve em relação à dama na outra noite. — Robert ressaltou.

— Está certo. Então vamos logo a essa bendita festa. — Tim apertou os lábios.

Quando pisou no salão principal, Robert estava mais ansioso que uma criança diante dos presentes no dia de seu aniversário. Seus olhos percorreram o local, sem encontrar o que estava procurando.

Respirou fundo e começou a cumprimentar as pessoas por quem ia passando, cortesmente.

O marquês de Brighton cumprimentou Juliet Fiennes, a apresentou a lorde Flanagan, e ficou muito satisfeito ao vê-la ostentar um grande anel de noivado. Tristan havia lhe pedido em casamento. Parabenizaram-na alegremente, e logo uma senhora elegante e austera aproximou-se e pediu-lhes licença, pois a senhorita estava sendo requisitada pelos anfitriões do sarau.

Os dois nobres ficaram observando a jovem afastar-se de braços dados com a outra dama após cumprimentá-los.

— Então essa é a mocinha de Smith...

— Sim.

— Realmente deliciosa, e divertida. E a loura de olhar desafiante e gelado é a gazela-mãe?

— Apenas sua guardiã.

— Uma beleza de guardiã, devo dizer. Mas, inútil. É claro que Tristan já tem trabalhado naquele território virginal e apetitoso. — especulou Tim.

Robert aquiesceu. Já vira o rapaz em ação algumas vezes,

convincente e eficaz diante de suas conquistas. Era uma surpresa que Tristan não pensasse em ingressar na política sendo tão bom na arte da estratégia. Claro que em algum momento algo mais que apenas alguns beijos aconteceriam entre ele e sua deliciosa noivinha. Dificilmente o ansioso noivo teria paciência de esperar a noite de núpcias.

Deu de ombros antes de responder.

— É bem possível que sim. Afinal, Tristan é parecido conosco e não poderia perder essa oportunidade. Porém tomará um rumo diferente do nosso, não seguirá comportando-se como um cafajeste indefinidamente. Casar-se-ão em breve, e a jovem o satisfará.

Robert sorriu, pensativo, caminhando em direção à mesa de bebidas.

— E qual a razão de desistir daquela tigresa disfarçada de gazela, que poderia ser bem apta a satisfazer a você mesmo? — indagou Tim.

O marquês voltou-se para o amigo, surpreso.

— Embora seja uma belezinha esperta e petulante, é muito jovem. Tenho quase o dobro de sua idade e não teria paciência com uma consorte que mal saiu da escola. E estou satisfeito que Smith resolveu casar-se e abandonar a má fama.

— Não engulo essa desculpa. Idade? Você nem é tão mais velho do que nosso amigo Smith — riu da ridícula justificativa — A única razão para permitir que a moça vá parar no leito de Tristan ao invés do teu é que encontre algo ainda mais interessante e desafiador. Diga logo, quem é a dama que ocupou o lugar daquela tigresinha?

— Não seja tolo. Não há nenhuma razão obscura para minha atitude. Tornei-me amigo de senhorita, só isso. — sorriu, e procurou Suzanne com os olhos.

Tim olhou desconfiado para o marquês.

Timothy conhecia Robert o suficiente para pressentir que ali havia algo oculto, mas apesar de algumas tentativas de conversação, Robbie não deu-lhe nenhuma informação interessante. Aparentemente preferia evitar o assunto.

Tim jamais imaginaria que seu amigo não desejava comentar seu interesse inicial na Senhorita Fiennes porque senão acabaria tendo que confessar que o resultado final disso era estar quase louco por Suzanne. Não estava ainda preparado para tudo o que o visconde de Alvoy teria a lhe dizer sobre o fato.

Em seguida encontraram Tristan, que estava ainda mais sorridente que de costume.

Alguns traços da personalidade do jovem empresário faziam Robert lembrar-se de si mesmo. Porém, havia também entre eles fatores gritantemente diversos. Robert não recebera de seu pai uma orientação moral, e o fato de sua mãe ter morrido cedo, quando ele tinha apenas cinco anos, certamente fora um agravante para o problema, que acabara por criar um ser com muitas falhas de caráter. Tristan, por sua vez, apesar de todo seu lado conquistador, sempre teve boa índole, resultado de provir de uma família irrepreensível, onde havia sido nutrido com os mais cuidadosos conselhos quanto a honestidade de seus atos e negócios. Então, apesar de alguns rumores a seu respeito, entre eles uma grave acusação de sedução, que logo se mostrara falsa, Tristan Wagner Smith e seu império financeiro haviam conseguido sobreviver, e prosperar ainda mais. Graças a sua conhecida honradez.

— Então, vai casar-se, enfim! — cumprimentou-o Tim, batendo nas costas de Tristan efusivamente.

— Que fazer? Estou irremediavelmente rendido aos pés da senhorita Juliet Fiennes! — Tristan exibiu-lhes o sorriso perfeito, que em conjunto com

os olhos cinzentos o ajudara a roubar muitos beijos de debutantes, antes de conhecer Juliet.

—Estou sinceramente feliz por vocês. — disse Robert, apertando a mão de Tristan.

— Muito obrigado.

O marquês aproveitou a proximidade da mesa de bebidas e propôs um brinde aos noivos. Os três homens se serviram, ergueram os copos e viraram seus uísques de uma vez, soltando uma risada em seguida, depois que o líquido desceu queimando suas gargantas.

— Agora devo voltar para junto de minha noiva, senhores. Sabem como é, muitos gaviões no salão, e uma pombinha solitária... — sorriu significativamente para Robert.

O marquês assentiu, sentindo-se culpado.

— Tem toda a razão. Ainda bem que os gaviões mais perigosos respeitam as pombinhas que estão noivas... — replicou Tim, lançando um rápido olhar a Robert.

Tristan deu uma risada irônica, e depois olhou aos amigos com expressão séria: — É melhor para todos que seja assim. Afinal, sempre pensei que os gaviões fossem amigos dos de sua mesma raça.

— Fique tranquilo quanto a isso, Tristan. — retrucou Robert.

Como a frase pareceu-lhe o suficiente, Tristan aquiesceu com um menear de cabeça.

— Ficarei.

Em seguida, sorriu novamente:

— Com licença, caros amigos. Juliet já está me olhando aborrecida por tê-la deixado esperando tanto tempo, e seu ponche está perdendo o sabor com a espera! — levantou a taça que pegara para sua noiva e mostrou-lhes —

Ela pode se tornar uma coisinha muito brava quando contrariada...

Assim que Tristan afastou-se, Tim voltou-se para Robert.

— Não admitiste antes, mas agora não há como negar! Assediou a prometida de Tristan!

— Ainda não era a “prometida” dele.

— Quem é a dama da vez? Seu comportamento ultimamente tem me deixado curioso. Primeiro galanteia uma mocinha de dezesseis anos...

— Dezoito! — Rosnou Robert.

Tim ignorou a resposta e prosseguiu:

— Depois resolve conhecer as donzelas que estavam sendo apresentadas no Almack’s...

— É. Endoidei. Agora vou cumprimentar a duquesa de Tyrone. — afastou-se rápido do amigo, para fugir de suas perguntas.

Robert não tinha dúvidas que Suzanne era uma moça linda, e que suas formas eram de causar inveja nas mais caras cortesãs, porém mesmo assim ficou chocado quando a viu cercada de homens no grande salão da residência londrina do duque de Tyrone, Herbert, irmão da mãe de Jake.

Viu Suzanne sorrindo para os cavalheiros como se fosse a coisa mais natural do mundo ser paparicada assim tão descaradamente. O marquês de Brighton bufou, agastado. Há anos não via-se numa situação de disputa direta pela atenção de uma donzela. E agora não era mais um mero riquinho entre tantos outros num salão de debutantes, e sim um marquês, dono de muitas terras, com responsabilidades como líder territorial e político. Não iria descer tão baixo a ponto de implorar a consideração daquela mocinha que o deixara sozinho sem muito cuidado. Aquela mocinha sorridente, linda, deliciosa,

sensível...

E estava ainda mais encantadora do que na última noite, usando hoje um vestido branco salpicado de pérolas e pequenos cristais, que reluziam a cada movimento, atraindo mais a atenção a si. E usava um penteado alto que lembrava uma antiga dama grega. Ou uma princesa. Todos os cavalheiros do salão certamente achavam a mesma coisa. Sentiu-se incomodamente enciumado.

Deu-se conta, amargamente, que fora fácil aproximar-se de Suzanne na casa dos Hogarth porque haviam poucos rapazes solteiros, e os convidados estavam muito entretidos com os jogos, mas ali, num local onde a intenção era haver intercâmbio, as coisas eram mais complexas.

Pensou que seria ótimo se fosse como um daqueles nobres antipáticos e déspotas, a quem todos abrem passagem instantaneamente quando se aproxima. Mas não era assim, e não iria condizer nem um pouco com sua postura na política se resolvesse de repente tornar-se um grosseirão e afastar os rivais de forma rude. E certamente espantaria a donzelinha entre eles. Sem contar que o conde, dono da casa, ficaria muito ofendido. Respirou fundo.

Ah! Precisava de uma bebida antes de pensar no que deveria fazer. E do jeito que ia consumindo uísque desde que chegara, estaria bêbado antes que os músicos convidassem as pessoas ao salão de danças...

O que lhe acontecia? Sentia-se inseguro? Sempre fora um incrível estrategista, um grande articulador, e era, sem dúvida, mais atraente do que a maioria dos homens que rodeavam sua escolhida. Esticou a coluna e ergueu a cabeça, concentrando-se na forma mais eficaz e tranquila de ter Suzanne em seus braços novamente, sem expor-se desnecessariamente.

A resposta veio muito mais fácil do que imaginava, quando foi até seu amigo Tim, que abordava Luciane, Georgiana e Juliet ao mesmo tempo.

— Exijo que cada uma de vocês me reserve uma dança. E não me

NACIONAIS-ACHERON

importa que seus noivos não gostem de ideia. Duvido que venham se queixar comigo.

As três moças sorriram e combinaram a ordem das danças concedidas a ele, animadamente, cada uma conferindo o cartão que haviam recebido ao chegar ao sarau, e anotando o nome de lorde Flanagan.

Claro, era um sarau dançante! Robert maravilhou-se de qual simples era resolver seu impasse.

Esperou, pacientemente, que Suzanne se afastasse de seus pretendentes por um momento, e se aproximou.

— Boa noite, minha querida.

— Vossa Graça, boa noite — respondeu, seca, com uma reverência pouco respeitosa.

O marquês não se importou com o pouco caso: — Me reservará duas danças, senhorita Cunningham. — avisou o marquês.

— Sinto não ter disponibilidade. — respondeu Suzanne, com tom e olhar frios. Por dentro perguntava-se quem ele pensava que era, lhe dando ordens como se não devesse ser questionado. E justamente após seu comportamento deplorável!

— Ah, tem certeza? Senão precisarei convencer a dois de seus adoráveis amigos a ceder-me a vez. — olhou em volta, calculando a quem abordaria — Quais deles lhe parecem menos interessantes?

Suzanne arregalou os olhos.

— Algum que saiba mal dançarino? Talvez o Fallentin... — ele comentou, dando um passo em direção onde estava o rapaz de quem falava.

— Espere!

Maldito dominador, pensou ela, ao ver o sorrisinho de triunfo brincando nos lábios dele.

Suzanne suspirou. Tudo o que menos queria era o marquês de Brighton chamando atenção para ela no sarau de um duque que era como um tio de verdade, e perto de tantos outros membros de sua família. Seria uma situação bem desconcertante.

— Não faça isso. Eu lhe concedo as duas danças.

Barker lhe deu um sorriso tão cativante, que Suzanne não pôde evitar sorrir-lhe de volta. Motivado pela momentânea boa disposição dela, tomou-lhe a mão, depositando-lhe um beijo.

O marquês gostaria de retê-la sozinha com ele por mais tempo, mas sabia que não era sensato no meio do salão, enquanto não tivessem se entendido, e enquanto não fizessem compromisso. Era cuidadoso com a reputação de qualquer dama, e mais ainda seria com a de sua escolhida.

E, para não provocar mexericos como os que se propagaram na noite em que ele dançou apenas com Juliet, marcou danças com várias outras senhoritas, para delírio total de suas mães. Quando ele se aproximava, as matronas só faltavam desmaiar de tanta felicidade. Achou a situação até bem divertida.

— Tu vais dançar com as donzelas? — Tim estava estupefato, achando já que realmente o amigo endoidara — Tu?

— Qual o problema? Você também o fará!

— Sim, mas todas as donzelas gostam de mim. — deu de ombros.

Robert encarou-o, aborrecido.

— Que quer dizer, que não gostam de mim? O que eu fiz?

— Bem... não que realmente desgostem de você, mas certamente causa-lhes temor. Talvez algo a ver com o fato de ter tentado desvirginar a irmã ou a prima mais velha de quase todas as moças que estão aqui!

— Não me deixa esquecer isso?

— Não, milorde. Gosto de atormentá-lo.

— E ainda diz-se meu melhor amigo...

Tim deu uma risada, satisfeito.

— Acredito que essa é minha vez, caríssima senhorita. — O marquês estendeu a mão galantemente para Suzanne.

Suzanne consultou distraidamente o cartão de danças preso ao seu pulso, verificando se era de fato a vez do marquês. Como se ela não soubesse! Pois sua mão ficara como a queimar no local onde ele havia beijado, não a deixando esquecer nem por um segundo o momento da dança que concederia a ele. Ergueu a cabeça, e ficou feliz quando a expressão do nobre demonstrou claramente sua insatisfação pelo descaso dela.

— Ah, é sim. — respondeu, com um leve erguer de ombros.

Robert forçou-se a manter o bom humor, e mostrar-se cortês. Era um minueto, e o marquês de Brighton julgou que talvez fosse melhor assim, pois se estivesse colado à senhorita Cunningham por tempo demais, como em uma valsa, não sabia se poderia comportar-se como a etiqueta ditava.

Assim que suas mãos se tocaram e ficaram próximos o suficiente, Robert começou a falar: — Gostaria de esclarecer o que aconteceu na casa dos Hogarth.

— Eu entendi muito bem o que aconteceu. Um terrível erro de julgamento de ambas as partes. O senhor julgou, talvez pelas brincadeiras na mesa de uíste, que tratava com uma prostituta. E eu, por minha vez, julguei estar tratando com um homem decente.

Robert virou-se bruscamente para encarar a moça com quem dançava, perdendo por um instante o rumo da coreografia marcada. Estacou,

surpreso. Mas logo ajustou-se novamente. Atrevida! Algo estava errado com as jovens ultimamente. Duvidava que alguns anos atrás alguma mocinha se atrevesse a falar naquele tom com um marquês poderoso, dizendo na cara dele, com o agravante de estarem dançando entre várias pessoas e, com risco de que os ouvissem, que ele era um indecente e que a tratara como a uma vagabunda.

— Sua ofensa só pode ser perdoada por sua inexperiência no campo sexual — falou duramente, já que ela pretendia seguir aquela linha de conversa, teria que também escutá-lo — Se a julgasse uma rameira, certamente não teria a tratado com tanto zelo, nem teria me mantido vestido, nem detido minhas mãos para evitar carícias indevidas.

Suzanne lançou-lhe um olhar furioso, e ele quase pôde enxergar um xingamento brotando de sua boca, o que lhe atiçou ainda mais a ira.

Interrompeu sua fala por causa de um movimento da dança, mas assim que se aproximaram novamente ele passou o braço em volta de sua cintura, trazendo-a tão perto que Suzanne precisou jogar o corpo um pouco para trás no momento do rodopio. Voltou a falar-lhe, dessa vez de forma sussurrada, os olhos levemente apertados: — Se eu tivesse confundido você com uma qualquer, eu a teria despido totalmente, Suzanne, avançado em seus seios não só com minhas mãos, mas também com minha boca. A teria deitado sobre a mesa e a possuído diversas vezes, de todas as formas que a imaginação ditasse. E você iria gostar muito disso. De fato, gritaria de tanto prazer. E estou certo que eu também.

Então Suzanne fez um movimento, e Robert adivinhou que seria deixado dançando sozinho naquele mesmo instante. Deteve-a pelo pulso, rapidamente.

— Não se atreva. — sibilou.

— Só não lhe esbofeteio aqui e agora, porque isto traria mais mal do
NACIONAIS-ACHERON

que bem. Mas seria merecido.

Ela o encarou com ódio evidente. Não tanto pelo abuso em lhe dizer o que dissera, afinal o incitara com seu comentário anterior, mas principalmente pelo efeito que sua resposta causara nela. Suzanne sentira uma assustadora vibração interna sacudir-lhe o peito, o estômago, e, surpreendentemente, o baixo-ventre, imaginando quadro a quadro o que ele havia dito. Havia gostado da possibilidade desenhada ali, e isso era terrível! Enrijeceu, tentando soltar-se: — Não sou obrigada a ouvir suas obscenidades.

Robert deu-se conta que também passara dos limites. E como um homem que fazia carreira política, precisava também saber quando retroceder. Afrouxou o aperto, contudo não a soltou, mas falou-lhe com voz macia.

— Sim, está certa. Perdoe-me, senhorita. Por favor, perdoe-me. Ultrapassei todos os limites do decoro. — O marquês repreendeu-se intimamente. O que dera nele para falar daquele modo com uma senhorita de boa estirpe, e justamente com Suzanne? Que demônio o tomara para ser tão rude?

Os intensos olhos azuis eram de desmontar qualquer mulher, e Suzanne também não passava incólume a eles.

Ao notar que Suzanne já não o olhava com ódio assassino, soltou-lhe o pulso, bem devagar.

Deram uma volta um em torno do outro, num movimento elegante e suave.

— Por hoje ou por ontem? — ela indagou.

— O quê? — ele pareceu confuso por um momento, e seus punhos mantiveram-se na cintura por mais tempo que o devido. Quase errou o passo mais uma vez, perdido nos vibrantes olhos verdes que o perscrutavam.

— Pediu perdão por hoje ou por ontem? — ela perguntou, fitando-o com atrevimento.

Robert sorriu, e mais uma vez Suzanne derreteu-se, sorrindo junto.

— Pelas duas vezes, senhorita. E garanto que não tornarei a falar-lhe do modo que fiz há pouco. Foi muito inadequado, e se me der uma chance, provarei que posso portar-me bem, como uma dama de seu porte merece. — animou-se com o maravilhoso sorriso que ela lhe destinou — Por favor, diga-me que sim.

Suzanne tinha um bom senso de autopreservação, precisava dizer não, e evitar ficar a sós com ele novamente. Uma pena, pois seus beijos eram de longe os melhores que já experimentara, embora se pensasse bem, só havia experimentado beijar até hoje uns quatro ou cinco rapazes, um número ínfimo levando-se em conta que já vivera entre os franceses, os maiores beijadores do mundo! Conteve um suspiro de pesar. Estar nos braços do marquês, santo Deus, era maravilhoso! Um perigo tremendo, claro, porém era inegavelmente maravilhoso.

— Nem pensar. — retrucou ela.

E aproveitou para quase sair correndo, já que a dança havia, abençoadamente, acabado.

Essa conversa não acabou, pensou Robert, quase sorrindo. Não esperava facilidade da parte de Suzanne, embora lhe parecesse óbvio que eram feitos um para o outro, e não entendia exatamente porque ela não notava. Bem, faria com que ela percebesse. Ainda tinham uma noite longa pela frente, e a ele ainda era destinado por ela mais uma dança. Uma valsa.

Robert aproveitou a pausa entre uma dança e aproximou-se de Tristan, que conversava com a noiva e mais um grupo de amigos. Chamou-o a um canto, contando-lhe de seu interesse por Suzanne, garantindo suas boas intenções, afirmando que conversaria com Jake sobre sua prima assim que

NACIONAIS-ACHERON

tivesse oportunidade, e ao final, pedindo-lhe uma pequena ajuda. Esperava, em um só ato, mostrar a Tristan que não representava perigo entre ele e sua noiva, e ainda conseguir um aliado. Se o empresário se mostrasse tão bem disposto em relação a ajudá-lo com a senhorita Cunningham quanto era em relação ao seu apoio financeiro nas causas de cunho social lideradas por Barker, então seu sucesso estaria praticamente garantido. Em poucas e rápidas palavras combinou um chá para a tarde seguinte na confeitaria de Smith da Grosvenor Square, onde havia um mezanino reservado apenas para uma clientela seleta, que buscava privacidade, e onde eram efetuadas reuniões de negócios, ou onde aconteciam encontros que precisassem se manter discretos. Juliet iria com Suzanne e subiriam ao encontro dos seus pretendentes, sem precisarem se preocupar com olhares curiosos os observando.

— Garanta que não me arrependerei dessa ajuda. Suzanne é uma moça direita, prima de meu melhor amigo e a mais estimada amiga de Juliet aqui em Londres. Se não agir corretamente com a senhorita, nós dois seremos mortos ou por Jake, ou pela minha noiva. E não vou nem falar do Christian... ele voltou condecorado, e ganhou o posto de major por mérito em ação. Não tenho dúvidas que atira bem. Meu traseiro e o seu serão alvos fáceis.

— Garanto-lhe que não se arrependerá. Quer uma promessa de minha parte? — Robert franziu as sobrancelhas, disposto até a fazer alguma promessa difícil, pois conseguir Tristan e Juliet como aliados seria uma cartada de mestre, já que Suzanne não poderia estar desacompanhada quando o encontrasse, e o casal era confiável o suficiente para manter um segredo. E seriam muito mais compreensivos do que qualquer dama de companhia que pudesse ser destinada à Sue se ela anunciasse em casa a pretensão de sair sozinha, sem nenhuma amiga de confiança.

Tristan interrompeu-o, rindo:

NACIONAIS-ACHERON

— Não prometa nada muito complicado, de que vá se lamentar depois. Sei como é jurar por algo impossível de cumprir. Apenas não parta o coração da moça, e não esqueça que é uma donzela, e quer casar-se, assim como qualquer outra de boa índole.

— Confie em mim. Também desejo casamento.

Tristan ergueu uma sobrancelha, os olhos cinza fitando-o com curiosidade.

— Sendo assim, conte comigo e com Juliet.

Robert estava confiante quando foi buscar Suzanne para sua segunda dança juntos.

— Ao invés de dançar, gostaria de usar esse tempo para conversarmos, a sós.

Antes que ela pudesse responder, estava sendo conduzida pela mão por entre os casais que se preparavam para dançar. Suzanne ficou fascinada com a forma do marquês de misturar-se entre as pessoas, e se afastar sem chamar atenção. Que diabo de truque era aquele que o homem usava, passando naturalmente por uma multidão de gente, prestes a fazer algo repreensível, e mesmo assim não chamando atenção alguma sobre sua atitude?

Seguiram por um corredor repleto de portas fechadas, e Robert foi testando cada uma delas. Achou uma apenas encostada, pôs a cabeça para dentro e fechou-a incontinenti, com uma expressão ligeiramente aturdida: — Ocupada! — avisou a Suzanne, que ainda o olhava perplexa. A jovem estava tão intrigada com o próprio marquês que nem mesmo teve curiosidade sobre o que havia naquele recinto. E logo Robert achou uma saleta confortável para conversarem.

— Sente-se. — ele indicou-lhe um confortável sofá.

— Não, muito obrigada! O que temos a falar pode ser dito de forma breve, e de pé!

Mas algo no olhar dele a fez repensar a resposta. Uma advertência, ou talvez, e isso era mesmo assustador, satisfação por encontrar resistência da parte dela. Suzanne sentou-se rapidamente, e começou a falar, sem saber como conseguira articular as palavras diante de alguém tão desarmante como Barker.

— Não sei o que pretende, mas vou avisando-lhe que não sou a pessoa certa para o senhor, Vossa Graça. Seria uma perda de tempo para ambos. Como pode imaginar, não estou frequentando os bailes da sociedade apenas para conversar e fazer novos amigos, mas para conhecer meu futuro marido.

Está diante de seu futuro marido, pensou o marquês, ligeiramente divertido, sentando-se ao lado dela.

— E eu não poderia estar procurando uma esposa? — indagou, sorrindo.

Suzanne ficou desconcertada por um instante e pigarreou. Além disso, a proximidade dele lhe fez sentir um súbito calor.

— Claro que pode...

— E se eu escolhesse você? — perguntou ele, num sussurro, os olhos claros tão cravados nela, que pareciam lhe transpassar a alma.

O chão estava saindo do lugar, rodando. Suzanne sentiu o coração querer saltar pela boca. Começou a responder, quase gaguejando: — Mas não sou de filha de nobres, nem fui preparada para receber à mesa, fazer sala a quem não me agrada apenas por cortesia, apreciar bobagens fúteis, típicas das esposas de ricos e poderosos. — como o senhor, quase completou, mas absteve-se, afinal estaria bem subentendido em sua frase.

— Também não fui criado para ser marquês. As forças das circunstâncias me levaram a essa posição. É a tragédia da minha vida... — Robert sorria, sereno.

— Não poderia ficar todo o tempo disponível apenas fazendo figura, fingindo algo que não sou, placidamente olhando crianças e bordados. Eu não lhe serviria. — replicou.

— Não entendeu o que eu quis dizer? Não sigo padrões, minha querida. Certamente posso escolher a esposa que desejar, e ela não precisa ser igual a todas as outras que se vê por aí. Não teria a mínima graça ter uma boneca de louça como mulher — respondeu, com desdém.

Ela não sabia como lidar com as palavras dele, e muito menos com ele.

— De fato não sei o que dizer — ela respondeu, com olhar angustiado, e mordendo o lábio. Poderia lhe dizer que também pretendia seguir carreira na área de botânica, como o pai, mas tinha a ligeira impressão que o marquês não se incomodaria nem um pouco com a ideia, e talvez até a incentivasse, o que a deixaria ainda mais desconcertada. Olhou-o intensamente. Tão bonito, tão persuasivo...

Robert sentiu o peito se encher de esperança diante daquele olhar. Estava pronto para encarar o desafio de conquistar aquela dama ruiva. Afinal, adorava desafios, e aquela vitória teria um sabor melhor que qualquer outra.

— Sugiro conhecer-nos melhor, a princípio, para que aprenda a confiar em mim, e compreenda que não sou nenhum demônio, apesar de dizerem por aí que sou afilhado dele. Então, nesses termos, aceitaria me dar mais uma oportunidade?

— Uma oportunidade?

— Sim, eu a cortejaria de forma discreta, para evitar qualquer tipo de

escândalo, não se preocupe. Dou-lhe minha palavra que sei comportar-me respeitosamente.

— Eu...bem, não creio que...

O marquês de Brighton a interrompeu:

— Levaremos nos conhecendo o tempo que a senhorita desejar, sem pressa e sem exigências. O que me diz?

Suzanne estava pronta para dizer-lhe um sonoro não, e horrorizou-se quando ouviu a palavra que escapuliu abruptamente de sua boca: — Sim.

Robert fitou Suzanne por alguns segundos, ainda um pouco surpreso pela aceitação obtida. Pareceu-lhe que até a moça havia se surpreendido com aquele “sim”. Bem, ele não a deixaria pensar mais sobre o assunto, e muito menos, mudar de ideia.

— E eu poderia lhe dar um beijo, selando esse acordo? — aproximou-se de Suzanne.

— Sim. — ela respondeu, já fechando os olhos, e erguendo o rosto para receber os lábios de Robert.

— E deixa-me tocá-la? — sussurrou, enquanto seus lábios passeavam no rosto de Suzanne, descendo de forma sinuosa pela curva do pescoço.

— Sim... — conteve um gemido quando as mãos dele se puseram em seus quadris, puxando-a de encontro a ele.

E quando deu-se conta, após uma sucessão de palavras “sim”, Suzanne estava no sofá, com o marquês inclinado sobre ela, acariciando-a e beijando-a em todos os lugares expostos.

Do fundo da consciência de Suzanne as palavras de alerta começaram a surgir, ao mesmo tempo em que as mãos de Barker avançavam, e que mais um novo pedido seria feito, e mais um “sim” certamente seria dito diante da excitação do momento. Aonde aquelas carícias iriam parar? Obviamente não

parariam, já que ela estava consentindo cada etapa!

— Marquês, espere... — Suzanne conseguiu falar, um tanto ofegante.

— Robert, diga Robert. — ele pediu, com voz sussurrante, beijando-lhe agora os ombros.

Suzanne contorceu-se sob o corpo quente e másculo.

— Robert, ah...está bem. Robert, ouça-me, hum...estou certa que a valsa a essa altura já acabou, e devo uma dança a outro cavalheiro.

O que Brighton menos desejava naquele momento era voltar ao salão e dividir Suzanne com outros homens.

— Sou seu namorado agora e mereço sua atenção...não mereço?

— Sim... — ela concordou — Mas devo várias danças...

— E daí? — ele não se deteve, e sua boca continuava a cobrir-lhe de beijos.

Pior que na noite anterior, Suzanne, e você está de comum acordo, gritava uma voz desesperada dentro dela.

— Vão começar a me procurar em breve, e o duque e a duquesa também... — ela conseguiu balbuciar.

Robert entendeu o que ela queria dizer. O risco de serem descobertos era grande, e certamente o marquês de Brighton não tencionava ser flagrado numa situação escandalosa, e nem fazer um casamento apressado por conta disso. Levantou-se lentamente, ajeitando as saias de sua escolhida enquanto erguia-se do sofá.

— Correto. — conteve a decepção na voz. Estava tão perto de alcançar o decote de Suzanne... Suspirou profundamente, estendendo a mão para que ela levantasse — Devemos voltar ao salão.

— E você disse que se comportaria...

Robert fez uma pequena careta.

— Sim, eu disse.

Retornaram ao salão, procurando a maior discrição possível.

Enquanto olhava Suzanne afastar-se com o cavalheiro a quem devia a dança, Robert avistou Tim e foi até ele.

— Enlouqueceu mesmo, Tim. — repreendeu-o — Com a senhorita Hogarth, na biblioteca do tio do noivo! Nem tente negar, eu abri a porta e os vi.

O visconde respirou fundo.

— Então foi você. Sim, eu ouvi o ruído na porta. E concordo que foi uma loucura. Mas precisávamos conversar. Só. Você não viu nada além disso, porque nada aconteceu.

— Tem ideia do que poderia acontecer se Suzanne tivesse visto vocês?

Tim mudou a expressão aborrecida para surpresa.

— Então Suzanne estava com você? E procuravam um lugar para...

Robert o interrompeu rapidamente.

— Quero dizer que qualquer um da família dos Cunningham podia ter flagrado vocês!

— Saímos de lá quase imediatamente após ouvirmos alguém mexer na porta. Nem chegamos a conversar.

— Melhor assim, Tim. — consolou-o Robbie.

O visconde sacudiu a cabeça e pareceu reprimir um suspiro. Então voltou à sua postura mundana, encarando o companheiro de farras.

— E você, com a sobrinha do duque na sala ao lado... — Tim sorriu — Que malandro é, Robbie. Pensei que havia conhecido Suzanne na casa dos Hogarth, como eu, mas já a havia visto bem antes disso, não é mesmo? Já estava com a mente cheia de planos. Bem, é minha vez de falar agora.

— Ah, lá vamos nós! — Robert revirou os olhos.

— É moça de família, é jovem, é donzela, é prima de amigos nossos — relacionava cada item contando nos dedos, perto do rosto de Robert — Deixe-me ver o que mais... Ah, claro, Jake e o pai são ótimos advogados e vão acabar com você se desonrar a moça. Esteja certo que nem mesmo Sua Majestade vai tentar defender você, se agir mal.

— Não vou desonrá-la. Vou casar com ela. Farei tudo do modo correto. E se tiver que esperar até a noite de núpcias para então desvirginá-la, não haverá problemas, e assim o farei. — respondeu Robert, taxativo.

— Então está decidido! — Tim arregalou os olhos — Sabia que desejava um dia encontrar uma esposa, mas ver esse dia chegar assim tão de repente é um tanto desconcertante...

— Bem, coloque aí uns quatro a seis meses até o matrimônio acontecer. Não será nada apressado, não pretendo que inventem mexericos sobre uma união forçada, e também quero tempo suficiente para Suzanne acostumar-se à ideia de casar com um homem como eu. Assim a transição de filha de um botânico nômade para a esposa de um marquês sedentário, envolvido até o pescoço em trabalho, não será muito complicada.

— E a moça, está tão decidida quanto você?

— Ah, ela não sabe ainda que vai casar comigo. — deu de ombros.

— Fantástico. — retrucou Tim. — E quando vai contar a ela, depois que os convites para o enlace forem distribuídos? Ou quando estiverem partindo em Lua de Mel?

— Depois que a conquistá-la por completo, lógico. — respondeu, como se fosse muito natural a sua forma de pensar.

— É... Será divertido ver isso. — coçou o queixo, enquanto olhava o objeto da conversa rodopiar nos braços de outro homem.

Robert olhou o amigo de soslaio. Não resistiu a provocá-lo, falando com malícia, sem desviar os olhos do salão.

— Sabe que a minha próxima dança é com Luciane? Acho que vou desfrutar muito...

— Que interessante... A minha próxima dança é com Suzanne. Já tive o prazer de conferir o decote de Luciane bem de perto hoje, e agora será a vez de ter uma visão privilegiada das formas generosas da senhorita Cunningham... Estou ansioso por isso. — sorriu o visconde, também olhando os dançarinos.

Robert cruzou os braços.

— Patife.

— Calhorda.

Ficaram em silêncio algum tempo, e Robert notou que o amigo acompanhava os movimentos da senhorita Luciane, rodopiando alegremente nos braços de lorde Grayson. Tim nem sequer piscava.

— Volte sua atenção para outra dama antes que a coisa se complique demais, Tim. — avisou Robbie, preocupado.

— Eu o farei. Mas antes disso, você me fará um favor.

Robert pôs os olhos quase em branco e estalou a língua.

— Já sei. Trocaremos de par.

O visconde assentiu, com um sorriso perigoso nos lábios. Barker olhou ao amigo, e em seguida recomendou: — Tenha juízo, patife. Ou então Christian vai usar tudo que aprendeu nos anos do serviço militar, treinando tiro ao alvo em você.

— Não se preocupe, Robbie. Acho que Christian vai estar ocupado demais correndo atrás de você por querer seduzir a prima dele...

Os dois sorriram, e pouco depois dançavam uma animada quadrilha

com as damas, aproveitando cada minuto, sabendo que, pelo menos àquela noite, mantinham o objeto de seus desejos ao alcance de suas mãos.

Deus Do Céu, como lorde Mortimer falava! Robert já estava indócil, remexendo-se em sua cadeira. Olhou em torno e viu que os outros parlamentares também já estavam impacientes. Alguns cobriam a boca tentando esconder os bocejos, outros consultavam discretamente seus relógios de bolso. Robbie consultou seu próprio relógio, calculando que Suzanne estaria recebendo suas flores naquele momento. Não se atrevera a mandar-lhe um presente junto. Depois de ter enviado uma pulseira à senhorita Fiennes na noite seguinte em que dançara com ela e de ter seu presente devolvido com a acusação de que seria algo para dar a uma amante, não quis arriscar-se a um novo repúdio. Esquecera como era cortejar uma virgem, em que cada atitude deveria ser cuidadosa para não assustá-la. Afinal, já a assustara o suficiente até agora, com seus atos, palavras, e má reputação. Flores eram um agrado seguro e inocente, e o fato de sua eleita ter lhe agradecido o primeiro buquê, dizendo que era o mais lindo que recebera, o incentivou a esmerar-se ainda mais, esperando que ela também admirasse tulipas. Sentiu-se gratificado por agradá-la. Obviamente desejava cair em suas graças em todos os sentidos, e sabia que escolhera o caminho certo ao oferecer a ela uma corte sem ostentação ou cobranças.

Agora ansiava ir para casa, fazer uma refeição leve e ler algum livro que o tranquilizasse o suficiente antes de encontrar sua querida ruiva para o chá. Estava tenso. O desejo que sentia por Suzanne crescia de forma avassaladora, ocupando os pensamentos durante o dia, trazendo sonhos febris durante a noite, atrapalhando seu raciocínio e concentração.

Quando o pedante lorde Mortimer deixou a bancada, toda a câmara

pareceu suspirar de alívio. Os homens se levantaram quase abruptamente, mas Robert foi um dos primeiros a alcançar a saída.

Suzanne estava entediada. Havia acabado de despedir-se de mais dois pretendentes, que encerraram suas visitas mais cedo devido a chegada dos primos da moça. Jake e Chris sentaram-se na sala, perto dos visitantes, e seus olhares de poucos amigos acabaram por espantar rapidamente aos rapazes.

— Obrigada, primos. — ela agradeceu.

— Às ordens, prima. — sorriu Jake.

— Só espero que quando sua prima se agrada de um pretendente de verdade, vocês dois tenham o bom senso de não espantá-lo! — falou Martha, a mãe de Suzanne, entrando na sala — Não é a primeira vez que espantam os cavalheiros que querem cortejar minha filha.

— Quando aparecer um cavalheiro que valha realmente a pena, seremos os primeiros a colaborar, tia. — replicou Chris.

— Mas até agora não surgiu nenhum pretendente que reúna as qualidades necessárias para desposar nossa prima. — ajuntou Jake.

Suzanne curvou-se reverentemente.

— Agradeço seu apreço por mim, queridos.

— Ah, meninos! — resmungou Martha.

— Tia, a senhora ouviu as poesias recitadas ontem pelos admiradores de Suzanne? Ah, por favor! Tive vontade de vomitar! — disse Jake.

— Verdade. O Bernard, então, o filho do juiz Camp, é péssimo! Cheguei a ter ânsias... — completou Chris, com um sorriso um tanto malévolo — Pedi a Giles até uma bacia para o caso de não me conter...

— Sim, e fez isso na frente do pobre rapaz, pontilhando seu pedido

com ruídos significativos, e cobrindo a boca com as mãos. Você deveria ser ator, primo malvado... — ralhou Suzanne, mas seus olhos pareciam risonhos.

Jake e Chris explodiram numa gargalhada alta.

A mãe bufou. Nenhum dos três jovens levava a sério a sua preocupação. Suzanne já passara dos vinte anos! E ainda havia o agravante do segredo de seu passado. Só o que podia salvar sua filha única de uma velhice solitária, sem marido e sem herdeiros, era sua beleza de agora. Sua menina era uma moça tão bonita que certamente encontraria um pretendente que a aceitaria sem restrições. Esperava que isso acontecesse logo, pois a cada ano se afligia mais pelo futuro de Sue. Levara tempo convencendo seu marido a deixar Suzanne ser apresentada à sociedade e buscar um marido, e a própria filha não estava certa se teria sucesso na empreitada, mas agora, vendo tantos candidatos sempre em volta da jovem, parecia que tudo enfim acabaria muito bem.

Ficou sozinha no aposento, depois que os três primos saíram, rindo e falando alto. Martha olhou em volta, admirando mais uma vez os vasos cheios de flores enviadas pelos admiradores de Suzanne.

Tulipas vermelhas! O buquê se destacava de todos os outros por sua beleza singular. Como de hábito, a filha havia retirado os cartões de cada arranjo. Fazia isso desde o primeiro dia que começara a recebê-los, depois que os dois primos se juntaram para fazer troça de cada declaração que acompanhava as flores, e até mesmo ameaças veladas aos que consideravam velhacos.

A criada Liza entrou no recinto, carregando um buquê de flores silvestres que havia acabado de chegar. A mãe esticou o olho e leu o cartão, antes que a filha o descobrisse e jogasse fora. Major Adams. Lembrava-se do major. Devia ter uns sessenta anos, e precisara se afastar do serviço militar porque perdera parte do pé direito em um combate. O homem era viúvo e já

tinha uns sete filhos, dois ainda pequenos. Deveria se esforçar realmente se quisesse uma chance com Suzanne, pensou, torcendo o nariz. Devia ter mandado tulipas, ou talvez algo tão primoroso quanto o divino buquê salpicado de imensas rosas vermelhas recebido no outro dia.

Robert pressentiu a presença de Suzanne antes mesmo que ela entrasse no salão reservado da confeitaria Smith. Remexeu-se na cadeira, olhando em direção da porta. Notou que Tristan, ao seu lado, também estava alerta. Os dois assemelhavam-se a cães de caça farejando algo importante. Então Suzanne e Juliet entraram no recinto, e parecia de repente que a primavera havia chegado, e que o sol lançara luzes mais fortes através das vidraças cristalinas.

As moças em seus vestidos em tom de rosa, ambos estampados com delicadas flores, riam e conversavam alegremente, alheias ao efeito que causavam à sua passagem. Tanta espontaneidade era uma lufada de ar fresco e alegria à paisagem geralmente severa da sociedade em que viviam os londrinos.

— Temos sorte. — murmurou Tristan.

Robert sentiu o peito inflar de uma emoção desconhecida, compartilhada pelo amigo agora em pé ao seu lado, observando as moças se encaminharem até eles. Sabia que o jovem empresário estava apaixonado, só não havia se apercebido que ele próprio também estava trilhando este caminho. Julgara que era atração e desejo o que já se desenhava como amor desde à primeira vista, um sentimento novo, que ele ansiava há muito tempo encontrar.

E a razão de seu inesperado afeto agora estava de pé diante dele, linda e sorridente.

— Boa tarde, senhores.

Demorou um pouco para responder, olhando-a hipnotizado, e ouviu a risada familiar de Tristan: — Barker sem palavras? Essa é nova! Está de parabéns, Suzanne. Calou a voz mais proeminente do Parlamento!

Robert sorriu, acompanhado de Suzanne e Juliet, que sentaram-se nas cadeiras oferecidas pelos cavalheiros.

— Boa tarde, senhoritas. A beleza de vocês deixou-me tão extasiado que de fato até perdi a voz.

Suzanne também não saberia explicar como havia conseguido falar sem gaguejar, diante daquele homem atraente, que emanava uma vibração inexplicável no corpo dela. Será que todas as mulheres sentiam-se assim perto dele? Bem, Juliet certamente não, mas a amiga estava noiva de um tipo também vistoso e carismático, e pelo conhecimento que adquirira observando as pessoas em várias partes do mundo, podia-se dizer que os dois cavalheiros foram forjados do mesmo metal. Um aço nobre, poderoso, e bastante letal. Esforçou-se para conter o rubor que ameaçava irromper em sua face, e afastou as ideias pecaminosas que estavam tentando se formar em sua mente a respeito do marquês.

— Por favor, queira trazer-nos também um bule de café — pediu Tristan ao garçom, assim que um sensacional chá foi servido, acompanhado de biscoitos variados, croissants e pedaços de bolos com coberturas cremosas e coloridas.

O dono da confeitaria voltou-se a seus convidados: — Orgulho-me de servir, além do melhor chá de Londres, também o melhor café, e vocês certamente irão gostar.

O marquês assentiu, animado, sorvendo logo um gole da escura bebida árabe, assim que lhe foi servida. De fato, preferia bebidas mais fortes que chá, fosse de qualquer espécie, e o café o deixaria alerta suficiente

NACIONAIS-ACHERON

para conversar com Suzanne sem risco de esquecer as palavras novamente.

Robert tentou que Suzanne falasse um pouco dela mesma, mas a moça foi vaga, discorrendo rapidamente sobre as viagens que fez pelo mundo, acompanhando os pais. Foi o suficiente para impressionar Robbie. Sue era bem instruída, eficiente na língua francesa e italiana, e desconcertantemente simples. Como a simplicidade não era uma característica muito comum entre as damas da sociedade, pareceu a ele uma qualidade encantadora. Sua escolhida seria a esposa ideal para alguém tão empenhado em sanar as gritantes desigualdades sociais como ele. Seriam realmente perfeitos juntos, e ela não se escandalizaria com a variedade étnica de pessoas que ele havia empregado em suas propriedades, quase sempre para tirá-las de situações inumanas.

Depois de ter certeza que não conseguiria, pelo menos ainda, informações mais pessoais, e estando certo de que isso se devia, provavelmente, à presença do casal de amigos junto a eles, Robert aceitou a sugestão de Tristan, e começou a falar sobre seus projetos.

Foi a vez de Suzanne encantar-se. Robert, além de estar lutando pela abolição total da escravatura, era empenhado em combater a exploração infantil. Felizmente, o rei Guilherme IV era também interessado em diminuir as injustiças, e em aplacar o ressentimento que o povo em geral havia acumulado contra a monarquia e os membros da nobreza, e simpatizava com as ideias propostas por parlamentares, que como Robert, desejavam fazer o Reino Unido um bom e universal exemplo a se seguir.

O marquês, como bom político, sabia usar bem as oportunidades que se abriam, e aproveitou para inteirar Tristan de seu novo projeto pessoal, que visava fundar um abrigo-modelo para mães solteiras, ensinando-lhes um ofício e fazendo-as unirem-se em cooperação para garantir uma parte que fosse de seu sustento. Além de costura e culinária, as mulheres também

aprenderiam a ler e escrever.

— As mães solteiras abandonam seus vilarejos onde se tornaram símbolos de vergonha para suas famílias, acreditando que no centro de Londres encontrarão abrigo e oportunidade de trabalho, e acabam quase sempre nas sarjetas, já que estão completamente despreparadas para os empregos urbanos. A prostituição e o roubo crescem, e aumenta a cadeia de miséria na cidade quando os filhos dessas mulheres acabam entrando também para o submundo do crime e da malandragem, muitas vezes já órfãos. Não se pode ficar de braços cruzados esperando apenas o trabalho das autoridades nesses casos. Quero colaborar para dar uma vida mais digna para os menos favorecidos, principalmente mães desamparadas e suas crianças. — explicou Robert aos seus amigos.

Timothy e os Bennets já haviam abraçado a causa, e tanto Tristan quanto Juliet simpatizaram com a ideia, se comprometendo a colaborar para que o tal projeto tomasse forma. Suzanne engoliu com dificuldade o nó que lhe veio na garganta enquanto via a empolgação e o brilho no olhar do grupo. Robert havia os envolvido num empreendimento incrível, que traria benefícios não só para as pobres mães, mas também para toda a sociedade. O marquês tinha boas intenções e um bom coração, bom de verdade!

Robert fitou Suzanne, procurando descobrir através de sua expressão se ela havia apoiado seu projeto, ou se como tantas pessoas bem nascidas, preferia ignorar os pobres. Ficou satisfeito em perceber seu olhar enternecido. Com um pouco de sorte, Suzanne, em sua posição de marquesa de Brighton, também conseguiria atrair o apoio das grandes damas da sociedade em seu trabalho para diminuir a mendicância e resgatar as mulheres exploradas por cafetões que faziam as ruas durante a noite, agindo quase como escravas para sobreviver. Sim, sua escolhida, com seu jeito simples e direto, poderia ser bem simpática e encantar a todos, da mesma forma que o encantara.

Quando Tristan narrou a confusão que o marquês havia criado com uma famosa dona de bordel porque ela estava colocando meninos e meninas em sua casa de prostituição, e que resultou em autoridades policiais fechando o local, Juliet e Suzanne irromperam em palmas.

Suzanne estava cada vez mais fascinada. Que homem era esse? O que esse nobre de magnetismo indiscutível havia visto nela? Que pessoa interessante ele era... Um sedutor que não titubeava em brigar com prostitutas para garantir a honra de terceiros e desafiar outros nobres para corrigir injustiças... Afinal, quando se via alguém da alta sociedade se preocupar com os miseráveis, os órfãos ou as mulheres exploradas?

Ele se sentia atraído por ela, isso era fato, pensou a jovem. Suzanne não tinha ilusões, sabia que seu rosto e seu corpo eram o que traziam os homens até ela, mas desejava muito alguém que a quisesse por um pouco mais do que simples desejo. E quando ele soubesse sua história, a aceitaria ou fugiria imediatamente? Sobressaltou-se ao notar que havia suspirado sonoramente, como uma tolinha romântica, e que tanto Juliet, como Tristan e o marquês, a estavam fitando com ar divertido. Levou rapidamente à boca um pedaço do bolo de limão que estava a sua frente: — Esse bolo...hum! Divino! — disfarçou, apontando com o garfo para o bolo.

— Ah, claro, o bolo!

Tristan deu uma risadinha, e Sue percebeu que Juliet o cutucava, franzindo as sobrancelhas.

Suzanne não resistiu a levantar os olhos para observar o marquês de Brighton, que estava sentado ao lado dela, num ângulo que graças à mesinha quadrada, a privilegiava com um olhar direto e brilhante, e uma sombra de sorriso no rosto. Sue ficou satisfeita em constatar que não era uma expressão zombeteira ou maliciosa, mas sim terna. Era óbvio que percebera que o suspiro era relacionado a ele, e estava tão feliz como um namorado poderia

ficar ao ser admirado. Era um homem como qualquer outro, enfim, pensou aliviada.

E tendo consciência disso, conscientizou-se de algo mais inquietante: sendo o marquês um homem, e não um ser inalcançável, poderia se apaixonar por ele. Certo, precisava ir devagar, ser cautelosa...

Robert passara uma boa parte da noite tentando convencer Suzanne a escapulir com ele para algum canto onde pudessem ficar um pouco a sós. O fato dos jardins da baronesa Keye serem pequenos e muito iluminados não ajudava, pois o marquês já sabia há tempos que algumas senhoras fofoqueiras distraiam-se vasculhando os jardins das mansões em busca de casais que pudessem flagrar em situações comprometedoras. Barker não lhes daria este tipo de gosto se mostrando uma presa fácil, então preferia procurar uma saleta, uma biblioteca, ou como agora, uma agradável estufa.

Depois de ter passado a manhã inteira pensando em sua querida ruivinha, e se conscientizado totalmente de estar apaixonado, precisava tocá-la e cobri-la de beijos. E ela estava tão linda esta noite, tão excitante com o vestido azul e prata que escolhera, que era difícil não puxá-la pela cintura na frente de todos, cochichando-lhe ao ouvido tudo o que sentia, e repousar seu queixo sobre sua cabeça, aspirando o perfume de suas madeixas enquanto conversavam entre amigos, como via Tristan fazer com sua noiva, e avisar em altos brados que Sue lhe pertencia.

Robert acabou convencendo sua amada a esgueirar-se com ele pelos corredores da mansão Keye, até onde ficava a estufa. Embora relutante inicialmente, Suzanne agora mostrava-se mais acessível às suas investidas do que das outras vezes. Bom, esta era a evolução natural, após os encontros que tiveram, em passeios diários com amigos, ou escapadas noturnas durante os

sucessivos bailes da temporada. Nesse exato momento, Robert estava ajoelhado diante da cadeira onde Sue estava sentada, deslizando sua mão sobre a meia de seda da jovem, até o alto da coxa, onde encontrou sua liga. Aquilo era extremamente erótico... Era possível sua ereção ficar ainda maior? Julgou que as calças fossem estourar a qualquer segundo! Pressionou os dedos com força na carne firme, e só diminuiu a pressão quando ouviu a moça gemer.

— Desculpe. — murmurou, beijando-a com mais avidez. Sue se contorceu, escorregando o corpo ao encontro dele, e Robert debruçou-se sobre ela, roçando a pelve contra a dela, em movimentos quase agressivos.

O aroma das flores, a temperatura agradavelmente quente, o ambiente bucólico, e a sensação de paz e privacidade do local, colaboravam para a atmosfera de sexo que os rondava, agravando ainda mais o desejo crescente entre eles.

Estavam ansiosos dessa vez, e não houve resistência quando as mãos do marquês chegaram às nádegas de Suzanne, forçando o corpo dela ainda mais a encostar-se nele. Ela tornou a gemer, e Robert sentiu que novamente seus dedos enterravam-se no delicioso corpo feminino. Será que no dia seguinte sua escolhida estaria com marcas roxas? Sobressaltou-se com o pensamento de que a criada dos Cunningham pudesse ver as manchas e contar a todos da casa o que a patroazinha andava fazendo. O que levaria ao dono daqueles dedos agressivos, o marquês de Brighton, e teriam que casar-se às pressas! Pensando bem, até que não seria tão má ideia, pois já não estava tão paciente quanto no princípio, e a ideia de fazer amor com Sue antes do matrimônio começava a martelar em sua cabeça. Apertou-a com ainda mais força, desejando imprimir na pele macia todo seu ardor, enquanto a boca descia pelo pescoço. Perfumada! Não conseguia mais pensar com clareza, e as mãos moviam-se com vontade própria em direção às costas do vestido da

dama. Suzanne ajudou-o, desencostando da cadeira para facilitar-lhe os movimentos. Abriu um botão, dois, três. Podia já ver as aréolas rosa-escuro, enrijecidas pelo desejo. Mais um botão, outro... Os seios dela estavam livres, do tamanho exato para Robert, firmes e convidativos. A moça encolheu-se ao aperceber-se de sua exposição, num gesto instintivo de autoproteção, e tentou cobrir-se.

— Por favor, Sue... — ele murmurou, detendo as mãos dela, e deslizando com tanta intensidade seu corpo sobre o de Suzanne, que o prazer sentido acabou por fazê-la ceder. Abraçou-o novamente, permitindo vê-la e tocá-la.

Ele massageou-lhe os seios vagarosamente, e as palmas das mãos fecharam-se sobre os bicos pontudos, puxando-os de leve, fazendo-a arfar.

— Robert... — ela retorcia-se de desejo, enlouquecendo Robbie cada vez mais. Quando a boca do marquês desceu até o seio direito, Suzanne achou que ia desmaiar. E no momento em que ele beijou o outro mamilo com a mesma intensidade, e por fim o sugou, Sue teve que morder o lábio para não gritar. Seu tremor foi tão violento que sacudiu o corpo masculino junto.

Robert gemeu, antevendo o sexo com aquela mulher maravilhosa.

Seria perfeito. Glorioso.

— Você é deliciosa... quero prová-la por completo... — mordiscou o seio, e sentiu Suzanne tentar cravar as unhas em suas costas. Ela rendera-se, e se entregaria por inteira ali mesmo.

Robert escorregou uma das mãos para o ponto entre as coxas de Suzanne, ansioso para verificar o quanto ela estava pronta para recebê-lo, regozijando-se por estar, mais uma vez, no controle da situação.

Então Robert deteve-se. Estava a ponto de enlouquecer, mas ainda assim deteve-se.

Suzanne não era “mais uma”.

Muito menos podia ser tratada como uma mulher que já tinha conhecimento do sexo. Parou a mão antes que alcançasse seu objetivo. Esquecera que garantira a ela saber se comportar respeitosamente?

Não podia desvirginar sua futura esposa numa estufa, sobre uma cadeira, numa casa qualquer. Não, a futura marquesa merecia uma cama nobre, com dossel de rico brocado, lençóis de seda e travesseiros de penas de ganso onde espalhar seus cabelos brilhantes e vermelhos. Imaginou-a retorcendo-se debaixo dele, sobre um colchão macio e largo. Ela poderia gritar sem se preocupar com nenhum escândalo, porque seria sua esposa.

Barker recobrou o juízo a tempo, e abotoou o vestido de Suzanne, sentindo o corpo doer pela privação imposta.

— Christian ou Jake devem estar procurando a priminha e eu não pretendo ser esmurrado como Grafton foi. — sorriu ele, diante do olhar confuso de Suzanne. Então ela também lhe sorriu e Robert se sentiu mais forte, satisfeito por ter se portado como um homem decente afinal.

Suzanne alisou a saia do vestido, ruborizada. Mais um pouco dessas sessões com Robert e acabaria cometendo uma insensatez. Hoje, por exemplo, estava totalmente fora de si, permitindo que ele fosse tão longe a ponto de pôr a boca em seus seios. Fôra tão bom que ela não pôde impedi-lo, mas precisava ser mais forte, senão o marquês jamais a valorizaria, ou pior, descobriria seu segredo da pior forma.

Robert puxou-a pela cintura, trazendo-a até ele, e depositou um beijo suave nos lábios.

— Peço-lhe perdão pelos meus modos, embora não consiga realmente lamentá-los. Enlouqueço um pouco quando estou contigo, minha adorada...

— E não deveríamos, senhor marquês — Suzanne sorriu um tanto tímida.

— Está certa, mais uma vez. Não esquecerá de nosso passeio amanhã, não é?

— Não esquecerei. — sentiu mais uma vez o calor nas faces, e saiu da estufa antes de Robert, procurando manter uma expressão inocente no rosto ao aproximar-se de outras pessoas no salão.

Suzanne juntou-se a Juliet e Luciane, e logo Georgiana chegou até elas.

— Viram quem está aí?

— Quem?

— Eve Blanaid, a cantora lírica. Ela é tão bonita!

Juliet olhou de relance para Suzanne, e logo baixou os olhos. A amiga ficou intrigada.

— Dizem que veio atrás do marquês de Brighton. Parece que ela está arrependida do fim do romance. — retrucou Georgiana, com o leque na frente do rosto.

— Claro, perder um amante rico, influente e bonito daqueles... — replicou Luciane, com pesar — Certamente agora ela percebeu que sua renda diminuiu muito sem um patrocinador. Várias portas devem ter se fechado, já que não tem mais um companheiro poderoso.

— Pobre dela se for assim, dependente de um homem. — lamentou Juliet.

— Não se iluda, Jules. Sem uma mãe ou pai para nos apoiar, nós mulheres não somos nada nesse mundo cruel. Ficamos praticamente a mercê dos homens. — replicou Georgiana.

— Como ela é, a tal Eve? — indagou Suzanne, esforçando-se para

parecer natural.

— Ah, é loura, e está com um aplique cheio de plumas na cabeça. É bonita, um tanto excêntrica, porém. Artistas, já sabem como são... — explicou Georgiana, dando de ombros.

— Soube que é dada a explosões públicas e crises de ciúme, e por essa razão o marquês a deixou. — completou Luciane — Nenhum cavalheiro gosta de mulheres que tentam controlá-los, pelo menos não publicamente...

Suzanne torceu as mãos uma na outra, como fazia quando estava nervosa. Só faltava essa! Se a mulher sequer imaginasse que seu ex-amante estava prestes a comprometer-se com uma moça solteira, não a deixaria em paz, e julgaria que seu homem havia lhe deixado por já estar cortejando Sue, o que não era verdade. Imaginou a artista famosa gritando com ela, xingando-a de sem-vergonha, ladra de amantes. Meu Deus, tudo o que queria era tranquilidade, mas parecia que seu destino era outro.

Tim alcançou Robert antes que ele chegasse até o salão.

— Adivinha quem foi convidada pela baronesa Keye e está procurando você?

O marquês franziu as sobrancelhas:

— Quem?

— Eve.

O marquês bufou, irritado. A mulher era insistente, e já o havia cercado algumas vezes, tentando retomar o relacionamento. Robert procurara ser bem educado nestas ocasiões, em consideração aos momentos agradáveis que haviam passado juntos, mas fôra firme em suas recusas. Mesmo assim havia recebido uma carta de Eve pedindo-lhe perdão e suplicando o

reatamento da relação. Pensou ter deixado bem claro que voltar ao antigo caso estava absolutamente fora de questão. Porém, se ela não o entendia por bem, seria necessário fazê-la entender de outro modo. Não gostava de ser rude com uma mulher, mas o faria.

Então a própria Eve surgiu a sua frente, inegavelmente bonita, maquiada, coberta de adornos e com um vestido muito decotado. Apesar da aparência extravagante e da má fama que as artistas carregavam, Eve não era mulher que se entregava fácil a qualquer homem, e isso havia atraído a atenção de Robert, mas agora que o encanto já havia acabado e descobrira o quanto ela podia ser monótona, previsível e dada a rompantes furiosos de ciúmes, sentiu-se um tanto desconfortável por já haver se envolvido com ela. Era tão absurdamente diferente de Suzanne, que parecia até ridículo que já a tivesse desejado antes.

— Querido! — ela gritou a uma certa distância, estirando os braços para que ele pegasse suas mãos, o que o marquês ignorou.

— Boa noite, senhorita Blanaid — soou frio, os olhos gelados.

Eve piscou, desconcertada. Sentia os olhares sobre ela.

— Querido, podemos ir a um lugar tranquilo para conversarmos a sós?

— Não. Não há nada para conversarmos a sós. — falava baixo, num tom seco — Não deveria ter vindo procurar-me, já deixei bem claro o que penso.

Ela chegou-se mais a ele, baixando também o tom de voz.

— Por favor, Robert, quero-o muito de volta, sei que você gosta de mim e...

— Não. — ele respondeu, cortante.

— Robert...

— Está fazendo uma cena desagradável. Porque não vai tomar um refresco? — o marquês fez uma breve reverência e deu-lhe as costas, pronto para afastar-se.

Eve segurou-lhe o braço.

— Me dê mais uma chance, querido, prometo que saberei me portar como a dama que você espera que eu seja.

Os olhos de Robert ficaram ainda mais gelados enquanto fitava os dedos de Eve em sua roupa. Ela soltou-lhe imediatamente.

— Não sou seu querido, não saberá se portar nunca como uma dama discreta, e também não espero que mude sua personalidade por minha causa. Deve procurar algum homem adequado a senhorita. Já tivemos nosso momento, e ele passou. Nunca, em tempo algum, voltaremos. Pare com isto e não nos constranja mais.

A mulher tinha lágrimas nos olhos, mas Robert não parecia nem um pouco comovido. A dama de companhia da cantora segurou-a pelo cotovelo e puxou-a gentilmente.

— Vamos, senhora, vamos...

Eve deixou-se levar pela criada, e Tim olhou para Robert.

— Cruel e sem coração. Nem parece o homem que resgata criancinhas de exploradores.

— Eve não é uma criancinha sendo explorada. — respondeu, dando o assunto por encerrado, e procurando um garçom ou uma mesa de bebidas — Estou com a garganta seca.

Os dois nobres se afastaram, e as pessoas em volta, atentas a pequena discussão entre os ex-amantes, percebendo que o espetáculo havia acabado, voltaram suas atenções a outras conversas. Robert nem mesmo notou que Suzanne, cercada de suas amigas, num canto bem ali perto, havia assistido

toda a cena, e mesmo sem escutar o que diziam, estava muito aturdida.

— Como ele pode parecer frio, não é? — surpreendeu-se Luciane —
Tão diferente daquele homem brincalhão que jogou uíste conosco outro dia,
não acha, Sue?

— Suponho que seja característico de qualquer nobre mostrar-se
arrogante sempre que necessário. — retrucou Juliet.

— Sim, defenda seu admirador, Jules. — riu Georgiana.

— Não é meu admirador. — respondeu a outra, aborrecida.

— Não é o que andaram dizendo.

Suzanne já sabia da tentativa de Robert em conquistar a amiga, antes
que Tristan a pedisse em casamento, porque Juliet mesmo havia lhe contado
o caso, porém mesmo assim a questão lhe era incômoda. Mostrava o quanto o
homem era garanhão. O mais belo exemplar deles, o mais perfeito e
inquestionavelmente, o mais arrebatador.

Quantas damas, naquele mesmo salão, Robert já tentara seduzir? E
quantas efetivamente ele teria conseguido levar para cama? Segundo os
burburinhos, muitas, mas como já ouvira dizer que se falava algumas
barbaridades sobre seus primos, e ao observá-los via que os mexericos
estavam além da verdade, tentou não se preocupar tanto. Afinal, falava-se que
Jake e Tristan eram implacáveis corruptores, e não eram, que Christian era
um devasso inconsequente, e não era, então talvez Robert... Ah, a quem
tentava enganar? Robert era um corruptor, era um devasso. Ele mesmo havia
admitido suas falhas.

— É passado. O marquês é tão meu amigo quanto lorde Tim é de
Luciane — defendeu-se Juliet — nada além.

Luciane abanou o leque de modo ligeiro, o rosto ficando um pouco
rosado.

— Vamos mudar de assunto. Óbvio que lorde Brighton não está mais atrás de Juliet, que agora é noiva. Ele pode ser muitas coisas, infame, astucioso, jogador, mas não é esse tipo de conquistador que estraga a felicidade alheia.

Georgiana concordou:

— Ah, de fato. Dizem que não tinha consideração com nada alguns anos atrás, mas tem melhorado com a idade. Tem mesmo... cada dia mais lindo...

As jovens riram, todas abanando-se vigorosamente com seus leques.

— De qualquer modo, acho pouco provável que se satisfaça com uma donzela, pois dizem que adora sexo, e é insaciável. — disse Luciane.

— Ouvi o mesmo sobre lorde Tim. — completou Georgiana, olhando Luciane com um sorriso malicioso na boca.

— Preocupe-se com seu tenente-coronel, sua assanhada. — riu Luciane.

O assunto mudou para o Miles, o noivo de Georgiana, com novas e divertidas insinuações, porém Suzanne não mais conseguiu relaxar.

Foi um alívio quando Grayson Shakman convidou Suzanne para dançar. Além de bonito, o amigo de seus primos era muito simpático, e logo estavam rindo juntos enquanto bailavam pelo salão, e a jovem pôde esquecer, ao menos por alguns momentos, sua situação delicada com o nobre por quem estava se apaixonando.

De onde estava, ao lado de Tim, bebericando um vinho de qualidade questionável, mas que servia para aplacar o aborrecimento do encontro com Eve, Robert agora assistia Suzanne dançar com Grayson, entre outros casais. Que aborrecimento. A sua Suzanne estava rindo e conversando alegremente com Shakman! O rapaz de cabelos encaracolados parecia encantado com a

companhia dela, e a atenção que a dama estava lhe dispensando. Claro, qual homem não estaria encantado? Ainda mais um como Shakman, que não podia ver mulher.

Robert bufou, sem conter-se, bebendo o resto do vinho de uma só vez, e servindo-se de um novo cálice. Tim fez uma careta: — Se você fosse propenso a ressaca, não abusaria desse vinho horrível. Eu, infelizmente não tenho essa sorte, deverei acordar com uma terrível dor de cabeça se arriscar mais um copo.

— Se eu não me distrair bebendo esse vinho horrível, vou acabar fazendo uma tolice — Robbie olhou em direção à sua escolhida, significativamente.

Tim acompanhou seu olhar até onde Grayson Shakman bailava com Suzanne, o braço em volta da cintura fina da moça, um sorriso sensual nos lábios.

— Ah... Até quando vão manter esse... não sei...flerte ou namoro... em segredo?

— O quanto for necessário. — respondeu, ríspido.

— Admiro sua paciência. Hum... Shakman faz um belo par com Suzanne. Aliás, a bem da verdade, ela faria um belo par com qualquer homem...

Robert fingiu não dar atenção à provocação do visconde de Alvoy.

— Gostaria de sentir que ela confia em mim realmente antes de falar com seus pais sobre casamento.

— Compreendo. Tem medo do compromisso. — deu de ombros.

— Não seja absurdo!

Tim deu uma risadinha.

— E pensa que por anunciar o noivado ficarei livre dos rivais? —

indagou Robbie, com ar de pouco caso — O anel de Luciane deteve você, por acaso?

— Está bem, então não ponha o anel no dedo de sua princesinha ainda. E fique assistindo aquela delícia receber gracejos e adulações de todos os rapazes de Londres. Dos que estão disponíveis, e até dos que não estão. Outro dia, no clube, ouvi dois nobres casados falando sobre a prima de Jake, e como seria ótimo ter uma amante tão esplendorosa, com um sopro de jovialidade tão arrebatador. Um deles, o Stanton, cogitava presenteá-la com um colar de rubis em troca de um pouco de atenção. Pensavam em fazer uma aposta para ver qual deles conseguiria um encontro com a moça. Não estavam nem um pouco preocupados com a opinião que a família dela poderia ter sobre o assunto.

Robert estava chocado. Não se preocupava muito que os rapazes mais jovens assediassem Suzanne, pois eram todos companheiros de Jake e Christian, e ele também os conhecia bem, dos clubes, e das farras compartilhadas. Por mais ávidos que fossem os moços, suas investidas em geral eram inofensivas, não apostavam aliciar as virgens, contentavam-se em dormir com rameiras, e quando muito, seduzir bailarinas ou viúvas. Porém os homens mais velhos eram outra história, e o marquês sabia muito bem disso, pois os conhecia ainda melhor do que aos que estavam na faixa de vinte anos. Podiam ser ardilosos, egoístas e cruéis de fato. Se não fosse pela interferência e a amizade de Tim, ele mesmo seria um dos piores exemplos de gente desse tipo.

— Isso é um absurdo! Suzanne é uma moça direita, de família!

Tim concordou.

— Sim, o que torna o sonho de torná-la uma amante fiel ainda mais tentador para certos homens. Ela se moveria por amor e paixão, e não por necessidade de dinheiro.

Robert passara do choque à ira. Sim, Suzanne era linda, alegre e vibrante, seduzi-la e desvirginá-la a tornaria a amásia perfeita para um homem casado, que faria de tudo para mantê-la eternamente.

— Eu matarei o Stanton se bancar o sedutor com a minha marquesa!
— rosnou, com os dentes cerrados.

Tim parecia ligeiramente divertido com o aborrecimento estampado na face do amigo.

— Sua marquesa?

— Quem era o outro?

— Fox.

— Aquele cretino, explorador de escravos! Ele é um homem perigoso! Vou avisar a Sue agora mesmo. Ou melhor, avisarei Jake e Christian. — fez um movimento em direção ao centro do salão, mas Timothy o deteve com firmeza.

— Será complicado comunicar essa situação aos primos de Suzanne sem que você mesmo denuncie seu interesse na moça.

— Mas nesse caso não importa mais o meu desejo de esperar, será melhor...

— Eu avisei a Luciane. — retrucou Tim, cortando a fala do amigo — Estou certo que ela passará as informações tanto ao noivo quanto à Suzanne. Não estranhe se chegarem a seus ouvidos que Stanton e Fox apareceram em casa com seus narizes quebrados. Não creio que os irmãos Cunningham deixarão passar em branco os comentários ofensivos acerca de sua inocente priminha.

Entregou outro cálice de vinho ao marquês, e bebeu mais um pouco do seu próprio copo, dizendo a si mesmo que não se atreveria a beber mais daquela horrível bebida.

— Mais um delicioso vinho da nossa generosa anfitriã?

— Obrigado por ter contado a Luciane o que ouviu. Se os primos de Suzanne não tomarem providências quanto ao assunto, eu o farei. Não permitirei que um bando de patifes aposte que vai seduzir a mulher com quem me casarei.

— Se precisar de companhia para fazer justiça, sabe que pode sempre contar comigo. Gosto de uma boa briga.

— Sei disso. — respondeu, observando agora Suzanne dançar com Fallentin, outro jovem belo, simpático e irritantemente paquerador. Apertou os dedos com força contra sua taça, descontando a raiva, o ciúme e a frustração no pobre vidro.

CAPÍTULO VI

— Tem certeza que não deseja que a ajude com o vestido? — indagou a criada Liza, mais uma vez, intrigada provavelmente por ter sua ajuda dispensada de manhã e novamente agora.

Suzanne negou com veemência.

— Tenho certeza, Liza. Se precisar eu lhe chamarei, obrigada.

Liza não insistiu. Adorava aquela Cunningham, mas sem dúvida era uma mocinha que gostava de mostrar-se independente, e isso a deixava numa situação estranha.

— Viu as camélias vermelhas de hoje? — perguntou a criada, parada no quarto, diante da jovem — Juro que esse seu admirador merece uma chance só pelo bom gosto e pela quantidade de dinheiro que deve despende com esses buquês!

Suzanne sorriu. Robert se esmerava em agradá-la, e conseguia em todos os sentidos. Olhou a criada, que parecia resistente à ideia de deixá-la despir-se sozinha. Havia aberto os botões do vestido e agora estava meio em dúvida se devia ou não aguardar o fim do banho da sobrinha da patroa. Sue sorriu-lhe gentilmente.

— Vá cuidar de seus afazeres, Liza, eu a chamarei depois para ajudar-me com os cabelos, está bem?

Isso pareceu acalmar a moça, que saiu mais tranquila.

Suzanne deixou o vestido escorregar pelas pernas e retirou com rapidez também a roupa íntima. Inspeccionou-se. Ah, Robert deixara marcas em suas coxas e — contorceu-se para olhar seu corpo atrás — no seu traseiro! Imagine se Liza visse isso, que confusão seria! Não aguentaria mais

uma vergonha diante dos pais, e essa não se deteria só diante deles, se estenderia por toda a família, e certamente se espalharia para além da intimidade dos tios e primos. Esfregou a testa só de imaginar o escândalo. Não suportaria os olhares horrorizados dos pais mais uma vez, principalmente depois de prometer-lhes agir dignamente.

Entrou na água quente da banheira olhando com tristeza as manchas roxas, sinal dos dedos ávidos do marquês. Estava quase certa que as marcas foram deixadas propositalmente. Talvez para lembrá-la de que já pertencia a ele? Fechou os olhos, pensando em Robert, e sentiu o corpo responder de imediato, de forma desavergonhada, como se as mãos dele a estivessem tocando do novo. Perigoso, perigoso, disse a si mesma, tentando organizar as ideias, pensando se não seria melhor encerrar esse namoro inadequado antes que ficasse mais inadequado ainda. Conseguiria fazer isso?

Suzanne não conseguiria. Não conseguiu no dia seguinte, nem no outro, nem na semana inteira que passara, muito menos hoje. Passear no museu, de mãos ou braços dados com Robert, e ocasionalmente ser puxada pela cintura quando ele desejava chamar-lhe atenção para algo mais interessante, a fizera deixar cair mais algumas das barreiras que tentava em vão manter erguidas diante do marquês. E o que mais a desconcertava era que o convite não fora apenas para um passeio trivial num local que ficava vazio durante as tardes entre os fins de semana, onde poderiam caminhar juntos sem chamar atenção, mas sim uma forma de mostrar a ela um pouco do que parecia ser um de seus programas favoritos. Robert gostava mesmo de antiguidades, de pinturas e esculturas. Era muito culto e interessado em várias coisas que ela jamais poderia imaginar, pois não era um membro típico da aristocracia, não tinha a pompa daqueles que se julgavam superiores, e servem-

se das artes e da cultura para tripudiar dos menos esclarecidos. Não esperava que o homem que vira pela primeira vez, um semideus atravessando um salão de bailes e fazendo todos os outros se moverem a sua volta quase em reverência muda e involuntária, pudesse ter tantas facetas. Contraditório. Sim, contraditório era um bom adjetivo para definir Robert.

— Em quase todos os lugares que estive, em várias partes do mundo, sempre notei que os mais interessados em artes ou antiguidades eram os aristocratas mais esnobes e fúteis. — ela sorriu.

— Está me chamando de esnobe? Ou de fútil? — Robert sorriu, parando em frente a uma bela estátua de Baco. Puxou-a pela cintura com as duas mãos, de forma que Suzanne quase grudou nele.

— De nenhuma das duas coisas. Aí está a surpresa! Estou admirada com seus interesses e seu conhecimento.

— Preconceituosa... — deu-lhe um beijo rápido na ponta do nariz, e outro mais demorado na boca, aproveitando a solidão do local. As únicas presenças além deles eram Tristan e Juliet, de braços dados, conversando sobre uma pintura do outro lado do salão.

— Não sou preconceituosa. — defendeu-se.

— Assim espero, meu bem. — a voz saiu ligeiramente rouca, e a frase soou dúbia. Suzanne notou que ele havia se dispersado de seu pensamento anterior e agora olhava fixamente os lábios dela, como se pretendesse devorá-los.

O desejo era evidente na expressão dele, assim como devia ser na dela, pois o coração parecia estar pulsando agora bem abaixo do umbigo.

— Sobre o que estávamos falando mesmo? — Robert indagou, de olhos entrecerrados, fazendo Sue dar uma risada.

Ele a surpreendia mais uma vez, pegando-a pela mão, e conduzindo-a

até o outro salão, bem humorado, fazendo brincadeiras inocentes em relação aos rostos expostos nas telas, deixando para trás o político britânico, o nobre estudioso, o libertino famoso.

Mais uma vez Suzanne viu o homem, a incógnita se desfazendo, se firmando cada vez mais em um namorado adequado para qualquer moça. Encerrar o relacionamento com Robert? Apartar-se de seu toque, abrir mão de seus beijos? Perder o som de sua voz, sua risada macia, seus comentários divertidos? Afastar-se de seu olhar sedutor, de sua boca irresistível e suas mãos grandes e quentes? Não poderia nem mesmo se assim quisesse, e seria uma louca se assim fizesse.

— Quem sabe se não passamos nossa lua de mel em Florença, e assim a levo a conhecer a estátua de David, do mestre Michelangelo? — Robert falou, quase distraidamente, olhando uma réplica em tamanho bem menor do que a original.

Suzanne quase pulou em seu colo. Sim, viajara por muitas partes do mundo, mas nunca visitara Florença, e ver a famosa obra, acompanhada de Robert seria incrível! E ele falara em lua de mel, meu Deus!

— Amanhã vamos à mostra itinerante de Caravaggio? — indagou Juliet, animada, interrompendo o namorico dos amigos.

O casal concordou de imediato.

— Tenho uma coisa para você — disse Robert, sentando-se ao lado de Suzanne num banco de mármore, no pátio do museu onde haviam acabado de admirar a arte do pintor Caravaggio. O criado do marquês, Callum, que os havia seguido discretamente, aproximou-se a um sinal do patrão, e lhe entregou um pacote — Considere um presente pelo tempo precioso em que estamos juntos.

NACIONAIS-ACHERON

Suzanne abriu o pacote elegante e soltou uma exclamação ao ver o que havia dentro: Uma tiara de ouro, muito bonita, ornada com pérolas.

— Rob!

Robert sentiu um tremor no peito ao escutá-la pronunciar a palavra. Ganhara um apelido íntimo? A forma com que Suzanne pronunciara “Rob”, fez seu sangue ferver. Se estivessem em outro lugar, esse seria o momento em que se lançaria sobre ela e lhe arrancaria as roupas.

— Gostou? — perguntou, de forma arrastada.

— Adorei! Mas, o que direi em casa sobre esse presente?

Olhou-o com os imensos olhos verdes, e Robert teve dificuldade de responder. Não porque lhe faltassem palavras, pois tinha a resposta na ponta da língua desde que vira a peça em sua joalheria preferida na Regent Street. O próprio dono da loja fazia questão de atendê-lo sempre, pois o marquês abastecia de presentes caros todas as suas conquistas, e sendo Brighton um dos melhores clientes, havia guardado a tiara especialmente pensando nele, sabendo que o agradaria. “Sim, vou levá-la”, havia dito assim que seu olhar pousou sobre a joia. “Mas quando chegar um conjunto discreto de esmeraldas, quero que reserve para mim”, avisou, deixando o negociante esperançoso.

— Diga que foi dado por mim, o marquês de Brighton. Já está na hora de seus pais começarem a acostumar-se com a ideia de ter a mim como genro.

Foi a vez de Suzanne tremer e demorar em sua resposta. Não podia simplesmente anunciar que aceitava presentes de um renomado libertino sem que ele antes viesse falar com seu pai sobre suas intenções, e não podia permitir que Robert Barker fosse à sua casa pedir-lhe em casamento sem que antes soubesse da verdade sobre ela. E ainda não achara melhor modo de contar-lhe o que precisava. Respirou fundo antes de falar: — Sabe que não

NACIONAIS-ACHERON

posso fazê-lo.

Robert apenas a olhou. Sabia.

— Não deveria nem sequer aceitar esse presente sem a autorização de meus pais. E nem deveria estar me encontrando com você sem que eles saibam. E... não deveríamos...você sabe...

— Não, não sei. Não deveríamos o quê? — perguntou, com voz tranquila. Sabia que ela falaria sobre os beijos, as carícias ousadas. Mas desejava ouvi-la falar.

— Ter — ela corou, e desviou os olhos — ter tanta intimidade.

— Fiz algo indevido hoje?

— Não, não hoje, mas todas as outras noites... nós... temos sempre passado do limite...

— Não aprecia os momentos que temos juntos, a sós?

Suzanne analisou os olhos azuis que pareciam sorrir, embora a boca do marquês não apresentasse um sorriso, mas fizesse uma ligeira curva sensual ao encará-la. Sentiu que seu rosto ardia, e não teve coragem de admitir o quanto apreciava cada toque.

— Não deveria permitir-lhe... tanta liberdade comigo. — Não deveria, não. Ainda na noite anterior, no jantar dos Fallentin, o marquês conseguira roubar-lhe um tórrido beijo na varanda, comprimindo seu corpo contra o parapeito para que não pudesse fugir.

Robert desejava que ela fosse mais direta, mas acabou apiedando-se de seu rubor.

— Oh... — fingiu consternação — Compreendo...

Suzanne voltou a fitá-lo, atraída pelo seu tom de voz contrito.

Robert mordeu o lábio inferior, premeditadamente, como se lhe custasse falar.

— Bem, querida Sue, as vezes é difícil para um homem apaixonado manter as mãos bem comportadas. Bem como os lábios... — isso era verdade, e a fera dentro dele estava tão faminta que lhe era quase impossível contê-la.

Suzanne teve um pequeno sobressalto. Apaixonado? Seria verdade? Seria possível?

Robbie saboreou sua pequena vitória. Conseguira ver o que se passava na mente de Suzanne com clareza absurda, estampado em sua face. Embora ela muitas vezes soubesse esconder suas emoções de forma que o perturbava, pois julgava que fosse uma habilidade impossível em alguém tão jovem, nesse momento estava muito claro: Ela estava surpresa e um pouco incrédula. Mas, além disso, estava encantada com a possibilidade dele estar sendo sincero. E estava, como ele bem sabia, mas Sue precisava de fato acreditar nos seus sentimentos. Se algo de útil havia retirado de seu relacionamento com Eve, era que conviver com uma pessoa que não lhe tinha confiança era absolutamente terrível. Se uma relação de poucos meses, sem compartilharem o mesmo teto todo o tempo, havia sido desgastante, imagine-se uma esposa insatisfeita, dia e noite juntos na mesma casa. Por essa razão tentava ser paciente, mas sentia fraquejar em seus propósitos sempre que estavam a sós, sempre que via o rosto primoroso, a expressão vibrante, a generosa boca rubra de Suzanne, ou observava-lhe o corpo apetitoso, os cabelos brilhantes pedindo para serem tocados. Era difícil resistir, e desde que começasse a tocá-la, não era fácil parar. E sabia que era uma pressão malévola em sua escolhida fazer isso, mas não podia evitar.

Suzanne tinha a mente em torvelinho. Estarem apaixonados explicaria muita coisa na forma como se atiravam avidamente nos braços um do outro desde a primeira vez, e aplacaria um pouco o temor que sentia de ser uma irremediável depravada. Pensando bem, não era a única moça que via-se as voltas com um namorado um tanto assanhado. Georgiana, sempre tão

segura de si, não havia lhe segredado, muito nervosa, que não sabia mais como conter as investidas de seu noivo, e que a habilidade dele em colocá-la em xeque já estava lhe tirando o sono, se não acabasse por tirar-lhe algo mais antes mesmo do casório? E não via a forma como Tristan tocava provocantemente Juliet, e sussurrava em seus ouvidos coisas que faziam a noiva enrubescer, mesmo em público? Não, não era a única que vivia aquela estranha tensão, graças aos Céus.

— Usarei a tiara essa noite, na ópera. — ela prometeu.

— Ótimo! — Barker abriu um belo sorriso.

— Mas me prometerá manter-se bem comportado a partir de agora.

— Hum... — ergueu os olhos e conteve um suspiro. Isso era um retrocesso. Suzanne entendia que ele era um homem de trinta e dois anos, com ativa vida sexual desde os quinze? Que para ele já era incrível que estivesse há muitos dias cortejando uma moça sem esparramá-la sobre os lençóis? Que já estava bastante irritado por ter seu acesso aos seios dela negado, mesmo depois de já os havê-los tocado e até se deliciado com seu sabor? E também ela havia lhe refreado as mãos, queixando-se que lhe marcava a pele deliberadamente? Ele negara, claro, fingindo-se inocente, mas o exasperara o fato de não poder cravar-lhe os dedos como desejava, e como fizera antes. Planejava persuadi-la de modo a receber de volta os benefícios antes obtidos, e até a conseguir mais alguns, não perdê-los a todos de uma vez.

— Se não pode prometer, pode ao menos comprometer-se em tentar?

— perguntou ela, com uma ponta de irritação na voz.

Robert deu uma gargalhada.

— Sim, isso eu posso.

— Tente colocar-se em meu lugar. — falou, encarando-o seriamente.

Robert pegou a mão de Suzanne, brincando com seus dedos languidamente. Levando em conta o curto período em que estavam juntos, e o quanto explorara do corpo de Sue desde o princípio, uma virgem inexperiente, era certo que estava dando nós na mente dela, enchendo-a de medos e culpas, mesmo sem planejar isso. Amaldiçoou-se intimamente diante desse pensamento. Como ela poderia dissociá-lo da ideia de ser um libertino se a cada oportunidade punha-se sobre ela, como um cão no cio?

— Certo.

Mas então pensou em si mesmo, e ter suas vontades negadas mais uma vez pareceu-lhe também muito injusto. Afinal, se casaria com ela, que mal poderia haver em tocá-la com intimidade, e até dormir com ela se fosse o caso? Conhecia homens que tornaram-se amantes de suas noivas antes de casarem-se, e isso não os desmerecia. Por que ela tentava a todo custo detê-lo, já que notadamente desfrutava como ele das carícias ousadas?

— Leva em conta que a levo a sério, e que só espero o seu sinal para falar com seus pais? — indagou Robert, analisando-a argutamente.

Suzanne o olhou como se fosse um ser de outro mundo em resposta, aumentando sua frustração. Sentiu como se lhe dessem uma estocada nas costas.

— Todo esse tempo juntos, todos os dias, e ainda não confia em mim, Suzanne? — seu tom de voz soou ríspido até para seus ouvidos — Nem um pouco?

Suzanne não se intimidou com a voz irritada do marquês, nem com o olhar de harpia que lhe lançara.

— É difícil confiar em qualquer homem, mas certos casos são ainda mais complexos, como é o seu. Que posso fazer, marquês de Brighton, se você já seduziu praticamente toda a alta sociedade feminina do Reino Unido?

— Heim? — Robert levantou-se bruscamente do banco, fazendo Tristan e Juliet abandonarem a conversa que estavam tendo ali perto, e aproximarem-se deles muito rapidamente.

— Vossa Graça ouviu muito bem. — Suzanne respondeu friamente.

— Isso é uma grandessíssima mentira! Não poderia fazer tal coisa nem se tentasse, nenhum homem seria capaz de tal façanha! — Brighton, acostumado a fazer sua voz ecoar por toda a Câmara dos Lordes, agora trovejava de modo que todos no museu o deveriam estar ouvindo.

— Brighton! — Tristan chamou-lhe em voz moderada — Assim realmente vão atrair atenção.

— Suzanne supõe que carreguei para minha cama praticamente todas as damas nobres do Reino Unido! — reclamou o marquês, já em voz baixa.

— Isso não é humanamente possível, Suzanne. — explicou Tristan, professoral.

— Obrigado! — retrucou Robert, já contido.

— Ele fez isso só com a parte correspondente à aristocracia inglesa. A Escócia, por exemplo, não se inclui. — esclareceu Tristan.

— Tristan! — a voz de Juliet o repreendeu.

— Desculpem, estou brincando. É que me parece demasiado ridículo discutirem por isso. Suzanne, não seja infantil. Brighton, controle sua ira.

Antes que o casal pudesse responder, Simon, o criado pessoal de Tristan, veio correndo até eles, confidenciando algo ao ouvido do seu patrão.

— Discutam depois, caros amigos. Meu criado acabou de ver lady Felicity e a viscondessa Domenica entrarem no museu.

Juliet pegou o braço de Suzanne, arrastando-a para longe dos cavalheiros.

— Vamos embora já, essas mulheres são terríveis fofoqueiras!

— É um homem por quem as mulheres se matariam por um pouco de atenção. É um marquês. É um político preocupado verdadeiramente com as classes menos favorecidas. Além de ser lindo, inteligente e divertido, é muito, muito rico. Deve valer, no mínimo, um milhão de libras, fora as propriedades e os muitos hectares de terra agregados. É, sem dúvida, um dos solteiros mais cobiçados do Reino Unido.

Suzanne estava de olhos fechados, ouvindo a voz de Juliet enumerando todas as qualidades de Robert Barker como se fosse um daqueles mantras indianos que ouvira num templo certa vez.

— Sei de tudo isso, sei. — doía-lhe a cabeça.

— Ele está sinceramente interessado em você, Sue. Deseja compromisso, de fato. Quer deixar os tempos de libertino para trás. Deveria ao menos tentar acreditar nele. É um bom homem, estou certa.

— Mesmo que seja assim, Jules, sabe do meu problema. É a única amiga a quem confiei meu segredo, e sabe o quanto é grave. Todas as vantagens de uma união com Robert que você tão bem citou, são as mesmas razões pelas quais um matrimônio com ele é inviável!

— Pelo contrário, minha amiga! Não posso pensar em algum homem que pudesse se mostrar mais compreensivo com seu passado do que lorde Brighton.

Suzanne explodiu num choro.

— Não posso contar-lhe, não posso!

Vai me julgar uma hipócrita quando lhe contar, pensou Suzanne, ainda mais porque detivera seus avanços. Não entenderia que sua resistência fora um sinal de covardia, e imaginaria que intencionava dar-lhe um golpe, pondo-o tão ansioso por tê-la em seu leito, que aceitaria qualquer coisa que

dissesse.

— E por que não pode? — a amiga abraçou-a, afagando-lhe os cabelos.

— Porque o amo! O amo tanto que não poderia suportar se me rejeitasse!

— Ai, Suzanne... Então levará isso até quando? — Juliet suspirou.

— Eu não sei, simplesmente não consigo saber o que fazer.

— Então não faça nada. Por favor, não faça nada, não se precipite. Deixa apenas as coisas... fluírem. Afinal, não tem nenhum pretendente que realmente lhe interesse além de lorde Brighton, tem?

— Não. — enxugava as lágrimas.

— A não ser que considere o major Adams, ou o lorde Mortimer.

Suzanne deu uma boa risada. Juliet sabia espantar sua tristeza como nenhuma amiga poderia.

— Major Adams e seus dez filhos ou lorde Mortimer com seus noventa anos! Oh, não sei qual é o mais sedutor!

E as duas puseram-se a rir.

Tristan tinha mais de um metro e noventa, Robert era quase tão alto quanto ele, e ambos possuíam uma compleição larga, de modo que, lado a lado, formavam um bom muro de contenção. A viscondessa Domenica e sua amiga lady Felicity não puderam ver Suzanne e Juliet escaparem pelo outro lado.

— Senhor Smith, Vossa Graça. — cumprimentou a idosa viscondessa, quase num resmungo — Não sabia que os cavalheiros apreciavam as artes.

— Senhoras. — cumprimentou Tristan com secura, sem dar-se ao trabalho de responder ao comentário. Não gostava das duas mulheres, sabia que isso era recíproco da parte delas, e não tentou fingir simpatia pelas damas responsáveis por denegrir a imagem de muita gente a quem considerava.

Lady Felicity os observou com seus olhinhos de raposa por baixo das pálpebras caídas pela velhice, meneando a cabeça ligeiramente.

— A exposição de Caravaggio atçou nossa curiosidade. Mas já havíamos encerrado nosso passeio. Boa diversão, senhoras. — respondeu o marquês, com um sorriso frio. Os dois homens afastaram-se logo, e viram a carruagem de Tristan ganhar distância, carregando suas prometidas.

— Me dá uma carona, Brighton? — indagou Tristan a Robert, observando seu veículo ao longe.

— Claro.

Entraram na elegante carruagem com o brasão do marquês de Brighton. O dono da carruagem tamborilou um pouco os dedos na beira da janela.

— Por que não me chama de Robert, Tristan? Não me vê ainda como um amigo seu?

Tristan o olhou, um pouco surpreso:

— Não achei que importasse...

— Eu me importo. Considero você um bom homem, e têm me ajudado muito com Sue. Sou-lhe grato e queria que também me considerasse como um amigo a quem pudesse pedir ajuda se um dia precisar. — falou com um pouco de aspereza, ainda aborrecido com a discussão no museu, e pelo fato de Suzanne ter que deixá-lo às pressas, sem conseguirem acertar as contas. E sem mesmo sequer um beijo de despedida!

— Tudo bem, Robert.

O marquês fez um pequeno gesto de agradecimento com a cabeça.

— Como é possível que em um minuto eu tenha uma moça doce e sorridente ao meu lado, e já no seguinte estejamos aos gritos um com o outro? Acho que não sei lidar com... mocinhas mimadas! — resmungou Robert, mais para si mesmo do que para o amigo. Não era de falar sobre mulheres com quem quer que fosse, e isso o fazia quando no máximo com Tim, nunca em sua vida com Tristan, apesar de tê-lo em boa conta. Porém tinham algo em comum agora — mais do que piadas, drinques, jogos e tabaco — eram duas donzelinhas com temperamentos semelhantes, amigas e confidentes, e dois mal-afamados querendo possuí-las para a vida toda.

— Pode dizer o que quiser da senhorita Suzanne, menos que é uma menina mimada. Para seu consolo, se é que não sabe, todos os casais têm suas rusgas. Isso é natural.

Robert apenas grunhiu.

— Tem muita experiência em relacionamentos estáveis, por acaso? — provocou Robert após alguns instantes, agradando-se da ideia de poder implicar com Tristan.

— Mais do que você, suponho. — respondeu o outro.

— É um fato. — admitiu Robert.

Levaram mais uma parte da viagem em silêncio, apenas ouvindo os sons das rodas sobre as ruas irregulares, sentindo o chacoalhar preguiçoso da carruagem.

— De verdade está tão aborrecido porque ela lhe provocou com uma reclamação tola e ciumenta? — indagou Tristan.

Robert deu de ombros. Depois dos exageros de Eve, a insinuação de ciúme de Suzanne não era o que o incomodava.

— O que me irrita é que não confia em mim.

— Ah... — Tristan coçou o queixo — E porque acha que alguma dama que se preze deveria confiar em gente como nós, que tem um passado assim...digamos...tão popular?

A frase pareceu animar o marquês, que analisou com cuidado ao amigo.

— Juliet então também implica com esta questão, mesmo seu passado sendo menos problemático que o meu?

— Claro que implica. Mulheres são assim mesmo, não se pode prever o que lhes vai na cabeça. Até quando parecemos estar fazendo tudo certo elas podem ficar num tremendo mau humor. As coisas entram no eixo depois de algum tempo, verá. — deu de ombros — Eu diria que deveria ser mais paciente, Robert.

Robert tentou em vão conter um bufar de irritação.

— Sempre fui paciente e não vou apressar Suzanne a confiar em mim e me aceitar sem reservas. — respondeu, mas sabia que em relação a Suzanne, sua paciência deixava muito a desejar. Claro que poderia simplesmente seduzi-la e deixá-la sem opção a não ser casar com ele de uma vez, mas não queria agir assim — Não se preocupe pela amiga de sua noiva, não vou pressioná-la.

Tristan deu um sorriso torto, e replicou, em tom irônico: — Sem pressão, não é? Então tem mais paciência do que eu imaginava...

O marquês não respondeu, voltando seu olhar para a janela, fingindo apreciar a paisagem sem graça da cidade.

Os pais de Suzanne tinham uma ótima condição financeira. Além do valor herdado pela família e do dote obtido com o casamento, o senhor

Gerald ganhava um bom dinheiro como botânico, obtendo lucros expressivos com seus livros, palestras e cursos ministrados pelo mundo todo. Desse modo, a senhora Martha pôde proporcionar um guarda-roupa invejável para a temporada de sua filha única em Londres. A verdade é que a velha dama contava como certo que Sue casaria-se em poucos meses, e ela e o marido poderiam, com a consciência tranquila, comprar um pequeno apartamento em Londres, apenas para manter uma referência, e logo que possível partir novamente em suas viagens expedicionárias, voltando ocasionalmente para paparicar os futuros netos.

Assim, mãe e filha agora ocupavam-se animadamente em escolher no armário o vestido mais elegante para a moça usar na ópera logo mais a noite. Ou pelo menos deveria ser animado para as duas. Suzanne não se sentia tão estimulada, ainda se censurando por ter começado uma discussão sem propósito, exigindo a Robert um comportamento que, se fosse pensar bem, era um desnecessário castigo a ambos.

A mãe afastou-a de seus devaneios:

— Creio que nos mudaremos em breve. Seu pai tem visitado algumas residências disponíveis aqui perto. E ficará próxima de teus primos, te parece bom?

— Certamente, mamãe. — ela sorriu, distraída.

Vários trajes belos e elegantes eram observados e descartados depois de uma minuciosa inspeção.

— O dourado, claro! — a mãe pegou um vestido creme, cheio de detalhes em dourado a partir do peitilho, pedrinhas bordadas, faixa larga de cetim logo abaixo do busto, como ditava a moda, e fitas nas barras e nas mangas, sem contar a anágua brilhante, que por baixo da saia de tecido fino, fazia o traje reluzir com elegância, como se houvesse recebido uma delicada camada de ouro em pó.

— Tem certeza? — indagou Suzanne, engolindo com dificuldade. O vestido era mesmo primoroso, mas na última prova com a costureira, espantara-se com a profundidade do decote — É muito provocante.

Isso significava que, se Robert já não estivesse aborrecido e viesse até ela, ficaria indócil ao vê-la com algo tão sedutor. Afinal, ele já ficava indócil por muito menos. Pelo menos no camarote da família Smith nada de mais poderia acontecer, o que a tranquilizou um pouco.

— Tolice. Vai acompanhada de seus dois primos e ficará sentada ao lado de Luciane e Juliet, boas meninas. Ademais, lady Clarissa Smith, também estará lá, uma dama exemplar. Que mal poderá haver, além de atrair atenção de algum pretendente de peso? Os homens vão apenas admirá-la, querida, e no máximo beijar-lhe a mão. Quem sabe amanhã mesmo já receberá um pedido que realmente valha a pena, heim? A ópera sempre é frequentada pelos melhores partidos! Será ótimo!

— Ótimo... Parece até que a senhora gosta de ópera. — sorriu.

— Ah, não gosto, assim como nunca gostei de ballet e festas da sociedade, mas foi assim que conheci seu pai, e com ele alcancei a liberdade de que tanto ansiava, e pude me livrar logo dessas obrigações. Sabe que prefiro passeios ao ar livre, e apreciar a natureza.

O que era fonte de alívio para Suzanne. Se sua mãe gostasse, um pouquinho que fosse, de frequentar os bailes, seria insuportável. Via o constrangimento que a maioria das mães de meninas casadoiras infligia às suas filhas, e sabia que era bem pior do que ter uma ou outra briga provocada pelos primos superprotetores que a acompanhavam às festas noturnas.

— Então que seja o dourado. — respondeu Suzanne, sem muito ânimo, colocando as longas luvas que lhe faziam conjunto.

E começou a vestir-se, enquanto a mãe tentava domar-lhe os belos cachos até desistir.

— Adoro-os e fico feliz que recebeste esta herança fabulosa de uma de nossas lendárias antepassadas escocesas, Sue, mas creio que para a ópera faria bem mantê-los controlados. Chamarei Liza, que adora cuidar de ti e tem muito jeito com seus cabelos.

— Mãe, quando nos mudarmos, acha que titia me deixaria levar Liza? Nunca tivemos uma criada pessoal, e ela é tão gentil... — e Liza, pensou Suzanne, queria namorar e talvez casar, e a tia Ellinor a vigiava mais do que se fosse sua própria filha. A moça não podia ir sequer fazer compras sozinha. No entanto, Suzanne e sua imaginação para o romance já via a francesinha simpática de braços dados com Callum, o criado de Robert, um jovem discreto, que acompanhara o patrão uma ou outra vez em que haviam saído em dupla com Juliet e Tristan. Robbie achara estranho quando ela indagara se o rapaz era solteiro e de bom caráter, e a satisfizera com respostas favoráveis a ele.

— Podemos tentar, querida. — largou a escova, olhando novamente os cachos generosos da filha — Bem, ao menos posso ajudá-la com o fecho de seu cordão.

A senhora Martha afastou-se, resignada, depois de colocar uma correntinha de ouro no pescoço da filha, fazendo pender um pingente delicado sobre o sulco formado pelo encontro dos belos seios, apertados pelo espartilho.

Alguma coisa sacudiu dentro dela, enquanto o pensamento viajava. Robert se aproximaria, ou sua desavença no museu o teria cansado de vez? Não o queria longe, de forma alguma, mas temia tê-lo perto. “Deixe fluir”, dissera-lhe Juliet. Até onde iriam essas águas?

Balançou a cabeça, pegando a tiara de pérolas enquanto Liza entrava no quarto. Veremos então como reage a fera quando me vir, pensou.

— Arruma meu cabelo, Liza? — indagou à querida criada, com um

NACIONAIS-ACHERON

sorriso doce e inocente.

Suzanne e Juliet sentaram-se lado e lado, estrategicamente, e ocuparam seus assentos de modo que ficaram espaços vagos a direita de uma e a esquerda da outra, esperando por seus pares. Obviamente ninguém tomaria o assento de Tristan, que decerto desejaria sentar-se junto à noiva, e além de tudo era o anfitrião do camarote, mas quanto à Suzanne...seria apenas uma questão de sorte. Então foi com alívio e muita admiração que viu parar à porta do camarote, extremamente elegante em seu traje de gala preto, e indecentemente bonito, o marquês de Brighton.

A mãe de Tristan, lady Clarissa, logo acercou-se dele, e Suzanne viu, mesmo àquela distância em que encontrava, a força abrangente de carisma do lorde. E seu coração, mais uma vez, disparou.

— Robert! Quero dizer, Vossa Graça! — lady Clarissa sorriu ao rapaz, meneando graciosamente a cabeça.

— Por favor, milady, faz-me um homem feliz se apenas me chamar de Robert ou simplesmente Robbie, como fazia antigamente! — ele beijou a mão da senhora, galantemente. Gostava muito da mãe de Tristan, que sempre o tratara com carinho, mesmo quando seu comportamento diante da sociedade fosse de assustar qualquer senhora de respeito. Lembrava-se uma vez, havia muitos anos, numa festa dos Smith, em que ela estava rodeada de adolescentes, e ele era um deles, e todos a escutavam atenta e reverentemente, desejando em seu íntimo ter uma mãe tão gentil e simpática. Principalmente Robert, que perdera precocemente a figura materna.

— Está bem, Robbie. Então, meu querido, nos fará companhia esta noite?

— Tristan explicou à senhora? Emprestei meu camarote a alguns
NACIONAIS-ACHERON

amigos que desejavam trazer suas prometidas à ópera, e fiquei desse modo pouco à vontade para comparecer entre eles desacompanhado. Assim, quando comentei o fato com vosso filho, ele prestativamente convidou-me para me juntar aos seus, e não perder a estreia do espetáculo. Espero não causar nenhum incômodo à sua família e convidados.

— Duas coisas me intrigam, Robbie — ela o perscrutou com os intensos olhos acinzentados — que não conseguiste uma dama para acompanhá-lo à ópera com seus amigos, e que pudesse achar de algum modo que sua presença seria um incômodo para mim ou para quem quer que fosse!

O marquês soltou uma boa risada, ainda retendo a mão da dama entre as suas.

— Vá assentar-se, meu filho. Não se explique, para que não se complique. — arrematou, sagazmente, indicando com o olhar as cadeiras forradas com veludo. Depois que o marquês se afastou em direção aos assentos, a senhora bateu no braço do filho com o leque — Por que não me avisou antes que Robbie ficaria conosco esta noite?

— Por que avisaria às suas amigas, e todas as mães de moças solteiras estariam nos implorando um lugar. Eu não teria sossego durante toda semana e ele não teria sossego para assistir a ópera. Por favor, já bastam as admiradoras de Jake!

— Não se incomodava quando elas vinham atrás de você!

— Sim, mas agora eu estou fora do mercado. Esse artigo aqui já tem dona. — sorriu Tristan.

— Detesto quando fala desse modo! — mas sorriu-lhe de volta. Adorava a ideia de ver o filho único casado, enchendo-lhe de netos. E adorava a sua futura nora, Juliet.

Robert cumprimentou as pessoas já assentadas, e dirigiu-se a vaga ao

lado de Suzanne. Tinha que admitir: nunca se sentira tão abalado na presença de uma mulher como se sentia com Sue. Parecia um tanto tolo, levando-se em conta a vasta experiência e sua idade, e que ela era uma mocinha sem afetações. Não tinha por hábito usar decotes exagerados, adereços espalhafatosos e nada que chamasse demasiada atenção sobre si mesma. Claro, nem precisaria, sempre brilhava, e brilharia mesmo usando trapos pretos.

Esta noite, no entanto, Suzanne havia se esmerado. Estava magnífica, e para seus padrões usuais, sua vestimenta era surpreendente.

O marquês precisou um esforço sobre-humano para olhar apenas rapidamente onde o vestido destacava o belo colo e a curva que elevava o busto de sua adorada. Com aquele traje que valorizava seus atributos e a fazia resplandecer de modo dourado e sedutor, não poderia desgrudar-se dela, afinal a ópera era uma vitrine onde todos estavam expostos, voluntariamente ou não, e Suzanne sem dúvida era uma joia muitíssimo atraente. Não perderia a jovem de vista. Afinal de contas, aquela preciosidade era para ser sua, e só sua.

E embora ainda estivesse picado pelo modo como Suzanne o tratara de tarde, não julgava que lhe conviesse tratá-la com frieza. Ainda mais quando detectara o olhar quente e ansioso dela ao vê-lo aproximar-se. A moça não se dera ao trabalho de esconder as emoções, o que Robert achou maravilhoso. Mostrar o que sentia era um claro sinal de consideração e confiança, principalmente vindo de alguém que tinha o hábito desconcertante de invariavelmente ocultar-se usando uma máscara de irônico pouco caso. Começava, inclusive, a causar certa curiosidade essa atitude. Supunha que a bela agia assim para proteger-se de cavalheiros inconvenientes, porém algumas vezes, mesmo quando estavam num momento descontraído, sentia a moça retesar diante de algum comentário, e pronto, lá estava aquela irritante

expressão seca e desdenhosa. Felizmente não era assim agora.

— Lindas senhoritas, boa noite! Dão-me a honra de sentar-me junto a vocês?

As duas sorriram, assentindo ao mesmo tempo.

— Boa noite, Vossa Graça.

— Sente-se conosco, por favor.

Robert devolveu-lhes um sorriso encantador, que fez as duas ruborizarem adoravelmente.

— Será um intenso prazer. — sussurrou em resposta, de modo sedutor, para que só elas ouvissem.

E obviamente, o rubor no rosto delas aumentou.

Jake entrou no camarote de Tristan um pouco atrasado, e logo seus olhos pousaram sobre Barker.

— Por que o marquês de Brighton está no seu camarote e não no dele?

— Ficaré conosco hoje. Convidei-o.

Jake olhou ao amigo com espanto. Tristan, alguns dias atrás, queria comer o fígado do marquês porque ele atrevera-se a flertar com Juliet, e agora o aceitava amigavelmente no seio de sua família, o trazia para perto de sua noiva e de seus amigos?

— Endoidou, Tristan? Queria esganá-lo há poucos dias! O que é isso? A filosofia “mantenha seus inimigos por perto para vigiá-los melhor”?

Tristan deu uma risadinha.

— Robert não é meu inimigo. E nem vai incomodar Juliet. Deu sua palavra e acredito nele. Vamos lá, Jake, somos todos amigos do clube! — deu uma pancadinha amigável no ombro do outro — Você sempre disse que ele é um bom homem, e agora está com essa cara, me olhando como se me

tivessem surgido duas cabeças!

— Está certo. — respondeu, ainda desconfiado, e foi diretamente na direção onde estava o marquês.

Aproveitando que Chris e Luciane procuravam assentar-se, falou em voz alta: — Boa noite! Que tal se as damas ficassem juntas na primeira fileira e nós, cavalheiros, ficassemos logo na segunda? — sorriu.

Robert levantou-se imediatamente, com um sorriso cortês, cedendo seu lugar a Luciane. Já Christian olhou ao irmão aborrecido por ser privado de sentar-se junto à noiva. Tristan, ainda de pé junto à entrada, e percebendo a contrariedade no semblante de Chris, que estava se mostrando bastante territorial com Luciane ultimamente, sentou-se ao lado do amigo, para apaziguá-lo, deixando sua mãe junto a Juliet.

Suzanne olhou um tanto preocupada para Juliet.

— Meu primo enfim desconfiou... — sussurrou para a amiga.

— Não sei... No intervalo vamos chamar Jake para tomar um ar conosco no saguão, e distraí-lo de qualquer ideia a respeito do marquês. Está bem?

Suzanne concordou, sem melhor escolha.

No momento do intervalo, não só Tristan não havia conseguido tranquilizar Christian, como ele e Robert haviam sido contaminados pela sua insatisfação ao serem privados da companhia feminina de suas escolhidas, mal disfarçando a irritação crescente por se verem obrigados a admirar tentadoras nucas expostas, ombros que pediam para serem tocados, cachos sedosos aguardando para que aspirassem seus perfumes.

Bastava um olhar às três senhoritas para perceber o porquê da irritação de seus respectivos escolhidos. Eram três lindas damas, contrastantes entre si até nos tons de seus cabelos, sendo uma loira, uma

morena e uma ruiva. Cada uma vestida mais esplendorosamente que a outra, todas charmosas e sorridentes. E as delicadas risadas diante de alguma cena no palco, o balançar de seus leques, que espalhavam o odor floral de suas peles em cada canto, e o inclinar de rostos e bustos umas sobre as outras para algum cochicho divertido ou comentário mais crítico, fazia os homens postos atrás delas apertarem os maxilares de ansiedade, alheios à ópera. Apenas Jake parecia tranquilo e indiferente.

Quando os cavalheiros levantaram-se para esticar as pernas e fumar, Juliet e Sue agarraram-se aos braços de Jake, detendo-o.

— Leve-nos para passear pelo teatro, primo Jake! — pediu Sue.

Jake olhou em volta, como a pedir socorro aos outros homens, mas o que recebeu de volta foram três pares de olhos frios e inexpressivos, que logo voltaram-se para a porta, onde pretendiam se reunir para degustar seus charutos. Deixado para trás, Jake procurou encontrar a vantagem da situação. Duas lindas damas ao lado dele, ora bolas! Então por que não desfrutar de sua companhia, mesmo que, dadas as circunstâncias, apenas inocentemente?

Depois que Luciane e lady Clarissa declinaram cortesmente do passeio, Jake saiu do camarote com uma senhorita em cada braço. Juliet dizia aos amigos como estava feliz por ver-se livre essa noite do olhar aguçado de sua dama de companhia, que a deixara vir sozinha com lady Clarissa e Tristan, quando estacou diante do que via.

O corredor fervilhava de gente que ria, caminhava ou apenas conversava pelos cantos. Homens elegantes se desfaziam em gracejos às damas trajadas com ricos vestidos, os adornos de penachos balançantes sobre belas cabeças... Era fácil perderem-se uns dos outros entre a profusão de pessoas que iam e vinham, exibindo-se e admirando aos que se exibiam.

Jake começou a cumprimentar às pessoas conhecidas que passavam por eles, num passo arrastado e tranquilo. Ao aperceber-se dos olhares

NACIONAIS-ACHERON

voluptuosos sobre as damas que lhe acompanhavam, sorriu.

— Não desgarrem-se, lindas ovelhinhas. Os homens certamente virariam lobos e tentariam devorá-las! O olhar faminto que lançam para vocês é quase intimidante para o cão pastor aqui. Disse “quase”. — completou, olhando feio a um homem de costeletas grossas que passara perto demais de sua prima, roçando nela premeditadamente.

— Acha bonito esses arranjos exagerados nos cabelos? — indagou Sue, um tanto surpresa com a profusão de adornos na cabeça de uma mulher.

— Céus, parece que tem uma ave ali em cima! E estou certa que ela se mexeu! — emendou Juliet, olhando os cabelos de outra.

Os três explodiram numa gargalhada alta.

Já se divertiam há alguns minutos quando um senhor distinto cumprimentou-os e chamou Jake à parte. Era um cliente do advogado, e sua expressão denotava alívio por encontrá-lo àquela hora.

— Por favor, Cunningham, dê-me alguns minutinhos de seu tempo. Sei que não é o local adequado, mas preciso me acalmar contando-lhe meu problema.

Jake fitou as duas moças, apreensivo.

— Sir Stevens, gostaria de conversar, mas como pode ver, essa noite eu estou no lugar das damas de companhia dessas adoráveis jovens.

O ancião deu-lhe um olhar suplicante. O caso parecia sério.

Suzanne tirou-lhe o peso dos ombros:

— Ficaremos em seu campo de visão, meu primo. Converse com sir Stevens e cuide de aplacar sua ansiedade.

— Tratem de ficar por perto. — respondeu Jake, com voz de comando e olhar sério.

— Sim senhor, majestade. — a prima lhe fez uma reverência.

Assim que Jake se afastou um pouco, Juliet deu o braço à Suzanne, e as duas puseram-se a caminhar bem lentamente.

Jake observou o passo lento das moças e voltou sua atenção a seu interlocutor. Enquanto ouvia sir Stevens falar de seu problema, ia buscando em sua mente ágil e bem treinada, a melhor solução legal para o caso. Quando terminou de explicar a seu cliente todos os riscos e vantagens de sua estratégia, mais do que alguns minutinhos haviam lhe sido tomados, e suas acompanhantes já não estavam mais à vista. Despediu-se do ancião rapidamente, e começou a procurar Suzanne e Juliet entre a multidão, ligeiramente irritado. Dissera-lhes para ficarem por perto e haviam sumido!

Avistou a esplendorosa cabelereira vermelha da prima quase ao fim do corredor, e foi abrindo caminho até lá, com dificuldade, usando os ombros largos para afastar as pessoas. A uma certa distância divisou também Juliet, e percebeu com consternação que ambas estavam como que imprensadas contra uma parede, retidas por dois cavalheiros que Jake conhecia bem e lhe causavam asco: Stanton e Fox.

Brighton empurrou Fox e Stanton ao mesmo tempo, usando os braços fortes para afastá-los, e pôs-se entre eles e as moças que haviam maliciosamente tentado intimidar, mantendo-as presas a um canto contra a parede. Os homens de imediato deram um passo atrás, constrangidos pelo olhar gélido do marquês.

— Está tudo bem, senhoritas? — indagou o marquês, lançando-lhes um olhar rápido, postando-se protetoramente à sua frente.

Elas assentiram, com as faces coradas e expressões de alívio por sua chegada. O marquês sentiu as duas praticamente colarem-se às suas costas, buscando proteção. O temor que pressentiu nelas o deixou com ainda mais ódio dos homens diante dele.

— Brighton! Que prazer em vê-lo! — um dos homens exclamou,
NACIONAIS-ACHERON

surpreso com a chegada intempestiva do marquês.

— Sentiria-me ainda mais feliz se o encontrasse em companhia de sua adorável esposa, Stanton — respondeu Brighton, seco.

— Ah...ela está me aguardando, mas...

— Não a faça esperar, Stanton. Nunca se sabe quando pode aparecer algum devasso querendo se aproveitar de uma dama desprotegida. — o marquês o cortou, bruscamente.

— Oh...hum...claro, claro... Com licença, senhoritas, senhores... — Stanton afastou-se, rápido.

— O que está esperando, Fox? — indagou Brighton, encarando ao outro homem, com olhar gelado.

— Minha esposa não veio essa noite. — Fox sorriu, e alisou os bigodes — Que tal nós quatro conversarmos um pouco, talvez bebermos algo?

— Não há nada para conversarmos os quatro. Vou acompanhar as senhoritas até seu camarote, onde estão sendo aguardadas. — aproximou-se de Fox e baixou a voz, que mesmo num quase sussurro soou bastante ameaçadora — Julguei que os primos da senhorita Cunningham já lhe houvessem avisado que não o queriam por perto dela. Tenho certeza que o senhor Smith também preferirá que se mantenha bem distante de sua noiva.

— Que tem você com isso? — indagou Fox, desafiando-o, em um tom de voz que, no entanto, soou trêmulo.

— O respeito e amizade que tenho às senhoritas e às famílias delas, mas não espero que você entenda o que significam palavras como respeito ou amizade. — Olhou-o de cima antes de continuar — Não quero saber que você, Stanton, ou qualquer um de sua laia estão insistindo em perseguir às donzelas, ou tomarei minhas providências para que os negócios escusos de

vocês junto aos portos cheguem aos ouvidos da guarda alfandegária. Estamos entendidos?

O homem assentiu, com o medo agora bem estampado na face, e afastou-se quase correndo, empurrando com brusquidão aos que estavam em seu caminho, e acelerando o passo assim que viu Jake aproximar-se.

— Vou matar esse rato! — Jake rosnou, tentando pegar Fox pelo colarinho, enquanto Brighton puxava seu paletó com agilidade, retendo-o.

— Calma, Jake, não faça uma tolice! — o marquês pediu, com voz já serena, pondo uma das pesadas mãos sobre o ombro do amigo — Se fizer um escândalo vai constranger as damas aqui, e amanhã elas estarão na boca do povo, com uma história ridícula e ofensiva manchando suas imagens.

— Eles são abusados, Robert! Eu os avisei para que não chegassem nem perto de minha prima, e eles não somente ignoraram meu aviso como ainda vieram tentar constrangê-la em público, desconsiderando também Juliet, que é noiva!

— Os cretinos não viram as damas de companhia, nem você, Christian ou Tristan por perto, e julgaram que elas fossem presas fáceis. Mas não se atreverão a aproximarem-se novamente, eu garanto.

— Não precisa me dizer o que fez para conseguir que fugissem correndo, pois estou agradecido de qualquer forma. Venham, moças. Vamos voltar. — ofereceu seus braços, que elas logo ocuparam, com expressões ainda assustadas.

Jake permitiu que as moças entrassem, e deteve Robert à porta do camarote.

— Quero falar com você.

— Pois não?

Suzanne só tinha uma coisa em mente enquanto assistia a segunda parte da ópera: calças justas. Por qual absurda razão os homens usavam calças tão justas? Uma opção: economizar no gasto com tecido. Compravam pano suficiente para fazer duas calças compridas, mas ao invés disso mandavam, mesquinamente, o alfaiate cortar quatro peças. Segunda opção: o alfaiate desejava vender mais. Sugeriria uma calça justa dizendo que ficava mais elegante, com a clara intenção que a roupa rasgasse no primeiro movimento brusco de seu dono, e assim outra peça seria vendida em seguida. Opção número três, e a que parecia mais óbvia: Induzir ao pecado. Os homens usavam calças indecentemente justas para delinear seus atributos, exibir a musculatura de suas coxas, distrair e tirar o sono de qualquer dama, e Robert Barker as usava deliberadamente para enlouquecê-la. Olhou mais uma vez o marquês parado a um canto do camarote, conversando com Jake. Como Rob era másculo, imponente e sedutor! E sua expressão agora era tão séria e viril! Estava tão compenetrado, as sobrancelhas negras ligeiramente unidas num franzir... Oh, oh não, falavam dela...

Jake não fez rodeios:

— Graças a meu tataravô haver trabalhado como advogado do seu, em uma parceria entre famílias que dura até hoje, posso dizer que o conheço bem, Robert. Sei que é capaz de gestos absurdamente nobres, mas que também pode portar-se como um canalha sem coração.

O marquês não respondeu, apenas aguardando o que viria. Sabia que sua demora em falar com Jake sobre Suzanne acabaria sendo um erro, e agora apenas desejava que a coisa não tomasse proporções grandiosas demais para que o ressentimento entre as famílias não pudesse ser sanado.

— Por isso garanto-lhe, Robert, que não pretendo ficar de braços

cruzados se você novamente tentar se interpor entre Tristan e Juliet. Ele é meu melhor amigo e a moça é perfeita para ele. Basta observá-los por alguns minutos para perceber que estão apaixonados. Não irá atrapalhá-los por algum desejo que pode ser saciado com qualquer outra mulher disponível.

Robert ficou surpreso.

— De onde tirou a ideia que de que irei trair a confiança de Tristan de modo tão vil?

— Você já tentou cortejá-la. Esqueceu?

— Não achei que Tristan e ela estivessem envolvidos seriamente quando o fiz. Foi um erro que cometi, mas fique tranquilo, pois não vou assediar a senhorita Juliet Fiennes.

— Então o que faz aqui? — Jake semicerrou os olhos, avaliando o oponente.

— Nem sequer pode imaginar? — os olhos de Robert voltaram-se à primeira fileira do camarote, onde as damas estavam já assentadas.

— O que está querendo dizer? — a voz do advogado soou ligeiramente ríspida ao acompanhar o olhar do marquês até sua prima. Como não enxergara antes? Suzanne era mais bonita que Juliet, e atraía a atenção por onde passava, além de ser livre e desimpedida. Certamente um homem como Barker não ficaria indiferente a presença dela.

— Vossa prima é perfeita para mim, Jake.

— Se acha que vou aprovar isto, está louco!

— Ora, Jake! Um homem necessita ser amado um dia. — Robert sorriu e fez uma citação — “Se eu falar em línguas de homens e de anjos, mas não tiver amor, tenho me tornado um pedaço de latão que ressoa ou um címbalo que retine.”

— Verdade que está citando o apóstolo Paulo para justificar porque

deseja seduzir minha prima? — Jake retrucou, furioso. Não sabia como conseguia manter a voz sob controle. Só os anos de prática como advogado podiam justificar seu autodomínio naquele momento.

— Você só pensa o pior de mim, Jake! — resmungou o marquês — Vou casar com Suzanne. Já está na hora de assentar-me, meu caro. Quero uma esposa que não me entedie, e sua prima tem todos os atributos que procuro.

Jake empertigou-se. Compromisso era melhor que mera conquista, mas ainda assim o homem diante dele não lhe parecia um marido muito promissor.

— Suzanne é um anjo, e tem direito a um bom marido!

— E eu o serei!

— Já que gosta de citar a Bíblia, veja se entende isso: “Bebe água da tua própria cisterna e filetes de água do meio do teu próprio poço.”

Robert riu baixinho, assentindo com a cabeça vigorosamente.

— Dizem que sou uma criação conjunta entre Deus e o diabo, e por causa disso resolvi conhecer melhor a Bíblia, a princípio por brincadeira, para citá-la de vez em quando para que vejam que não fico incandescente ou cheiro a enxofre quando falo sobre a palavra do Criador. Acabei até gostando. — o marquês ficou pensativo por alguns segundos, procurando lembrar onde ficava a passagem citada por Jake — O que você citou é Provérbios 5, creio que versículo 15, e refere-se à fidelidade do marido. Julga então que não serei fiel à Suzanne?

Jake surpreendeu-se com o conhecimento de Barker, mas ainda assim manteve a postura rígida.

— Você? Em quanto tempo após casar-se, resolverá ir atrás de outras mulheres? Você a magoará com suas constantes e apimentadas aventuras. As

fofocas irão enlouquecer a Sue!

— Não sei em quem põe menos fé: na minha capacidade de ser um bom marido, ou na capacidade de Suzanne em ser uma esposa que me satisfará totalmente, em todos os sentidos.

Jake deu um passo a frente, o rosto ficando rubro: — O que fez à minha prima, seu devasso?

— Cuidado, Jake. — avisou-lhe o marquês, franzindo as sobrancelhas e esforçando-se também para falar em tom moderado. Não queria brigar com o velho amigo, muito menos agora que estavam prestes a se ligarem por laços de família. Respirou fundo — Não arranque seus cabelos à toa. Ela está tal qual a conheci, com absolutamente tudo no mesmo lugar.

Foi a vez de Jake respirar fundo, porém de alívio. Cruzou os braços antes de voltar a falar.

— Afaste-se de minha prima, marquês de Brighton, deixe-a em paz.

A postura de Robert ficou ainda mais rígida quanto a de Jake. Nunca gostara de receber ordens, e aquela era inconcebível. Respondeu a Jake entredentes: — Isso não será possível. E ela não é indiferente a mim, Jake.

Jake sacudiu a cabeça, mas antes de voltar a falar, foi interrompido pelo marquês: — É melhor para todos que você seja razoável... Eu e Suzanne nos gostamos de verdade.

O advogado cruzou os braços, tenso.

— Então por que ainda não procurou meus tios para falar de suas tão nobres intenções?

— Porque sua prima ainda não me autorizou a fazê-lo. — respondeu simplesmente.

— E o marquês de Brighton precisa de autorização para fazer alguma coisa? — Jake ironizou.

— Nesse caso, sim. Estou ansioso para poder assumir publicamente minhas intenções com Suzanne, pode acreditar. Mas ela tem que confiar em mim realmente, e estar pronta para aceitar tudo que vem agregado à minha pessoa e ao meu passado, para que o casamento dê certo. Então prefiro não pressioná-la. Você pode compreender isso?

Jake ficou pensativo, analisando cada palavra do marquês. Conhecendo-o há muitos anos, sabia que havia sinceridade em seu rosto e em sua voz.

— Sim, creio que posso compreendê-lo.

— Então confie em mim quando lhe digo que vou pedir a mão de sua prima em casamento. De qualquer modo já estamos comprometidos um com o outro, e não ouvirá mais nenhum relato sobre mim e outra mulher. Já sou fiel à Suzanne.

— Pelo visto então terei que me acostumar à ideia de minha prima se tornar a futura marquesa de Brighton... — havia uma sombra de sorriso em seu rosto — Mantereí seu segredo, Robert, mas se tentar bancar o cafajeste, não deixarei passar em branco.

— Não esperava que agisse de outra forma, Jake. Obrigado pelo voto de confiança.

— E eu tenho escolha? — deu de ombros, dirigindo-se ao seu assento, pois o espetáculo já havia recomeçado.

Depois que os artistas receberam os últimos aplausos, e as cortinas se encerraram por definitivo, o público começou a deixar seus lugares e se encaminhar tranquilamente para a saída, parando para eventuais conversas e cumprimentos aos conhecidos. Robert conseguiu puxar Suzanne pelo braço e atrasá-la, conduzindo-a a uma porta estrategicamente disposta atrás de um cortinado.

— Onde estamos? — Suzanne indagou, observando o longo corredor que se estendia além da porta. O local cheirava ligeiramente a mofo, provavelmente porque era pouco usado e o ar não circulava.

— É um acesso dos funcionários. Descobri por acaso, alguns anos atrás. Acredito que é pouco usado. Mas logicamente não a trouxe aqui para mostrar essa descoberta... Precisava ter você em meus braços nem que fossem alguns míseros segundos, Sue. Está tão linda! E a tiara...ficou perfeita em seus cabelos de fogo. — tocou com carinho os cabelos de Suzanne. Gostaria de cobri-la de presentes, mas no momento contentava-se em cobri-la tão somente de beijos.

Em seguida empurrou-a contra a parede, abraçando-a.

— Minha ruiva embrasante... Sabe o quanto estou ardendo por você?

Beijou-a com tanta sofreguidão, que Suzanne só pôde sentir-se agradecida por estar apoiada na parede, senão cairia. E quando as mãos dele fecharam sobre seus seios, apenas gemeu baixinho.

— Deixará dessa vez? — ele indagou, contra o ouvido de Sue, e ela pode notar que a indagação era feita através de um sorriso. Estava cômico que ela deixaria, mesmo tendo-o advertido a comportar-se àquele mesmo dia. Robert tinha bom faro para perceber uma mulher excitada, que desejava renderse.

— Oh, Rob...faça... — quase suplicou, esquecida, como das outras vezes, de qualquer noção de recato. Esperara o toque dele ansiosamente, com o coração suspenso durante toda a ópera, apenas fantasiando o momento de estarem a sós.

— Não leva espartilho... é muita tentação... — continuou a acariciá-la por sobre a roupa fina, sentindo os bicos dos seios dela se eriçarem.

Então lançou os lábios ardorosos ao pescoço que ela gentilmente lhe

ofereceu.

— Quero-lhe tanto, Suzanne...

— Também o quero, Rob, muito! Adoro estar com você! — conseguiu murmurar, abraçando-o intensamente, e aceitando o roçar da boca masculina na delicada pele de seu pescoço. O aroma que emanava do marquês, de limpeza e perfume masculino caro, ofuscava qualquer odor que sentira antes no espaço ínfimo onde se encontravam. Embriagava e excitava todas as vezes que a envolvia em seus braços.

Robert afastou o rosto alguns centímetros, descendo os dedos languidamente à cintura de Suzanne, e os olhos azuis cintilaram.

— É a primeira vez que diz algo que sente em relação a mim.

Suzanne surpreendeu-se.

— É mesmo?

— É. — ele sorriu.

Suzanne ficou alguns instantes apenas admirando o rosto apolíneo de Robert, antes de prosseguir: — Quero agradecer-lhe por ter salvo a mim e Juliet daqueles dois crápulas no corredor.

Robert beijou a testa de Suzanne, ternamente.

— Não precisa agradecer. Jamais permitiria que lhes fizessem mal. Minha querida, seu caráter e sua beleza, unidos aos de Juliet, são tentadores demais e quase uma provocação a certos homens. Existem, infelizmente, muitos como Stanton e Fox, que parecem aves de rapina à espreita, aguardando uma oportunidade de atacarem. — sabia por experiência própria o quanto mais interessante se tornava uma mulher aos olhos de um homem quando lhe rechaçava ou dizia “não”. E tanto Suzanne como Juliet despertavam em muito esse terrível instinto masculino.

Sei melhor do que ninguém o que os homens são capazes de fazer,

pensou Suzanne, com tristeza. Mas ocultou a amargura, e sorriu docemente ao marquês.

— Depois da forma como eu o tratei no museu, ainda assim portou-se como um exemplar cavalheiro em relação a mim...

— Não sou rancoroso, Sue, e jamais poderia ficar aborrecido com você por muito tempo.

Suzanne tinha dúvidas quanto a isso. Decidira-se a contar a Rob tudo sobre sua vida nos próximos dias, e acabar de uma vez por todas com a angústia em relação ao que ele poderia pensar sobre ela. Claro que podia tentar enganá-lo, casar sem dizer-lhe nada. Mas o marquês era um homem tão experiente que não se deixaria enganar na noite de núpcias, e sentiria-se ainda mais gravemente traído com a surpresa de descobrir que sua casta noiva não era casta de fato. O escândalo advindo da mentira poderia tomar proporções devastadoras para toda a família se ele viesse a pedir a anulação do casamento. Melhor encarar logo a questão, e aceitar os resultados que viriam antes que ela se apaixonasse ainda mais.

— Preciso lhe dizer que Jake já sabe sobre nós. — disse Robert.

— E como meu primo reagiu? — ela mordeu o lábio, ansiosa.

— Não ficou contente, mas aceitou com resignação o inevitável. — Robert sorriu amplamente.

Suzanne não conteve um ligeiro suspiro de admiração ao fitar a boca sensual, os dentes perfeitos que exibiam-se para ela. Alisou o rosto de Robert, carinhosamente, fazendo os olhos dele entrecerrarem-se de prazer ao seu toque.

— E o que é o inevitável, meu belo marquês? — indagou ela, num sussurro rouco.

Robert sentiu o corpo vibrar numa nota diferente ao ouvir a pergunta

de Suzanne. Não tanto pela essência das palavras, mas pelo tom de voz e a forma como o fitava. Lambeu o lábio inferior bem lentamente, avaliando o olhar de Sue e os sinais que lhe eram enviados.

— O inevitável é que seremos um do outro. O inevitável é que será totalmente minha... — respondeu, bem lentamente, enquanto as mãos deslizavam da cintura para os quadris de Sue, e os forçavam significativamente contra os dele.

Suzanne semicerrou os olhos, mas Robert podia ver o brilho esmeralda com incrível intensidade quando os sexos se tocaram. Mesmo sob toda aquela roupa, podiam perceber-se com indisfarçável clareza.

— Quando? — ela perguntou devagar, destacando as sílabas.

— Quando? — Robert engoliu em seco. Não conseguia pensar direito, não sabia ainda que tipo de resposta ela esperava. Se fosse outra mulher, a resposta seria “agora”, e sairiam dali diretamente para a cama dele, mas em se tratando de Sue, era necessário manter cautela — Quando nos casarmos.

— Quando nos casarmos? — ela repetiu, com um sorriso gentil. Beijou-lhe o pescoço.

Robert apertou-a com mais força.

— Se tiver alguma outra sugestão...

A voz de Suzanne soou branda.

— Precisamos ir, Rob, antes que Jake venha nos procurar.

Robert sentiu-se decepcionado. Por alguns instantes julgou que Suzanne declararia que não precisavam esperar até o casamento. Conteve-se para não retrucar. Havia prometido a si mesmo que seria paciente e não a pressionaria, e pretendia manter-se fiel à promessa.

O marquês abriu a porta e discretamente encaminhou-se com

Suzanne para perto das pessoas que ainda conversavam às saídas dos camarotes, sem pressa de deixar o grande teatro. Tristan despediu-se deles com um aceno, conduzindo a mãe e a noiva para as escadarias. Robert acenou-lhe distraidamente em retribuição, caminhando ao lado de Sue sem tocá-la, para evitar as fofocas que podiam surgir posteriormente a respeito deles.

— Sobre o que dizia ainda há pouco, Robert, tenho sim sugestões. Mas tudo depende de termos uma séria conversa antes. — murmurou Suzanne para o marquês.

Robert voltou-se para ela imediatamente, o coração acelerado.

— Assim será, então. — seu instinto então não o enganara. Sentiu-se renovado com a possibilidade de ter a formosa noiva em sua cama antes do previsto. E sem precisar sequer persuadi-la a isso usando dos habituais subterfúgios que guardava escondidos debaixo da manga. Suzanne e ele, finalmente nus entre lençóis de cetim! Procurou não pensar muito nisso, pois o corpo respondia rápido ao pensamento de fazer amor com Sue, e estava no meio de uma pequena multidão, usando calças bastante justas e reveladoras. Mas não pôde evitar um sorriso largo no rosto. Um sorriso que mesclava vaidade e triunfo.

CAPÍTULO VII

Juliet estava debruçada sobre vários livros de arte e pintura, enquanto Suzanne esperava pacientemente, com um sorriso irônico brincando nos lábios diante da indecisão da amiga. Estavam, havia já bastante tempo, naquela livraria, e Juliet, incrivelmente, havia sugerido que depois daquela loja ainda deveriam visitar outras duas. Sue resistira à vontade de ir até as prateleiras e pegar mais livros, somente para caçoar de Jules um tanto mais.

— Como pode escolher seus livros com tanta rapidez, enquanto eu pareço levar horas sem saber qual levar? — resmungou Juliet, olhando já com uma ponta de angústia a quantidade de livros que o vendedor havia posto em frente a ela, numa mesa que já estava repleta de volumes com o mesmo assunto.

— Por que o assunto que eu procurava é bem diferente do seu. E estes dois livros que escolhi são os únicos lançados recentemente. Todos os outros aqui meu pai e eu já temos. — Suzanne sorriu-lhe calorosamente.

— Você é mesmo muito gentil, Sue. Se a senhora Ellen tivesse vindo me acompanhar ao invés de você, teria já perdido a paciência.

— Pois acho sua preceptora um doce. Ela não perderia nunca a paciência com você.

— Ela é um doce mesmo. Graças a ela pude ficar noiva de Tristan sem precisar esperar meu pai voltar de sua viagem marítima. Tenho só a

agradecer que seja tão prestativa e tão íntima de nossa família, que confia nela até de olhos fechados. E ela simpatizou com meu noivo desde a primeira vez que o viu, ainda bem.

— O almirante também vai gostar de Tristan, tenho certeza. — pôs a mão gentilmente no ombro da amiga.

— Temos pensado em viajar para Southsea antes mesmo que o navio de papai aporte, pois minha mãe escreveu dizendo que está ansiosa para conhecer a Tristan.

— Vou sentir saudades de vocês...

— E como serão seus encontros com o marquês sem nossa ajuda? Isso me preocupa. — encarou-a com seus olhos amendoados e expressivos — Me preocupa ainda mais que o tempo vá passando sem que você seja franca com ele.

— Já decidi que contarei tudo sobre mim ainda essa semana.

— Fantástico! — Juliet olhou para a porta da livraria — Disse ao marquês que viríamos a essa loja hoje?

Suzanne acompanhou o olhar da amiga e viu Robert à porta, olhando em volta. Logo seus olhares se encontraram e ele veio caminhando em sua direção. Grandioso e seguro, como se o mundo fosse seu, como se a loja fosse sua, como se Suzanne também fosse... Ela sentiu as pernas um tanto bambas, e a boca seca. Apoiou-se na mesa cheia de livros. Estavam se encontrando há cerca de um mês, quase diariamente, e cada dia era tão emocionante como a primeira vez. Que menina ridícula era, pensou Sue.

— Disse que nós duas íamos comprar livros, mas não disse onde. — Suzanne estava surpresa, com o coração já fora do tom.

— Céus, ele é mesmo um cão de caça. Fareja-a. — Juliet alfinetou divertida, e cobriu a mão com a boca, contendo uma risada.

— Modos, Juliet! — repreendeu Suzanne, mas também cobriu a boca para esconder o riso.

Quando Barker se aproximou, não teve dúvidas que riam após falar algo sobre ele.

— As senhoritas atrevidas falavam de mim. Posso saber o que? — olhou-as meio de lado, brincalhão.

— Sobre seu faro de detetive. Nos achou tão espetacularmente... — prontificou-se Juliet.

As duas riram mais um pouco.

— Não sei porque tenho a sensação que não era bem isso que falavam... De qualquer modo, algumas vezes a ignorância pode ser uma benção, então não insistirei. Bom dia, lindas damas. — fez uma reverência teatral, que elas devolveram na mesma medida.

Robert debruçou-se para olhar os livros que elas escolhiam, tendo o cuidado de manter a mesa atulhada de volumes entre eles.

— Quantos pretendem levar? — estava impressionado com a quantidade posta em frente a elas.

Suzanne pôs a mão sobre dois livros que estavam empilhados ao seu lado.

— Eu vou levar esses dois.

— E eu não sei o que levar! — gemeu Juliet, afastando-se um pouco dos amigos, indo até a ponta da mesa, examinar os exemplares que faltavam.

Robert leu os títulos escolhidos por Suzanne.

— Apenas livros sobre botânica, minha querida? Não deseja escolher um romance, um livro de poesias?

— Eu... bem, não gosto muito de ler romance. — torceu as mãos em volta da alça da bolsa.

— Ah... — Robert ergueu as sobrancelhas.

Robert já havia percebido que Suzanne torcia as mãos em volta de tecidos, leques, qualquer coisa que estivesse ao seu alcance, sempre que estava ansiosa. Não compreendia exatamente o porquê daquela ansiedade que aflorava nos mais diversos momentos, e não ficava muito feliz que ela se sentisse tensa em sua presença. O que lhe agradava era ver sua futura marquesa sorrindo-lhe, ou correspondendo a seu afeto.

— Parece estranho que eu não aprecie muito Jane Austen ou Lorde Byron?

— Para ser franco, pensei que romance e poesia fossem preferência universal. Eu mesmo tenho alguns bons exemplares em casa, embora não os leia com frequência.

— Não disse que não tenho alguns livros assim. Mas... penso que servem para iludir as damas.

— Iludir? — Robert apoiou o rosto em uma das mãos, satisfeito por ver que Suzanne conversava com mais tranquilidade agora, sem entrelaçar os dedos na bolsa — Explique-se melhor.

— Algumas damas ficam presas a ideais românticos, acreditando que um príncipe perfeito, montado num cavalo branco, virá um dia bater em suas portas e arrebatá-las para morar num primoroso castelo no alto de uma colina, e elas serão felizes para sempre. Então o que acontece é que os pais das sonhadoras acabam vendendo-as ao pretendente mais rico, não importa o qual fedorento e velho seja, a revelia da própria noiva. O sonho é brutalmente cortado, a sonhadora vira uma dama recalçada e entristecida... É uma vida cruel aqui fora para as mulheres. Para que piorar tudo com descabidas expectativas?

Robert apenas continuou olhando fixo para ela, pensativo.

— Já estive noiva antes, Sue? — perguntou, abruptamente.

— Nunca! — ela respondeu prontamente, visivelmente surpresa. Havia até uma ponta de diversão em seu rosto.

Robert ficou muito aliviado. E aproveitando que ela ainda parecia disposta a conversar, continuou: — E teve namorados antes de mim? Você sabia beijar... então supus que sim. Quantos foram?

Ah, um interrogatório masculino, disse Suzanne a si mesma! Não poderia evitar esse tipo de confronto com Robert por tempo demais. Então, enquanto pudessem manter uma conversa amena na livraria, seguiria satisfazendo-lhe a curiosidade.

— Apenas um, realmente.

— Apenas um homem a beijou antes de mim? — sua voz denotava descrença.

— Por que não poderia ser assim?

— Uma delícia como você desperta os instintos mais primitivos dos homens. Tenho certeza que vários já tentaram aproveitar-se. — os olhos azuis estavam cravados nela, observando minuciosamente sua expressão.

— Você tem razão. Tive apenas um namorado de verdade, porém já fui beijada por outros rapazes, sim.

— Por quantos? — perguntou com rispidez.

— Robert, gostaria que lhe fizesse as mesmas perguntas em relação às suas diversas namoradas?

Ele soltou um rosnado, baixo e aborrecido. Suzanne quase riu ao notar que debatia-se contra seu ciúme. Ela já se sentira assim muitas vezes em relação a ele, e era engraçado saber que um homem tão formidável podia também ser afetado por um sentimento tão mesquinho, que abalava a segurança de uma pessoa.

— Está certo. Não quero saber quantos.

Robert respirou fundo, desviando os olhos para os livros, e depois voltando-os para Suzanne.

— Mentira minha. Quero saber, sim, mas se não quer dizer, se acha que não mereço ou não sou digno de sua confiança... — O marquês deu de ombros.

— Ah, vá! — impacientou-se com o ar de vítima que ele fazia — Acho que foram quatro. Ou cinco, ou... não sei exatamente... mas algo em torno desse número. — completou, divertindo-se com a pequena maldade que era enciumar o seu marquês.

Robert voltou a encará-la. Seu rosto demonstrava tensão, com o maxilar retesado e olhos que não piscavam.

— Como seus pais não fizeram com que um desses sujeitinhos se casasse com você por esse abuso de intimidade?

— Eles me obrigariam a casar por causa de um mero beijo? Não é um tanto exagerado? — indagou, com ar sério, esforçando-se para não rir do aborrecimento dele.

— Só se for em outros países. Aqui muitos casamentos acontecem por menos do que isso — retrucou, e seu súbito mau humor era quase palpável — Não foi por causa de beijos em locais públicos que Tristan ficou noivo de Juliet?

— Eles se amam. Ficariam noivos de qualquer modo... — Suzanne absteve-se de explicar que não só por causa de uns simples beijos que a dama de companhia de Jules consentiu o noivado. Mas era leal demais a Juliet até para contar tal coisa a Rob.

— Grafton beijou você? — Indagou Robert, com os olhos azuis um tanto escuros e furiosos.

— Sim. Mas foi coisa rápida, um mero toque de lábios, e logo Jake e Christian estavam se lançando sobre o rapaz.

— Bem feito para ele. — cruzou os braços, aborrecido.

Suzanne sorriu. Tão ciumento e possessivo... e nem parecia que fosse assim. Que surpresa!

— Por que você pergunta certas coisas se a resposta pode incomodá-lo, milorde? — o “milorde” era para atormentá-lo. E ele pareceu mesmo sentir cócegas no estômago ao fechar os olhos antes de responder.

— Porque quero saber tudo sobre você, mesmo que isso me incomode até arder as vísceras. Não disse que precisávamos ter uma conversa? Então!

Suzanne esticou a mão sobre a pilha de livros, buscando o braço de Robert, para tranquilizá-lo com um afago, mas subitamente lembrou-se que estavam em público, e esquivou-se. O marquês, no entanto, com rapidez felina, alcançou-lhe a mão, retendo-a entre as dele.

— Sou louco por você, Sue. — murmurou.

— Sei. — levou a outra mão até o pescoço, onde havia amarrado graciosamente uma fita de cetim azul, combinando com o vestido. Suzanne puxou levemente a fita para baixo, mostrando a ele uma marca na pele clara, deixada pelos lábios sôfregos de Robert após a ópera da noite anterior.

— Veja só... marquei-lhe...de novo. — ele disse, observando a marca rubra.

— E já nem finge mais surpreender-se.

Barker não sabia exatamente se era consciente ou inconsciente a incontrolável vontade de deixar sua marca em Suzanne, mas sempre o fazia de algum modo. Era vergonhoso, mas seguia fazendo, cada vez que uma marca começava a sumir, logo tentava imprimir-lhe outra, mudando a

localização, usando sua boca ou suas mãos para isso.

— Robert, sabe que pode me colocar numa situação difícil se continua fazendo isso.

— Então aceite logo usar um anel de noivado. Creio que assim eu não agiria como...

— Um menininho mimado que quer proteger seus pertences? — ela cortou-o antes que terminasse a frase, com cara de riso.

— Suzanne! — Robert reclamou, de sobrancelhas erguidas, mas sua expressão já mostrava-se também risonha.

— Ou um criador de gado marcando suas reses? — ela prosseguiu.

Robert sufocou uma risada.

— Assim que lhe pareço?

— Talvez um gato marcando seu território para afastar os outros machos? — Suzanne finalizou.

Dessa vez Robert não se conteve e riu alto, jogando a cabeça para trás. Suzanne apenas sorria-lhe, fascinada por cada um de seus movimentos. Senhor Deus, amava totalmente aquele homem!

Sim, o amava. Era uma verdade incontestável, com a qual não poderia mais lutar. E nem desejava.

Robert riu mais um pouco, à vontade na companhia de Suzanne. Estava tão mordido de ciúmes poucos minutos atrás, e agora ela já havia conseguido deixá-lo completamente relaxado, e com a maior naturalidade. Sue era realmente incrível. O marquês debruçou-se sobre a mesa.

— Se eu pudesse, lhe daria umas palmadas agora mesmo por seu linguajar, mocinha terrível.

Suzanne fitava-o, com expressão divertida.

O marquês admirou a mulher que escolhera como esposa, mais uma

vez. Não se cansava de encará-la, quase irreal de tão bonita, e como agora, parecendo mais jovial e... rara! Barker sentiu logo que a linha tênue entre diversão e desejo estava sendo rompida.

Robert pigarreou, e em seguida continuou, agora sedutoramente.

— E depois a compensaria, enchendo-a de beijos, claro. Sabe o que mais gostaria de fazer? Deitá-la sobre essa mesa e acariciá-la em cada parte do seu corpo. — Robert falava devagar, num tom suave e baixo — E despi-la. Ah, meus lábios tocariam você da cabeça aos pés, bem lentamente... Beijando, mordendo, sugando... Minhas mãos a massageariam, avaliariam o peso de seus seios, experimentariam seus pontos ocultos, descobririam o que lhe poderia aquecer... ou lhe fazer gemer... Você me permitiria isso, Sue?

Suzanne estava com a respiração suspensa, os olhos verdes arregalados, sem piscar. Mas respondeu, quase num sussurro.

— Sim, eu permitiria, Rob...

— Talvez eu não parasse nas carícias. — agora era Robert quem não piscava, atento à reação de Suzanne.

— Eu não reclamaria, Rob...

Um ruído estranho escapou da garganta de Robert, e Suzanne pode ver claramente que ele engolia saliva com dificuldade.

— Venha comigo agora mesmo, Sue... Venha até minha casa... Minha carruagem está lá fora. — Barker não soltara a mão dela, e agora fazia uma carícia tão lânguida em seus dedos, que era quase como se suas mãos estivessem fazendo amor. Se não houvesse aquela mesa entre eles, não teria se furtado, mesmo com outras pessoas em volta, a puxá-la contra seu corpo e estreitá-la em seus braços para que comprovasse a intensidade com que a desejava.

— Minha criada está lá fora, me aguardando. Não posso ir, Rob. —

respondeu, sua voz soando sinceramente frustrada.

Robert assentiu, mas sua decepção era visível.

— Eu devia ter imaginado que sua família não iria deixá-la sair sozinha.

— Não vai à Câmara hoje?

— Já que não tenho uma opção melhor, irei. — deu de ombros.

Juliet aproximou-se, com um livro grande nas mãos.

— Escolhi!

Robert aproximou-se, tomando o pesado livro das mãos dela e agarrando também os livros de Suzanne.

— Deixe-me ajudá-las.

Pagou os livros antes que elas tivessem tempo de pegar seu próprio dinheiro de dentro das bolsas.

— Milorde! Não era necessário! — protestou Juliet, em voz contida.

— Marquês! — Suzanne reclamou, olhando em volta, sentindo-se observada com curiosidade por algumas senhoras da sociedade que frequentavam a livraria. Há quanto tempo estariam sendo observados, sem perceber?

— Ora! Ninguém aqui vai julgar inadequado um cavalheiro fazer uma gentileza à duas senhoritas tão íntegras, a noiva e a prima de alguns de meus melhores amigos. Julga inapropriado, lady Harriet? — indagou com ar inocente à uma dama que folheava um livro de Shakespeare perto dele, e que o observava com expressão simpática.

Lady Harriet sorriu-lhe e tirou uma pequena mecha de cabelos grisalhos que soltara-se do coque fofo e cobria-lhe o olho esquerdo. Seus olhos, envoltos nas rugas do tempo, mostravam argúcia.

— De forma alguma, Robert. Julgo que é um gesto delicado da parte

de um amigo. Quem disser o contrário tem a mente suja. — olhou acusadoramente para outra senhora que observava as jovens discretamente a um canto — Não concorda, Grace?

— Certamente. — retrucou a que se chamava Grace, constrangida, logo dando-lhe as costas.

Robert sorriu calorosamente à senhora Harriet, beijando-lhe a mão com o carinho que teria para com uma tia, e recebendo um afetuoso sorriso em resposta. O marquês afastou-se, pôs o chapéu na cabeça e indicou às senhoritas que passassem à sua frente para saírem da loja. Sabia que sempre podia contar com a solidariedade de lady Harriet MacGovern, velha amiga de seus pais, e boa em constranger às fofoqueiras de plantão.

A criada dos Cunningham aguardava na porta, e espantou-se ao ver as moças saindo da livraria com um cavalheiro.

— Essa é Liza, minha acompanhante hoje. Esse é o marquês de Brighton, Liza.

A criada fez uma reverência, nervosa e ruborizada. Não era habitual que uma serviçal fosse apresentada a um nobre, e que fosse chamada de “acompanhante”, quase como se fosse uma amiga pessoal. Sentiu-se honrada pela cortesia, e mais ainda quando o belíssimo homem inclinou-se num cumprimento gentil.

— Liza tem alergia a cheiros fortes, e infelizmente não consegue manter-se muito tempo no ambiente fechado de uma livraria, por essa razão nos esperou aqui. — explicou Sue, sorrindo.

O marquês dedicou à Liza um assentimento compreensivo.

— Desculpe a demora, Liza. — Juliet apertou as duas mãos de Liza entre as suas — Minha culpa, só minha, por tê-la feito esperar tanto. Perdi a noção, como uma criança solta numa doceria!

— Não se desculpe, senhorita, por favor... — Liza estava constrangida e ruborizada por receber tanta atenção. As duas meninas que estava acompanhando eram um encanto mesmo!

— Onde está a carruagem de vocês? — indagou Robert.

— Viemos a pé, e talvez voltemos em um coche de aluguel. — respondeu Juliet, observando os livros pesados que o marquês estava carregando.

— Eu as levarei para casa. Minha carruagem está logo ali. — apontou a luxuosa carruagem negra, com o brasão dos Brighton pintado em ouro velho nas laterais.

As moças entreolharam-se.

— São três senhoritas. Não é possível que eu vá lhes arruinar a reputação apenas por levá-las em casa num passeio que não demorará mais do que uns quinze minutos. Se eu fizer algo impróprio, as três juntas podem chutar-me para fora da carruagem. O que acha, senhorita Liza? — encarou-a, e a criada corou mais uma vez, baixando os olhos.

— Não vejo nada de errado, milorde.

— Sábia Liza! Então vamos, queridas donzelas. Vejam como os outros homens me olham com inveja por estar acompanhado de um trio de beldades!

Suzanne não pôde conter um sorriso. Ah, adorável manipulador...

A carruagem parou à porta de Juliet, para deixá-la em casa primeiro, e em seguida rumou para a residência dos Cunningham.

A senhora Martha, através da vidraça da sala de visitas, observava intrigada o elegante coche que parara à porta da casa de seus cunhados. Um prestativo lacaios uniformizado auxiliou Suzanne e Liza a descerem do veículo. A quem pertenceria? A carruagem do noivo de Juliet era também

elegante e negra, mas estava certa que não havia um brasão dourado nela. Por mais rico que o rapaz fosse, não possuía ainda nenhum título nobiliárquico, então não era ele quem as estava escoltando de volta ao lar.

Deixou que as moças entrassem e não indagou nada a Suzanne quando ela subiu as escadas para seu quarto, na agradável expectativa de que a filha depois lhe contasse sobre o possível admirador.

Martha entrou na sala de estar, procurando uma revista de moda da cunhada, e deparou-se com Liza trocando de lugar um buquê de margaridas com um espetacular ramalhete de camélias vermelhas. A criada olhou em volta, na dúvida se a arrumação estava agora melhor.

— São gloriosas, as camélias, e o lugar em que as colocou de fato as favorece. — elogiou Martha, concordando que o local, próximo à janela, onde a criada havia posto o buquê, lhe dava ainda mais destaque.

— As flores do marquês sempre são as mais bonitas. — comentou Liza, ainda admirando o arranjo.

— Ah, do marquês... — a curiosidade a atçou e aproximou-se do arranjo, mas, via de regra, Suzanne havia arrancado o cartão que acompanhava o buquê — Esse tal marquês sempre envia flores para Suzanne?

— Ele as envia diariamente, como outros admiradores da senhorita, mas as dele costumam ser as mais belas, e suponho que as mais caras. Dia desses mandou uma flor vermelha, solitária em uma caixa especial, que eu nunca tinha visto antes. Muito bonita mesmo, tal qual uma joia, e creio que importada.

— Tal qual uma joia... — a senhora estava com o cenho franzido — Este nobre envia outros tipos de presentes junto com as flores?

— Não, senhora. Só flores. Parece o mais adequado a uma mocinha,

não é? — Liza voltou-se para a dama, já alertada pelas várias perguntas sobre o marquês.

— Oh, sem dúvida. Não é certo um cavalheiro dar presentes a uma jovem sem estar comprometido de verdade com ela.

— Ah, o marquês não faria isso. Parece muito correto.

— O conhece? — a voz saiu esganiçada, e a criada arrependeu-se por ter falado demais.

— O vi hoje, pela primeira vez, senhora. Se me der licença, preciso cuidar de meus afazeres.

— Espere um instante. O marquês das flores é o mesmo que trouxe vocês de carruagem depois das compras?

— Sim, senhora. — Liza estava apreensiva, sem saber se estava traindo ou não a confiança de Suzanne.

— Ele levou vocês às lojas pela manhã?

— Não, senhora. Encontramo-nos por acaso. — ficou satisfeita com a resposta, e a senhora Martha também pareceu ficar.

— Ah... então é apenas um cavalheiro gentil e educado, que não quis deixar três mocinhas carregarem peso por um caminho longo... — sorriu a senhora, tranquilizada.

— Isso mesmo. Posso ir agora, minha senhora?

— Claro, vá, Liza. Ah, só mais uma coisa, por acaso lembra-se o nome desse distinto senhor?

Liza respondeu prontamente, pois Robert não era um homem a quem uma dama esquecesse com facilidade: — Marquês de Brighton, senhora.

Martha estatelou-se na poltrona atrás dela, sem ar após ouvir o nome do último homem na face da Terra que gostaria de ver próximo de sua amada filha.

— Senhora? — Liza estava impressionada com a palidez no rosto da cunhada de sua patroa. E ela desabara na poltrona com tanto estardalhaço, que devia-se agradecer aos Céus a madeira do móvel ser tão resistente, pois de outro modo teria certamente rachado.

— Volte a seus afazeres, Liza, antes que Ellinor retorne da chapelaria e ralhe com você por seu atraso no serviço. Estou bem, não se preocupe. — respondeu, procurando manter a calma usual na voz.

Assim que Liza deixou a sala, Martha levantou-se, como se arrastasse um peso nos pés, e subiu lentamente as escadas até o quarto ocupado por Suzanne.

— Entre! — respondeu Suzanne, quase distraidamente, ao ouvir as batidas na porta do quarto de hóspedes de tia Ellinor e tio Gabriel, que ocupava desde que chegara a Londres.

— Está sendo cortejada pelo lorde Brighton?

A voz de sua mãe fez com que erguesse, sobressaltada, os olhos do livro escolhido àquela manhã, e que havia sido pago por Robert, em mais um de seus encontros memoráveis.

Como sua mãe saberia sobre a corte de Robert? Algum mexerico já corria solto em Londres, e havia chegado aos ouvidos dos Cunningham? Suzanne sentiu os lábios tremerem, e antes mesmo que respondesse, sua mãe continuou.

— Aquele cafajeste, cortejando minha filha! — Martha sacudiu a cabeça, vigorosamente.

— Mas como...?

— Soube por acaso, vendo-a chegar numa carruagem da nobreza, e indagando à ingênua Liza sobre quem era o homem que as trouxera. Como pôde dar confiança a um ser tão sórdido como Brighton, Suzanne? Não

aprendeu nada com os homens durante nossas viagens, e naquele episódio horrível que quase acaba com sua vida?

— Mamãe, o marquês de Brighton não é um homem sórdido. — levantou-se da cama, rígida.

A mãe soltou uma risada amarga.

— Não posso acreditar que a história está se repetindo diante dos meus olhos... Cedric também era um cavalheiro exemplar, heim? Aquele idiota!

— Mamãe, por favor, Cedric gostava de mim, e morreu por minha causa. Sabe disso.

Suzanne estava com os olhos marejados de lágrimas, mas a mãe não abrandou, pois estava também perto de derramar seu pranto, angustiada por descobrir que havia falhado mais uma vez em seu dever de vigiar e resguardar a filha. Acreditara, erroneamente, como só agora percebia, que deixar Sue sob a guarda de seus dois fortes e valentes primos, seria suficiente para manter a moça longe de qualquer perigo. Talvez até, em nome da maldita camaradagem masculina, estivessem em conluio com o demônio Brighton, acobertando aquele flerte obsceno. Ou talvez não, pois enganar era uma habilidade nata naquela raposa matreira que seduzia damas honradas como meio de diversão.

A senhora Martha encarava a filha com mágoa. É claro que imaginava também que sua menina tivesse juízo agora, com mais de vinte anos, o que lhe faltara quando estava prestes a completar catorze e achava que podia fugir com um rapaz de dezoito para casarem-se em alguma capela remota da Escócia, e viverem felizes para sempre. Duas crianças tolas! Cedric, tendo já idade suficiente, entendia a gravidade de seus atos, mas a noiva... Bem, alguns anos atrás, a filha deixar-se levar por um rosto belo e palavras doces e apaixonadas, esquecendo toda a cuidadosa criação recebida,

NACIONAIS-ACHERON

o respeito pelas tradições e pela família, foi perdoável. Qualquer mulher entenderia e concordaria que não era difícil a uma adolescente deixar-se seduzir por um homem bonito, rico e de boas falas. Mas permitir que isso acontecesse por duas vezes, já era estupidez.

E, precisava admitir, embora cada vez que pensava nisso sentia o estômago revirar, Cedric podia estar enlouquecido de desejo por Suzanne — que desgraçadamente já tinha, aos treze, corpo desenvolvido de uma moça adulta — mas queria de fato casar-se com ela, para amar, honrar e todo aquele blá, blá, blá, que ao ser dito pela primeira vez, nem Martha nem seu marido Gerald haviam levado a sério. E quando dito pela segunda vez, poucos dias depois, ao invés de ser tratado com a complacência paternal de anteriormente, fora tratado com escárnio. Ah, isso ofendera em muito o jovem filho do conde Damien da Irlanda.

Martha lamentava seu pouco caso até hoje, pois isso havia feito surgir na mente do casalzinho a ideia de uma fuga. E o que viera dali... não, não gostava de lembrar, mas era impossível que as imagens e as emoções sentidas na época não viessem à tona em um turbilhão assustador. O desespero pelo desaparecimento da filha, a descoberta da fuga, a busca desenfreada e depois... depois... O horror... Tanto sangue, e aquele seu cheiro, aquele cheiro absurdo de morte, e os cadáveres de Cedric e de seus dois companheiros, mutilados e espalhados pelo campo, e depois o corpo morto do gigante que violentara Suzanne... ainda estirado em cima da menina...

E o rosto pálido de Gerald, com a arma que usara para matar aquele monstro, ainda quente nas mãos... Meu Deus...

Sim, havia ainda o cheiro de pólvora, misturado ao suor, com o cheiro de mato e ervas do campo ao fundo...

Poderia algum dia dissociar-se destes odores? Destes horrores?

Voltou ao tempo atual, piscando para afastar qualquer lágrima

NACIONAIS-ACHERON

teimosa, e impostou a voz diante da filha: — Morreu por causa de um desejo lascivo misturado à insana ideia que poderia ter tudo o que quisesse, que todas as suas vontades seriam ordens indiscutidas. — Martha falou friamente — Se tivesse aguardado, como um homem decente, que você fizesse ao menos dezesseis anos, nós consentiríamos de bom grado o casamento e nenhuma tragédia haveria acontecido. Mas não, nem você e nem ele tiveram consideração com os conselhos familiares, com a educação, as normas ou até com a lógica.

Suzanne já liberara as lágrimas, e soluçou alto.

— Mamãe, não precisa me fazer reviver isso...

— Preciso. Tocarei na ferida até que ela sangre de novo, se preciso for. Acha-se culpada da morte dele e dos amigos que estavam com vocês, e serviriam de testemunha para sua desobediência e cobertura para suas sem-vergonhices, mas que acabaram caindo como pássaros, abatidos por um louco feroz e bêbado, que também desejou você como seu brinquedo? Se de fato julga-se culpada, se sabe que cometeu um erro daquela vez, por que insiste em romper com as normas novamente?

— Não rompi nenhuma regra. — Suzanne tentava conter as lágrimas — A senhora mesma me disse que deveria arranjar um marido!

— Ele não vai casar com você. Por uma série de razões, mas posso relacionar algumas. A primeira é que ele jamais manifestou o menor interesse em um compromisso sério, com mulher alguma, durante toda a vida. A segunda é que se trata de um notório perverso, e se resolver casar-se um dia, será só para perpetuar sua raça, não por consideração à esposa! A terceira é que vocês têm posições sociais bem diferentes, mesmo vindo você de uma família rica e respeitável. Ele está, como nobre de linhagem tradicional, muito acima. Quatro: ele, como a maioria dos homens, olha para você e vê uma potranca em quem gostariam de se... — a mãe deteve-se, vendo a filha

ficar vermelha. Finalmente abrandou-se, com um suspiro longo — Lamento, filha, mas é verdade tudo que lhe disse. E sobre os homens ficarem... digamos, afoitos, por você, já lhe disse várias vezes, terá que resignar-se. A beleza é tanto uma benção como uma maldição. E não vou mais ficar aqui fazendo listas sobre esse marquês degenerado. Ele nem sequer deu-se ao trabalho de entrar nessa casa e fingir que seu interesse era sério. Acompanhei a visita de inúmeros pretendentes seus, e tenho plena certeza que esse marquês nunca esteve aqui.

— Ele quis, mamãe, juro, aguardava apenas que eu lhe dissesse quando fazer isso.

A mãe olhou-a de modo estranho.

— Ele disse a você que deveria dizer quando poderia vir até aqui?

— Sim, o acordo era que nos conhecêssemos com calma, confiássemos um no outro, nos certificássemos que seríamos um bom par, e só depois disso, ficaríamos noivos.

— Ah... E quem propôs esse conveniente “acordo”? — a senhora Martha deu ênfase à última palavra, e Suzanne piscou, surpreendida.

— O marquês. — respondeu lentamente, subitamente tomada por uma inquietante suspeita. Fora manipulada, achando que tinha a situação nas mãos, quando na verdade era o contrário? O marquês conduzia a situação com segundas intenções? Pensando friamente, não era mesmo assim, ele não era sempre quem decidia aonde ir, e esgueirava-se com ela para esconderijos secretos, e beijava-a e acariciava-a de tal modo que estava prestes a entregar-se àquele belo homem antes mesmo que ele lhe pusesse um anel de compromisso na mão direita? Suzanne começou a se sentir meio tonta, ligeiramente nauseada.

A mãe cortou-lhe os pensamentos.

— E esse período de “conhecimento” dava-se de que modo?

O olhar de Martha era intenso, e parecia ver dentro de Suzanne, o que a incomodava tremendamente. Não julgou boa ideia contar sobre os encontros diurnos, com a colaboração de Juliet e Tristan.

— Ficam a sós? — Martha insistiu, e a voz saiu esganiçada.

— Não! — encarou a mãe, e frisou — em público, mamãe.

— Ao menos isso... Ah, filha, até uma ingênua como você pode ver agora como essa história ia acabar, não é mesmo? Esse homem desprezível a estava enredando, seduzindo-a, ganhando sua confiança. É esse o método de gente como ele. — Subitamente levou a mão à testa — Você contou-lhe, Suzanne, contou-lhe sobre Cedric, e... sobre tudo mais?

— Não, não. Pretendia fazê-lo, mas não tive oportunidade. — coçava a testa, doía-lhe.

— Graças aos Céus! Se ele soubesse, tenho certeza que não mediria esforços para torná-la sua amante. Ai, seria uma vergonha, uma desgraça sem precedentes, que arruinaria a carreira de seu pai, provavelmente afundaria o escritório de advocacia do seu tio Gabriel, macularia para sempre os dois lados da família, os Fergunson e os Cunningham.

— Robert não é assim. — a voz de Suzanne soou trêmula.

— Robert? O trata pelo primeiro nome? Que ousadia!

— Considerava que seria meu marido... — Suzanne fitava o chão.

— Então concedeu-lhe intimidades! Ele a beijou, a beijou sem que ninguém os visse, em locais reservados? — Martha estava horrorizada.

Suzanne sacudiu a cabeça lentamente, envergonhada.

— Sim. — respondeu num murmúrio quase inaudível.

— Isso acaba já, acaba aqui e agora mesmo, entendeu? Nunca mais deixará que esse crápula lhe toque, lhe faça propostas ou lhe iluda! — Martha

gritou. Recompôs-se com dificuldade, tomando fôlego várias vezes. — E de forma alguma deve deixar que ele saiba o que aconteceu com você, nem sua fuga com o terceiro filho de um conde, nem o ataque que sofreram durante a viagem.

A senhora Martha andou de um lado para o outro do quarto, tentando pôr as ideias em ordem. Suzanne afundara numa cadeira, pálida e trêmula, o livro que havia desejado tanto ler, jogado no chão com as folhas abertas e amassadas.

Depois de alguns minutos do que parecia uma interminável agonia para Suzanne, Martha parou em frente de sua filha, já decidida.

— Sabe que hoje seu pai parte em excursão por toda Sussex, a fim de concluir algumas pesquisas e conceder palestras. Pois bem, nós duas também vamos. Um tempo fora nos fará bem, e você esquecerá de uma vez essa aventura ridícula e imoral.

— Mamãe, por favor, deixe-me ficar!

— Não! Naquele dia horroroso, em que eu limpava as manchas de sangue do Cedric de seu corpo, você chorou, gritou e prometeu que seria uma boa filha, e que nunca mais questionaria as ordens de seus pais novamente. Lembra-se disso?

— Sim, mamãe. — como poderia esquecer, já que de tempos em tempos era lembrada por sua mãe daquela tragédia?

— Então faça o que eu lhe digo dessa vez, e não sairá ferida novamente.

— Está bem, mamãe. — talvez a mãe estivesse certa. O marquês de Brighton! Como Suzanne pudera iludir-se a tal modo, achando que um homem como ele poderia um dia se apaixonar por ela, uma moça tão insignificante? O poderoso londrino de uma tradicional família nobre e a um

tanto nômade filho de botânicos... Havia muito mais sentido o que ela achava que era no início, um brinquedo nas mãos de um menino grande e lascivo. Pobre, tola e ridícula Sue!

— Faça as malas. — a mãe ordenou.

— Sim, senhora. — Suzanne teve impressão que a voz vinha de uma outra pessoa, pois sua boca parecia dormente, seu corpo parecia vazio e seu coração estava no chão.

A mãe deu-lhe, enfim, um tapinha amigável no ombro e a observou com carinho.

— Daqui a um mês esse marquês já estará atrás de outra, você ficará à vontade para escolher um pretendente bom e respeitável, e nós daremos boas risadas de toda essa estória.

Suzanne não respondeu. A garganta fechara.

O salão dos Bennett estava muito cheio para quem afirmara que receberia apenas os amigos íntimos, e ainda havia fila para entrar. Robert sorriu consigo mesmo. Alelia Bennett considerava quase todo mundo como “amigos mais chegados”, então era de esperar que o recital oferecido houvesse descambado para um baile de grande porte. Agradeceu o fato das bebidas serem de boa qualidade, e estarem a uma temperatura agradável, pois ficar espremido entre tantas damas que se ofereciam a ele ou ofereciam suas filhas, estava se tornando um exercício cada vez mais indigesto desde que voltara a frequentar as festas da sociedade. As damas julgavam-no disponível, e não mais se inibiam por sua fama, esquecidas de seu passado de corruptor. Aparentemente seu período longe das badalações havia melhorado sua imagem, ou sua riqueza e prestígio haviam finalmente atingido um patamar em que não importava mais o quanto ele podia ser amoral, pois seu

NACIONAIS-ACHERON

título e posses incutiam respeito. Se todas aquelas ensandecidas mães e suas ansiosas filhas soubessem o quanto ele já estava enlaçado, e por uma mocinha atrevida que, maravilhosamente, não se importava com seus status, teriam ficado bastante decepcionadas. Robert suspirou, mais uma vez olhando a porta, aguardando Suzanne chegar, escoltada pelos primos.

Três damas, esposas de lordes que conviviam praticamente toda semana com ele no parlamento, o rodearam para o que deveria ser uma conversa à toa, mas o marquês sabia, pelos olhares cheios de promessas e palavras provocativas, que disputavam entre elas a chance de se tornar sua amante. Com muito tato e diplomacia Barker conseguiu desvencilhar-se. Olhava as coisas a sua volta com o olhar mais crítico e agudo do que nunca, sem desejo algum por outras mulheres além de Sue, e fingia, por mera cortesia, não estar à beira de enojar-se diante do assédio desavergonhado das senhoras casadas. Se já não gostava das fáceis antes, agora então... A falta de decoro feminino não o divertia como antes, e até mesmo o chocava um pouco. Deus, como Suzanne o transformara em tão poucas semanas...

Robert Barker viu Christian atravessar a porta principal, segurando a mão da noiva que repousava em seu braço. Era um casal bonito, os dois louros, sorridentes, em harmonia. Não os via assim antes, engraçado... Robert piscou. Via as coisas de um modo diferente desde que descobrira-se apaixonado, ou antes era apenas tão cínico que só podia enxergar tudo com distanciamento e pouco caso?

Em seguida entrou Jake. Sozinho. O amigo olhou rápido em volta e logo avistou o marquês. Caminhou até ele mantendo a expressão impassível que os advogados muitas vezes gostavam de ostentar.

Com um sinal discreto, o primo de Suzanne chamou Barker a um lugar mais afastado, onde ninguém pudesse ouvi-los. Assim que julgaram-se em área segura, puderam falar.

— Boa noite, Jake. — cumprimentou-o Robert, e seu olhar continha uma pergunta: “Onde está a Suzanne?”

— Boa noite, Robert. — Jake entendeu a pergunta no olhar de Barker — Ela não vem.

— Aconteceu alguma coisa? — as sobrancelhas juntaram-se e uma ruga formou-se no alto da testa.

— A mãe de Sue soube de vocês. Não através de mim, óbvio.

— Oh... — Robert não ficou tão surpreso. Sua curiosidade era sobre como a futura sogra soubera. Algum mexerico teria chegado aos seus ouvidos ou ela simplesmente encontrara uma das marcas que ele deixara em Sue, uma daquelas que a moça fizera troça dizendo ser algo como a marca que os fazendeiros imprimiam em seu gado? Pensou um pouco, e ergueu a cabeça num sorriso — Você foi intimado a me levar à sua casa para fazermos o acordo sobre o casamento?

— Não... — Jake pareceu desconfortável, mas manteve o olhar.

— Por favor, não diga que vai me desafiar para um duelo. Já sabe que duelei seriamente duas vezes, e também sabe o resultado... Eu estou inteiro, e os outros... — Sorriu mais uma vez — Ademais, eu não vou fugir do compromisso. Quero casar com Suzanne.

— Suzanne e seus pais deixaram Londres, Robbie.

O sorriso de Robert desapareceu instantaneamente.

— O quê?

— Não é definitivo, mas o fato é que tia Martha quer afastar a filha de você.

Robert estava atordoado. Que afastassem as mocinhas dele quando era apenas um jovem sem juízo e tinha como passatempo seduzir as donzelas, tudo bem, mas agora que era um responsável e ilustre marquês, com mais de

trinta anos? Certo, as mães de filhas casadoiras não o deixariam as sós com suas menininhas castas, mas se ele se dispusesse a cortejá-las, estava ciente que seria alegremente aceito. Recompôs-se. Um político de prestígio não podia deixar-se abater por uma frase ou uma crítica.

— Explicou à vossa tia que eu estou disposto a casar-me com Suzanne? — olhou severamente para Jake.

— É lógico que sim! E minha tia me olhou como se estivesse pensando seriamente em arrancar meu fígado e comê-lo ali mesmo na sala. Tentei fazê-la entender que um casamento estava em seus planos, mas ela estava mesmo furiosa. Ela disse... — calou-se subitamente, e dessa vez baixou os olhos — Esqueça minha prima, Robert. Encontre uma moça de família nobre, case-se e seja feliz com ela.

— O que ela disse, Jake, o que disse vossa tia Martha? — Robert exigiu saber, com voz imperiosa.

A ordem fez efeito, e Jake franziu a testa antes de responder.

— Ela disse que preferia ver a filha passar o resto dos dias em um convento do que vê-la casada com alguém como você. Ela disse que... se era para estragar a vida, então seria melhor que nunca casasse.

Agora Robert estava totalmente desconcertado. A mulher ignorara seu título, sua riqueza, e até suas boas intenções. E ele ainda agora devaneava que seu passado havia sido esquecido... Bem, a senhora Martha Cunningham certamente o via como um demônio destruidor de almas e de corações, muito provavelmente por causa de tudo que já fizera errado antes.

— Não, Jake, sua tia está equivocada sobre mim e Suzanne! Eu e sua prima, nós nos... — ia dizer “amamos”, mas parou a frase na metade. Suzanne nunca havia dito que o amava. Nem ele tampouco, mas normalmente as mulheres não falam isso primeiro? A não ser que estivesse enganado, e o amor não fosse recíproco. Então Sue estaria envolvida apenas

NACIONAIS-ACHERON

pelo seu carisma, por sua beleza, ou... ou talvez ela sentisse apenas uma atração física por ele... Sacudiu a cabeça para livrar-se das dúvidas terríveis que surgiam.

Jake remexeu os bolsos, e retirou um envelope, oferecendo-o ao marquês.

— Suzanne entregou-me essa carta antes da viagem, e pediu-me que repassasse a você.

Robert olhou a carta.

Não queria pegá-la, não queria lê-la.

Sabia o conteúdo.

Era uma carta de despedida, podia sentir.

Não esticou a mão para pegar o envelope. Ficou apenas olhando-o na mão do amigo.

— E o que disse Suzanne para vocês? — indagou o marquês em voz baixa.

Jake foi direto na resposta:

— Disse que sua mãe estava certa, e que acataria sua decisão.

Robert ergueu o olhar para Jake e o encarou. O amigo tinha aqueles malditos olhos verdes tão grandes e expressivos quanto os de sua prima Suzanne, e agora observava o marquês com uma ponta de piedade.

— Diga tudo, Jake. E pare de me olhar com essa expressão absurda de consternação. Sou um adulto, mais velho que você.

Jake fez um movimento de ombros, que parecia dizer “se você insiste...”

— Suzanne disse que o seu envolvimento nada mais era do que tolice de uma moça ingênua fascinada por um ardiloso sedutor. E que se ainda assim se casassem, estaria certa que após saciado seu desejo, procuraria outra

melhor que ela, e seu futuro seria muito desastroso.

O marquês deu uma risada seca, e balançou a cabeça em uma negativa.

— Ah, meu Deus... Pensei que ela me conhecesse... — pegou o envelope e guardou-o no bolso, com um sorriso triste nos lábios.

— Lamento, Robbie.

Jake e Robert ficaram em silêncio por minutos intermináveis, cada um imerso em suas próprias divagações.

Então Jake quebrou o silêncio.

— Pensei que nossas famílias se uniriam, e que eu teria um primo marquês, bom com armas de todos os tipos, para defender-me quando brigasse com algum desafeto. — sorriu, mas seu sorriso tinha um quê de melancólico, e não chegou aos olhos.

— Quem sabe me apresenta outra prima... — respondeu Robert, brincando sem vontade.

Jake assentiu, e olhou em volta, vagamente.

— Ah, vejo Juliet e Tristan. Minha prima pediu que avisasse à amiga sobre sua viagem repentina. Com licença, Robbie. — Jake Rae escapou o mais rápido que pôde.

Robert foi deixado sozinho, com seus sombrios pensamentos, amargando a rejeição inesperada. Cruzou os braços, aborrecido, e olhou em volta. Já não tinha mais ânimo para uma festa barulhenta e cheia, mas ir para casa naquele momento deixaria os anfitriões do recital, seu amigo Seeley e a esposa Alelia, bastante ressentidos. Além disso, sabia que ficar em casa sozinho nesse momento só o faria sentir-se ainda mais miseravelmente decepcionado. Suzanne o deixara... Nunca acontecera de um fim de relacionamento tê-lo abalado antes. Sacudiu a cabeça lentamente. Nem

aconteceria agora, disse a si mesmo, erguendo a cabeça num gesto involuntário de altivez. Como ela ousara? Não permitiria que a mulher de sua vida o abandonasse por causa do capricho de uma mãe ignorante. Tomaria uma atitude sobre isso, era só pensar com mais clareza sobre o que fazer.

Afinal, ele era Robert, o marquês de Brighton! Estava habituado a fazer uma boa campanha, a convencer, a persuadir, e a vencer.

O marquês, no entanto, não teve muito tempo para começar a formular suas ideias. Christian Cunningham se aproximou, com a elegância e a expressão inteligente de sempre. Encarou a Robert com um olhar curioso.

— Robert. — acenou com a cabeça, parando ao lado do marquês.

— Christian. — Barker respondeu ao cumprimento, movendo a cabeça do mesmo modo que o companheiro de jogos e cavalgadas.

Christian percorreu o salão com os olhos, as mãos postas atrás das costas, a pose militar não o abandonando nem nos momentos de lazer. Pigarreou e indagou ao marquês, sem fitá-lo.

— E então, já elaborou sua estratégia?

Robert apertou os lábios. Ótimo, só faltava essa! Um dos irmãos Cunningham resolvera tripudiar dele! Fingiu não entender. Não queria envolver-se em uma discussão na casa de seus amigos, e sabia o quanto Christian podia ser provocativo. Embora, pensando bem, até que não seria tão mal quebrar um nariz. Ainda mais um nariz tão certinho como o do jovem de juba dourada parado ao seu lado.

Já que o militarzinho não havia tido o nariz quebrado por soldados inimigos, talvez Robert pudesse dar-lhe isto de presente.

Robert deu um sorriso frio.

— Sobre o que, Christian? — perguntou, pronunciando cada palavra com lentidão calculada.

— Sobre minha prima, claro. — respondeu, serenamente.

Certo, pensou Robert com resignação cansada. Não conseguiria esquivar-se daquele Cunningham. Seria muito bom mesmo quebrar um nariz, afinal. Fez uma expressão desdenhosa ao perguntar: — Também estava em casa no momento em que sua tia discutiu com Jake?

— Cheguei ao final da discussão, mas também ouvi alguns desaforos. — deu de ombros — Ela obviamente também me acusou de conluio.

— Sinto por você ter sido acusado sem ter nada a ver com isso. — falou secamente o marquês.

— Como não? — Chris deu uma risadinha curta — Mereci as acusações mais do que Jake.

Robert coçou o queixo, observando Christian de soslaio.

— Não compreendo...

— Esqueceu-se quem sou? Acumulei medalhas e promoções no serviço militar graças a meu instinto, disciplina e principalmente por ser um bom observador. Desde a primeira vez que vi você e Sue se olhando na casa de Luciane, percebi que havia algo no ar. Acha realmente que todas as vezes em que vocês sumiam em alguma festa eu não notava?

— Você...sabia? — Robert não pode evitar sorrir — E nos acobertou?

— Confiei que você arcaria com as consequências se passasse dos limites. — respondeu simplesmente.

— Mas você desdenhou vários pretendentes de Suzanne. Por que eu fui tratado de modo diferente?

— Porque sei que é um bom homem, apesar de todo o seu histórico. E Suzanne... Ora, Robbie, os olhos dela brilham mesmo quando veem você. No cenário londrino temos tão poucas uniões com afeto verdadeiro, que só

posso apoiar quando vejo um sentimento florescer diante dos meus olhos. Principalmente se for para favorecer a minha priminha apaixonada.

Robert estava boquiaberto.

Então não estava enganado, Suzanne gostava mesmo dele! Conteve a euforia por aquela revelação, no entanto.

— Tão apaixonada que aceitou a decisão da mãe sem pestanejar. — resmungou o marquês, fingindo desdém.

Christian soltou uma gargalhada.

— Ah, marquês... Passou tanto tempo no leito das viúvas, das artistas independentes e das mal-casadas, que até esqueceu como é cortejar uma donzela! O que esperava que uma menina doce como Sue fizesse diante da decisão dos pais?

— Pois a menina doce sabe ser muito petulante quando quer. E desaforada. — Robert redarguiu, de braços cruzados sobre o peito.

Chris voltou a rir, e assentiu.

— Elas podem ser assim com seus prometidos, e talvez até com alguns amigos, porém com seu papai e sua mamãe é tudo bem diferente. Talvez num futuro distante uma mocinha solteira possa decidir sua vida, mas não agora. E os jovens Cunningham são treinados desde o berço para obedecer cegamente aos pais. Veja o meu caso: meu pai decidiu meu noivado com Luciane, e eu mal fui consultado sobre o assunto. Imagine se com Suzanne vai ser muito diferente...

— Mas você aceitou bem a decisão de seu pai, não é? — Robert indagou, na dúvida.

— Demorei a perceber o que tinha nas mãos. — Christian sacudiu os ombros levemente e os olhos verdes brilharam com intensidade ao falar de Luciane.

Robert estava curioso quanto ao assunto. Christian fizera essa descoberta quando? Ao observar Tim quase lançar-se sobre sua noiva no dia do campeonato de uíste na residência dela, ou quando a viu bailar sorridente e estonteante nos braços de vários rapazes no grande baile do lorde de Luton? Naquela noite até Barker havia ficado impressionado em vê-la tão esplendorosa, com um vestido voluptuoso, tornando impossível a um homem não admirar aquela beleza loura. E, a olhos vistos, ela brilhava a cada dia mais.

O marquês, no entanto, teve o bom senso de nada perguntar a respeito da senhorita Luciane e o noivo. Apenas retrucou: — Sorte sua.

— Sem dúvida. — Chris encarou o marquês com firmeza — O amor não é nada sensato, meu caro marquês de Brighton. Mas sabe disso, não sabe?

Robert não respondeu. Não, não sabia até algumas semanas, quando se apaixonara à primeira vista, sem sequer saber como era o caráter de sua amada. Felizmente ela se mostrara realmente uma moça a quem valia a pena amar. Desde então se sentia mais feliz, mais jovem, mais bondoso. Até agora. Que loucura! Haviam feito planos para o futuro àquela mesma manhã, Suzanne estava bem disposta, brincalhona, cheia de promessas, e então, assim, de repente...

— E então, qual a sua estratégia para reparar essa confusão? — indagou Christian, cortando os fios dos pensamentos de Barker.

— Não tive tempo suficiente para pensar, Christian.

— Ah, mas sei o quanto ágil pode ser sua mente, Robert, e como é eficiente quando se dispõe a efetuar uma boa caçada...

Robert sorriu, um daqueles sorrisos perigosos, apenas um arquear meio desdenhoso de lábios.

Uma senhora veio até eles com duas filhas e uma sobrinha. Christian e Robert não se esforçaram para parecerem simpáticos e as damas rapidamente se despediram, procurando outros cavalheiros. Chris bufou, impaciente.

— Juro que só compareço a esses eventos porque Luciane adora. Jesus, o que não se faz por uma mulher...

Robert sorriu-lhe em concordância, e o rapaz continuou a falar.

— Só queria saber se não vai tomar uma atitude drástica, como fez o Lawrence, por exemplo, espalhando rumores de que havia se deitado com lady Schneider só para que ela fosse obrigada a casar-se com ele. O homem conseguiu o que queria, mas francamente, achei um golpe sujo.

— Não jogo assim, Major.

— Bom. Permita uma sugestão?

Robert deu de ombros quase automaticamente.

— Não parta imediatamente atrás dela. Sei que poderá esperar um pouco, pois é um homem paciente.

— Nem sempre. — Replicou o marquês.

— Eu entendo, mas dê-lhe tempo para sentir sua falta, e para clarear as ideias. E então, quando se der o reencontro... Bem, creio que Suzanne o... ouvirá com mais atenção.

Barker concordava. Obviamente ele sabia que, se partisse atrás dela já, somente encontraria resistência. Porém se quando reencontrasse Suzanne, ela estivesse com sua paixão acumulada pelas saudades... Então seu corpo e sua alma se abririam mais facilmente para ele. E não haveria mais como a senhora Martha se opor ao casamento, pois Robert já teria tomado Sue, total e completamente. Total e completamente sua... Nossa, como ansiava por isso... Um sorriso foi se alargando em seu rosto diante da ideia.

Não podia supor quanto malévolo parecia, ainda mais combinado com os olhos azuis faiscando e a íris subitamente crescida e negra se destacando.

Chris o encarou por um instante, e ergueu as sobrancelhas.

— Robert! Nem precisa me dizer qual seu plano. Está na sua cara! — mexeu-se, desconfortável, e parou diante do marquês — Olha aqui, marquês, se você causar algum dano à Sue, ou se tentar submetê-la à força às suas vontades, eu ...

Robert ergueu as duas mãos, para acalmá-lo — Serei um cavalheiro. Já lhe disse que não jogo sujo. — forçou-se a dizer, procurando conter o sorriso de lobo. Não jogaria sujo, jamais forçaria Sue ou qualquer mulher que fosse a fazer algo que não desejasse. Mas sim a seduziria por completo. E por mais que Christian houvesse insinuado uma sedução, seria difícil para ele, primo em primeiro grau e quase um irmão para Suzanne, aceitar que Robert a levasse até as últimas consequências. Então não iria preocupar o jovem militar com esses detalhes...

Christian esfregou o rosto com as mãos, procurando controlar seu tom de voz.

— Se não for um cavalheiro, Robbie, eu mesmo o mato. Sou melhor com as pistolas do que você. E graças ao exército, sou bem menos piedoso. — disse Chris, com voz assustadoramente gentil.

Robert assentiu vagarosamente, com um sorriso brincando na face bonita. O marquês compreendia, pois se ele tivesse uma irmã ou prima que estimasse, também se preocuparia, mas, pobre Christian, não adiantava fazer ameaças agora, pois o caçador já decidira-se a partir para sua caçada, com vontade implacável. Não estava disposto a aceitar mais nenhuma derrota. Mas se fosse derrotado afinal, melhor mesmo levar um tiro. Estava morto antes de conhecer Suzanne. Ela é que o trouxera à vida, e sem ela nada mais

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS

teria importância.

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO VIII

O último mês havia sido provavelmente um dos piores de toda a vida de Barker. Os ânimos estavam acirrados entre as pessoas contra e a favor da abolição, causando enormes discussões na Câmara e principalmente fora dela, seu amigo Tristan havia sofrido um terrível acidente a cavalo, e não via Suzanne há mais de trinta dias. A última parte, tinha que admitir, mesmo parecendo egoísta, era a mais difícil. E se fosse levar em conta quanto tempo não fazia sexo... O marquês de Brighton, o notório libertino, o insaciável afilhado do diabo, estava sem sexo havia mais de três meses. Precisava desesperadamente de uma forma de distração. Estava absolutamente intratável, e consciente disso. Se não fossem os treinos de pugilismo, tiro ao alvo e esgrima, para aliviar um pouco a tensão, teria simplesmente rachado. E havia também os porres homéricos, claro. E como haviam porres!

E agora mesmo estava sob o efeito de muitas doses de uísque, sentado ao lado de Juliet no jardim do mais novo hospital de Londres, procurando manter uma conversa despretensiosa e amigável. Olhou para o céu escuro, distraidamente, e observou a lua, branca e redonda, gloriosa contra a imensidão negra a sua volta. Se pudesse ter Suzanne ao seu lado, apreciando aquela visão, seria fantástico. Ele apertaria seu corpo, cobriria seus lábios, brincaria com seus seios até que endurecessem para ele... No entanto, estava sentindo-se incrivelmente solitário, e quem estava ao seu lado era apenas uma amiga. Uma pena que nem mesmo as excessivas doses que consumira no White's o deixassem entorpecido o suficiente para não sentir-se tão infeliz.

Havia jogado fora a carta de despedida de Suzanne àquela manhã, depois de relê-la mais uma vez. Desistiu de penalizar-se revisando seu

NACIONAIS-ACHERON

conteúdo como fizera tantas vezes durante os últimos dias. As palavras eram secas e frias, numa curta missiva. E não havia nada de sua Suzanne ali. Nada.

Robert suspirou e levantou-se, e Juliet levantou-se também, educadamente, sabendo que o marquês ia despedir-se. Estava acostumada a ter os amigos de Tristan à volta desde que a tragédia havia, inesperadamente, se abatido sobre ele.

— Juliet, sei que deveria estar lhe consolando, mas não creio que possa ser um amigo de grande valia essa noite.

— Robert, sempre é um grande amigo. — ela respondeu.

O marquês a encarou. Tinha os olhos castanhos tão infelizes, e estava muito pálida e magra, mas ainda era aquela Juliet linda por quem ele havia se interessado algum tempo atrás. Parecia um tanto etérea em sua dor, como uma deidade das florestas. O rosto de Robert tombou um pouco de lado, fixando o olhar ainda mais intensamente na jovem. Como teria sido se tivessem ficado juntos ao invés de terem escolhido Tristan e Suzanne? Talvez isto tivesse sido o certo. Não haveria dor, nem expectativa, nem o sofrimento por fim.

Sim, Robert devia ter insistido com Juliet e se tornado seu noivo. Suzanne escolheria um de seus muitos outros pretendentes. Tristan continuaria seguindo sua vida, talvez nem houvesse se acidentado já que toda sua vida teria seguido um rumo diverso. Tudo muito limpo e claro. Só o álcool mesmo para desanuviar-lhe a mente e mostrar-lhe algo assim, com certeza.

Tudo muito mais fácil.

Mesmo com a quantidade exagerada de álcool circulando pelo seu corpo, via agora que esta deveria ter sido a escolha feita.

Robert deu um passo à frente, e ficou muito próximo de Juliet.

Envolveu-a pela cintura quase sem perceber, e puxou-a para junto dele.

Juliet arregalou os olhos.

— Robert! O que está fazendo?

— Vou beijá-la, senhorita Fiennes. Sabe, tive curiosidade em descobrir como seria. — estava com os olhos semicerrados, e inclinou o rosto sobre ela, ao mesmo tempo em que Juliet afastava-se, e os corpos iam curvando-se juntos.

— Marquês de Brighton, pare com isso agora mesmo! O que diria Tristan se o visse agir assim, quando veio aqui apoiar-me? — Juliet estava com os olhos muito arregalados, mas ralhava com ele no tom de voz de uma tia velha.

Robert sorriu maldosamente, sem soltá-la.

— Sou um crápula, Juliet. Esqueceu?

— Não é, não. É um cavalheiro gentil, confiável e apaixonado por minha melhor amiga, Suzanne.

Robert suspirou e abriu bastante os olhos azuis, diminuindo a pressão na cintura de Juliet.

— Você tem o péssimo hábito de tocar nas feridas. Sempre foi uma menina má.

Ela riu involuntariamente, e ele aproveitou sua distração para beijá-la.

O beijo não foi mais do que um encontro de lábios fechados, e Robert não tentou sequer encontrar a língua de Juliet. Manteve-a presa a ele por poucos instantes, e logo a soltou.

Então fitou o vazio, e suspirou profundamente.

— Pronto. Agora sim ultrapassei todos os limites da decência e moralidade. Beije uma dama leal que está sofrendo por um dos meus

melhores amigos, que jaz moribundo num leito de hospital. E essa jovem é a melhor amiga da mulher com quem quero casar. É, me superei agora. Uau, sou mesmo o pior dos homens sobre a Terra! — Deu uma risada sarcástica.

— E está muito embriagado. — completou Juliet, pacientemente.

Robert olhou para ela, surpreso, e pôs as mãos nos bolsos. Seu corpo oscilava suavemente, instável.

— Não está com ódio de mim? — franziu o cenho.

Juliet deu um breve sorriso.

— Não, senhor.

Juliet pensou que o marquês devia estar muito irritado consigo mesmo, na verdade, e fazia coisas insensatas em resposta à pressão que sentia.

— Também nunca o tinha visto no estado de ânimo que está hoje. E então, marquês, o que achou?

Robert pareceu confuso. A bebida finalmente estava vencendo-o, deixando-o meio lento de ideias e movimentos.

— O que achei do quê?

Juliet revirou os olhos.

— Do beijo, oras! Desfez sua curiosidade?

— Ah! Bem, senhorita Juliet... francamente, esperava que fosse melhor. — sacudiu a mão, com pouco caso e olhar desdenhoso.

Juliet deu uma boa risada. Ah, Deus, há quanto tempo não ria?

Robert arqueou as sobrancelhas, surpreso com a reação feminina, e acabou por rir também. Não a vira dar uma risada desde que Tristan se acidentara naquela maldita corrida. Ficou sério no mesmo instante. Por que Tristan precisava correr tanto afinal, como um demônio sobre o cavalo? Por que não se preservara, tendo uma noiva que o amava tanto esperando por ele?

Por que ele não estava desperto agora, tranquilizando-o sobre Suzanne, daquele jeito falsamente indolente que só mesmo Tristan possuía?

O marquês de Brighton sentiu o corpo sacudir. Deus Santo! Como pudera trair a confiança de Tristan, enquanto o amigo estava em coma? Robbie, você é um monstro patético e sem caráter, pensou, com amargura.

— Ah, Robert, o que eu faço com você? — indagou Juliet, observando a expressão arrependida dele.

— Vai contar à Suzanne? — Robert percebeu que sua voz soou trêmula, tanto quanto seu corpo. Fizera uma besteira sem tamanho, não fizera? Boa hora para ter uma recaída aos modos desrespeitosos que o regiam antigamente!

— Isto é com o senhor, marquês. Conte se quiser. Quando quiser. Algum dia, mas não agora, quando está tudo complicado o suficiente. — Juliet sentou-se. Estava cansada, exausta demais até para brigar. Além do mais, Robert estava já há vários dias notadamente atormentado pelas saudades de Sue, e Juliet sabia que cada pessoa podia lidar com suas perdas de forma diferente. E Robert tinha uma assustadora cota de perdas.

Robert olhou-a com ansiedade nos belos olhos azuis.

— Você me perdoa? Continuaremos sendo amigos? — desabou no banco, ao lado da moça, sacudindo a madeira com seu peso.

— Somente se Sua Graça prometer não repetir essa coisa de beijo. — Juliet virou-se para encará-lo. Parecia um menino levado que passara dos limites, e agora sentia uma tremenda culpa.

— Prometo! Dou minha palavra de honra, se é que vale. — inclinou-se um pouco na direção dela, falando como quem conta um segredo — Além do mais, não foi bom, não, era como se eu beijasse uma irmã, se tivesse uma.

Robert fez uma careta, e endireitou-se no banco. Soltou um soluço

alto e mal educado, e não se incomodou de desculpar-se por isso.

Juliet riu de novo, sacudindo a cabeça lentamente. Sim, parecia mesmo um menino muito levado!

— Ah, marquês, tomara que você se lembre de tudinho que está fazendo hoje quando estiver sóbrio, pois o seu constrangimento será impagável. Vá curar sua bebedeira em casa, vá.

Robert levantou-se, obediente, e encaminhou-se a passos lentos até sua carruagem, com o cuidado peculiar dos ébrios para não tropeçar. Logo que sentou-se e o movimento das rodas começou, sua cabeça também começou a rodar. Subiu as escadas sem nem ao menos saber como, e sonhou, como em tantas noites anteriores, com Suzanne. Era um sonho repetitivo e torturante, pois nem mesmo ali conseguia possuí-la, a feiticeira de cabelos de fogo. Ela sempre escapava de suas mãos, escorregando de seus dedos como água.

Robert piscou várias vezes, acostumando-se com a luz do sol que entrava pela janela. Ah, meu Deus... Voltou a fechar os olhos, somente para reabri-los em seguida. Fizera uma tremenda merda noite passada. Por que diabos fora visitar Tristan no hospital, se não podia entrar no quarto dele àquela hora, e as visitas eram muito restritas? Fora conversar com Juliet, uma leal aliada que precisava de um ombro amigo. De um ombro amigo, não de um bêbado abusivo tentando beijá-la. Que papel ridículo, marquês de Brighton! De que adiantava ter uma estratégia que privilegiava a paciência, se não conseguia sequer conter sua própria ansiedade e comportava-se como um insano, metendo os pés pelas mãos e beijando a última mulher do mundo que deveria beijar? Se algum dos amigos em comum tivessem visto o que ele fez, teria ficado sóbrio imediatamente diante da surra inesquecível que levaria.

NACIONAIS-ACHERON

Ainda bem que Tim não estava com ele, pois seria o primeiro a querer esmurrá-lo por atacar uma moça que passava seus dias zanzando por um hospital, rezando pela cura de um noivo às portas da morte. Robert começou a rir, imaginando a cena de seu espancamento. Tudo que precisava era mesmo um escândalo desse nível para fazer a mãe de Suzanne fugir com ela para a China e nunca mais voltar!

Parou de rir, e sentiu o rosto quente de vergonha. Pobre Juliet! Necessitando dos amigos e ele lhe dando mais uma razão para sentir dor de cabeça.

Mas, afinal, quem necessitava de um ombro amigo, Juliet ou o próprio Robert? Precisava admitir que procurava a noiva de Tristan sistematicamente porque ela era um elo de ligação entre ele e Suzanne. Suzanne escrevia muito para Juliet, contando onde estava, o que estava fazendo, enviando a amiga força e ânimo com palavras encorajadoras e gentis. Juliet passava as informações para o marquês, mas claro, nenhuma linha era escrita sobre ele, ou sobre como a própria Sue estava se sentindo com a distância e a separação. Parecia que não tinha sentimentos, mas Robert sabia que a jovem tinha uma habilidade irritante para dissimular o que sentia. Até nas cartas, pensava ele, aborrecido. E desejava muito que ela estivesse se sentindo tão miserável quanto ele.

Robert se virou na cama, desanimado até para levantar. O que essa enfeitiçante deusa ruiva fazia com ele? Por que não conseguia dominar-se como sempre e simplesmente aguardar pacientemente o momento de agir?

Fato é que não sabia mais lidar com sua própria frustração, e começava a agir de modo inesperado até para si mesmo, com bebida em excesso, frequentes explosões de mau humor com os amigos, ofensas demasiadamente pesadas aos divergentes de sua opinião, sede de briga. Estava claro que procurava cavar uma confusão séria, e seu comportamento

começava a se tornar quase perigoso. O Robert febril, sem consciência e com tendências autodestrutivas parecia pairar sobre ele, prestes a dominar sua vida novamente. Mais algumas semanas e começaria a fazer o quê? Não desejava descobrir quais outras tolices seria capaz de fazer. Não. Bastava de esperar. Sua crueldade para com Juliet fora a gota d'água. Precisava ir atrás de Suzanne de imediato e pôr um fim a toda essa loucura que o estava fazendo perder as estribeiras.

Suzanne já estava entediada das conversas de lady Barbara e lady Violet, e agora seus olhos haviam se voltado para a bela paisagem verdejante do lado de fora. O dia de verão era bonito, e a suave chuva da noite anterior parecia ter alegrado as flores e as árvores. Seus pais haviam saído cedo e planejavam passar o dia fora, visitando um amigo aficcionado, como eles, por ervas. Suzanne dispensara esse passeio. Sua paciência estava muito oscilante para arriscar um dia inteiro falando sobre plantas, por mais que gostasse do assunto. E gostava, porém... sentia-se muito infeliz para fingir simpatia com quem quer que fosse.

Já manter uma conversação amena com as simpáticas irmãs Delacy, com quem a família se hospedara àquela semana, não era complicado. As senhoras eram tão tagarelas, que não importava muito se Sue participasse ou não de seus diálogos. No entanto, as idosas damas perceberam sua inquietação.

— Oh, querida, porque não vai dar um passeio a cavalo e aproveita o belo dia? — sugeriu lady Barbara Delacy.

— Sim, meu bem, vá conhecer o castelo Barker. É uma beleza! Aproveite que a “fera” está em Londres. — opinou lady Violet, a outra irmã Delacy.

NACIONAIS-ACHERON

Suzanne ficou alerta. Castelo Barker? O Barker do seu marquês? Não, não mais seu marquês, corrigiu-se mentalmente. E não devia ser dele. Deveria existir mais de um Barker no mundo, lógico.

As senhoras continuaram a tagarelar.

— Não seja tola, Violet! Mesmo que Robert estivesse em casa não ofereceria perigo à Suzanne. Sabe muito bem quais são as preferências dele atualmente.

Ah, pensou Suzanne, era dele mesmo que falavam. Um castelo, ele tinha um castelo, e ali, bem perto de onde ela estava hospedada!

— E desde quando os homens são confiáveis, Barbara? Além disso, olhe para Suzanne. Já viu moça mais bonita? Se ele a vir, estou certa que endoida. Lembro-me dele quando era adolescente. Que moço terrível, não podia ver uma mocinha, que partia ao ataque. E sempre foi tão lindo, o demôniozinho, que desde cedo tornou-se um risco à virgindade de qualquer uma. Ainda bem que eu não já não era mais uma juvenzinha naquela época, pois cairia alegremente em sua conversa e em sua cama... Francamente, vê-lo me dá calores! É uma beleza, ah, é sim! — a senhora deu uma risada e abanou-se com seu leque colorido.

— Violet, cuidado com a língua, sua velha assanhada e sem vergonha. Realmente a nossa querida senhorita Cunningham é a moça mais bela que eu conheci, mas aposto que Suzanne já conheceu o marquês em Londres, e viu que não morde.

Ah, morde sim, pensou Suzanne. E quase riu.

— O conheceu, Suzanne? — Violet indagou, curiosa.

— Sim, senhora.

— Viu, Violet? Suzanne conheceu o marquês de Brighton e está aqui, intacta. Ele não a incomodou. — Barbara ergueu o queixo para a irmã,

triunfante.

Bem, dependia do que ela queria dizer com “intacta”, divagou Suzanne, com um olhar divertido para as senhoras. Acompanhar a conversa das duas anciãs era quase como assistir a uma partida de tênis. Os olhos não podiam fixar-se em um ponto só.

— Ele não tê-la assediado não significa que é inócuo e nem que não o fará em algum outro momento. — redarguiu Violet.

— Isso eu concordo. — respondeu Barbara, tomando um gole de seu xerez.

— Ademais, comenta-se que tem procurado uma noiva, já que voltou a frequentar os bailes da sociedade. Sabe disso, Barb. O fato mais comentado da temporada foi a aparição dele no Almack’s. As mães de jovens solteiras foram ao delírio...

— Os rumores apontam para a senhorita Fiennes, a sobrinha-neta do lorde de Greenville, aquela que parece uma princesa indiana, porém de pele clara.

— Isso é uma tontice. A moça enfrentando uma tragédia e ainda ficam inventando bobagens sobre a coitadinha! — resmungou Violet.

Suzanne resolveu interromper o fluxo de palavras das irmãs Delacy.

— Sou a melhor amiga da senhorita Fiennes, e posso afirmar que os rumores entre ela e o senhor marquês são mentira. Eles são apenas amigos.

As duas senhoras se entreolharam.

— Querida, tenho certeza disso. Que amiga fiel você é! — Violet respondeu, satisfeita por estar certa.

— Mas sabe, minha filha, um homem nunca é amigo de uma mulher. Isso não é possível.

— Barbara! Não seja tola! — Violet resmungou.

Suzanne sorriu. As senhoras iam iniciar nova discussão. Levantou-se e fez uma reverência educada.

— Bem, se as senhoras não se incomodarem de me emprestar um dos cavalos de seus estábulos, creio que seguirei sua sugestão e apreciarei um pouco do dia ao ar livre.

— Fique à vontade, Suzanne. Precisaré que um dos criados a acompanhe?

— Não, obrigada, lady Barbara. Posso ir sozinha. Ficarei bem e montarei com segurança. — Suzanne precisava e desejava muito ficar sozinha, de preferência em abençoado silêncio.

— Se vai ficar aqui por perto, então está bem. Se demorar-se demais, então pedirei que os criados partam ao seu encontro.

— Está certo, senhora.

— Então vá, querida. Leve umas maçãs para o caso de querer demorar-se. E não esqueça de levar água no alforje. O dia hoje deve esquentar.

Suzanne assentiu e subiu ao quarto que ocupava na mansão das senhoras Delacy. Trocou o delicado vestido de musselina que usava por um de algodão feito sob medida para ela, na Escócia. Era um traje de montar que causava certo estranhamento aos tradicionais ingleses, então não o usava quando ia cavalgar acompanhada. A roupa, de um tom verde escuro com detalhes dourados, tinha botões frontais desde o pescoço até os pés, e seguia o formato de um sino abrindo-se logo abaixo dos seios, como os vestidos da moda, mas a boca era mais ampla do que o usual. No geral era belo, e muito prático para o que se propunha: facilitar a cavalgada de uma amazona que montava escarranchada. Pegou também sua capa escarlata com capuz e saiu. Dispensou a cartolinha com véu. Muito formal para seu gosto hoje, e não combinaria de forma alguma com o modo que desejava cavalgar. Ah,

NACIONAIS-ACHERON

apreciaria a companhia de Juliet naquele momento, a única em quem poderia confiar seus sentimentos conflitantes. Mas era impossível, e Suzanne sentia-se quase uma traidora por não estar confortando à amiga pessoalmente em Londres. Além disso, era um egoísmo supremo pensar em seu sofrimento quando a dor de sua amiga era infinitamente superior à sua.

Mas a verdade é que estava desmoronando. Sentia-se muito confusa. No caos que se seguira na casa dos tios Gabe e Ellinor quando anunciaram sua abrupta partida para Sussex, Jake garantira que Robert queria casar-se com Suzanne. E se fosse verdade, o casamento funcionaria ou ela seria apenas a genitora de um herdeiro, uma esposa para ser visitada uma vez ao ano, como acontecia com tantas outras ladies que conhecera, não somente no Reino Unido, como em toda a Europa?

A surpresa que tivera antes de partir viera de Chris. Christian, seu primo de olhar arguto e comentários provocativos, falara-lhe muito a sério, sem que os outros membros da família os ouvissem: “Robert gosta mesmo de você, não desista dele por causa da opinião de terceiros”.

E o golpe de misericórdia veio da quase sempre silenciosa tia Ellinor, que cochichou ao seu ouvido antes de subir no coche de viagem, sem que a cunhada Martha escutasse: “Siga seu coração.”

Era mesmo para confundir... E Suzanne simplesmente não conseguia pensar com imparcialidade. Nem mesmo no silêncio sepulcral de um quarto durante a noite, nem nos jardins coloridos por onde passavam, muito menos entre as tranquilizadoras e aromáticas ervas criadas nas estufas dos amigos de seus pais. Tudo lhe fazia lembrar Robert, e embaralhava suas ideias e decisões.

O amava. Pensava que ele correspondesse seus sentimentos... Estaria errada? Todo o carinho, o tempo junto, o entendimento mútuo que pareciam compartilhar... teria sido um engano?

Escolheu uma égua mansa que o cavaleiro garantiu ser muito ágil, e deixou-o surpreso ao pedir uma cela masculina. Depois de alcançar uma certa distância da mansão, Suzanne olhou em volta, para certificar-se que não havia ninguém por perto. Então abriu os últimos botões do vestido, embaixo, liberando mais um pouco os movimentos das pernas, e passou a perna direita por sobre o animal, montando como um cavaleiro. E pôs sua égua castanha para correr. Conforme iam ganhando velocidade, e Sue ia relaxando e sentindo o corpo ficar leve, as lágrimas que surgiram em seus olhos se tornavam mais espessas. Em poucos minutos sua vista já estava turva e o galope seguia cada vez mais perigosamente acelerado. A égua saltou sobre um córrego instintivamente, sem que sua amazona sequer notasse. Então, como se despertada de súbito por sua inconsequência, Suzanne diminuiu o ritmo de sua montaria gradativamente. Mas as lágrimas não diminuíam. Freou o animal definitivamente, parando junto a algumas árvores frondosas, e pôs as duas mãos no rosto, tentando estancar o choro tão precisamente quanto conseguira ao parar sua égua.

Suzanne respirou fundo, acalmando o fôlego e admitindo a si mesma que não conseguia fazer Robert sair de sua cabeça.

Só então pôde perceber o vibrante som de cascos de cavalo, bem próximos. O cavaleiro já estava perto, um tanto inclinado sobre seu cavalo, e Suzanne podia ver sua capa preta aberta, esvoaçando como asas de um grande e assustador morcego em pleno vôo. E ele vinha direto em sua direção, com um chapéu enterrado na cabeça, de modo que não se podia distinguir seu rosto. Uma sensação de pânico apoderou-se dela, e Suzanne bateu os calcanhares nos flancos de sua montaria, pondo-se a galope novamente. Estavam sozinhos num vasto campo, desconhecido para ela, então correu desordenadamente, confiando que talvez a égua tivesse um senso de direção mais eficaz do que o de sua amazona.

Os cascos do cavalo atrás dela estavam cada vez mais próximos. Maldição! O garanhão pertencente àquele sinistro cavaleiro que a perseguia devia ser um animal de raça pura acostumado a vencer muito rapidamente a distância, e a égua dela, bem, era só um pobre animal de passeio. Tentou correr mais, porém sua montaria já dava sinais de exaustão. Meu Deus!

— Suzanne! Pare já esse cavalo!

Reconheceu a voz, mas não pôde acreditar. Parou de chofre, e por pouco não foi arremessada longe pela égua cansada.

— Está louca, Suzanne? — Robert parou ao lado dela, tirando o chapéu e o apertando em uma das mãos com fúria.

Suzanne voltou seu olhar lentamente para ele. Estava ofegante por causa da disparada, e ficou ainda mais diante do marquês. Os olhos dele pareciam cheios de pequenos diamantezinhos faiscantes num fundo azul celeste. Ah, estava muito furioso. E muito, muito bonito.

Robert sentia o corpo todo agitar-se. Sabia, através de Juliet, onde Suzanne se hospedava, e a proximidade da residência das senhoras Delacy com Barker Castle era tentação demais para ser ignorada, portanto partira de imediato à velha residência de sua família. No entanto, não esperava que fosse encontrar a moça logo no dia seguinte à sua chegada. Sentiu uma emoção indescritível, como se o seu coração ficasse subitamente em chamas. Ao vê-la cavalgar, porém, de forma tão arriscada, com a capa escarlate transformando-se num borrão vermelho enquanto ganhava distância, Robbie alarmou-se. Depois do horrendo acidente de Tristan tudo o que faltava era ver a mulher amada também cair de um cavalo. E quando a chamara, ela puxara as rédeas do animal com tanta violência que por sorte o bicho não a jogara no chão. Que menina mais louca!

Louca e linda! — Robert sentiu o coração acelerar e o sangue pareceu correr duas vezes mais rápido pelas veias. Suzanne olhava-o com aquela boca

NACIONAIS-ACHERON

vermelha entreaberta num “o” convidativo, as faces coradas pela corrida, os cabelos presos em duas tranças que terminavam meio escondidas sob o capuz. Mas seus olhos... ah, Suzanne havia chorado. A ira de Robbie esvaiu-se.

Suzanne sabia o quanto devia estar vermelha, tanto quanto seu cabelo, ou mais, tanto quanto sua capa! Ao menos o susto servira para acalmar seu pranto, senão seria vergonhoso demais! Empertigou o corpo, procurando manter a compostura.

— Marquês de Brighton, boa tarde.

Robert respirou fundo antes de voltar a falar. “Marquês de Brighton”, não é? Veremos se manterá essa distância por muito tempo, pensou ele.

Sua voz agora soou mais controlada.

— Senhorita Cunningham, quase me matou do coração.

Então Robert baixou os olhos devagar para as pernas de Suzanne. Montava de pernas abertas, o bumbum empinado sobre o assento. A visão o excitou de imediato. A égua de Suzanne soltou um relincho rápido e irritado, como se advertindo ao cavaleiro que mantivesse os olhos em locais mais adequados. Robert deu uma risada.

— Animalzinho bem treinado o seu, senhorita.

— Hã...bem...não é meu. Não tenho nenhum cavalo.

— O que é imperdoável para alguém tão talentosa na arte de montar... — voltou seus olhos às pernas de Suzanne, e aos botões abertos de seu vestido — Adorei sua vestimenta, senhorita, e sua ousadia para sentar-se sobre a montaria.

— Eh... obrigada. — fez menção de movimentar as rédeas para tocar o animal dali. Não podia suportar aquela conversa em tom formal com Robert. Ser chamada de “senhorita” era a confirmação final que o romance

entre eles havia acabado. Deveria ser deste modo, afinal ela fôra taxativa em sua carta de rompimento. Mesmo assim doía.

— Espere, Suzanne! Digo, senhorita Cunningham. Não vá ainda.

Suzanne lambeu os lábios. Tinha sede, muita sede. E piorava quando olhava ao marquês. Baixou os olhos para observar o cavalo dele. Era um garanhão enorme, branco e majestoso, digno de um rei. Perfeito para Robert, pensou, e emitiu um suspiro involuntário e alto. Oh, Céus, que indiscreta!

— Gostaria de mostrar uma coisa a você. — Robert disse, gentilmente — E podemos aproveitar para descansar e beber alguma coisa.

Ele fez uma pausa significativa antes de continuar.

— Suponho que você está sedenta. Eu estou.

Suzanne o encarou, desconfiada. Se a sua sede fosse tal qual a dela, isso poderia ser uma complicação.

— Mostrar-me o que, senhor?

Robert fez um aceno com a cabeça, indicando alguma coisa atrás dela. Suzanne voltou a cabeça lentamente na direção apontada. E perdeu o fôlego mais uma vez.

O castelo Barker! No alto de uma colina. Belo, imponente, de contos de fadas.

— É enorme! — exclamou Suzanne.

— Não se prenda a tamanhos, senhorita. Concordo que à primeira vista o que é enorme pode causar inibição e temor, mas é muito agradável, posso garantir...

Suzanne voltou-se de imediato para o marquês. O tom de voz doce não pôde ocultar o duplo sentido da frase. Conhecia-o o suficiente para saber que adorava um jogo de palavras. Mas ele a olhava com ar inocente e imperturbável. Ela quase riu. Cafajeste! Precisava admitir, nem que fosse

para si mesma: Até de seus modos insolentes ela sentia falta.

— Talvez não seja boa ideia prosseguir. — Suzanne replicou, séria. Estava claro que as consequências desse tour podiam ser desastrosas para ela.

— Por favor, senhorita. Estamos tão perto do castelo. É muito bonito, e os jardins são preciosos. Uma futura botânica como você saberá apreciá-los.

— Mulheres não são vistas com seriedade nessa profissão, Sua Graça. — respondeu ela.

— Em algum momento esse paradigma deve ser quebrado. Quem sabe não será você a fazer isso? — Robert aproximou seu cavalo ao dela — Então, vamos até lá?

Suzanne franziu a testa levemente. Sentia-se ligeiramente atordoada. A presença de Robert, suas palavras, o belo lugar à volta, com o irresistível aroma de flores e grama... Era tudo muito tentador. E havia outra coisa, algo muito importante: Suzanne queria muito ficar próxima de Robert. Sentira muita saudade.

— Sim, vamos. — respondeu, com doçura.

Robert não sabia como conseguira evitar soltar um exultante brado de vitória.

Deram rédeas aos cavalos, trotando agradavelmente, lado a lado. Até a trilha que levava ao castelo era encantadora. Passaram por uma alameda rodeada de árvores de copas amarelas e alaranjadas. Suzanne ficou embevecida e parou um instante sua montaria. Robert estacou ao seu lado.

— São ipês — Robert explicou — suas mudas vieram do Brasil muitos anos atrás, meu avô mandou trazer para a minha avó. Soube que tiveram certa dificuldade de adaptação, pois seu país de origem é mais quente que o nosso, mas os meus avós insistiram.

Continuaram seguindo o caminho bem devagar, admirando em volta

às diversas árvores e plantas exóticas.

— Seus avós gostavam de plantas...

— Parece que isso já vem de antigas gerações. Lembro vagamente de ouvir dizer que meus bisavós também gostavam de trazer mudas de outros países quando viajavam.

Suzanne estava deslumbrada, sem palavras. As senhoras Delacy estavam certas ao mandá-la conhecer o local. Quando passaram por uma área cercada de ipês rosas e vermelhos, Suzanne derreteu-se de vez.

— É tão lindo, Rob. — Suzanne demorou um pouco para dar-se conta de como o chamara — Quero dizer, marquês.

Robert sentiu de novo o coração aquecer-se. Ah, como sentira falta de ouvi-la dizer seu nome. Estavam já quase às portas do castelo, subindo a suave colina. Esticou seu braço e cobriu a mão de Suzanne, com carinho.

— Senti sua falta, Sue.

Suzanne encarou-o, e seus olhos se encheram de lágrimas novamente.

— Eu também senti a sua.

— Por favor, não chore, meu amor. — Robert sussurrou, enternecido.

— Eu não sou mais o seu amor... — sussurrou ela, sem encará-lo.

— Sim, é. É o meu amor. E creio que ainda sou o seu.

Suzanne não respondeu-lhe. Não tinha forças para negar isso. Permitiu-se mais algumas lágrimas silenciosas até que Robert finalmente fez os cavalos pararem.

Ajudou Suzanne a descer do cavalo e tentou abraçá-la, mas ela desvencilhou-se habilmente. Sim, devia estar bem treinada para escapulir de mãos atrevidas. Robert não insistiu, mesmo que seu corpo, dolorido pela privação do toque do corpo de Sue, gritasse em protesto. Dirigiram-se à porta em silêncio, enquanto um eficiente criado tomava as rédeas dos cavalos.

— Tem estado com Juliet? — Suzanne enfim perguntou.

— Sim. Ela está precisando muito de você. — e eu também, pensou Robert.

— Eu sei. A visitarei em breve. Voltaremos a Londres em dois dias.

— Dois dias? — Finalmente! Robert exultou.

Pararam diante da majestosa porta, e Suzanne admirou o local mais uma vez. Era claro e agradável. Um castelo no alto de uma colina, um cavalo branco, um cavaleiro lindo, um bosque encantado. Estava diante de todos os elementos de um conto de fadas. E contos de fadas não são reais, pensou ela com amargura. Não passam de ilusão.

Aceitou a mão de Robert para entrarem juntos.

O mordomo já estava à entrada, e recolheu com presteza suas capas, luvas e o chapéu do marquês.

— Eu e a senhorita Cunningham partilharemos uma pequena refeição na sala rosa, Travis. Providencie refrescos, sanduíches e biscoitos, enquanto a levo para conhecer todo o castelo.

— Sim, senhor. — o mordomo se afastou rapidamente.

— Não estou com fome, somente com sede. — respondeu Suzanne, sem encarar Robert.

— Sei. Está mais magra, deveria se alimentar melhor. — respondeu secamente. Notara que ela emagrecera no momento em que tocou-lhe a cintura para ajudá-la a apear de sua montaria. Agora também podia perceber o vestido um pouco frouxo. Suavizou a voz antes de continuar — Por favor, faça um esforço e me acompanhe na refeição.

— Está bem. — respondeu sem ânimo.

Robert deu-lhe um belo sorriso, e pegou novamente sua mão, enquanto atravessavam um saguão amplo e rústico.

Passaram por um imenso salão, uma sala de visitas e um escritório, todos muito elegantes. Pararam na biblioteca. O cheiro forte de couro, madeira, e papel antigo, invadiu-lhes as narinas. Suzanne sentiu como se flutuasse num instante, atravessando o tempo, visualizando câmaras antigas, extintos ruídos de outras vidas, e velhos ancestrais... Levou a mão livre ao coração, enlevada.

— Gosto desse cheiro. — comentou Suzanne, sorrindo — Cheira a algo familiar, aconchegante.

— Vamos entrar. — convidou Robert, deixando a porta aberta e soltando-lhe a mão para que pudesse circular à vontade.

— Cresceu aqui neste castelo, marquês? — indagou Suzanne, dando voltas no imenso aposento.

— Sim, cresci. Tem mesmo que me chamar de marquês?

Ela parou no centro do salão, e o encarou. Estava a poucos passos dela.

— Não somos mais namorados, marquês. Pensei ter sido clara em minha carta. Vim a seu castelo somente porque tive curiosidade de conhecer tão bela estrutura, nada mais. Somos apenas dois meros conhecidos agora, e não é correto nos tratarmos pelo primeiro nome.

Robert refreou uma risada sarcástica e uma resposta malcriada. Se ela preferia ignorar a tensão sexual que havia entre eles desde que se conheceram, o carinho e o entendimento conquistado, e até fingir que ele nunca a havia tocado com intimidade, tudo bem. Por enquanto.

Tranquilizada pelo silêncio dele, e pelo fato de estarem a certa distância um do outro, Suzanne continuou a falar.

— Nada nos impede, no entanto, de mantermos uma conversação civilizada e até nos tornarmos amigos um dia.

Robert bufou discretamente, e Suzanne fingiu não ouvir.

— Deve ser muito bom ter uma casa como ponto de referência, um lugar para onde sempre poder voltar, a solidez do seu próprio ambiente... — Suzanne murmurou, quase para si mesma, ainda impressionada com o local, tocando as paredes de pedra com sutil reverência. — Algo para chamar de seu.

— Sente falta disso, de uma casa sua, um ponto de referência? — Robert ergueu as sobrancelhas.

— Mais do que eu desejaria. A vida que levo, viajando, é ótima, mas foi escolhida por meus pais, e não por mim.

— É terrível quando decidem coisas sobre nosso destino à nossa revelia. — retrucou Robert.

Suzanne voltou-lhe um olhar cabisbaixo, com ar de culpa. Mas nada disse.

— Planejávamos um futuro juntos, eu e você. Mesmo na manhã do dia em que me abandonou, havia me enchido de esperanças sobre nós dois. — completou Robert, laconicamente.

— Uma dama tem direito de mudar de ideia e tomar suas próprias decisões. — defendeu-se Suzanne.

— Correto. Mas não foi você quem tomou essa decisão.

— Sim, eu tomei.

— Sozinha? — Robert indagou, em tom irônico.

— Não sei o que deu em mim para vir aqui! — Suzanne resmungou, encaminhando-se à porta.

Robert fechou-lhe a passagem.

— O rompimento aconteceu contra a minha vontade, e não sou obrigado a aceitá-lo passivamente.

— Como um cavalheiro deve acatar minha decisão.

— Não sei por que todo mundo acha que sou um cavalheiro. — murmurou, correndo as mãos pelos braços de Suzanne até chegar aos ombros.

— Pare, marquês. — ela pediu em voz baixa, sentindo o coração acelerando os batimentos.

— Não. — trouxe-a mais para perto.

— Robert...

Os olhos de Robert brilharam ao ouvir seu nome mais uma vez pela boca de sua amada.

— Sim, sou seu Robert, amor. E posso fornecer a você a solidez que precisa. Esse castelo pode ser seu, Suzanne, assim como a casa em Londres, a residência oficial em Brighton, a fazenda em Derbyshire, o solar em Bath, o chalé de caça na Escócia... E tudo o mais que você desejar. — Robert sussurrou, agora bem perto do rosto de Suzanne.

— Não são bens materiais o que mais necessito. — sem perceber, Suzanne também sussurrava, os olhos verdes fixos no rosto do marquês, recebendo a massagem sensual das mãos masculinas em seus ombros.

— Você pode ter a mim...

— Quando, algumas vezes por ano? Até engravidar de um herdeiro do sexo masculino?

— Não! Sempre, todos os dias, todas as noites, no mesmo quarto e na mesma cama até o fim de nossas vidas.

— Não faça isso, marquês de Brighton, não me iluda com promessas... Eu sou aquela que não acredita em romances e nem em contos com final feliz.

— Pois deveria. Eu e você somos reais.

Suzanne escapuliu dos braços de Robert mais uma vez e saiu da

biblioteca.

Robert suspirou e flexionou os dedos das mãos várias vezes. A mãe de Suzanne havia feito um bom trabalho em envenená-la, pensou Robert. Seguiu a jovem e tentou manter naturalidade ao continuar lhe mostrando o local.

No segundo piso guiou-lhe através dos largos corredores, apontando obras de arte, entrando em vários aposentos ricamente decorados. Levou-a até uma galeria onde haviam quadros de vários antepassados de Robert.

— Esse é meu pai, Lionel. — o marquês apontou a pintura de um homem de cabelos espessos, com muitos reflexos prateados, a expressão séria, porém um olhar que transmitia malícia. Possuía a mesma boca bem desenhada de Robert.

— Ele era atraente. — constatou Suzanne.

— Creio que sim. — Robert deu mais alguns passos — Essa é minha mãe.

O quadro da mãe de Robert era maior do que o do marido, e retratava uma mulher jovial, de cabelos escuros descendo pelos ombros, com um sorriso bonito e caloroso.

— Ela era linda! E então foi de sua mãe que herdou esses olhos azuis!

Robert se aproximou ao máximo de Suzanne, atraído pela animação em sua voz.

— Sim. Era linda e muito doce. Meu pai nunca mais foi o mesmo depois que ela se foi. — Robert engoliu em seco, e encaminhou-se com Suzanne para outro quadro.

— Meu irmão, o marquês anterior. Rey. Era um farrista, mas também foi um grande herói de guerra, muito bem visto pelo príncipe de Gales. Sua

ida à guerra foi uma provocação direta a meu pai. Não se espera que um herdeiro se arrisque em batalhas.

— Seu pai ficou muito bravo?

Robert deu uma boa risada.

— Uma fúria. Mas quando Reynold voltou foi recebido com toda a pompa que um filho pródigo merece. E em pouco tempo retomou suas atividades sociais.

— Um frequentador assíduo das famosas festas do Carlton House, suponho.

— Tenha certeza disso. Ele era muito divertido e animava qualquer ambiente. — o olhar de Robert pareceu distante, e uma sombra cobriu seu brilho azulado antes que continuasse a falar — Depois de muitas aventuras amorosas encontrou o grande amor de sua vida e adotou um comportamento absolutamente recatado. Infelizmente o tifo o levou um mês antes de casar-se. Sua noiva ficou tão arrasada que abandonou Londres pouco depois. Nunca mais a vi.

— Ah, pobrezinha...

Era quase como se Suzanne olhasse a Robert. Os irmãos eram muito parecidos. Reynold, no entanto, tinha os olhos escuros do pai.

Continuaram caminhando pelo corredor até pararem diante da próxima pintura.

— Este é... era o Reginald. Reggie...meu irmão do meio. Fugiu de casa para ir atrás de Reynold. Meu pai o havia proibido de ir, pois não queria que todos os seus filhos se arriscassem no exército ao mesmo tempo, então Reggie se alistou secretamente. Soubemos depois que seu navio afundou e não o localizaram entre os sobreviventes. — Robert apontou um quadro com um rapaz muito jovem e sorridente. Parecia-se bastante com o pai, no entanto

sua expressão era mais bondosa e gentil.

— Isso é muito triste. — Suzanne suspirou — Parecia um bom rapaz...

— Penso que de nós três, Reggie tinha o melhor caráter. Saiu mais à nossa mãe. Se estivesse vivo, seria um marquês muito honrado. — Robert sacudiu a cabeça, afastando os pensamentos sombrios, e deu mais alguns passos adiante.

— E aqui estou eu, com vinte e um anos de idade. — Robert parou ao lado do quadro que o retratava com olhar sedutor. Na boca havia a sombra de um sorriso — Mudei muito? — brincou, fazendo a mesma pose da pintura.

— Praticamente nada. — respondeu Suzanne, com sinceridade. Olhava-o com um pouco de tristeza agora. Robert perdera toda sua família. Isso era muito pior do que não ter uma residência fixa. Não resistiu a tocar os cabelos dele, carinhosamente. Havia crescido mais. E estavam presos por uma elegante fita preta. Caía-lhe bem aquele estilo meio rebelde, que lembrava vagamente um pirata bem sucedido.

Robert fechou os olhos, e prendeu-lhe a mão na sua.

— Não me abandone, Sue.

Suzanne também fechou os olhos. Era difícil resistir. Amava-o. Afastou-se alguns passos, mas ele a seguiu, ainda com sua mão cativa. Estavam parados agora próximos a mais um lance de escadas.

— Lá em cima ficam os quartos. O meu, inclusive. Gostaria de conhecer? — a voz de Robert era macia e insinuante.

— Não. — respondeu Suzanne, e sentiu o coração disparar novamente.

— Por que não confia em mim ou por que não confia em si mesma?

— Não confio nem um pouco em mim mesma nesse momento, Rob.

Como nunca confiei em qualquer uma das vezes em que estivemos sozinhos.
— admitiu, encarando-o.

Num segundo Robert prendeu-a contra o alto corrimão da escada, bloqueando qualquer tentativa de fuga. A admissão de Suzanne era o que ele precisava para investir de forma mais intensa na reconciliação. Não permitiria que ela deixasse sua casa sem fazerem as pazes, pois sua sanidade dependia disso.

Suzanne não tentou fugir, ao contrário, sentiu amolecer de vez, mas não o envolveu com os braços, como desejara fazer desde que o encontrara no campo. Admirou-o, apenas. Os olhos azuis de Robert reluziam de forma indescritível, e os lábios pareciam tremer ligeiramente antes de falar.

— Eu te amo, Sue.

Suzanne não pôde mais conter-se. Ouvir aquela declaração de amor era a realização de seu maior desejo. Toda a negação, receio e desconfiança sumiram. Atirou-se aos braços do marquês no mesmo instante.

— E eu o amo também, Rob! Muito, muito!

Robert sentia-se transbordar de tanta felicidade e paixão. Colocando as mãos nas nádegas de Suzanne levantou-a, de forma que as pernas dela rodearam seu quadril, e encostou-a contra a madeira do corrimão, prensando-a, enquanto se beijavam com fúria. Quantas promessas haviam contidas naquele beijo, um futuro abrindo-se em cores, formas e sensações diversas! Como puderam permitir que alguém lhes privasse disso? Nunca mais!

Suzanne afastou o rosto somente o suficiente para admirar Robert mais uma vez. Seu príncipe! Seria um sonho? Se fosse, não queria acordar.

— Você é tão bonito, Rob... Tenho tanta sorte...

— O sortudo sou eu, Suzanne. E eu a quero muito... — beijou-a mais uma vez — Case comigo, Sue!

— Sim, tudo que mais quero é casar-me com você! — agarrou-se a ele com toda força.

As mãos do marquês enfiaram-se por baixo do vestido de Sue, apertando-a furiosamente contra ele. Era insuficiente. Robert estava desesperado por mais. Fez menção de carregar Suzanne escada acima, porém o movimento fez com que ela o detivesse com um olhar de advertência, além de um significativo retesar de corpo.

Robert entendeu bem a mensagem. Sexo, ainda não. Mas podiam chegar bem perto, isso ela permitiria, pois sua excitação era inegável. Não poderia desperdiçar essa chance, pois o corpo clamava por alguma intimidade com Sue, o mínimo que fosse. Carregou-a até um aposento próximo, reclinou-a num confortável sofá, sem parar de beijá-la. Estavam ambos com rostos rosados e quentes, apertando-se um ao outro, ansiosos por tocaram-se. Começou a abrir os inúmeros botões do vestido de Sue quase com desespero, enquanto ela o ajudava a desvencilhar-se de seu casaco.

Depois de abrir todos os botões, era a vez do espartilho. Robert ofegou. O espartilho era uma provocação branca e sensual, com fitas de cetim cor de vinho, e embaixo dele, uma calçolinha ínfima, cheia de babados e rendas também em detalhes cor de vinho, fazia-lhe par.

— Minha Nossa... — ele murmurou, encantado. Então sorriu — Graças aos céus por encontrarmo-nos hoje. Olhe para você! Está vestida para mim! Onde conseguiu essas maravilhas?

— Na França. — ela ruborizou — Tenho vários pares...

— Por favor, deixe-me ver todos. E, por favor, depois deixe-me ajudá-la a retirar cada um... — beijou-a sofregamente, descendo pela nuca, passando a língua pelo pescoço da moça, mordiscando-lhe o ombro até chegar ao decote da lingerie.

Robert abriu o espartilho com cuidado, e por fim chegou à calcinha.

NACIONAIS-ACHERON

Suzanne reteve suas mãos.

— Não, Robert. Se tirar minha calça, vai querer tirar também a sua.

— Não tenha dúvida. — ele respondeu com voz rouca, aceitando que ela mantivesse aquela barreira fina e simbólica.

O vestido não havia sido retirado, mas estava desabotoado até embaixo, dando ampla visão de Suzanne, com o espartilho também totalmente aberto. Ela estava seminua a sua frente. Robert ficou alguns minutos apenas admirando-a.

— Você é uma obra de arte, Sue...

Voltaram a se beijar, e Robert foi percorrendo com a boca o caminho até os seios acobreados de Suzanne. Lambeu bem lentamente a área em volta do mamilo direito e depois, de modo ainda mais provocante, o bico, até abocanhá-lo totalmente. Suzanne gemeu alto, enquanto ele brincava, em seguida, com o outro seio, roçando-lhe os dentes. Puxou Suzanne até que escorregasse mais para baixo dele, e se inclinou sobre ela, beijando-lhe o ventre, detendo-se no umbigo, descendo. Uma das mãos deslizou sobre a peça que protegia o sexo de Suzanne, e parou espalmada entre suas coxas, cobrindo e mantendo presa a sua parte mais íntima.

Suzanne ofegou, e Robert apenas manteve a mão ali, grande e quente, a respiração acelerada enquanto observava com seus olhos famintos a reação de Sue. Ela não protestou ao toque. Era a primeira vez que iam tão longe, e o marquês desejava manter a imagem do rosto excitado da amada em sua mente.

Robert apertou com firmeza a mão contra a intimidade de Suzanne, sentindo os pelos púbicos e os contornos macios por baixo deles, através do tecido fino. Ela contorceu-se, mordendo o lábio inferior e mal contendo um gemido.

— Rob!

— Você é minha, Suzanne. Minha. — falou, em tom possessivo, e apertou-a novamente, com os dedos forçando sobre o tecido, invadindo-a mesmo através da barreira de babadinhos.

Suzanne soltou um gritinho, jogando a cabeça para trás.

Robert também gemeu. Não sabia como conseguiria manter as calças fechadas com Suzanne remexendo-se e gemendo daquele jeito para ele. E ia ficar ainda mais complicado, pois o marquês estava disposto a fazer com que ela enlouquecesse em seus braços. E ele, com certeza, enlouqueceria junto.

— Vamos tirar este vestido, amor... está tão quente aqui, não acha?

Suzanne não conseguiu responder, apenas acatou a decisão, facilitando o acesso de Robert, que desembaraçou-a da vestimenta por completo, bem como do espartilho.

Robbie olhou novamente a minúscula calçolinha de rendas e laços. Além da peça, só usava cinta liga, meias finas e botas de cano alto. Era de fato uma imagem muito erótica assim. O marquês lambeu os lábios.

Num gesto súbito, levantou Suzanne do sofá e a girou para que colasse as costas em seu peito. A jovem gritou, surpresa, e apoiou rapidamente as mãos no assento, recobrando o equilíbrio. Robert começou a beijar-lhe a nuca, descendo pelo pescoço, traçando com a língua e os lábios um caminho até os ombros. Enlaçou-a pela cintura, acarinhando seu ventre a princípio, para em seguida, com lentidão torturante, deslizar carícias pelo corpo de Sue até que ela ficasse totalmente atordoada. Uma das mãos subiu para cobrir um seio. A outra desceu e infiltrou-se por dentro da peça francesa, roçando a pele, enroscando-se em pequenos e delicados cachinhos, buscando o mais fundo que podia. Suzanne tentou desvencilhar-se, sobressaltada. Robert sussurrou-lhe ao ouvido, com voz apaziguadora.

— Calma, amor... Confie em mim, só lhe farei carinho... Eu a amo tanto, estou tão louco por você...

Estava louco para enterrar-se em Suzanne, mas precisava que ela quisesse isso tanto ele. E iria fazê-la querer, pensou Robert, tentando manter o autocontrole quando seu dedo sentiu a umidade provinda de Suzanne. Trincou os dentes com força, sentindo-a muito justa e quente. Ah, minha querida, você me deseja também, mas pode melhorar... Introduziu outro dedo, devagar, e ela gemeu.

Sentiu o corpo de Suzanne começar a amolecer, e os dedos de Robert se aprofundaram, com cuidado, num movimento lento e repetitivo, que acelerava cada vez mais, aumentando o ofegar de Sue gradativamente, e o dele próprio até chegarem a níveis insuportáveis.

— Oh, por favor... — ela gemeu, sacudindo contra ele, sentindo a quentura fluída bem lá embaixo, onde ele lhe tocava.

— Diga que é minha. — Robert pediu-lhe, o rosto enterrado no pescoço de Suzanne, beijando-a e mordiscando-a com ardor.

— Sou sua... Sou sua, Rob. Ahhhh... não aguento mais... — arfava entre as palavras. O que ele estava lhe fazendo?

— Diga que será minha para sempre. — Robert disselhe, movendo dentro dela mais e mais rápido, massageando-lhe também os seios, num compasso ora bruto, ora gentil, comprimindo seu corpo contra o de Suzanne, implacável em todos os ângulos.

Suzanne gemeu alto, contorcendo-se. Os braços começaram a bambear mediante as sensações intensas que Robert lhe infringia, impiedosamente, entre as pernas, nos seios, nas nádegas, na nuca... Ela não conseguia mais manter-se meio suspensa no sofá, os membros deslizaram, e desabou totalmente na maciez do estofado, levando o corpo de Robert junto ao dela. Acreditava que iria desmaiar com tão fortes sensações.

Robert tocou-a mais firme embaixo, e Suzanne gritou de angústia e prazer.

— Diga! — ele exigiu, contorcendo-se junto às nádegas de Suzanne. Sentia que ela estava perto do clímax. Também ele sentia que ia explodir a qualquer momento.

— Serei sua para sempre! Ahhhh, Rob! — sentiu como se saísse do chão, se desfizesse em mil pedacinhos no espaço e de repente voltasse à forma original, descendo com violência ao solo. Desmoronou, com o corpo de Robert agarrado ao seu.

Robert também estava cansado e ofegante. Fizera um esforço sobre-humano para controlar-se e não derramar-se nas calças. Suzanne era de enlouquecer, e a forma que reagira quando ele a submetera às suas carícias era a promessa de que o sexo com ela seria fenomenal!

Suzanne procurava tomar ar, respirando com dificuldade. O que era aquilo? Sentiu o rosto quente e uma vergonha tremenda. Como ela gritara, gemera, se contorcera daquele modo? Como uma rameira... O que Robert pensaria dela agora por permitir que ele lhe fizesse isso? Pegou o vestido e o espartilho e começou a tentar recolocá-los, desajeitadamente, as pernas ainda bambas.

Robert girou Suzanne para olhá-la. Ficou chocado quando a viu tão rubra e com os olhos marejados.

— Sue! O que houve, meu amor?

— Robert, eu não... Eu não sou assim... Eu nunca senti isso antes. Eu sou uma moça direita, eu juro! Eu nunca havia permitido que... nunca me aconteceu... — Suzanne falava nervosamente, sem encarar o marquês, torcendo as mãos no vestido.

Robert a impediu de continuar falando, interrompendo-a: — Amor,

eu sei que é uma moça direita, eu sei que nunca deve ser sentido algo tão forte como hoje. Chegou ao êxtase em meus braços, Sue, e foi lindo! Eu adorei! — ergueu seu queixo com a ponta dos dedos.

Suzanne fechou os olhos. Pensamentos tumultuosos lhe afligiam, dizendo-lhe que havia perdido Robert por conta de seu comportamento indecoroso. Pensava que o marquês de Brighton não mais a desejaria como esposa, e sim como sua amante.

Robert a sacudiu gentilmente.

— Meu amor, somos noivos. Vamos nos casar. Acho maravilhoso que sejamos tão loucos um pelo outro, e adoro a compatibilidade que temos.

A voz de Robert, serena e gentil, despertou-a e a fez abrir os olhos imediatamente. Ele continuou: — Imagina que é diferente das outras? Não é. Quer um exemplo? Observe Tristan. Sim, vejo que já percebeu como ele tira a noiva Juliet do eixo. Não estou certo se eles já fazem amor, mas como nós, devem ao menos chegar bem perto. É quase palpável a atmosfera sexual que paira entre eles. Não creio que eles se envergonhem, e não deveriam mesmo. E nem nós.

— Não sei das minhas amigas, nem das outras damas. Sei que os homens... — Suzanne ficou ainda mais corada.

Robert entrecerrou os olhos, e começou a incomodar-se com a reação excessiva de Suzanne. Precisava apaziguá-la. Se reagia assim só porque ele tomara algumas liberdades com seu corpo, como seria quando fizessem amor de verdade?

— Diga-me, Suzanne, o que tem os homens? — perguntou, pacientemente.

— Minha mãe disse que você, como a maioria dos homens, só queria... hã... que me viam como uma potranca, que desejavam montar.

Robert arregalou os olhos, e rapidamente cobriu com um dedo os lábios de Suzanne.

— Não diga mais nada e nem repita isso, por favor! Ah, Suzanne, sua mamãe pode ser bem malvada, heim? Que coisa terrível de dizer à própria filha! — o marquês sacudiu a cabeça, pesaroso. Agora entendia porque Suzanne aceitara o fim do namoro antes. A mãe devia ter falado tantos horrores, que a pobre moça apavorou-se e sucumbiu à decisão materna.

Robert ajudou-a a abotoar a roupa, carinhosamente, sentindo o olhar intenso de Suzanne sobre ele. Sabia que ela aguardava que ele dissesse mais alguma coisa.

— Sue, tive uma visão rápida de você na sua primeira noite em Londres. Você dançava, balançando esses cabelos divinos, e eu fiquei enlevado por seus movimentos mesmo sem conseguir ver-lhe rosto. Mas tinha certeza que era maravilhosa. Depois a vi no Hyde Park, correndo e esbanjando alegria, ao lado de Juliet. Quando nos vimos finalmente frente a frente, eu já tinha a plena certeza que a desejava como minha esposa. Esposa, não amante, nem essa expressão chula que você usou: potranca. Se desejo fazer amor com você? Sim, desde o primeiro instante que a vi eu desejei. Mas quero fazer amor com você a vida inteira, não uma noite ou duas. Você precisa decidir se crê em minhas palavras ou não. Se tem dúvidas, porque não foge comigo agora mesmo para Gretna Green? Casamo-nos lá, e ninguém poderá nos impedir ou dizer que o casamento não é válido.

— Está falando sério?

— Mas claro que estou. Resolveria todos os nossos problemas! — Robert estava sinceramente empolgado com a ideia. Era um ótimo plano B.

— Você é um marquês, tem que levar em conta que carrega um nome poderoso e tradicional, de muitas e muitas gerações de nobres. É um dos conselheiros do primeiro ministro, amigo de Sua Majestade, não pode fugir

NACIONAIS-ACHERON

assim, fazer um casamento às pressas! Isso seria um escândalo! — Suzanne estava boquiaberta.

— Não seria o primeiro em que me envolvo.

— Mas agora têm uma carreira séria, e deve pensar nela! As pessoas confiam em você como político, contam com sua ajuda para diminuir as injustiças sociais.

— Você é mais importante que qualquer outra coisa que eu faça. — respondeu Robert, enfaticamente.

Suzanne ponderou. Robert era muito passional, e estava disposto a fazer uma loucura para casar com ela. Ela, no entanto, não era tão corajosa. Já fôra, muitos anos atrás. Sua coragem, no entanto, havia se perdido quando viu Cedric morrer em seus braços, seus dois amigos serem dizimados diante de seus olhos, e um homem ensandecido jogá-la no chão com violência para estuprá-la. Dava graças a Deus até hoje por haver desmaiado e ter sido ao menos poupada de sentir aquele monstro gigantesco dentro dela. Tinha certeza de que se estivesse consciente, teria acabado por suicidar-se depois, e não toleraria nem sequer olhar um homem novamente. De fato por muito tempo comportou-se como um animal acuado cada vez que um cavalheiro chegava perto.

Suzanne suspirou, apertando entre as mãos uma ponta do vestido. Não podia fugir novamente com um homem. Se o fizesse, era melhor nem voltar à Inglaterra, pois seus pais a rechaçariam para sempre por repetir a mesma viagem que a desgraçara antes. Não podia ficar sem o amor dos pais. Era a única coisa real que possuía, o amor da família. Claro que o amor de Robert era importante, mas talvez, com o tempo, conseguissem persuadir sua mãe e seu pai a aceitá-lo como genro, sem mais atritos. Se ele ainda a quisesse depois que lhe contasse toda a tragédia que vivera. Decidira-se a contar no dia seguinte, ganhando assim mais tempo para preparar-se para

fazer a terrível revelação sobre sua vida.

De qualquer modo, não permitiria que o homem de sua vida jogasse fora todos os anos de trabalho no parlamento por causa dela. Seria egoísmo.

— Entendo seu ponto, Robert. Mas não desejaria casar assim, só nós dois, às pressas, em Gretna Green. Podíamos tentar o modo tradicional? O noivado, o casamento, alguns convidados queridos? — Suzanne olhou ansiosa para Robert.

— Como preferir, Sue. — respondeu o marquês, com um suspiro. Ok, de volta ao plano A, pensou, resignadamente.

Suzanne ficou nas pontas dos pés e o beijou delicadamente nos lábios. Robert sentiu o coração amolecer de vez. Recuperar Sue era um alívio, e sentia uma grande alegria em vê-la satisfeita. Ademais, o plano A, desvirginá-la, e obrigar seus pais a lhe cederem a mão, era infalível, agora que haviam se reconciliado.

— Agora, vamos comer alguma coisa. — disse o marquês — Aposto que está com fome...

— Como sabe? — ela franziu as sobrancelhas, aceitando a mão estendida e saindo do aposento.

Ele deu um sorriso matreiro.

— Sou bom em adivinhação, minha noivinha linda... — Robert encarou-a com olhos muito brilhantes.

E adivinhava que após o encontro do dia seguinte Suzanne sentiria mais fome ainda. Depois de tomar-lhe a virgindade, duvidava que a megera senhora Cunningham se atreveria a impedir a união deles.

Tomaram refrescos e comeram biscoitos conversando alegremente, até Suzanne lembrar-se que precisava voltar para a casa das Delacy antes que seus pais chegassem. Combinaram um novo encontro.

Robert cavalcou com Suzanne até os limites de sua propriedade, sem estender-se demais, para que os vizinhos não soubessem que estava no castelo. Certamente se sua presença fosse descoberta pela senhora Martha, o encontro marcado para o dia seguinte seria inviável. Oh-oh, precisava muito desse encontro.

O marquês apenas beijou a mão de Suzanne na despedida, prevenindo-se assim que ninguém os visse em situação comprometedor. Nada podia dar errado agora, pois aquela era uma chance única de resolver seus problemas de uma vez por todas, numa tacada só.

— Até amanhã, minha querida. Aguardarei você ansiosamente. — disse Robert, com um olhar apaixonado. Quando se preparava para retornar ao castelo, estacou e voltou-se à Suzanne. Deu uma tossidela, antes de falar — Quase esqueço-me de avisar-lhe... Er... Suzanne... eu sugiro que solte os cabelos...

— Por quê? — ela surpreendeu-se.

— Estava com muita, muita saudade, Sue... Desculpe-me... Deixei uma marca na sua nuca. E caprichei mesmo dessa vez. — deu de ombros. Então sorriu, e deu rédeas ao seu cavalo, saindo a galope, para não ouvir desaforos.

— Robert! — gritou ela, de cenho franzido. E pôs-se a desfazer suas tranças. O sem-vergonha a marcara como propriedade dele, mais uma vez!

— Está usando um daqueles conjuntos deliciosos de rendas e fitinhas hoje também? — indagou Robert, assim que Suzanne cruzou o portal do castelo, após ser recebida pelo mordomo.

— Bom dia para o senhor também, marquês de Brighton! — respondeu Suzanne, corando por causa da presença do mordomo ainda

NACIONAIS-ACHERON

próxima a eles. Pôde até ouvir a risadinha abafada de Travis.

— Bom dia. — Robert sorriu, beijando-a de leve nos lábios, e procurando também beijar seu pescoço.

— Nada de pescoços para você, hoje. Comporta-se como um personagem de John Polidori! — Suzanne mostrou a marca avermelhada deixada por ele, levantando um punhado de cabelos vermelhos.

— Que? Está me chamando de vampiro? — o marquês riu.

— Bem... parece-me que encaixou, não é mesmo? — Suzanne deu de ombros.

— Mesmo? — Robert perguntou, em voz baixa, aproximando-se mais de Suzanne.

— Sim — Suzanne respondeu, dando um passo para trás — Bocas, dentes... morder, sugar...

— É muito bom. Eu gosto de fazer isso. — respondeu Robert, com naturalidade.

— Vou fazer em você da próxima vez! — Suzanne resmungou.

— À vontade. Mas agüente as consequências. Qual a cor está usando por baixo hoje? — deu outro passo a frente, e Sue novamente recuou.

— Está mais assanhado que de costume. — respondeu ela, de sobranceiras erguidas.

— Sim. Pensei em você a noite toda. Amanhã voltamos à Londres e não sei quando poderei tê-la em meus braços com tanta liberdade como temos aqui.

Suzanne suspirou profundamente. Era verdade. Como poderiam se encontrar com liberdade diante da situação complexa que viviam? A senhora Martha certamente dobraria a vigilância sobre ela, e não mais confiaria em Jake e Christian como guardiões. No momento, nem com Juliet podia contar.

Certamente Suzanne só poderia voltar a sair de casa com uma dama de companhia. Rezava para que fosse Liza, pelo menos era agradável, leal e quase da mesma idade que ela. Seria mais compreensiva com sua causa.

— Azul. — respondeu ela, por fim.

O marquês por um momento ficou confuso. Oh, sim, a lingerie!

— Adoro azul. — respondeu ele, um sorriso sensual se delineando na face bem esculpida.

Robert aproximou-se bem devagar, olhando-a fixamente.

E desta vez, Suzanne não se afastou.

— Quero que conheça os aposentos da marquesa de Brighton.

— Creio que vou gostar...

Robert não se surpreendeu com a aceitação dócil dela. Depois da experiência compartilhada no dia anterior, não poderia ser diferente. Finalmente o momento em que possuiria Suzanne por completo ia acontecer. Hoje!

— Vamos, meu amor. — o marquês aproximou-se, e entrelaçou seus dedos aos de sua amada.

— Agora? — ela indagou, nervosamente. Primeiro precisavam conversar. Suzanne precisava encontrar a forma certa de fazer isso.

Robert reconhecia que fazer amor pela primeira vez assustava a qualquer moça casta. Suzanne precisava de tempo e paciência, e ele a seduziria bem devagar.

— Esperemos o quanto quiser, Suzanne. Mas agora, o que faremos então? — Robert perguntou-lhe, com voz sussurrante.

— Não sei. O que tem em mente? — ela provocou.

— Tirar seu vestido. Depois, tirar seu espartilho. — respondeu, alegremente.

Isso Suzanne sabia. Não precisava expressar em palavras qual era a intenção dele hoje, ainda mais depois do impressionante interlúdio amoroso que tiveram um dia antes. Ela também havia vindo ao castelo com intenção de entregar-se, e mesmo sem haver dito ao marquês, ele sabia. Mas ela não iria alimentar seu orgulho de macho facilitando as coisas.

— Ah, é? Me despir, agora? — ela riu.

— É só um aquecimento para o que vem depois, futura marquesa...

Suzanne afastou-se alguns passos, e provocou.

— Só se me pegar primeiro.

Estavam no saguão do castelo, um espaço largo e que abria-se a outros corredores. Suzanne fez menção de correr, e Robert ameaçou pegá-la. Fitaram-se com diversão, vigiando os movimentos um do outro.

— Se eu pegar, vou tirar tudo que você estiver usando. Até sua linda calça de rendas. Não serei piedoso. — avisou Robert, com um sorriso quase perverso nos lábios.

Suzanne deu uma risadinha nervosa.

— Eu sou rápida.

— Mas está de vestido... o que atrapalha seus movimentos... — o sorriso dele alargou — Além disso, não deve subestimar um homem à caça de seu prêmio... E o que vou fazer com você depois que a despir de todas as roupas, será de minha exclusiva escolha.

Se Suzanne houvesse visto a intensidade daquele olhar predatório em qualquer outro homem, teria corrido realmente apavorada, mas partindo de Robert, só tornava a brincadeira ainda mais excitante.

Suzanne olhou de soslaio às suas costas, e correu. Robert correu atrás dela, os dois rindo. Quando ele estava prestes a alcançá-la, Suzanne deu um gritinho e circundou uma larga pilastra, ganhando vantagem.

— E tem mais — gritou Robert, rindo — Não vou devolver a sua peça íntima. Guardarei como despojo de guerra!

— E eu vou voltar para casa sem calças? — protestou Suzanne, parando subitamente. Quando viu que ele estava perto demais, pôs-se a correr entre os corredores novamente.

— Certamente! Porque eu vou te pegar!

Suzanne deu uma risada alta.

— Quero ver!

— Aposto que quer! — ele respondeu, com malícia.

Então, numa disparada que fez Suzanne gritar mais alto, de susto, a alcançou.

— Peguei!

Prendeu-a contra a parede, os dois rindo alto.

— Eu não disse que pegaria você? — sorriu o marquês, enquanto abraçava Suzanne. Em segundos as risadas cessaram, e deram lugar à volúpia. Robert inclinou o rosto e beijou a amada com sofreguidão, forçando seu joelho contra as coxas femininas, submetendo-a a seu desejo, levando-a a mergulhar com ele numa onda crescente de erotismo.

— Abra pra mim, Sue. Vamos...

Suzanne afastou as pernas e ele enfiou-se entre elas, mantendo-a contra a parede, o peito num sobe e desce acelerado. Impacientou-se e começou a erguer-lhe o vestido. Sentia-se violentamente excitado.

— Quero você, Suzanne, agora mesmo. Não posso mais esperar!

Suzanne ofereceu-lhe os lábios, ao mesmo tempo em que Robert arrancava-lhe a calçolinha rendada, como havia dito que faria. Enfiou a lingerie no bolso, displicente. A jovem tremia de expectativa enquanto o amado abria as próprias calças e suspendia uma das pernas dela a fim de

rodear-lhe o quadril.

Desejava-o, não importando mais nada. Suzanne sentiu quando a ponta de seu membro rijo roçou na entrada de sua feminilidade e arfou, contorcendo-se junto a Rob.

O marquês estava prestes a tomar Suzanne ali mesmo, em pé, no corredor sombrio, quando um ruído os interrompeu.

Robert deixou as saias de Suzanne caírem sobre as pernas expostas e fechou rápido as calças quando avistou uma criada aproximando-se com uma cesta cheia de roupas para lavar. A mulher sobressaltou-se quando os viu na penumbra e murmurou um pedido de desculpas, apressando o passo.

Um suspiro resignado escapou de ambos, ao mesmo tempo. Ainda não seria desta vez...

Robert e Suzanne puseram-se a rir, e ele a conduziu pela mão à uma passagem que ela não vira no dia anterior. O caminho levava a um jardim interno que abria-se, glorioso e extenso, num festival de cores e aromas. Sentaram-se em um dos diversos bancos de pedra, admirando as flores e as borboletas que revoavam em torno delas.

O marquês quedou-se por alguns minutos numa adoração silenciosa à sua amada. Os raios de sol que refulgiam entre os galhos das árvores frutíferas à volta incidiam sobre os cabelos de Suzanne, abrindo uma cartela impressionante de cores vermelhas, acobreadas e até marrons. Piscou, enlevado com a imagem encantadora, esforçando-se para falar.

— Melhor termos sido interrompidos. Por alguns segundos esqueci onde estávamos... Você merece uma cama grande e macia, minha marquesa. — disse Robert, fechando as duas mãos sobre a delicada mão direita dela e fitando-a com os olhos ainda ardendo de desejo — E eu não estava nada senhor de mim ali naquele corredor.

Suzanne riu baixinho, corando. Nem ela estava senhora de si. Mas suspeitava que se houvesse sido possuída ali, na fúria do desejo que sentiam, o ato rápido e feroz esconderia o segredo que ela guardava, facilitando sua vida. Não seria honesto, mas não podia negar que seria um alívio em seus ombros. Mas, não havia acontecido, e não podia mais fugir da verdade. Precisava colocar as cartas na mesa para Robert.

— Precisamos conversar. — falaram simultaneamente. E sorriram um para o outro.

— Você primeiro. — pediu Suzanne, gentil. Nada poderia ser pior do que ela teria para contar, e como corria o sério risco de Robert não aceitá-la depois da revelação, mais alguns minutos com o amado seriam válidos. E também, enquanto o ouvisse, reuniria mais forças para o momento de falar de si mesma. Sentia-se mais covarde que nunca.

Robert encheu o peito antes de falar, enrijecendo a postura.

— Quando você rompeu comigo, Sue, passei dias terríveis. Estive intratável, brigão, e frequentemente bêbado. Cometi uma indiscrição em uma dessas vezes em que bebi demais.

Robert retomou fôlego. Estava muito desconfortável, mas se fôra homem o bastante para beijar Juliet num pátio de hospital, onde qualquer pessoa poderia tê-los visto juntos, precisava ser homem suficiente também para admitir o fato à futura esposa, melhor amiga da moça que havia beijado. Não deixaria essa responsabilidade para a noiva de Tristan, e não gostava da ideia de ocultar alguma coisa de Suzanne. Ainda mais algo que estava certo que viria à tona em algum momento.

— Fui visitar Tristan certa noite, na verdade com intenção de encontrar Juliet e receber notícias suas, Suzanne. Mas... acabei por beijar Juliet.

Suzanne deu um pulo do banco.

— Acho que não escutei bem. Pensei ter ouvido você dizer que beijou Juliet.

— Foi o que eu disse. — Robert procurou manter uma expressão fria, mas seu coração estava num incômodo descompasso.

— Quer dizer, beijou minha amiga Juliet, na boca? — Suzanne tinha os olhos arregalados.

— Sim, um beijo rápido na boca. Foi somente lábios com lábios. — esclareceu o marquês, aparentando calma.

— Você beijou Juliet... — Suzanne murmurou, fitando o chão. Sempre sentia-se incomodada quando alguém lembrava do interesse que o marquês de Brighton teve por Juliet, pelas duas vezes em que havia comparecido a bailes e dançado somente com a moça, e quando ouvia alguma insinuação de que Robert ainda tinha interesse na noiva de Tristan Smith. Então a bebida alcoólica havia mostrado que o interesse realmente ainda persistia, suplantando até o respeito que devia ser mantido pelo amigo enfermo.

— Da mesma forma que você beijou Grafton. — Robert deu de ombros, minimizando a questão.

— Não estávamos juntos quando Grafton me beijou. Eu e você não éramos namorados.

— Nem quando beijei Juliet. Você havia me deixado. — Robert sentia o incômodo no peito crescer.

— Nem Grafton é seu melhor amigo.

— Eu estava muito embriagado! — defendeu-se o marquês.

— E essa é sua desculpa? Se brigarmos, no futuro, você beberá com seus amigos e sairá beijando por aí? — Suzanne fez um gesto amplo com as mãos, o rosto corado pelo ciúme — E nem entrarei no mérito de você

apunhalar Tristan quando ele nem pôde se defender!

— Não apunhalei Tristan! Foi um deslize que cometi, só isso! — Robert também levantou-se, a paciência se esgotando.

— Tenho certeza que Tristan não concordaria com a forma como você encara o seu ato!

— Pedi desculpas à Juliet, e ela me perdoou. Peço desculpas a você também, Sue.

Diante do silêncio dela, Robert emendou: — Não teve importância, minha querida, eu juro.

Suzanne recuou como se Robert a houvesse esbofeteado. De todos os comentários infelizes que um homem podia fazer, esse era, sem dúvida, o pior.

— Se não tivesse importância, não teria me contado, marquês.

Era a pura verdade, pensou Robert. Mas não desejava admitir tal coisa, aumentando ainda mais o mal estar entre eles.

— O que eu quero dizer, é que não importou dentro do meu coração. Foi um ato tolo de um homem decepcionado. Eu... não estava muito senhor de mim... Garanto-lhe: isto jamais se repetirá, nem com Juliet, nem com nenhuma outra mulher.

Suzanne começou a andar de um lado para o outro, como um animal enjaulado.

— Entre todas as damas inglesas, escolheu logo Juliet, que o tem em alta estima, que foi nossa aliada, que é a amiga que mais prezo nesse mundo! — era claramente para vingar-se que Robert fizera aquilo, pensou Sue.

— Ela compreendeu-me melhor que você.

Suzanne fuzilou-o com o olhar:

— Só falta me dizer que Juliet apreciou o que fez!

Robert baixou as vistas por um breve momento.

— Não, claro que não. Aborreceu-se, lógico.

Suzanne ergueu os olhos verdes, escurecidos agora pela dúvida que lhe martelava no peito.

— Já é bem ruim saber que sempre haverá alguma dama lhe rondando graças a sua fama de conquistador, mas imaginar que pode chegar ao ponto de seduzir até as minhas amigas, ultrapassa qualquer limite que eu possa suportar!

— Não me afronte, Suzanne. Se pretendesse seduzir suas amigas, não me comprometeria com você. Já disse que isto não mais se repetirá. — o tom de voz e o olhar do marquês de Brighton já sinalizavam seu estado de espírito. E não era dos melhores nesse momento.

Suzanne ignorou o aborrecimento na voz de Robert.

— Gosta de Juliet, Robert? Ao ser rechaçado por ela, voltou-se a mim como segunda opção?

O marquês de Brighton arqueou as sobrancelhas e fitou Suzanne com assombro.

— Que pergunta mais absurda! Gosto de Juliet como amiga, e você não é uma segunda opção! Quero só você, desejo só você. Por Deus, é muito mais bonita que qualquer outra moça que eu já tenha conhecido! Não entende seu valor?

— Meu valor é ser bonita? — Suzanne estava chocada. Se Rob soubesse como sua beleza foi responsável pela sua desgraça, entenderia o quanto esse tipo de comentário soava doloroso para ela.

Robert não conseguia entender como perdera totalmente o controle da situação, e porque cada escolha de palavras que fazia resultava desastrosa, deixando Suzanne ainda mais irritada. Intuiu que nenhuma de suas

justificativas seria satisfatória para aplacar a ira e o ciúme de Suzanne. Sentiu-se frustrado, e deu uma volta em torno do banco de pedra, contendo-se para que sua voz não soasse esbravejante ao responder.

— Ser bonita é uma qualidade valorosa e inquestionável para uma moça que, como você, pretende arranjar um bom marido. Não finja que isso é um defeito, pois senão me fará acreditar que sua tão dedicada mãe fez, definitivamente, um tremendo estrago em sua autoestima.

Mal terminou de falar, Robert já se arrependia do que dissera. Mais uma vez tocara no ponto frágil de Suzanne: sua mãe.

— Minha mãe é maravilhosa! — Suzanne estava com a voz trêmula — O problema não é ela, e sim você! É um homem dominador, acostumado a ter o que quer, e que não sabe como lidar com perdas! — Suzanne levou a mão à boca ao terminar de falar, horrorizada pelo modo que a frase soara.

— Não sei lidar com perdas? — ele respondeu, instantaneamente, os olhos azuis tão arregalados que pareciam prestes a saltar das órbitas — Por toda a minha vida tive que aprender a lidar com perdas: perdi minha mãe, meu primeiro amor, meu filho, meus irmãos, meu pai. Perdi até a mim mesmo por um bom tempo. E superei cada uma das vezes. Então não me venha dizer que não sei lidar com perdas!

— Robert, não foi isso que quis dizer. Desculpe-me.

Robert cruzou os braços, sem encarar Suzanne. A dor por tantas perdas pulsava forte nele, e não gostava de ser lembrado que não havia mais ninguém em sua família, nem em linha ascendente e nem descendente. Sofrera terrivelmente cada uma das mortes das pessoas que amava, indagando-se porque lhe eram tiradas as pessoas que estimava, enquanto ele tinha que continuar vivo. Mas, contrariando suas próprias opiniões, sobrevivera, e reescrevera sua história, não necessitando viver à margem dos marqueses anteriores. A insinuação de que era um mimado, ou um fraco, NACIONAIS-ACHERON

feria tal qual uma punhalada num membro que ainda se estava restabelecendo. Conteve o sentimento que tentava derramar-se em seus olhos, e ao invés disso, deu vazão à decepção que sentia pelas palavras desrespeitosas da mulher que amava.

— Quis ser honesto com você, Suzanne. Pedi desculpas pelo meu erro, e você me ofende!

Suzanne sentia-se devastada. Não quisera tocar na ferida de Robert, não queria explodir com ciúmes por causa de um beijo tolo, não queria usar a revelação de Robert como desculpa para não fazer a sua. Mas não pôde evitar cada uma dessas coisas. Olhou para as próprias mãos, e apertou uma à outra, antes de falar: — Creio que é melhor que me vá. Tenho malas para fazer, e retorno a Londres amanhã cedo.

— Está me deixando mais uma vez, Suzanne? — havia um ligeiro tom de ameaça na voz do marquês, e seu olhar era gélido.

Suzanne recuou um passo. Não havia um pinga de ternura na expressão dele, nenhum sinal do caloroso Robert de sempre. Estaria ele cansando-se dela? Procurou responder com suavidade.

— Só se você assim o quiser, milorde. — Suzanne prendeu a respiração.

— Não quero. Não quero isto de forma alguma. — ele respondeu após alguns segundos, ainda com expressão sombria.

— Nem eu. — respondeu Suzanne, com alívio — Mas penso que se ficar, do modo que estamos magoados, nos fíramos ainda mais.

Robert concordou. Sentia sua fúria na garganta, e sabia muito bem que quando começava a falar, encontrando-se nesse estado, passava dos limites. Suzanne tocara num ponto extremamente nevrálgico do marquês. Era mais sábio que se afastassem naquele momento, ou até por mais alguns dias,

tamanha era sua ira. Do mesmo modo, Suzanne poderia ter com Juliet e acabar com suas dúvidas. Se reencontrariam em breve, e então já estariam calmos.

— Será melhor.

Suzanne suspirou e estendeu a mão na direção dele: — Devolva-me minha peça íntima.

— Não. — ele deu um sorriso sem qualquer alegria, batendo de leve no bolso, onde havia posto a peça de babados e rendas azuis de Suzanne.

Porém, pensou melhor.

— Trocarei por um beijo seu.

Suzanne deu um passo à frente, e Robert agarrou-a, beijando-a com ardor furioso. Quando soltou-a, os lábios de ambos ardiam, e os de Suzanne estavam inchados e ainda mais vermelhos. O marquês estendeu-lhe a delicada peça íntima, avisando-lhe: — Não se esqueça, Suzanne, você me pertence tanto quanto eu pertenço a você. Pode ficar com raiva de mim o quanto quiser, mas nunca se esqueça disso.

Ela assentiu, com a mão nos lábios doloridos pelo beijo agressivo, misto de amor e rancor. Não desviou os olhos do marquês, enquanto andava, e nem sequer vestiu a pequena peça francesa de novo. Quando já estava perto da porta maciça, deu-lhe as costas e saiu correndo do castelo, com lágrimas já deslizando por sua face.

CAPÍTULO IX

Era impressionante. Como Juliet certa vez assinalara, Robert devia ter mesmo um faro de cão de caça. Devia ser mais uma das artimanhas que o demônio lhe concedera. Fosse em Hyde Park, fosse em uma das confeitarias Smiths, ou até mesmo nas idas de Suzanne às compras em plena Bond Street, o marquês de Brighton quase sempre surgia como por encanto, mesmo sem ter sido avisado por sua escolhida sobre qual seria seu paradeiro. Se avistava a senhora Martha por perto, o nobre sumia entre as outras pessoas, evitando o confronto, a pedido da noiva. Mas, se Sue estivesse com uma das amigas, ou com a dama de companhia Liza, que a tia Ellinor gentilmente lhe cedera e que era mais do que uma mera criada, Robert aproximava-se, galanteava sua amada e sutilmente estabelecia para todos em volta que a ruiva era seu território. Nos eventos noturnos, dava-se a mesma coisa. Começara a agir assim mal pisaram em Londres. Suzanne enervava-se com a situação. Até quando aquelas manifestações públicas iriam passar despercebidas por seus pais? Eram distraídos, e consideravam que sua filha enfim tinha aprendido a lição de obedecê-los, mas não eram idiotas. Dava graças a Deus por seu pai estar tão ocupado com o novo livro que estava escrevendo, e sua mãe tão atarefada com a mudança para o novo apartamento, pois com isso não prestavam a devida atenção ao que acontecia ao seu redor.

O assédio era óbvio e deliberado, e as amigas de Suzanne já haviam se acostumado a cumprimentar o marquês sempre que saíam em companhia da jovem Cunningham. Depois do primeiro momento de espanto, curiosidade e diversão com o interesse de lorde Barker à uma jovem de seu círculo,

Georgiana, Luciane e Juliet faziam até pequenas apostas entre si. As apostas giravam em torno de quanto tempo o marquês demoraria para surgir junto à Suzanne, ou se aparecia à frente, ao lado, ou às costas de Sue. E se ele não comparecia por qualquer razão, as moças lamentavam-se, sempre em tom bem-humorado, apoiando amigavelmente a escolhida de Robert.

— Não se preocupe, Sue. — tranquilizou-a Luciane certa vez, logo que o marquês afastou-se delas depois de uma agradável conversa, num encontro curto e aparentemente casual — Vossa Graça é inteligente. Ele a corteja o suficiente para que os cavalheiros de Londres saibam de seu interesse, mas não o bastante para manchar sua reputação. Ninguém pode dizer um grão que ele a está desonrando, já que está sempre em público e acompanhada, mas, por outro lado, nenhum rapaz de juízo se atreverá a declarar-se a você quando um admirador tão poderoso como ele tem lhe manifestado estima. O comportamento dele para com você é exemplar!

— Isso não me conforta. Ah, o marquês é controlador, e temo que isso vá me causar problemas!

— Não gostaria dele se fosse um tolo ou um frouxo. — caçoou Luciane — Admita que essa atenção e possessividade partindo de um homem tão bonito e influente a envaidece!

— Minha mãe vai me matar, Luciane, e isso não me envaidece nem um pouco.

— Prometo que se isto ocorrer, enviarei flores ao funeral, e chorarei copiosamente a perda, mas enquanto está viva, regozije-se! Agora já quase não se fala do marquês com Juliet ou com qualquer outra dama, já que ele transferiu todas as atenções a você! Em breve seu nome estará nos livros de apostas, do White's até o Boodle's. Que beleza. — Luciane respondeu-lhe, fitando-a com olhar malicioso.

— Ah, mate-me de uma vez, Luciane, mate-me, e prive-me de uma

NACIONAIS-ACHERON

morte dolorosa nas mãos de minha mãe!

Luciane enfiou o braço no da amiga e ambas começaram a rir, caminhando bem juntas pelas ruas movimentadas do comércio.

— Estarei muito ocupado nos próximos dias por causa dos textos finais dos termos da abolição, e das inúmeras reuniões com o primeiro ministro, Sua Majestade, empresários e líderes abolicionistas, então precisarei me ausentar de alguns dos eventos principais desse mês, Tim. Sinto muito, mas ao sarau dos Benning você terá que comparecer sozinho.

— Não acredito! Deixará sua pombinha solta entre os gaviões londrinos? E ela não reclamará sua ausência? — Tim provocou o amigo, enquanto bebia com displicência seu conhaque.

— Não estou preocupado. Penso que satisfiz Suzanne quanto à sua insegurança em relação aos boatos que corriam sobre mim e Juliet. — comentou Robert, bebericando um uísque, ao lado de Tim.

— Espalhando novos rumores, agora sobre vocês? — atçou o visconde.

Robert deu de ombros, displicentemente.

— De certo modo. Comportando-me como o ser territorial que Suzanne acredita que eu seja, e estabelecendo para nossa adorável sociedade que tenho interesse genuíno e sério para com a deusa ruiva dos Cunningham.

Timothy deu uma risada.

— Suzanne acredita que você marca o território a volta dela, e você faz exatamente isso! Pelo que conheço de sua “deusa ruiva”, isso deve soar como provocação.

— Não sei por que ultimamente tem me agradado irritá-la... —

Robert deu um sorriso maldoso, sem se importar com a chacota do visconde.

Tim sacudiu a cabeça.

— Será possível que vocês não podem comportar-se como um casal normal?

— Suzanne nos levou a isso, estamos seguindo uma escolha dela. Se ela deseja lidar a seu modo com os próprios pais, não vou contrariá-la e armar uma confusão desnecessária. E eu estou confortável assim, afinal nunca precisei pedir permissão para cortejar uma dama antes. — Robert sinalizou ao funcionário do clube que seu copo estava vazio.

— Ah, pois sim... E quando essa brincadeira de gato e rato entre vocês acabará?

Robert fez uma expressão de desdém.

— No momento estou envolvido demais com trabalho para pensar seriamente em outra coisa.

— Há um mês você e Suzanne estão nesses encontros quase casuais. E me parece distante quando fala em compromisso. Estava muito empolgado antes, o que houve afinal, a novidade esfriou? — Tim observava o amigo, com olhos argutos.

O marquês ainda sentia-se contrariado com as palavras críticas de Suzanne no castelo, e a mágoa, juntamente com as responsabilidades no parlamento, roubavam-lhe bastante o ímpeto, fazendo-o pensar na futura esposa com distanciamento e sensatez. Até o momento em que chegava perto da moça. Então seu corpo esquecia-se de qualquer norma de decoro ou bom senso e reclamava a abstinência imposta pelo cérebro do lorde Barker.

— Continuo louco por Suzanne. Só estou um pouco... cansado.

— Defloraste a moça e ela perdeu a graça? — Tim encarava o marquês com olhos de águia.

— Ah! Que piada! Se tivesse deflorado Suzanne, não a deixaria nunca mais sair da minha cama! Ela tem o corpo mais espetacular do que o de madame Joujou — disse Robert, referindo-se à cortesã mais bela e cara da Europa — e o rosto mais formoso que o da deusa Vênus. E você sabe disso, pois já o vi muitas vezes admirando minha marquesinha, seu devasso. Devia se envergonhar de olhar assim a noiva de um amigo!

— Sou só um homem, meu caro. — Tim continuou bebericando seu conhaque com tranquilidade, sem tentar se defender. — Mas a admiro sem más intenções, você sabe. Do contrário, o marquês já teria me arrancado os olhos. Bem, é interessante que realmente esteja empenhado em manter sua noiva virgem para a noite de núpcias. Na verdade, é muito surpreendente, sendo você quem é.

— É essa coisa de ser virgem que atrapalha meu noivado. — resmungou Robbie.

— Então porque não resolve isso de uma vez por todas, homem? Solte o velho Robbie em cima de Suzanne, tome-lhe logo essa maldita virgindade e depois bata à porta dos Cunningham reclamando seus direitos de marido. Isso acontece com frequência quando um casal se farta dos caprichos de seus pais. E convenhamos, essa senhora Martha e seu esposo Gerald não devem bater bem da bola para recusarem um bom partido como você.

— Falar é mais fácil que fazer, Tim. Ademais, tudo em minha vida sempre foi tão envolto em escândalo... Desejava que pelo menos meu noivado corresse imaculado e livre de confusões, e meu casamento acontecesse de forma limpa. E Suzanne me pediu um enlace bem organizado, que pudesse refletir bem tanto em nossa família quanto no meu posto na Câmara.

— Ah, posso compreender. Faz sentido, expondo assim...

— E você vai me fazer o favor de acompanhar Suzanne à festa
NACIONAIS-ACHERON

promovida pelos abolicionistas após a votação. Quero minha futura esposa ao meu lado nesse dia.

— Que faz você pensar que os pais de Suzanne permitirão que ela saia com um libertino como eu, quando não aceitaram você? Minha fama não é tão melhor que a sua!

— Aparentemente ser libertino não é o problema, já que dia desses permitiram que Grayson a levasse para tomar chá, apesar dele agora saber que não deve mais repetir o convite.

Tim olhou surpreso para o amigo.

— Advertiu Grayson para se afastar? Não parece típico do diplomático Robert Barker...

Robert deu um sorriso lânguido e não respondeu.

— Suzanne sabe que é propriedade sua? — o visconde indagou, divertido.

— Eu a avisei. Na verdade, penso que para ela deve ser um alívio ver-se livre de tantos homens cheirando-lhe as saias cada vez que se move de um lado ao outro.

— Sua amizade com os poderosos está lhe subindo à cabeça. — Tim deu uma risada — Está usando seu poder para o mal...

— Apenas não desejo que tentem apoderar-se do que é meu. Não é tão mal, Tim, ela ainda pode dançar com outros cavalheiros... — Robert havia mudado de tática. Se ele não podia casar com Suzanne, nenhum outro poderia. Queria ver até quando Martha e Gerald Cunningham insistiriam com essa tolice de rejeitá-lo se não tivessem mais nenhuma opção além dele.

O marquês de Brighton recorria novamente à sua lendária paciência para ajudá-lo a esperar até que os futuros sogros se dessem conta da inutilidade de sua proibição. Ao menos tinha Suzanne de volta, mesmo que a

relação estivesse ainda um pouco estremecida e os encontros tórridos que aconteciam antes houvessem sido interrompidos por causa da presença constante de uma dama de companhia. A bem da verdade era quase como recomeçar o relacionamento do zero. Doía-lhe um pouco, lá no fundo, mas dizia a si mesmo que talvez fosse melhor assim. Estava por demais entregue, e sentir-se tão refém de um sentimento potente como o amor, abria portas ao sofrimento. Lamentava um tanto não sentir-se tão feliz como antes, nem tão remojado e jovial, mas tudo na vida tinha um preço e preferia esse a ser espicaçado mais uma vez.

Depois do casamento estaria seguro, seria outra história... Tudo voltaria ao normal entre ele e Suzanne.

Timothy deu uma boa tragada em seu charuto, e comentou, pensativo.

— Então o libertino lorde Grayson Shakman pode cortejar Suzanne, mas o lorde Barker, não. Que estranho...

Robert também achava estranho. Deviam ter sido minunciosamente informados sobre seus erros e exageros do passado. E aparentemente, nada de bom que ele já houvesse feito, compensava estas falhas.

— Parece ser uma questão pessoal... Mas você não deverá enfrentar o mesmo problema. É quase asqueroso o modo que todas as mocinhas amam você, uma afronta a todos nós, libertinos tradicionais. As mães londrinas sabem que você é um maldito respeitador de virgens.

Tim deu uma boa risada. Orgulhava-se de sua fama de cafajeste adorável, e sabia o quanto isto era parecia irônico: todos sabiam que era um devasso, mas sabiam também que nunca envolvera em escândalo qualquer dama respeitável. No entanto, logo parou de rir e fitou o amigo de infância, muito sério agora.

— Mas isso pode suscitar boatos, porque do mesmo modo que as

NACIONAIS-ACHERON

respeito, nunca as convido para sair comigo. Pode parecer, se eu fizer isso, que quero levar um relacionamento a sério, que estou buscando compromisso com Suzanne. — ponderou Tim.

— Estou certo que o futuro marido dela não se importará com qualquer boato entre vocês. — sorriu Robert — Ora, vamos, Tim, a festa é a tarde, não haverá escândalo algum. Você só vai agir como um cavalheiro, acompanhando uma dama que é sua amiga!

— Estou preocupado com o que esse comportamento fará à minha imagem, Robbie! Depois que eu acompanhar uma amiga casta e respeitável em um evento, serei considerado um noivo em potencial para todas as moças solteiras da cidade! Terei a minha reputação de solteirão convicto arruinada para sempre! Deus me livre desse escândalo...

Robert riu com vontade.

Suzanne havia escolhido para a festa dessa noite o vestido em tons de pêssego, e admirou-se diante do espelho. Fizera uma boa escolha, e acreditava que Robert também apreciaria. Desde o retorno à excursão em Sussex, o marquês mostrava-se quase frio em relação a ela, apenas tratando de fazer-lhe a corte formal, semelhante àquela que seus pretendentes lhe faziam antes de se aperceberem quem era seu rival nas atenções da moça. Pouco a pouco os admiradores foram escasseando, as flores e poemas rareando, até que Robert reinava absoluto como candidato à sua mão. Suzanne ainda não havia decidido se gostava ou não daquela atitude, sem nem mesmo sequer ser consultada sobre a questão. Mas era certo que não a agradava o ligeiro ar de pouco caso com que Robert agora lidava com ela, sem uma demonstração de afeto que fosse. Necessitava recuperar seu espaço na relação, e deixá-la ao menos parecida com o que era antes, quente e

excitante. Sentia falta do olhar amoroso, das conversas ora brincalhonas, ora profundamente sérias, e de como eram quando estavam nos braços um do outro.

Se Robert pretendia puni-la por sua infeliz escolha de palavras em Barker Castle, Sue já julgava a punição suficiente. Liza terminou de pentear seus cabelos, e arrematou com um pente dourado, incrustado de pedras rosas e avermelhadas. Brincos com delicados rubis pendiam de suas orelhas.

— Duvido que alguma moça possa sequer igualá-la em beleza! — a criada, que também cumpria o papel de dama de companhia, sorriu, orgulhosa de seu trabalho.

Quando as duas moças se dirigiram à sala de estar, o pai de Suzanne já bebia um Madeira em companhia de Miles, o noivo de Georgiana, e a senhora Martha conversava com a jovem amiga de sua filha. Os cavalheiros se levantaram assim que Suzanne entrou no aposento.

— Vamos logo, Sue! — gritou Georgiana, ignorando qualquer regra de etiqueta — Não podemos perder a surpresa que o barão Edmund prometeu aos seus convidados!

Suzanne riu da ansiedade da amiga.

— Certamente o barão e a esposa não vão apresentar nenhuma surpresa no início da festa, Georgie!

— Já disse isso a ela mil vezes, senhorita, mas ela não me escuta! — respondeu o tenente-coronel Miles, enquanto cumprimentava Suzanne com a boa educação que havia sido esquecida por sua noiva. Depois voltou-se aos donos da casa e sorriu encantadoramente — Melhor que eu leve agora mesmo as damas, antes que fiquem agressivas. Boa noite!

Os pais de Suzanne despediram-se do animado grupo, satisfeitos por sua filha estar acompanhada de amigos de boa estirpe, protegida de gente

como o marquês de Brighton.

Suzanne estava sorridente entre o grupo de amigos, quando Georgiana avisou que iria ao toucador. Decidiu acompanhá-la, para conferir sua aparência. Desejava estar impecável quando Robert se aproximasse. Soube, através de Jake, que o marquês e o visconde de Alvoy haviam chegado pouco antes dela, e depois de certificar-se que sua escolhida ainda não havia chegado, enfiou-se com o amigo no salão de jogos, de onde não saía ainda.

Assim que saíram do toucador, Georgiana e Suzanne fizeram um pequeno passeio pelo salão, conversando, apreciando a festa, e ouvindo pequenos trechos da prosa de outros convidados.

— Ela parece mesmo um saboroso pêssego! Estou atordoado com tanta beleza!

Georgiana e Suzanne estacaram imediatamente ao ouvirem uma voz masculina falando baixo, mas não o suficiente para que as moças não o escutassem.

Aproveitando a segurança de uma coluna e de um grande vaso de plantas, elas aguardaram mais um pouco, curiosas. Tinham como certo que falava de Sue.

— Todos os homens neste baile estão. Não está deliciosamente provocante? Um misto de candura virginal e sensualidade reprimida? — comentou outra voz de homem.

— Sensualidade reprimida? Até quando será? Não é possível que Robert não se aproprie logo daquele corpo! Está proclamando aos quatro ventos que a donzela lhe pertence.

— Não julga que vai esperar casar? Afinal, a moça é de boa família, e os parentes advogados vão exigir um casamento para qualquer um que se aproxime demais e a exponha...

O outro homem riu.

— O que não lhe preocupou quando pensou em trocar um conjunto de rubis por um encontro íntimo com a bela! E mais algumas joias por uma cavalcada noite inteira no meio daquelas coxas.

Georgiana arregalou os olhos para a amiga. Puxou Suzanne para que se afastassem, com intenção de evitar que ela escutasse algo ainda mais ofensivo, mas a jovem Cunningham parecia ter colado seus pés no chão. Estava lívida, e agarrou a mão da outra com força, para que não se retirassem. Eram Dick Stanton e Etíel Fox, reconhecia suas vozes agora. Queria ouvir o que os dois pervertidos diziam dela, não por se importar com suas opiniões, mas para saber o que poderia estar circulando entre as más línguas a seu respeito, e o que poderia chegar aos ouvidos de seus pais.

— Eu a sustentaria de bom grado e com uma generosa mesada, mas isso foi antes de saber que Brighton queria a menina para si. Tentar lutar contra ele só para ganhar uma bela concubina seria alto risco em todos os sentidos. Ainda mais porque sei que o homem tende a ser diabolicamente vingativo, e minha esposa pode não ser insensível a ele. Antes procurar outra amante do que ganhar cornos do maior cafajeste do Reino Unido! Não quero virar piada em todos os salões! E tu também desististe da aposta, Etíel.

— Ah! Gosto de mim fora das grades, amigo. Como você mesmo bem lembrou, o marquês pode ser perigoso se resolve ser vingativo. E Brighton não deixou dúvidas do que faria se eu insistisse nessa história de aposta.

— Quem sabe depois que ele cansar dela...?

Ambos riram maldosamente.

— É só esperar para ver. Já cansou de outras, talvez se canse também desta. — o outro confirmou.

— Bom, meu amigo, se isso acontecer, estarei ansioso para ser o próximo agraciado por aquela beldade... Mas não pense que vou dividi-la com você!

— Tolo! Posso ser bem convincente quando quero. Ela será minha, eu que não vou dividir com você! Sabe o que dizem das ruivas?

— Claro que sei! Não só o cabelo parece pegar fogo! Tem brasas entre as pernas!

Os dois homens riram novamente.

Georgiana finalmente conseguiu fazer Suzanne andar.

— Não se incomode com esses crápulas.

Suzanne estava pálida quando se juntou à dama de companhia e aos primos, mas reuniu forças para manter a fachada de moça alegre. Pensou em simplesmente ir embora, mas desejava ver Robert primeiro. Depois de dançar com Jake e Chris, dirigiu-se à mesa de doces. Na volta, enquanto tentava esgueirar-se de forma discreta até onde estavam seus amigos, foi interceptada por duas mulheres ostentosamente trajadas. Por um momento Suzanne perdeu-se hipnotizada nos exagerados decotes, e só depois voltou-se aos seus rostos. Lembrava-se vagamente de ter sido apresentada a uma delas no início da temporada.

— Boa noite. — cumprimentou Suzanne, e logo tentou desvencilhar-se para seguir seu caminho.

As damas postaram-se diante dela, novamente.

— Boa noite, senhorita Cunningham! Essa é minha amiga, Blanche Del Simmons.

— É um prazer. — Suzanne respondeu cortesmente, vendo que não

escaparia tão fácil.

— Mais ainda de minha parte! Ansiava por conhecer a senhorita Cunningham!

Um mau pressentimento encheu o peito de Suzanne. Essa seria uma noite daquelas! Discernia muito bem o olhar e tom de voz invejoso, não importava o país de origem da pessoa mesquinha, vira-se frente a frente com ele mais vezes do que poderia desejar, e o sentimento estava ali, óbvio nas faces femininas à sua frente. Os modos do anfitrião, um conquistador inveterado, que se desfizera em mesuras à chegada de Suzanne, teriam incomodado às outras convidadas? Era claro que o barão exagerara nas atenções dispensadas a ela, mas tinha a seu favor que não o incentivara de nenhum modo. Verdade fosse dita que os homens não precisavam de incentivo para invariavelmente tentarem passar dos limites, e Sue aprendera a duras penas como defender-se, embora viver em eterno alerta fosse muito cansativo. Nessas últimas semanas tivera uma boa folga do assédio masculino, e pelo menos isso agradecia ao senso de propriedade que Robert tão habilmente havia imposto a todos os outros homens à sua volta. Suzanne tentou buscar na memória se mais algum cavalheiro havia se aproximado mal intencionado, mas nada pôde encontrar, sendo assim, logo supôs que pelo menos uma das senhoras de olhar invejoso era amante do dono da festa, e estava enciumada. Então aguardou, procurando manter a máscara da indiferença presa em seu rosto, pronta para enfrentar alguma reclamação pertinente ao furor que causava nos homens por sua aparência. Era incrível, mas várias senhoras já haviam tentado ofendê-la dizendo que sua beleza era a culpada pelo mau comportamento alheio.

— Você é mesmo de uma formosura sem par. — admitiu Blanche, analisando Suzanne. Suas palavras, no entanto, não soavam como elogio, mas sim como se isso a aborrecesse intensamente.

NACIONAIS-ACHERON

A mulher respirou fundo, e completou: — Pobrezinha... Está claro que sua beleza é um troféu e tanto para qualquer homem, e o marquês de Brighton não é tão diferente assim dos outros de sua espécie.

Ah! Então tratava-se de ciúmes de Robert, e não do barão Edmund, pensou Suzanne, com uma ponta de amargura. Temia que uma antiga amante de Rob viesse afrontá-la quando ele começou a expor publicamente seu interesse nela, mas uma conversa com Jake fez perceber que as escolhas do marquês nos últimos tempos eram cuidadosas, e suas conquistas eram damas discretas, que evitavam chamar atenção para si mesmas, preferindo manter o romance com o nobre no anonimato. Era óbvio que o marquês, amadurecido, procurava deixar sua velha fama para trás. Os casos amorosos de Barker só chegavam a público raras vezes, quase sempre em forma de sussurros e rumores, não através de grandes escândalos. E até os envolvimentos assumidos, os que se tornavam notórios, como se dera com a diva Eve Blanaid, solteira, mantinham uma certa aura de respeitabilidade devido à parte feminina ser considerada gente distinta, de grande parcimônia na escolha de seus amantes. Suzanne sabia muito bem que as mulheres do marquês de Brighton não eram consideradas damas levianas, ao contrário, eram em geral pouco afeitas à namoricos imprudentes. Como Rob mesmo admitia, as confusões descaradas em que se metia antigamente haviam sido abandonadas, sendo trocadas pelo jogo da sedução difícil. Lamentavelmente o fato de ser mais seletivo fazia as senhoras que ele não escolhia enfurecerem-se por seu desdém. Muitas desejavam tornarem-se alvo do belo nobre.

Nem a senhora Blanche, e nem a outra dama, pareciam se encaixar no perfil de objeto de desejo de Robert, pensou Suzanne, com alívio. Somente a boa educação fez com que não desse as costas àquelas mulheres imediatamente. Respirou fundo, preparando a muralha de proteção a sua

volta, pois sabia que vinha artilharia pesada em sua direção.

Assim que terminou de escutar o relato de sua noiva Georgiana sobre o que havia sido dito por Fox e Stanton, Miles, indignado, foi procurar seu velho companheiro do exército, Christian Cunningham, primo de Suzanne, para colocá-lo a par do que ouvira. O tenente-coronel foi encontrar Chris no salão de jogos, e logo o major chamou também o marquês de Brighton, que jogava próximo a eles, para ouvir sobre aquela conversa insultante. Miles podia ver claramente as emoções dos dois homens expostas em seus rostos enquanto lhes inteirava dos fatos. Primeiro espanto, depois indignação, em seguida fúria e finalmente, frieza. E foi a expressão gelada na face dos amigos que mais o impressionou. Ficou bem evidente que Stanton e Fox estavam, para dizer o mínimo, fritos.

Suzanne estava estupefata com a quantidade de coisas terríveis que lady Blanche havia dito, com língua ferina, numa rapidez assustadora, sobre o marquês de Brighton, auxiliada por sua amiga, lady Marcy. Estava sentindo-se quase zonza com tanto veneno que lhe estava sendo despejado em cima. A princípio tentou defender o amado, mas ao perceber que seu protesto só aumentava a exasperação da senhora, e temendo um confronto de grande repercussão se insistisse, concentrou-se apenas em escapar do que as duas damas chamaram de “uma conversa amigável para abrir seus olhos para o perigo”.

Conversa amigável, uma ova! Era claro o quanto as víboras queriam horrorizá-la. Só não conseguia entender exatamente porque não tinha forças suficientes para simplesmente dar-lhes as costas, pisando firme e deixando-as

a falar com o vento. Talvez porque estivesse mais acostumada a defender-se dos homens do que das mulheres, talvez porque já estivesse com o ânimo abatido por sua mãe, por Stanton e Fox e até pelo tratamento frio de Robert. Ou talvez porque a torrente de informação oferecida pelas duas damas tivesse muito de verdadeiro, no fim das contas.

— Desvirginou dúzias! E as que tiveram coragem de reclamar, ganharam como cala-a-boca um marido comprado, pois o pai de lorde Robert, marquês na época, não admitia que seu filho caçula casasse cedo e estragasse a mocidade em um casamento feito apenas para salvar a honra de uma mocinha insignificante. — dizia lady Blanche — Pergunto-me como será agora que não tem mais o pai vivo para pagar um dote para uma donzela deflorada, como será para a tola que cair na conversa do atual marquês!

Suzanne arregalou os olhos. Falava dela, como se fosse a “próxima tola a ser deflorada”? Era afronta demais! Dessa vez não ficaria quieta. Antes, porém que dissesse algo em resposta, ouviu uma voz feminina atrás dela.

— Francamente, Blanche, você é tão patética!

Suzanne voltou-se rápido, e surpreendeu-se ao dar de cara com a cantora Eve Blanaid, olhando com frieza às duas outras damas. A diva relanceou os olhos ligeiramente para Suzanne, fazendo um meneio elegante com a cabeça.

— Senhorita Cunningham, boa noite.

Suzanne cumprimentou-a de volta, cortesmente. Nunca haviam sido apresentadas, mas obviamente já sabiam muito uma da outra.

A cantora ergueu uma sobrancelha e continuou a falar, fitando argutamente Blanche e Marcy.

— Primeiro, o marquês de Brighton não poderia ter arruinado “dúzias” de virgens, senão já estaria morto por uma turba de pais enfurecidos.

Segundo, quando ele, assim como muitos já fizeram a seu tempo, saíam em busca de donzelas para divertir-se, não era por mera crueldade, e sim pelo apelo animalesco de todo macho adolescente, o que para o lorde já ficou para trás há tempos. E finalmente, senhoras, sabem muito bem que o estilo de Vossa Graça não é propagar a todos o seu interesse amoroso, e se agora o faz, é porque está obstinado a casar-se com moça a quem dá atenção.

Eve Blanaid olhava de Marcy para Blanche como se fosse uma professora severa, e elas duas, alunas imbecis. Prosseguiu.

— Então sugiro que ao invés de tentarem estragar a noite da futura marquesa aqui, vão aproveitar a sua, e cuidar do que lhes diz respeito.

As duas damas estavam boquiabertas, e não conseguiram articular uma resposta a tempo, pois Eve enfiou seu braço no de Suzanne como se fossem velhas amigas, e a puxou para longe das invejosas senhorinhas.

— Venha, minha querida, faço questão de que experimente o ponche da baronesa! É divino!

Suzanne deixou-se levar, ainda surpresa. Quando já estavam distantes o suficiente de Blanche e Marcy, Eve soltou seu braço, e voltou-se para a ruiva, falando com tranquilidade.

— Nunca se deixe intimidar por gente alcoviteira. Sempre erga a cabeça e responda-lhes à altura, afastando-se o mais breve possível. Não lhes dê munição ouvindo-as, pois acharão um modo de insultá-la, e isso se espalha de uma forma que todos em volta acharão que podem fazer o mesmo. Quando tornar-se marquesa de Brighton, de qualquer forma, a proteção desse nome poderoso lhe dará bastante tranquilidade, e as afrontas vão diminuir, certamente. Bem, então é isso. Desejo-lhe boa sorte, senhorita Cunningham.

— Obrigada, senhora. — Suzanne conseguiu dizer.

— Não agradeça. Quisera eu, na sua idade, ter a experiência para

rechaçar aos invejosos que possuo hoje. — sorriu tristemente a bela cantora, começando a afastar-se.

— Senhora Eve... — Suzanne necessitava fazer uma pergunta à ex-amante de Robert.

— Sim?

— Não me odeia?

Eve Blanaid sorriu, surpresa.

— Por que deveria? Não, minha querida, não a odeio. Perdi Robert por meus próprios méritos, e sei que ele nunca planejou casar comigo. Mas creio que ele lhe tem muito apreço, o que já a qualifica bastante aos meus olhos. — fez uma mesura suave — Boa noite, senhorita.

Suzanne estava atônita. A mulher que julgava ter-lhe ódio havia a ajudado de uma forma desconcertante. Se Juliet estivesse na festa, teria sido ela certamente a salvar-lhe do embaraço com as damas maldosas, mas a amiga estava dando atenção total ao noivo que finalmente se recuperava de um acidente horrível, de forma que, como Robert também não fizera questão nenhuma de procurá-la até agora, sentia-se só e triste, principalmente após ser resgatada de uma situação desagradável por uma quase desconhecida, uma quase rival. Oh, não! Iria chorar? Sentia o coração apertado. Foi até onde estava o primo Jake, que conversava animadamente com o grupo de amigos que tinham em comum. Ao aproximar-se, Georgiana e Liza logo se acercaram dela.

— O que houve, Sue?

— Está pálida! Sente-se, senhorita. — Liza ofereceu-lhe uma cadeira próxima, preocupada.

O alarme na voz das jovens fez Jake e Grayson também acorrerem. Todos puseram-se à sua volta.

— Prima, o que aconteceu? — Jake pegou a mão de Sue.

— Está tudo bem. — balbuciou Sue. Mas não estava. Entre conhecidos tão queridos não teve mais força de fingir estar satisfeita. Sentia-se prestes a explodir em lágrimas.

— Eu a vi conversando no outro lado do salão com Blanche e Marcy. — disse Grayson, de cenho franzido — O que essas cobras lhe fizeram?

— O que está acontecendo? — a voz de Robert elevou-se sobre as outras, e o nobre empurrou Jake levemente, pondo-se ao lado do advogado, e também fitando Suzanne — Deus do céu, minha querida, está muito pálida!

Ajoelhou-se defronte de Suzanne, olhando-a alarmado. Nunca a vira com a pele tão sem cor como agora, e os olhos vermelhos eram um contraste assustador. Sentiu um aperto tremendo no peito e foi acometido por um medo irracional. Estaria sua amada doente? Seria grave? As mãos tremeram levemente quando tocaram as dela, tomando-as do primo. Estavam geladas. Esfregou-as entre as dele, murmurando uma rápida prece enquanto a aquecia. Perder mais um ser amado para a morte era seu maior pavor. Passara muito tempo de sua vida derramando lágrimas por entes queridos que lhe haviam sido arrebatados por Deus de forma impiedosa. Oh, Senhor, já não lhe havia pedido, mais de uma vez, que o levasse no lugar das pessoas queridas? Não entendera a mensagem?

— Sue, meu amor, fale comigo. — pediu Robert, docemente, controlando a ansiedade — Sente-se mal? O que houve?

Suzanne ia responder, quando foi interrompida.

— Suas ex-amantes, isso é que houve! — Grayson rosnou em resposta, próximo a Robert.

Robert virou o rosto lentamente em direção ao jovem lorde. Encarou-o, com olhos semicerrados, ameaçador. Aquele rapaz petulante estava

merecendo alguns tapas fazia tempo, pensou o marquês. Sua voz não soou melhor que seu olhar.

— O que está dizendo, Shakman?

— Tuas mulheres cercaram Suzanne e encheram-lhe a cabeça! Olhe o estado em que a pobre moça ficou! — o amigo de Suzanne estava indignado.

— Quem você julga que são minhas mulheres, Shakman? — Robert levantou-se, com ar feroz.

— Devo fazer uma lista? — indagou Grayson Shakman, atrevidamente.

— Não sejam tolos! — reclamou Tim, chamando-lhes a atenção, e interpondo-se entre os dois homens — Vão armar um espetáculo bem aqui?

Jake servia um copo de conhaque à prima, e ignorava a discussão entre os dois lordes, tal qual Miles e Chris, que haviam se aproximado com Robert, e agora observavam Suzanne em tensa expectativa.

— Resolvam suas diferenças outra hora. Senão eu mesmo me encarregarei de levar a senhorita Suzanne para tomar ar no jardim! — decretou Tim, olhando Robert com ar de superioridade. O marquês entendeu o recado e adiantou-se até a sua escolhida.

Robert respirou com alívio ao ver a face da amada mais corada. Não fora mais do que um susto, disse a si mesmo, sentindo-se um tanto tolo por sua dramaticidade. Mesmo assim o fez pensar. Por que estava tratando Suzanne com distanciamento quando a vida poderia ser tão curta? Por qual grande ofensa a estava punindo? Deveria erguer as mãos para os céus e agradecer. Tinha ao alcance de sua mão a mulher amada, o namoro corria discretamente, como ele desejava, levando o tempo adequado para adquirirem conhecimento o suficiente um do outro. Excetuando-se o fato dos sogros intragáveis, tudo seguia mais ou menos como ele planejava. Então

para que penitenciar a si mesmo privando-se de dar e receber afeto àquela criatura adorável com quem se casaria?

Alguém avisou em voz alta que a surpresa da festa aconteceria naquele instante. A cantora lírica Eve Blanaid se apresentaria para eles entoando alguns de seus famosos números! Houve um grande estrondo de aplausos e assovios.

— Eve a ofendeu, Suzanne? Foi isso que aconteceu? — indagou Robert, alarmado, lembrando-se de algumas explosões de ciúme da artista em sua casa.

— Não, de modo algum. — apressou-se defender a diva — Na verdade, ela mostrou-se gentil comigo, Suzanne relatou-lhe em poucas palavras o que havia ocorrido com as senhoras Blanche e Marcie, e a intromissão da cantora para ajudá-la.

Robert surpreendeu-se. Mulheres! Vá tentar entendê-las!

Enquanto as pessoas iam em direção ao palco colocado à esquerda do salão, Robert aproveitou para conduzir Suzanne aos jardins dos barões, do lado oposto de onde aconteceria a apresentação.

— O que está fazendo? — indagou Suzanne, se deixando levar pelo marquês.

— Levando-a ao jardim para tomar um pouco de ar. — respondeu ele, com voz suave, acarinhando a mão de Suzanne.

— Pensei que tivesse horror a passeios noturnos em jardins. — Sue tentou sorrir.

Robert riu.

— Não é bem assim. O que acho horrível é que algumas pessoas fofoqueiras fiquem à espreita dos casais que estão nos jardins nessas noites de baile, tentando flagrar-lhes em algum momento comprometedor para

depois espalhar a história por aí. Mas não se preocupe quanto a isso, não vou afrontar seus pais colocando-a numa situação constrangedora. Não pretendo piorar nossa situação. Por falar nisso, eles já estão mais solícitos a mim? — Robert havia tentado contatar os pais de Suzanne, uma vez enviando-lhes um recado através de seu secretário, pedindo-lhes audiência, que foi negada com uma desculpa qualquer. Outra vez apareceu à porta do apartamento da família, porém o mordomo dos Cunningham lhe informou que o casal não estava em casa. O marquês suspeitou, pela expressão do homem, que era mentira. Mas resolveu, a pedido de Jake e Sue, aguardar um pouco mais antes de fazer uma nova tentativa de conversa amigável, enquanto os primos procuravam abrir caminho para ele. Sequestrar Suzanne para um casamento na Escócia era a última opção que tinha.

— Meu pai é mais flexível, quando ele enfim aceitar o fato, minha mãe também se renderá. — mumurou Suzanne, o olhar inquieto quando chegaram ao belo jardim do barão Edmund.

O local era amplo, e como já vira em outras mansões, possuía boa iluminação na maior parte de sua área, havendo uma pequena extensão meio encoberta pelas sombras, suficiente para proporcionar discrição e aconchego para os casais dispostos a trocar alguns beijos apaixonados longe dos olhares alheios. Foi para essa parte mais escura que Robert a conduziu.

— Sei que tem pavor a escândalo, minha ruivinha flamejante, mas não tema, pois me comportarei.

— Uma coisa me apavora mais que um grande escândalo. — respondeu Suzanne.

Robert parou em frente à Sue, pegando as mãos dela entre as suas e fitando-a intensamente com seus brilhantes olhos de safira.

— O que a apavora mais, Sue?

— A ideia de perder você. Rob. Quando vai me perdoar pelo que

NACIONAIS-ACHERON

disse a você no castelo? Usei mal as palavras porque estava magoada por você haver beijado Juliet.

Os olhos verdes de Suzanne estavam tristes. Não só por causa do jeito frio dele, supôs o marquês, mas também pelo que ouvira dos salafrários Stanton e Fox. E aparentemente, a conversa que a moça tivera com as damas antipáticas pouco antes, só piorara a situação. Seja lá o houvesse acontecido, parecera ter um efeito desolador sobre Suzanne.

— Não há o que perdoar, minha ruivinha doce. Creio que exagerei também com meu rancor, não levando em conta que também sentia-se ferida por mim. — passou uma das mãos sobre os cabelos viçosos de Suzanne. Havia tempos que não a tocava com intimidade e carinho, e o pequeno gesto de repente despertou-lhe o desejo adormecido há semanas. Envolveu-a nos braços, beijando-a apaixonadamente.

Robert parou de beijá-la apenas um instante, para admirar os lábios rubros e inchados de Suzanne.

— Senti falta disso.

— Rob... oh, eu também... estava com tantas saudades...

Robert já sentia seu sexo pulsar, e sua respiração ficar ligeiramente ofegante.

— Suzanne... sinto muito, querida, mas não poderei manter minha palavra. Não poderei me comportar como um cavalheiro decente. — Empurrou-a ainda mais para as sombras, forçando sua coxa entre as delas, uma das mãos deslizando avidamente sobre um dos seios redondos da jovem.

Suzanne, por sua vez, já estava entregue. Oferecia seu pescoço, seus quadris e seu busto às mãos e lábios de Robert, sem pudores. O apetite um pelo outro voltava com força total, se avolumando em ondas altas e potentes. Sentia-se segura nos braços do seu marquês, não se importando se alguém os

visse entregues à paixão. Pertencia a Rob naquele momento, tanto quanto ele pertencia-lhe, e isso já bastava. Tremeu ante a possibilidade de não ter futuro algum ao lado do homem amado, por causa de um segredo que estava tomando proporções desastrosas, e por sua falta de habilidade para enfrentar seus pais. Robert não suspeitava como suas negociações com Martha e Gerald estavam longe do sucesso que ele esperava.

Os beijos de Rob, no entanto, afastaram momentaneamente toda e qualquer preocupação da mente de Suzanne. Naquela noite, fazer as pazes e receber o carinho pelo qual tanto ansiava era de fato o que interessava a ela. Gemeu, e fechou os olhos deleitando-se com os lábios do marquês passeando em seu corpo.

— Sue.. — murmurou Robert — Você também me perdoa? Pelo beijo em Juliet, e depois, por não ter sido o noivo que você merecia e precisava, atencioso e carinhoso?

— Usarei suas palavras, milorde Barker: não há o que perdoar... — beijou o rosto bonito que sorria para ela calorosamente, e aceitando sem reserva todas as carícias que ele lhe quisesse fazer.

Às vésperas da abolição, o Reino Unido fervilhava de manifestações, contrárias e favoráveis ao ato. Quando foi finalmente decretada, os partidários do abolicionismo festejaram de diversas formas e um dos eventos organizados pretendia unir em uma só confraternização não só os líderes do movimento pró-abolição, como também aos membros da Câmara que os havia apoiado, estendendo o convite às suas esposas ou noivas. Robert ansiava por ter Suzanne com ele naquele momento de vitória, entre amigos leais e de caráter impecável. Sua noiva precisava urgentemente refrescar sua mente fora do ambiente mesquinho que a alta sociedade proporcionava, e

tomar uma boa dose de alegria com gente que era realmente do bem. Depois do baile na casa do barão Edmund, a jovem estava cada vez mais avessa às agitadas noites londrinas.

Robert achou ótimo que sua futura esposa estivesse já se cansando das badalações da temporada, pois também ele já estava entediado, e pretendia abandonar esses eventos assim que se casassem, mas no momento era a melhor forma para encontrarem-se e trocarem alguns beijos, sem complicar muito a vida deles, dos primos Cunningham, e da dama de companhia, Liza.

Como o marquês de Brighton havia previsto, o visconde de Alvoy, Timothy Flanagan, não teve dificuldades para levar Suzanne a um inocente passeio à tardinha. Porém o passeio trazia a jovem direto para os braços de Robert, na festa patrocinada pelo principal grupo abolicionista inglês.

Circular com Suzanne entre seus amigos foi um prazer além do esperado pelo marquês de Brighton. Pôde finalmente desfrutar da mesma satisfação pura e simples que lhe causava sempre uma ponta de inveja ao observar seus amigos comprometidos: desfilar por uma festa ao lado de sua noiva, repousar seu braço na cintura dela quando estavam conversando com alguém, trazê-la para perto de si quando a julgava distante demais de seu corpo. Pequenos gestos que lhe deram uma boa noção de como necessitava de Suzanne, de seu calor, de seu contato. Como seria beijá-la em público? Vira Miles beijar sua noiva Georgiana em uma festa noite dessas e achara a imagem bela e sedutora, apesar de muita gente certamente achar um ato assim indecoroso. Robert admirou a atitude do tenente-coronel, alheio às opiniões de terceiros, e claramente vencido pelo desejo de tocar os lábios da amada. Georgiana havia fechado os olhos, aceitando, deleitada, as atenções do futuro marido. Robert resolveu testar a reação de Sue a esse respeito. Inclinou seu rosto sobre o dela, seus lábios encontrando-se levemente. Ao

invés de intimidar-se, Suzanne levou uma das mãos ao colarinho do marquês, puxando-o mais para perto, e exigindo um beijo mais devassante, sem se incomodar com quem estava a volta.

Barker sentiu o peito inflar de felicidade, sem poder conter um sorriso enquanto beijava sua futura marquesinha com mais ardor, fazendo-lhe a vontade. Se não estava apaixonado o suficiente antes, agora estava de fato completa e irremediavelmente rendido.

Pensou que não poderia sentir-se mais feliz e envaidecido, até o momento em que Suzanne abriu sua linda boca para pronunciar sua opinião a cada uma das questões levantadas pelos políticos e liberais que circulavam pela casa, e que estavam sempre ansiosos para trocar ideias com quem estivesse disposto a ouvi-los, independente desse ouvinte ser do sexo masculino ou feminino. Encontrara sua alma gêmea! A moça tinha noções firmes de justiça e igualdade, dava opiniões sobre higiene pública, saúde e pobreza, que coincidiam perfeitamente com as de seu futuro marido, e estava satisfeita em poder falar sobre elas, pois era raro que os homens dessem atenção às opiniões das damas em geral. Possuir um bom intelecto não era uma das qualidades mais procuradas pelos homens quando procuravam companhia feminina...

Robert não cabia em si de orgulho por ter escolhido Suzanne, e ser escolhido por ela. Bonita, caridosa, gentil e inteligente. O que mais poderia querer? Era mais do que um sujeito como ele esperava merecer, com certeza, depois de anos a fio fazendo bobagens e levando a vida como um degenerado inútil. Certo, ultimamente Robert não fazia tantas tolices como antes, tentava redimir-se perante a sociedade e procurava diminuir as injustiças que via ao seu redor. Parecia que agora Deus o estava recompensando por isso. Era um justo acerto de contas, já que o Ser Supremo também lhe havia aprontado poucas e boas durante toda sua vida. Com Sue ficariam quites. Amém!

— Vamos beber alguma coisa? — sugeriu Robert, subitamente sentindo a garganta seca e o corpo quente.

— Tem cerveja?

Robert piscou.

— Cerveja, Suzanne? É sério?

— Faz tempo que não bebo cerveja. — ela disse, a boca vermelha e convidativa abrindo num amplo sorriso.

— Esqueci-me que é escocesa! — o marquês ergueu as sobrancelhas, brincalhão.

— Está me chamando de beberona? — ela riu, e Robert mais ainda.

— Longe de mim dizer-lhe qualquer coisa que soe ofensivo! Sei também que os nativos da Escócia são brigões... — os olhos azuis brilhavam, divertidos.

— Ah , sirva-me logo e cale-se, Rob.

— Hum... Gosto quando você fica brava, selvagem... — murmurou, malicioso.

— Não provoque. — os olhos verdes de Suzanne faiscavam, e no fundo deles Robert percebeu desejo.

— Sim, senhora! — respondeu ele, sentindo os efeitos daquele olhar em sua anatomia. Será que alguém em volta podia perceber o olhar de lobo que ele com certeza apresentava agora? Seu sorriso predatório? Esperava que não. E se Suzanne notara, não parecera temê-lo. Bom, cada vez se admirava mais com a personalidade dela. Uma adversária à altura, que não tremia diante de um confronto que envolvia plateia.

Robert ofereceu-lhe o braço, e juntos foram procurar a cerveja solicitada por Suzanne. Ela se sentia leve e feliz, e por alguns momentos esqueceu-se de seus problemas, de suas angústias e aflições, mesmo com o

olhar curioso e divertido dos convidados sobre eles, visto as atenções concentradas do marquês em sua pessoa.

Suzanne olhou mais uma vez em volta, na grande e secular mansão que abrigava a festa. O ambiente era agradável, e as pessoas gentis e bem educadas, francamente simpáticas à Brighton. Não era à toa que Rob a quisesse presente no local. Era seu meio, seus amigos, sua gente, mesmo que nem a metade deles fizesse parte da alta nobreza, nem dos altos círculos de poder que regiam as normas do Reino, o parlamentar desejava inclui-la em todos os aspectos de sua vida. Sue não conseguia deixar de sentir um orgulho crescente.

— Soube de Stanton e seus sócios? — indagou um dos amigos abolicionistas a Robert, rindo — Ele e sua curriola embarcaram às pressas para fora do país. Parece que todos os seus credores, e não eram poucos, resolveram cobrar o que lhes era devido ao mesmo tempo. Foi uma correria para não acabarem atrás das grades, pois não tinham como pagar e seus bens confiscados não alcançavam um terço da dívida!

Suzanne sobressaltou-se.

— Acho que ouvi algo a respeito. — respondeu Robert, polidamente.

— Tem algo a ver com isso, marquês? — perguntou Suzanne, assim que o outro homem se afastou.

— Só um pouco. Apenas pressionei a polícia a agir rápido nesse caso. Quem articulou toda essa cobrança em conjunto foram seus primos.

— Suponho que Tristan, Grayson e Matt também tenham ajudado nesse arranjo!

— Todos os nossos amigos com alguma influência ajudaram na limpeza, se quer saber. Londres cheirárá melhor a partir de agora, com menos pilantras. — afirmou Robert, sorrindo.

Depois de apresentá-la à maioria dos convidados, entre eles alguns já conhecidos da jovem Cunningham, e permitir, generosamente, que se encantassem com sua deusa ruiva, Robert conduziu Suzanne até uma sala confortavelmente decorada. Tirou do bolso uma caixa larga, e ofereceu-a à jovem.

Suzanne sorriu-lhe. Pelo tamanho da caixa podia ver que não era um anel de noivado, o que podia ser um alívio, já que as negociações sobre o casamento estavam longe de correr bem. Abriu a embalagem e ficou sem fôlego. Era um belo conjunto de colar e brincos de esmeraldas, e o pingente que deveria pender quase entre o vale formado pelos seus seios quando a peça fosse presa em seu pescoço, era enorme. Então essa era a razão pela qual o marquês havia lhe pedido que usasse verde. Colocara um vestido de seda, verde escuro, com detalhes florais em vermelho, que lhe caía excepcionalmente bem, e que embora não fosse muito adequado a um passeio pelo parque ou a um chá, como sua mãe acreditava que estava indo acompanhada por lorde Alvoy, ficava bem para uma festa diurna entre nobres ou plebeus.

— Rob, é maravilhoso! — Suzanne não sabia o que dizer. Se negasse a aceitar o presente, Robert certamente se ofenderia, e perceberia que ela não estava evoluindo nas conversas com a mãe irascível. Mas se aparecesse em casa ostentando as joias dadas pelo marquês de Brighton, haveria, no mínimo, uma guerra familiar. Optou pelo que pouparia todas as partes envolvidas, incluindo ela mesma: usaria o conjunto de esmeraldas durante toda aquela festa, e antes de entrar em seu apartamento, guardaria tudo na bolsa. Um tanto covarde, mas eficiente.

Sorriu para o amado.

— Eu adorei!

Robert abriu um grande sorriso, depositou um beijo em seus lábios e

NACIONAIS-ACHERON

ajudou-a a colocar o colar, enquanto ela substituía os brincos que usava pelos novos que ele lhe dera.

Suzanne começou a preocupar-se com a situação. Ao aceitar o plano de Rob e Tim para levá-la a esse evento, não levara em conta que poderia encontrar pessoas que conheciam também sua família. Como seu pai reagiria se um conhecido em comum lhe dissesse que havia encontrado sua filha acompanhada de seu futuro marido, Robert Barker, numa festa? Tinha um mal pressentimento sobre o que poderia acontecer após o dia de hoje. A perspectiva sombria fez tomar uma decisão que já deveria ter tomado há muito tempo.

Enquanto Robert fechava seu novo colar, Suzanne encheu-se de coragem para falar-lhe, aproveitando o fato dele estar às suas costas. Conversar com ele fitando a profundidade azul da cor do céu de seus olhos só complicava as coisas e a fazia perder a coragem.

— Desejo visitá-lo sábado. Quero ter uma conversa definitiva com você, e resolvermos finalmente a nossa relação. De todos os modos.

Robert estacou. As mãos ainda postas sobre o colar. Resolver a relação definitivamente, em sua casa? De todos os modos? Entendera bem? Sua casa, seu quarto... sua cama? Sentiu o corpo aquecer de imediato.

Suzanne percebeu a tensão no ar mesmo sem encarar Robert. Apressou-se em emendar: — Se não quiser, ou se tiver outro compromisso, podemos escolher outro dia para nossa ... ahn... conversa.

— Não, não! — ele quase gritou — não há nada mais importante que você, e eu anseio pelo dia em que venha finalmente até meu lar, nosso lar, muito em breve.

Suzanne sorriu, sem voltar-se para ele. Provocou: — Qual cor você quer que eu use no sábado, Rob? — indagou quase num sussurro.

Robert ainda estava atordado. Respondeu sem pensar nem um segundo.

— Não sei, amor. Gosto quando usa o vestido cor de... — Robert parou de falar abruptamente. Engoliu em seco — Não estamos falando sobre vestidos, não é?

— Não mesmo. — Suzanne respondeu, em tom suave, sentindo as mãos dele agora sobre seus ombros.

— Falamos sobre suas peças íntimas? — a voz dele agora também era pouco mais que um murmúrio.

— Sim, milorde...

O marquês de Brighton apertou ligeiramente os ombros de Suzanne. Respirou fundo, soltando o ar bem devagar antes de falar.

— Por favor, diga que tem algo vermelho.

Suzanne assentiu lentamente com a cabeça.

— É meu conjunto íntimo mais bonito. Tem rendas, cetim e transparências, e precisei escondê-lo da minha mãe, de tão escandaloso. Na verdade, nunca o usei.

— Ai... — Robert virou-a lentamente de frente para ele. Mais uma palavra de Suzanne e suas calças justas certamente iam arrebentar. Sua ereção devia parecer agressiva de tão evidente, embora ultimamente parecesse estar em estado de eterna rigidez, pensando na amada o tempo todo — Sue, não me provoque desse modo... Tem certeza que sábado será o grande dia para nós?

— Tenho.

Suzanne tinha uma ideia na cabeça. Contaria sua história a Robert e se entregaria para ele, porque acreditava que seu marquês a desejaria de qualquer modo. Contava com o amor e a compreensão dele para superar a

questão da falta da virgindade, do segredo, da espera desnecessária. Certamente havia riscos, como sempre soube, em se tratando de qualquer pretendente, e mais ainda se o pretendente era o amor de sua vida, porém mesmo se não quisesse casar-se com ela depois, pelo menos ela teria a maravilhosa lembrança de ter pertencido ao homem amado ao menos uma vez. Valia a pena arriscar, mesmo porque a agonia da expectativa era imensa. E o olhar dele sobre ela, faminto, primitivo, era, para dizer o mínimo, animador.

Robert havia levado Suzanne para aquela sala afastada da festa para conseguir privacidade o suficiente para entregar-lhe o presente que comprara, e que parecia tão perfeito para uma moça com olhos tão verde esmeralda quanto as pedras que compunham o precioso conjunto que ela agora ostentava, mas estava tão excitado no momento, que não podia pensar em nada mais a não ser debruçar-se sobre Suzanne no confortável chaise longue que vira a um canto, assim que entraram no recinto.

O marquês beijava Suzanne enquanto deslizava com ela até a chaise longue. Quando as partes de trás dos joelhos dela bateram no acolchoado e quase a fizeram perder o equilíbrio, Robert a amparou, e deitou-se junto com a noiva sobre o estofado. Colocou-se sobre ela, roçando seus corpos um no outro durante o movimento. Era como se a tivesse reclinado sobre uma cama, e sentiu o sangue ferver de uma forma avassaladora ao senti-la por baixo dele. Aquilo era demais! Subiu as saias de Suzanne quase violentamente, aliviado porque ela colaborou, sem opor-lhe resistência. Congelou por um instante, admirando o ventre liso, esticado totalmente, e uma calça mínima, verde, com fitinhas transpassadas de cetim, tapando-lhe o sexo. Sem espartilho, para sua felicidade total, só uma camisa fina, verde clara, cobrindo-a do umbigo para cima.

— Definitivamente você fica bem de verde. — Robert murmurou.

Suzanne deu uma risada com o inesperado da frase, e seu suave sacolejar fez o corpo de Robert, preso ao dela, vibrar junto. Abraçou-o com força, e sentiu-o encaixar-se entre suas pernas.

Quando uma das mãos de Rob conduziu a mão direita de Suzanne até seu membro, a jovem ofegou. Nunca, jamais, e em tempo algum, havia tocado um homem daquele jeito. Nem sobre a roupa, como fazia agora, e muito menos por baixo dela. No entanto, o contato a agradou. Deslizou a mão por toda a extensão da masculinidade de Robert, surpresa com seu tamanho e rigidez. Sentiu-o latejar. Pressionou-o gentilmente, por todo o comprimento, e repetiu o ato mais uma vez, e mais uma, e mais uma. E pareceu-lhe pouco diante da reação extasiada de Robert. E se não houvesse aquele tecido no meio atrapalhando-os? Como seria tocá-lo diretamente, pele contra pele?

Robert gemeu. Sua inocente noivinha ia fazer com que ele se derramasse nas roupas se continuasse o apalpando daquele jeito. Afundou o rosto nos cabelos de fogo de Suzanne, inebriado pelo seu perfume e maciez. Beijou-lhe o pescoço com intensidade, o animal que vivia em seu interior soltando-se e demarcando o território desavergonhadamente, mais uma vez. Desceu a boca pelo colo beijando algumas pequeninas sardas, mordiscando sem piedade a pele alva, deixando uma trilha avermelhada pelo caminho, com destino ao generoso decote, onde um delicioso par de seios o esperava. Diminuiu o avanço de seus lábios apenas o tempo suficiente para deter a mão de Suzanne que tentava infiltrar-se por dentro de suas calças, antes que seu toque quente o fizesse perder o controle de vez ou acabasse fazendo-o cobrar seu prêmio antes da hora, arrancando-lhe a calcinha e enterrando-se dentro dela de uma vez só.

Além do mais, Barker não acreditava que fosse boa ideia sua donzela vê-lo nu antes da hora. Não desejava assustá-la. Robert era um homem grande, e naturalmente tudo nele era grande, mas tinha plena consciência de

ser, em termos de masculinidade, avantajado. Ouvira isso de praticamente todas as mulheres com um mínimo de experiência sexual a quem levava para a cama, e observara o fato refletido também no olhar de quase todas, principalmente as castas. Evidentemente forneceu prazer a cada uma delas, mas não pretendia que Suzanne adiasse a tão aguardada “primeira vez” por temer o contato de seu corpo com o dela. Não mesmo. Sue só o veria despido em seu quarto. Seria perfeito, porque apesar de já havê-la tocado de um modo muito íntimo, tal coisa só havia acontecido uma vez, no castelo em Sussex, e nem mesmo nesse dia inesquecível a vira totalmente nua. Sábado seria um dia, sem dúvida, de muitas revelações.

— Esperemos, mocinha... Até sábado. — Sussurrou o marquês.

— Oh, Rob... Só mais pouco... — pediu Suzanne, quente e ansiosa por mais daquela explosiva paixão.

Era difícil resistir...

Com um rosnado baixo, ele também se rendeu.

Robert segurou a mão de Suzanne delicadamente e levou-a a seus lábios, enquanto pressionava seu sexo contra o dela com mais ardor.

Suzanne começou a beijar o pescoço de Robert enquanto se apertava contra ele, esfregando-se com força, desejando extravasar de algum modo o prazer e agonia que sentia. Notou que toda a sua pele já começava a umedecer pela forte excitação do momento, e seu coração batia descontrolado, de modo que quase podia ouvi-lo.

Robert jogou a cabeça para trás ao sentir a boca de Suzanne beijando e mordiscando seu pescoço, enquanto se enroscavam cada vez mais um no outro. Era maravilhoso. Ah, não sabia se poderia conter seu clímax por mais tempo, pois já o estava guardando por demais. Iria esquecer as próprias recomendações e cuidados, e despiria sua musa, já! Trincou os dentes, mas um gemido alto escapou-lhe mesmo assim da garganta. Estava perdendo o

NACIONAIS-ACHERON

controle. Uma das mãos escorregou para a calçolinha verde que lhe impedia a passagem. Desceu com fúria seus lábios sobre os de Sue, num beijo desesperado, carregado de volúpia, enquanto ela o enlaçava fortemente pelas pernas.

E foi nessa hora que a porta da saleta abriu-se com um violento supetão.

— Aaahh! Eu sabia, seu filho da mãe, que você não permitiria que minha sobrinha se mantivesse inocente por muito mais tempo!

Gabriel Cunningham, o tio de Suzanne e advogado dos Barker desde sempre, estava parado à porta, furioso.

As pernas de Suzanne em torno de Robert se desenroscaram rapidamente, e ela tentou levantar-se de imediato, ajeitando as saias, mas o noivo era pesado, e estava sobre ela, olhando de modo indecifrável ao homem que chegara.

O marquês se levantou bem devagar, permitindo que Gabriel percebesse que apesar da posição bastante comprometedora em que se encontravam, suas calças estavam fechadas.

Não estavam nus, e nem seminus. E obviamente não estavam fazendo sexo. Mesmo assim, um flagrante desse porte já era mais do que significativo para toda a sociedade.

Por pouco a exibição poderia ter sido muito mais constrangedora, para todos.

— Saia daqui agora, Suzanne. Depois falarei com você. — O senhor Gabriel conseguiu falar sem berrar agora. Havia um certo alívio na voz ao perceber as calças fechadas de Robert, e os seios cobertos de sua sobrinha. Claro que as saias suspensas, e o fato de estarem deitados um sobre o outro, já era escandaloso o suficiente.

— Tudo ficará bem, minha querida. — disse Robert, pegando o rosto de Suzanne em suas mãos e beijando sua testa. A moça assentiu, trêmula e ruborizada, afastando-se, de olhos baixos e passos rápidos.

Jake, Christian e Timothy já estavam na porta do aposento, todos com olhos arregalados para Robert, que ajeitava a gravata impassivelmente. Quando Suzanne passou quase correndo pelo tio, Timothy a aconchegou em seus braços, permitindo que se acalmasse com o rosto escondido em seu ombro. Os dois primos entraram na sala junto com o pai deles.

— Christian, leve sua prima para a casa dela. — ordenou Gabriel, para seu filho mais novo — Eu e Jake vamos ter uma conversinha com o marquês de Brighton.

— A senhorita veio comigo e sou eu quem irá levá-la de volta, Gabe. — interrompeu Tim, com voz firme. Gabriel também era seu advogado, e as famílias trabalhavam em parceria por várias gerações, assim como sucedia com outros diversos nobres e abastados da cidade.

— Então você também tem culpa por... por isso! — o senhor Gabriel sacudiu a mão, apontando vagamente a Robert e ao estofado onde o casal estava deitado minutos antes.

— Se quiser, eu mesmo posso amassar o nariz de Robbie, Gabriel, mas você sabe tanto quanto todos nós nessa sala, que se dependesse apenas dele e da senhorita Suzanne, já haveria um anel de compromisso no dedo de sua sobrinha há muito tempo. — retrucou o visconde de Alvoy.

O velho advogado franziu as sobrancelhas, mas apenas replicou: — Meu filho Christian vai acompanhá-los. Martha é mesmo uma louca se permitiu que sua filha viesse sozinha com um homem de má fama em sua carruagem, para uma festa, mesmo que vespertina.

— Aparentemente vossa cunhada só tem escrúpulos com os acompanhantes de sua filha quando se trata de Barker. — respondeu Tim, NACIONAIS-ACHERON

impertinente.

— Tim, agora deixe-me conversar com Gabriel. Por favor, apenas acompanhe Suzanne até em casa. — pediu Robert, educadamente — E não cause problemas para Chris.

Christian olhou para Timothy com ar de desafio. Desde o dia do jogo de uíste na casa dos Hogart, a amizade entre eles estava um tanto estranha, mas o visconde apenas assentiu em concordância, empurrando gentilmente Suzanne em direção a seu primo, que logo lhe ofereceu o braço, reconfortando-a ao pôr uma mão sobre a sua, amigavelmente.

Timothy, Christian e Suzanne se afastaram, não sem antes lançarem olhares aflitos aos que ficavam.

— Viemos cumprimentar todos os envolvidos na vitória das novas leis sobre a abolição. — Gabriel falou, aproximando-se de Robert.

— Agradeço sua consideração por ter vindo. — Robert respondeu, com uma ponta de ironia na voz — O que está achando da festa?

— Estou considerando dar-lhe um belo murro, então não provoque-me com ironias. — o advogado replicou, com olhar feroz. Apesar de ter uns vinte anos a mais que Robert, tinha compleição atlética, e ainda estava bem apto a confrontar quem quer que fosse.

— Certo. Desculpe-me. — respondeu Robert, imediatamente. Na verdade, continha-se para não sorrir abertamente. O fato de ter sido descoberto por Gabriel Cunningham em um momento tão íntimo com Suzanne era uma maravilhosa coincidência. Diante da situação, não havia mais possibilidade dos pais da moça negarem-se a aceitar sua união. E não haveria escândalo, pois Gabe não permitiria tal coisa. Melhor, impossível.

— Bem, ao invés de encontrar uma festa divertida, e parabenizar líderes como você, deparei-me com uma imagem e tanto! Sabe o que

acontece agora, depois de comprometer desse modo a minha sobrinha Suzanne? — indagou o velho advogado, de modo ameaçador.

— Sim. Casamento.

— Exato.

— Ótimo. Acompanho o senhor para resolvermos tudo agora Gabriel Cunningham por um momento ficou desconcertado. Cerca de dois meses atrás, seu irmão Gerald havia partido intempestivamente para uma viagem, acompanhado de esposa e filha, alegando que precisavam afastar Suzanne por algum tempo de um predador inqualificável que cobiçava a moça. Ficara estupefato nesse dia ao saber que se tratava do marquês de Brighton, e acreditou também que qualquer coisa que houvesse entre o casal seria apenas uma aventura divertida para o lorde e um desastre irreparável para a sobrinha. Porém nesse momento não lhe parecia que o tal predador quisesse apenas aproveitar-se de uma mocinha inocente. Na verdade parecia até ansioso para garantir-se sobre o compromisso com ela. Os boatos também faziam crer que o relacionamento era sério. Tim estaria certo? Jake e Chris já haviam garantido que as intenções do homem eram nobres. Robert então tinha interesse legítimo em Sue?

— Não precisa acompanhar-me já, Robert. — respondeu Gabriel, já tranquilizado com a reação de Barker, e dando como óbvio o resultado daquele encontro — Vou falar com os pais de Sue primeiro, e logo acertarei os detalhes com você.

— Está bem. — Robert sorriu. Podia compreender que os pais de sua noiva pudessem não reagir bem, assim de imediato, aos fatos narrados pelo advogado. Daria-lhes tempo para assimilar toda a situação.

— Eu já havia dito que Robbie queria casar com Suzanne, lembra? — disse Jake, satisfeito, para seu pai.

— Quero mesmo — concordou o marquês — e serei um bom marido,
NACIONAIS-ACHERON

embora seu irmão e sua cunhada tenham dúvidas, Gabe.

— Bem, agora eles vão ter que aceitar, e se acostumar com a ideia.
— respondeu o velho Cunningham , dando de ombros.

E tanto o demônio como o anjo dentro de Robert bateram palmas por sua sorte. Não podia ter lhe acontecido coisa melhor do que aquele flagrante.

CAPÍTULO X

— Tem uma marca no pescoço... — Tim apontou para o pescoço de Robert.

O valete de Robert puxou o colarinho mais para cima, tentando cobrir a marca no pescoço de seu patrão, e com um elaborado nó na gravata conseguiu o efeito desejado, disfarçando o vermelhão impresso na pele.

— A moça empolgou-se? — insistiu Timothy, sentado numa poltrona do quarto do marquês de Brighton.

O marquês de Alvoy fitava o amigo com displicência, mas Robert não se deixava enganar. Tim estava muito aborrecido.

— Não fizemos nada de mais, Tim.

— Se eu soubesse o que tinha em mente de verdade, não teria participado dessa encenação. — resmungou Tim, levantando-se da poltrona — Não me agrada a ideia de ser o vilão que leva a ovelha ao abatedouro.

Robert murmurou um palavrão enquanto revirava os olhos, contendo a vontade de morder a isca de Tim e iniciar uma briga. Não queria atrasar-se para seu compromisso.

— Eu não planejei seduzir Suzanne durante a festa, se é isso que está pensando. — respondeu Robert, enquanto Callum terminava de escovar seu casaco.

— Ah, certo. O que vimos não era nada do que parecia...

Robert não tentou explicar-se. Tudo aconteceu de forma inesperada, e felizmente o desfecho não foi catastrófico. Olhou ao amigo e respondeu, o

mais amistosamente possível: — Fico feliz por terem sido vocês à porta, gente de confiança, que não vai espalhar por aí o que viu naquela sala.

— Seu safado... Não adianta bajular. — Tim franziu o cenho.

— Desculpe por ter envolvido você nessa confusão, Tim, mas não posso negar que toda essa situação me dá certo alívio. Eu e Sue já não precisamos mais esconder nosso compromisso.

Tim pareceu relaxar um pouco com a resposta de Robert.

— E agora está indo ao escritório dos Cunningham?

— Sim, Gabriel mandou me chamar.

— Desejo-lhe boa sorte e que tudo corra ao seu agrado. — disse Timothy, com sinceridade.

— Obrigado, mas o que poderia dar errado a essa altura, não é mesmo? — Robert sorriu, confiante, pegando sua bengala, luvas e chapéu das mãos do valete.

— Então nos vemos no Boodle's, mais tarde! Faço questão de pagar o almoço do ex-solteirão mais famoso de Londres! — Tim bateu amigavelmente nas costas do amigo.

Robert esfregava a testa, pálido. Não podia crer no que estava ouvindo.

— Seu irmão é louco? — vociferou para Gabriel, enquanto circulava pelo elegante escritório.

O advogado também parecia pálido, e ao invés de ofender-se com o insulto, concordou com a cabeça.

— É o que estou quase acreditando. Quando Gerald disse que não consentiria no matrimônio entre você e Sue, cogitei até mesmo a

possibilidade de adquirir a custódia de Suzanne por segurança, mas quando Martha concordou veementemente com Gerald, comecei a achar que o louco era eu, por perder meu tempo com gente tão estúpida. Francamente, se fosse minha filha na situação comprometedora em que os encontrei, o casamento seria marcado com urgência. Mas os pais de Suzanne alegam que se não houve a possibilidade de gerarem um bebê, então não há razão suficiente para um casamento acontecer.

— Que droga, Gabriel, por que não demorou um pouco mais para abrir aquela porta? Eu poderia ter providenciado o que os pais de Suzanne queriam! — Robert estava furioso.

Jake pôs a mão no peito de Robert no mesmo instante: — Calma aí, amigo. Sei que está irritado, mas a culpa não é do meu pai! — os olhos verdes já cintilavam de irritação também.

Robert encarou Jake por alguns instantes, ambos mal contendo sua ira. Gabriel se meteu entre os dois e os empurrou com força, um para cada lado.

— Se briga resolvesse alguma coisa, eu teria esmurrado o meu irmão hoje por permitir que um homem abuse de sua filha e não case com ela.

— Eu não... — Robert ia defender-se, mas então, repentinamente, sua voz mudou, e tornou-se arrogante — Isso mesmo, tenho me aproveitado de Suzanne faz muito tempo. Venho refastelando-me naquelas curvas. Muito provavelmente já a tenha até engravidado.

— Eu vou te matar! — Jake gritou, avançando de punhos fechados sobre Robert.

O senhor Gabriel se meteu entre eles outra vez, com um suspiro bem alto.

— É mesmo, Robert? Então creio que devo chamar um médico para

fazer um exame íntimo em Suzanne e atestar que você realmente a desvirginou.

Robert voltou o olhar para o velho advogado, e seus ombros pareceram cair um pouco.

— O médico confirmará tudo o que você disse que fez, Robbie? — Gabriel o encarava com olhar paternal.

— Não. — Robert respondeu em voz baixa — Não desvirginei Suzanne. Isso só causará um constrangimento desnecessário.

Jake encarava o marquês, boquiaberto.

— Por que você disse que...? Robert, você está mesmo apaixonado...

Robert desabou numa das poltronas macias do escritório.

— Por que os pais de Suzanne me odeiam? Nunca fiz nada contra eles! Já tentei visitá-los, mandei recados, e sempre sou repellido! Estou a ponto de invadir sua casa e impor-lhes minha presença pela força bruta!

— Ah, a força bruta vai fazer com que seus futuros sogros passem a amá-lo! — retrucou Jake, sentando-se também.

— Eles não disseram qual a razão dessa implicância, mas creio que a coisa é séria.

— O que eles disseram?

— Ah, Robbie, você já sabe. Que não vão permitir que sua filha única faça um casamento ruim.

— Então acaso sou o pior mau caráter de Londres? O maior devasso? O mais pérfido dos homens? Não imaginava que minha imagem ainda fosse tão ruim a ponto de um pai de família preferir que a filha fique mal falada ao invés de casar comigo... Não sou tão mau assim, garanto que posso ser um bom marido, um bom pai...

Gabriel escutou o desabafo de Robert, pesaroso. Não era difícil

reconhecer que o jovem nobre estava verdadeiramente abatido. Conhecia os Barker a vida toda, e se afeiçoara aos três rapazes filhos do velho marquês de Brighton. Embora Reggie fosse o mais carismático e gentil entre os irmãos, Ray e Robbie também eram pessoas de bom coração, só pecando por uma forte tendência a libertinagem, provavelmente por terem sido privados de uma presença moral enquanto jovens. Sua mãe morrera cedo, e o pai perdera-se completamente após ficar viúvo. Depois, um a um dos Barker fora morrendo, deixando o caçula cada vez mais sozinho e desorientado. Robbie lutava bravamente contra o destino que lhe indicava que deveria ser um cafajeste egoísta como seus antepassados. Contrariando as expectativas, envolveu-se em causas nobres, lutando contra injustiças e intolerâncias sociais. Tornou-se praticamente um herói entre a população mais pobre, e principalmente entre os que viviam em suas terras.

Porém entre a alta sociedade ele ainda era visto com muita reserva, e seu lado conquistador pesava mais na hora do julgamento do que suas boas ações. No entanto, Gabriel estava quase certo que não era apenas o fato de trocar de parceira como quem troca de roupa, e nem o fato de procurar tirar da linha damas honradas, o que incomodava aos pais de Suzanne. Alguns anos atrás era comum escutar mães dizerem que um pai precisaria estar fora de seu juízo perfeito para permitir que sua filha sequer dançasse com Robert. Mas os tempos agora eram outros. Robert era um marquês muito rico, surpreendera com uma carreira política exemplar, adquirira a amizade e a admiração do primeiro ministro, e da realeza. Não era pouca coisa. Nos últimos tempos, o novo marquês de Brighton conquistara o prestígio necessário para ser, se não o melhor, um dos mais cobiçados partidos do Reino Unido.

— Se quiser, providenciarei uma forma de reuni-los com você, sem que eles saibam o que os espera. Então vocês podem pôr as coisas em pratos

limpos. Mas você terá que me prometer que não fará nenhuma loucura, como tentar sequestrar minha querida Suzanne para fugir com ela para a Escócia, ou espalhar rumores grosseiros sobre vocês dois. — disse Gabriel.

Robert apertou os lábios. Sabia que fugir para Gretna Green era previsível, mas eficiente, quando um casal de amantes não tinha apoio dos pais. E não havia ainda descartado completamente a hipótese de fazer isso. No entanto, lembrava muito bem que Suzanne não queria se casar desse modo. Espalhar rumores também não era de seu feitio, então concordou com seu advogado, a contragosto.

— Pode tentar intermediar o encontro. — Respondeu o marquês, sem muito ânimo. Não acreditava mais em uma aceitação amigável dos pais de sua futura esposa.

Depois do balde de água fria que havia acabado de receber, já não se importava se Martha e Gerald Cunningham o aceitariam ou não de bom grado. No próximo sábado Sue iria até sua casa — ela iria, com certeza, pois já tinha dado sua palavra, e garantido que seu maior temor era perdê-lo — e então fariam amor. E Robert acabara de decidir que não se resignaria a uma tarde de folguedos com sua adorada noiva. Fariam amor a noite inteira, e ele só a deixaria partir na tarde seguinte, com ele junto, num cabriolé, onde todos pudessem vê-los juntos, escandalizando a sociedade e causando um estrago tão grande ao nome dos Cunningham, que eles não teriam escolha a não ser aceita-lo como genro. Podia não ser um truque limpo ou cavalheiresco, mas era bastante eficaz. Havia chegado ao ponto de apelar para atitudes extremas, mesmo as que normalmente não aprovaria.

— Garante que não tentará fugir com ela para Gretna? — insistiu Gabriel.

— Quanto a isso pode ficar tranquilo, não o farei. — Robert sorriu. Farei pior, pensou alegremente. Estava cansando de bancar o bom moço e

NACIONAIS-ACHERON

não obter resultados. Se os pais de Suzanne acreditavam que ele era realmente o demônio, se comportaria como um.

Martha Cunningham sentia-se péssima. Como pudera permitir, mais uma vez, que sua filhinha caísse nos braços de um crápula como Robert Andersen Barker? Ficara tão encantada com aquele belo visconde de Alvoy, sentado comportadamente em sua nova sala de visitas, que nem lhe passara pela cabeça que ambos pudessem ser amigos e estivessem tramando a derrocada de Suzanne, perante toda a sociedade. Os dois malditos homens deviam ter planejado arruinar a reputação da moça para então deixá-la à mercê deles. Mesmo que o marquês casasse com Sue, sabia como a coisa acabaria. Sim, Martha conhecia o segredinho sórdido do lorde de Brighton, sabia do que ele era capaz, e temia o que isso acabaria acarretando a sua menina. E ainda havia as histórias sobre tantos outros nobres por aí, que escolhiam uma esposa bonita para procriar e depois que ela lhe dava o herdeiro, já a colocava de lado, ou até a disponibilizava para jogos indecentes com outros cavalheiros. Preferia ver Suzanne morta! Pena que a filha não entendia. Resolvera poupá-la do que sabia sobre seu pretendente, mas se continuasse assim, teria que contar a feia verdade sobre Barker. No momento Sue estava de castigo no quarto, e já chorara muito por ter seu noivado negado, mas tinha que ser assim, não havia outro modo.

Martha mordeu o lábio. O pior é que Suzanne estava sem pretendentes, e não havia com quem casar a moça às pressas, ao menos para defendê-la de um destino tenebroso. Suspeitava que esse súbito desinteresse masculino na debutante mais bonita da temporada devia-se à influência perniciosa do marquês. Já era complicado o suficiente encontrar um homem honrado que aceitasse casar com uma não-virgem quando havia muitos

pretendentes, e não descartara a possibilidade de precisar usar um truque qualquer para ludibriar o noivo nas núpcias, mas quando não havia mais uma fila na porta... A coisa ficava realmente ruim.

O que estava ao alcance dela, no momento, era proibir a filha de sair de casa, evitando assim qualquer contato com aquele lorde indecente, que devia estar muito ansioso para levar Suzanne ao seu leito. Mas tal coisa não aconteceria se dependesse de Martha. Assim que fosse possível sairiam do país definitivamente e sem alarde. Se não podiam com aquele adversário tão poderoso e ardiloso, melhor bater em retirada. Afinal, ele já estava passando, e muito, dos limites do que qualquer cavalheiro faria para conquistar uma moça de família. Só que Robert Barker não era um cavalheiro, ela sabia. Ele era um patife repugnante.

E, afinal, o que aquele demônio tinha para enfeitiçar de tal modo sua filha?

A corrida de barcos que Robert assistia àquela manhã não estava sendo suficiente para distraí-lo de suas preocupações e expectativas aquele sábado. O dia anterior também não havia sido melhor, nem o boxe, a esgrima ou o pôquer que lhe tomaram quase toda a sexta-feira o haviam acalmado. Fugira de qualquer pessoa que falasse sobre política ou trabalho, pois sua mente já estava tumultuada demais, e não conseguia concentrar-se adequadamente. Agora, olhando os barcos, sentia a irritação crescer vertiginosamente. Aguardava ansioso que pelo menos chegasse logo a hora do almoço, então correria para sua casa e aguardaria. Aguardaria Suzanne.

Será que ela conseguiria vir? Soube que não pudera receber visitas nem de suas amigas, e mesmo Jake e Chris não puderam falar com ela, reclusa no quarto como estava. Isso enfureceu Robert. Suzanne não era uma

criança para ser tratada desse modo, e se ela não comparecesse a seu compromisso com ele, o marquês estava disposto a quebrar seu acordo com Gabriel Cunningham e simplesmente invadir a casa onde sua deusa ruiva morava, pondo a porta abaixo.

Quando seu humor já estava extrapolando o nível do aceitável, Robert despediu-se dos amigos e partiu, antes mesmo da disputa no Tâmis acabar. Sua mente estava agitada, e não só por causa da possibilidade de seu encontro íntimo acontecer esta tarde ou não. Sabia muito bem que assim que a alta sociedade londrina soubesse que Suzanne estava proibida de encontrar-se com ele, haveria muita hostilidade e especulação sobre suas intenções com a moça, e isso repercutiria negativamente sobre todos os seus projetos sociais e políticos. Sem falar que o duque de Tyrone mais cedo ou mais tarde se envolveria pessoalmente no assunto, para proteger o nome da família. Então essa era mais uma razão para reverter rapidamente essa situação ridícula. Tanta dor de cabeça por causa do cuidado exacerbado da parte dos pais de sua escolhida! Robert chutou uma pedra com força antes de subir em sua carruagem e voltar para sua mansão em Mayfair, vociferando intimamente contra os Cunningham.

Mas será que se ele mesmo tivesse uma filha, gostaria de vê-la unida a um homem famoso por desvirginar donzelas e por corromper damas honradas? Tim estava certo quando lhe dizia que seu comportamento estava passando dos limites, e que isso poderia custar-lhe um preço alto mais tarde. Pena que só considerara a extensão de seus atos havia poucos anos, mudando de atitude e finalmente revendo seus conceitos. No entanto sua postura como cidadão honrado ainda não estava tão solidificada como ele precisaria nesse momento. Suspirou alto, fechando os olhos enquanto sentia o veículo sacolejar, conduzindo-o para casa. Agora era tarde demais para lamentar-se sobre os erros do passado. Ao menos aprendera com eles.

Robert mal tocava na comida. Não porque a refeição estivesse ruim, longe disso. Sua cozinheira era ótima, mas lhe faltava apetite e sobrava ardência no estômago. Olhou ao relógio mais uma vez. Instruiu ao mordomo Samuel a ficar de olho na porta. Deu ordens expressas para que assim que sua noiva alcançasse os degraus da mansão, a porta lhe fosse imediatamente aberta. O marquês não desejava que os passantes percebessem uma moça solteira, e desacompanhada, entrando em sua residência. Temia que os comentários chegassem tão rápido aos ouvidos de algum dos Cunnighan, que não pudesse concretizar seu tão esperado desejo. O próprio marquês mal podia tirar os olhos da janela, de modo que quando Suzanne desceu do coche alugado, vestida com um discreto traje cinza — cerca de duas horas depois de Robert ter desistido definitivamente de engolir qualquer coisa na mesa do almoço — antes mesmo que alcançasse a aldrava, a porta foi escancarada e a jovem puxada para dentro e enlaçada para um abraço e um beijo muito apaixonados.

O mordomo estava duro como uma estátua ao lado da porta, quase prensado contra a parede, apavorado com a ideia de esbarrar no casal que se beijava torridamente diante dele.

Suzanne foi a primeira a perceber o pobre homem olhando-os, estarrecido.

— Robert... — ela murmurou, puxando o marquês pela lapela para que a soltasse, e indicando com um rápido olhar que tinham plateia.

— Ah — Robert não pareceu tão desconcertado quando Suzanne — Sam, esta é a futura marquesa de Brighton, Suzanne Lucilla Fergunson Cunningham. Este, Suzanne, é meu mordomo, Samuel. Atura-me há tantos anos que me acostumei a vê-lo como alguém da família, não é, Sam?

— Sim, senhor. — o homem replicou, obviamente embaraçado.

— Ele não costuma me chamar de “senhor”. Só quando temos visita

ou quando perde a paciência comigo — segredou o marquês a Suzanne, fazendo-a sorrir — mas está tão constrangido no momento, que não sei se está fazendo uso desse pronome de tratamento porque está ofendido com minha atitude, apalermado com nosso beijo ou simplesmente fazendo charme para você.

Suzanne lançou a Robert um olhar que misturava diversão e advertência, como se olhasse um moleque traquina. Dirigiu-se ao mordomo: — Como vai, Samuel?

— Muito bem, senhorita. Posso ajudá-la, guardando seu chapéu e casaco? — Samuel já estava se recompondo.

— Muito obrigada.

Suzanne se desfez do chapéu e do casaco, com a ajuda de Robert. Entregou as peças ao mordomo, que agora já havia reassumido uma aparência digna e austera, e desaparecia rapidamente no saguão com as mãos ocupadas pelos pertences dela. Certamente Samuel queria fugir de uma nova demonstração efusiva de afeto diante dele. O casal riu ao vê-lo se afastar a passos céleres.

— Está linda, Sue. — elogiou Robert, medindo Suzanne dos pés a cabeça.

— Obrigada. — ela corou, sentindo que ele a devorava com os olhos. Ao encará-lo, porém, não se sentiu menos predadora. Seu marquês era o homem mais bonito do mundo!

Suzanne olhou em torno, impressionada com a beleza da residência, de um luxo sóbrio, sem ostentação. A mesma sensação agradável que sentira no castelo de Robert repetia-se agora em sua mansão. Para um homem solteiro e que dizia-se indiferente à normas e costumes, suas casas eram impecavelmente tradicionais e acolhedoras. Era uma grata surpresa, pensou ela, enquanto seguia olhando o interior dos aposentos que Barker ia abrindo à

NACIONAIS-ACHERON

sua passagem, combinando perfeitamente com a harmonia de sua estrutura exterior, clara e luminosa, onde o único símbolo de pompa eram as colunas romanas da fachada, e a inevitável imponência de sua grandiosidade, semelhante às propriedades vizinhas em toda Mayfair.

Seus criados, todos os que vira até agora, os de Sussex, e os de Londres, usavam uniformes elegantes e pareciam muito eficientes e satisfeitos, tanto com suas funções, como com seu patrão. Não deveria esperar algo diferente, decerto. Um homem que lutava por liberdade e justiça não podia agir como tirano em sua casa.

O marquês de Brighton conduziu a moça até uma sala de estar muito agradável, com detalhes brancos e dourados, e pinturas originais de autores famosos nas paredes. Fez com que se sentasse num sofá confortável e amplo e serviu para os dois um saboroso de licor de frutas.

Por mais ansioso que estivesse em carregar Suzanne para seu quarto, despi-la e fazê-la sua, Robert procurava agir civilizadamente. Um pouco de licor os relaxaria, sem, contudo, embebedar, pensou ele. Sentou-se ao lado da jovem, tentando controlar o desejo de deitar-se com ela no estofado, apreciando sua beleza mais uma vez, embora seu coração já lhe tivesse dito que mesmo se tivesse outra aparência, Sue tomaria posse de seus pensamentos e de sua alma, irremediavelmente. Gostava do que havia por fora, e gostava ainda mais do que havia por dentro.

Suzanne observou Robert mais detidamente, e pôs a mão delicadamente na mancha escura em seu rosto, logo abaixo do olho esquerdo.

— O que foi isso?

— Hã... Recebi a visita de Tristan ontem à noite...

Robert não precisou continuar a frase.

Suzanne levou a mão à boca, e seus ombros sacudiram ligeiramente,

enquanto tentava refrear os ruídos que teimavam em escapar-lhe pela garganta. Tristan havia deixado o hospital, e Juliet então havia finalmente lhe contado sobre o beijo roubado, e ele viera acertar as contas.

— Pode rir. — disse Barker, bem humorado — É justo.

Suzanne soltou uma risadinha, meio engasgada por tentar ser controlada com a mão. Era óbvio que achava bem-feito o soco que Tristan desferira em Robert.

— Bem, ele lhe acertou para valer... E depois?

— Depois eu servi-lhe o meu melhor vinho do Porto. Conversamos, aparamos as arestas, e esvaziamos algumas garrafas enquanto ele decidia se deveria ou não dar-me um tiro na testa.

Robert não disse a Suzanne que mesmo após toda a bebida, não conseguira dormir direito, pensando nela.

— Então ele o desculpou? — Suzanne estava feliz, afinal Juliet era sua melhor amiga, e se os dois homens ficassem brigados, com certeza o relacionamento delas também sofreria as consequências.

— Ah, sim, felizmente! Todo o desregrado tende a perdoar seu irmão beberão e estúpido, porque já fez algo semelhante ou pior sob o efeito da insensatez e do álcool combinados.

Suzanne riu novamente. Robert pegou-a pela mão e olhou-a, sério.

— Tive medo que não viesse.

— Eu disse que viria. — Suzanne também estava séria agora.

— Mas Jake me disse que estava reclusa em casa, e Christian contou-me que Luciane nem pôde vê-la!

— É verdade. — ela deu de ombros, e mudou de assunto — Luciane levou para mim uma obra de Byron, e Juliet deixou para que eu lesse “Persuasão”.

Robert voltou a sorrir, sem ocultar sua surpresa: — Minha deusa do fogo, a rebelde que não apreciava contos de fadas, leu poesia e romance?

— Acho que ando meio romântica, afinal. — fez uma careta de pouco caso.

— Pois eu gosto disso. — disse ele, com sinceridade — Ainda mais pela escolha de Juliet, pouco óbvia. A maioria dos leitores de Jane Austen só fala sobre “Orgulho e preconceito”.

Suzanne concordou com a cabeça. O livro que a amiga lhe emprestara falava sobre novas chances e recomeços, depois de uma passagem de tempo. Agradara-lhe. Lorde Byron também se mostrara uma leitura interessante.

— Byron dizia que na vida do homem, o amor é uma coisa à parte, na da mulher, é toda a vida.

— Parece desanimador? — Robert sorriu.

Assustador, na verdade, era o que parecia a Suzanne. Tal como um remendo temporário, o amor parecia ser descartável aos homens, algo que poderia ser posto de lado quando necessário. Para ela, era eterno. Jamais deixaria de amar Robert. Sacudiu os ombros novamente, como se desdenhasse da frase e do que ela implicava.

Robert não insistiu no assunto. Que os poetas tivessem as opiniões deles, pouco lhe importava. O que sabia era que Suzanne era a coisa mais importante de sua vida, e estava certo de que assim seria para sempre.

— Tenho também uma novidade!

— Conte-me! — ela o incentivou, curiosa.

— Parei de fumar.

— Rob! — ela surpreendeu-se. Havia reclamado do cheiro do fumo quando circulavam juntos no dia da festa onde haviam estado juntos pela

última vez. Ela dissera na ocasião que o odor da fumaça lhe causava enjoo.

— Não era um hábito dos melhores. — admitiu. A verdade é que lhe horrorizou a possibilidade de, por um momento que fosse, seu cheiro causar enjoos em Suzanne. Ainda mais quando ela estivesse grávida. Esse pensamento o estimulara a jogar fora todos os seus charutos e cigarros.

— É verdade, e fico muito contente por sua decisão.

Ambos sorriram.

— Agora diga-me, como fugiu de seus pais?

— Pulei a janela, lógico! — respondeu ela.

As sobrancelhas de Robert ergueram um instante.

— O que? Acho que ouvi mal... Pensei ter ouvido que pulou a janela do seu quarto. Não poderia ser, já que o apartamento de seus pais é no segundo andar da construção...

— Ah, não ouviu mal, não. Eu pulei a janela mesmo. — Suzanne deu uma risadinha, como se fosse a coisa mais normal do mundo descer do segundo andar escalando paredes, os olhos verdes abrindo-se desmesuradamente, e brilhando mais do que nunca — E deslizei pela árvore próxima à minha janela. Meu quarto é de fundos, então ninguém me viu.

Suzanne não ficaria sem ver Robert nem mais um dia. Já estava cansada de seus pais ditarem todas as regras e não lhe darem chance alguma de escolha. Precisava ver seu amado, contar-lhe toda sua história, pôr as cartas na mesa. Não abriria mão de sua felicidade se tivesse uma chance ínfima que fosse de consegui-la. Certamente não seria uma proibição materna, ou uma janela do segundo andar, que a deteria após tomada sua decisão. Respeitava seus pais e os amava muito, mas não havia nascido para total submissão. Isso era fato. Posto isto, saltou a janela sem hesitar e pegou o caminho para a residência de Barker.

— Deus do Céu! Podia ter quebrado o pescoço! — agora eram os olhos de Robert que se arregalavam.

— Preferia que eu não viesse? — Suzanne indagou, em tom baixo e sensual.

Barker sentiu os efeitos daquela voz imediatamente, em todo seu corpo.

— Minha querida, se não viesse, eu teria escalado a sua janela... — puxou-a para ele, gentilmente, e beijou-a mais uma vez.

Suzanne precisou reunir toda a sua força para afastar-se do corpo másculo do marquês de Brighton. Poderia ficar beijando-o e admirando-o durante toda a tarde, ou deixa-lo apenas carregá-la para o tapete, onde finalmente fariam amor. Mas então, se fizesse isso, tudo poderia estar perdido. Encarou-o, e tomou fôlego. Ou falava agora, ou nunca.

Fitou os olhos azuis, celestiais, forçou a garganta a funcionar, esticou a coluna, e começou: — Vou contar-lhe uma história, Robert Barker. Preciso que me ouça. E se possível, sem me interromper. Depois dirá tudo o que quiser, e eu o ouvirei, para o bem ou para o mal.

Robert retesou-se, instintivamente. Mas aquiesceu, num gesto lento e tenso.

— Sabe bem que nasci na Escócia, durante um período de pesquisas do meu pai, e que partimos de lá tão logo minha mãe sentiu-se pronta para tornar a viajar. Voltamos à Inglaterra, nos deslocando pelos condados a trabalho, e depois que eu estava maiorzinha, pelo mundo. Mudamo-nos para a Irlanda, onde meu pai achava o clima mais propício para abrir suas ideias. — Suzanne deu de ombros — Coisas de escritor, suponho, superstições, enfim. De qualquer modo, lá ficamos por um bom tempo, para que meu pai pudesse compilar suas pesquisas e escrever seu mais importante livro de botânica, enquanto aproveitava para apresentar uma série de palestras pelas NACIONAIS-ACHERON

redondezas sem precisar carregar mulher e filha pra lá e pra cá. Foi o período mais tranquilo e agradável da minha vida, e vivemos na mesma casa por alguns anos, rodeados de gente boa e amigável. Entre os amigos conquistados, o mais querido dentre eles chamava-se Cedric, era filho do conde responsável pela região, e apenas poucos anos mais velho que eu. Tornamo-nos companheiros de aventuras.

Suzanne parou um instante a narrativa, tomando ar e observando brevemente a expressão de Robert. O olhar dele não dizia nada significativo, mas a forma como apertava o agora vazio cálice de licor em sua mão, dizia muito. O marquês estava nervoso, possivelmente por adivinhar que aquela história, com semelhanças à sua, não acabaria bem. Talvez desejasse também ter escolhido uma bebida mais forte ao invés de algo leve e apenas superficialmente relaxante. Ela continuou a falar, antes que lhe faltassem as forças para tanto.

— Depois de um longo tempo de convívio, foi natural que começássemos a gostar um do outro, mais do que bons amigos se gostariam. Cedric pediu minha mão em casamento.

Robert não atrevia-se a sequer mover-se para servir-se de uma bebida, por mais seca que a boca lhe parecesse. Temia que qualquer movimento seu quebrasse a confissão de Suzanne, e ela voltasse a se calar. Se ele houvesse, em qualquer momento, sequer imaginado que o que a jovem dizia precisar lhe contar fosse algo sério de seu passado, teria já lhe cobrado essa conversa antes. O fato é que a havia subestimado, julgando que qualquer coisa que tivessem a conversar fosse relacionado aos seus pais, e não diretamente a si mesma. Agora ficava sabendo que em algum lugar da Irlanda havia um rival de peso, mais jovem que ele, provavelmente já nomeado conde, que podia estar aguardando apenas uma oportunidade para vir atrás de Suzanne mais uma vez.

— Meus pais não aceitaram, lógico, por sermos quase crianças na época. Além do que, não era uma união a que um tradicional conde irlandês aprovaria. Tempos depois, Cedric tentou novamente o pedido. Dessa vez meus pais não foram tão gentis, e falaram com franqueza que éramos muito jovens, que nada sabíamos da vida, e que o senhor conde concordaria com eles que tal união era absurda. Fomos assim proibidos de nos encontrarmos novamente, para que a ideia de matrimônio sumisse de nossa cabeça. Logicamente, isso não adiantou. Fugimos para a Escócia na mesma semana, em companhia de dois de nossos melhores amigos, Galeno e Ryder, a fim de casarmos em Gretna Green.

Suzanne já não mais fitava Robert, mas sim algum ponto vazio à sua frente. Parecia-lhe penoso falar, notou ele. Lentamente largou o cálice na borda da mesinha de centro, e tomou as mãos da noiva nas suas, incentivando-a desse modo a continuar.

A moça empertigou-se, e retomou a narrativa: — Paramos em uma estalagem para comer. Era um lugar feio e mal frequentado. Comemos e saímos o mais rápido possível, pois os rapazes ficaram apreensivos com os olhares masculinos destinados a mim. Montamos um acampamento distante dali, para passarmos a noite. Planejávamos já no dia seguinte chegar à Gretna, e oficializarmos a situação. Achávamos que tudo corria bem, até que fomos atacados. Aconteceu muito rápido, e como disse antes, éramos pouco mais que crianças, e inexperientes quanto aos perigos do mundo, e das maldades que vão na mente dos homens. Pensamos que o grupo de escoceses mal encarados desejasse apenas roubar-nos, porque nossa aparência indicava que poderíamos estar carregando alguns valores, e éramos claramente presa fácil para salteadores. No entanto, não eram meros ladrões, e estavam obviamente muito embriagados, violentos, e querendo confusão. Eles nos atacaram sem piedade. Ryder e Galeno morreram primeiro. — a voz de

Suzanne soava monocórdia, como se ela não tivesse vivido a situação, só repetisse um fato relatado vagamente, sem floreios inúteis ou considerações sentimentais — Cedric tentou defender-me quando descobriu que além de tudo, os homens desejavam a mim. Não teve chance. Mesmo tentando negociar minha liberdade por um alto valor, não houve acordo. Cedric foi trucidado, expirou em meus braços, e fiquei sozinha com aqueles homens. Desmaiei quando me puseram as mãos, e voltei a mim com meu pai e um grupo de soldados do conde a minha volta. Disseram que meu pai matou o homem que estava sobre mim, e os soldados do conde mataram os outros bandidos, que aguardavam a sua vez para me... usarem. Assistir a morte de três pessoas queridas foi um horror absurdo, mas agradeço a Deus por não estar consciente quando o líder do grupo me estuprou.

Um silêncio pesado ocupou a sala. Suzanne voltou o olhar para Robert.

— Então é isso, marquês de Brighton. Perdi minha virgindade faz alguns anos, não sou pura. Sinto muito...

Suzanne soluçou. Seus olhos se encheram rapidamente d'água, e Robert a abraçou. Estava pasmo e um tanto chocado com toda a horrível história, mas pôde conter seus sentimentos em prol de sua amada. Ela não merecia nenhum olhar que pudesse confundir com discriminação ou ressentimento. Sua doce e sofredora Sue merecia apenas carinho e compreensão.

— Sshhh... Calma, meu amor, agora está protegida, e esses monstros nunca mais poderão tocar em você e nem em mais ninguém. E não tem porque constranger-se com isso, pois não foi sua culpa.

— Sim, foi. — disse ela, desvencilhando-se do abraço — Minha mãe disse que se não fosse nossa ideia insensata de fugir, nada disso teria acontecido. Os rapazes estariam vivos, eu estaria intacta. Foi tudo minha

culpa! Cedric, Galeno, Ryder, mortos por minha culpa! Se eu pudesse voltar no tempo, se pudesse ter uma chance de agir de forma diferente...

Robert sentiu a ira subir de seu peito até o rosto. Certamente suas faces haviam avermelhado de raiva. Como Martha Cunningham pudera culpar Suzanne pela atitude intempestiva de jovens inconsequentes que mal haviam entrado na puberdade? E pela crueldade de um grupo de adultos perversos, então?

— Não, Suzanne, pelo amor de Deus! Jovens fazem coisas tolas, como eu bem sei. Quem poderia prever como tudo acabaria? E certamente você não pode se culpar pela maldade de um grupo de bandidos!

As palavras e a expressão de Barker foram tão veementes, que Suzanne logo acalmou-se.

Ela pensou um pouco, e subitamente, teve uma noção completamente diferente de tudo que lhe havia acontecido. Realmente, se lhe contassem os fatos, jamais teria lhe passado pela cabeça que um grupo de jovens fosse o culpado por suas próprias mortes, resultantes da ação violenta de homens sem coração ou consciência. Por mais tolice que fosse fugir de casa, não deveriam ter sido julgados tão impiedosamente. Talvez se a viagem não houvesse sido interrompida de forma tão brusca, simplesmente houvessem todos voltado para suas casas após a recusa da autoridade escocesa em casá-los sendo ainda menores de idade, ou os homens do conde os alcançassem antes de chegar a um sacerdote ou juiz investido para tanto. A nova forma de enxergar a situação abriu-se diante dela como se lhe descortinasse uma janela, permitindo que a luz solar entrasse num ambiente outrora escuro. Como pudera acreditar que fora culpada por seu próprio estupro?

Um grande peso saiu de suas costas, e conseguiu sorrir. Pelo menos Robert não a julgara mal. Não importava que não lhe falasse agora de amor, ou casamento, nem lhe importava que não lhe falasse disso nunca mais, nem

NACIONAIS-ACHERON

mesmo que o romance entre eles acabasse antes do final do dia. Sentia-se viva como há muito não sentia, e desejosa por entregar-se às mãos hábeis de um amante notório e admirado por um sem número de mulheres. Ela o amava o suficiente para passar por cima do fato de ter arruinado um futuro entre eles simplesmente por não ser a casta noiva que um nobre da estirpe dos Barker procurava.

— Podia ter me contado antes. — disse ele, com suavidade, passando os dedos no rosto de Suzanne, onde antes haviam deslizado as lágrimas — Eu a teria ajudado a afastar seus temores.

Seus rostos se aproximaram, e seus lábios se tocaram com ternura.

— Sim, eu deveria ter contado muito antes, mas temi que não mais me desejasse. — admitiu Suzanne.

Robert não pode reprimir uma risada alta.

— Está brincando! Eu jamais poderia deixar de desejar você, e nesse exato momento eu a quero mais do que nunca!

O marquês afastou-se um pouco e fitou Suzanne, em expectativa. O momento era delicado, e não podia pressionar, por mais que quisesse. Por alguns segundos ele não soube o que fazer, mas a sua escolhida o tirou da dificuldade.

— Bem, Rob, eu estou aqui. — Suzanne o incitou, docemente. Não sairia daquela casa sem provar o ardor do marquês de Brighton por completo. Para ela estava certo que não haveria mais volta. Entregar-se-ia a ele totalmente. Era justo. Ele tinha-lhe a alma e o coração, só faltava o corpo.

— Sim, está aqui...

Beijou-a mais uma vez, e dessa vez não foi ternamente, mas com paixão avassaladora. Ergueu-a do chão com rapidez, e subiu as escadas com Suzanne nos braços, como se ela não pesasse mais que um travesseiro de

plumas. Empurrou com o pé uma das portas no final do corredor do segundo piso, e entraram num aposento mobiliado belamente, em tons marrom escuro e ouro velho, másculo e elegante como seu dono. Com um pontapé Robert tornou a fechar a porta. Alçou os degraus que levavam a uma grande cama com dossel no lugar de destaque, bem no centro do quarto, e depositou sua preciosa carga cuidadosamente sobre os lençóis macios, o colchão afundando sob o peso de ambos.

Robert despiu Suzanne com rapidez e perícia, enquanto a cobria de beijos ansiosos e famintos, sendo correspondido de forma ardente, mal sentindo as mãos suaves dela afastando seu casaco, abrindo os botões de seu colete e por fim desfazendo o nó de sua gravata.

Suzanne perdeu seu vestido quase ao mesmo tempo que livrava Robert de boa parte de suas vestimentas. Ela ofegou por um momento, detendo as mãos no peito forte do homem à sua frente. Barker era um monte de músculos e pele levemente dourada, de abdome bem definido pelos treinos de esgrima e pugilismo, e obviamente por diversos anos de cavalgadas. Os pelos negros que cobriam o peitoral e desciam provocantemente pelo umbigo até a parte oculta sob as calças, atiçava a curiosidade. Os braços fortes eram mais macios do que podia supor em suas fantasias. Tocou-o delicadamente onde as roupas o cobriam antes, deliciada por finalmente satisfazer a vontade de estar com o amor de sua vida tão intimamente, sem o risco de serem interrompidos.

O marquês havia fechado os olhos, desfrutando do toque sedoso das mãos de Suzanne. Era diferente de tudo que havia sentido antes. Fôra acariciado tantas e tantas vezes por dedos femininos durante sua vida, quase sempre de forma mais experiente e hábil, mas nada se comparava ao prazer que sentia no momento, e à certeza de que em pouco tempo atingiriam juntos o auge de sua paixão, concretizando um desejo urgente que tirava-lhe o sono

desde que se deparara à primeira vez com aquela beldade ruiva, de reluzentes olhos verdes.

Robert abriu os olhos lentamente, olhando sua deusa com adoração. Usava o conjunto vermelho de que lhe falara, uma afronta ao decoro em fitas, cetim, rendas e provocação. Engoliu a saliva com dificuldade. Desejava aquela mulher com tanta intensidade que por um segundo achou que se transformaria em um ser bestial, rasgaria sua lingerie com os dentes e a penetraria fundo e rapidamente, sem mais preliminares. Disse a si mesmo que não podia fazer as coisas assim. Não obstante sua noiva não ser mais virgem, era quase como se fosse, dado ao fato de estar desmaiada durante o ato sexual, e devido à forma traumatizante com que perdera a castidade. Precisava compensá-la, sendo carinhoso e cuidadoso, fazendo-a ver como fazer amor podia ser prazeroso.

De qualquer forma seria o primeiro a demonstrar a Suzanne as alegrias do sexo. E, lógico, seria o primeiro e o único. Quando a bela senhorita Cunningham deixasse sua casa no dia seguinte, — ela não imaginava que já era sua refém, e que não a deixaria partir no mesmo dia, um detalhe que por prevenção só lhe contaria mais tarde — o marquês a acompanharia na carruagem com o brasão nobiliárquico de Brighton, para acertar com os Cunningham os termos de seu casamento. Dessa vez não haveria como lhe rejeitarem, e se casariam antes do fim do ano, como planejava desde que a escolhera para esposa.

Robert alcançou a alça do corselet de Sue, e abaixou-a gentilmente, enquanto beijava seus ombros. Desfez os laços que se cruzavam frontalmente com calculada lentidão. Suzanne estremeceu de ansiedade, e tentou ajudá-lo a desamarrar os nós da peça e abrir os colchetes. Barker a impediu, sorrindo pacientemente, detendo a mão delicada com sua mão livre.

— Não, senhora. Eu faço isso. Dê-me o prazer de despi-la a meu

modo, Sue.

Suzanne estava se desfazendo apenas com o tom da voz de Rob, com seu olhar cintilante e beijos sensuais. O que aconteceria quando estivesse nua em seu leito? Esforçou-se para manter a sanidade sob controle.

Robert a livrou do corselet, lambeu-lhe os mamilos bem devagar, sugando-lhes e roçando os dentes em cada um, fazendo-a contorcer-se angustiada embaixo dele. Seguiu com uma trilha de beijos e carícias até a parte de baixo da lingerie, enquanto suas têmporas latejavam ao conscientizar-se dos gemidos e suspiros de Suzanne, em resposta a seu contato. Juntou forças para não perder a razão de vez e partir para cima da jovem como a fera dentro dele implorava que fizesse.

Barker ajoelhou-se diante de Suzanne, e com as duas mãos foi despojando-a da calçolinha provocante. Deteve-se, maravilhado. Os pequeninos cachos que cobriam a púbis da deusa do fogo eram vermelhinhos também, tais quais as impressionantes madeixas de sua dona.

— Ah... adoro vermelho! — ele murmurou, afundando o rosto entre as pernas de Suzanne.

Sue não pôde deter a tempo o avanço de Robert, e a língua dele lhe tocou tão fundo e certamente na parte mais íntima, que seu corpo saiu do colchão num movimento brusco e quase involuntário. Mãos firmes obrigaram-na a aceitar a carícia indecente e deliciosa, segurando seus quadris contra o acolchoado. Suzanne retorceu os dedos entre os lençóis, incapaz de evitar os ruídos guturais e incoerentes que lhe escapavam conforme a boca de seu marquês a fazia enlouquecer.

— Rob, não posso mais! Vem aqui, eu o quero! Agora! — tentou puxá-lo para ela, sem sucesso. Queria-o por completo, era angustiante a sensação de estar à beira de um abismo, numa espiral de sensações delirantes.

Então Rob encerrou a sessão voluptuosa com um sugar

NACIONAIS-ACHERON

enlouquecedor, e um puxão suave com os dentes em um ponto que Suzanne nem imaginava existir. Ela gritou, sacudindo a cabeça em desespero, num frenesi de prazer que parecia levá-la ao desfalecimento. Se o coração não estava descompassado o bastante antes, agora estava, parecendo mesmo prestes a explodir. O marquês aguardou que ela se recompusesse, com um sorriso sedutor nos lábios, apoiado com o cotovelo no colchão, o queixo pousado na mão.

Suzanne acariciou a pele de seu amado mais uma vez, dando-se conta que ele ainda tinha as calças e os sapatos.

— Não parece justo... Estou totalmente exposta, e você está vestido. Estou à sua mercê!

Robert deu uma risada contagiante.

— Eu estou completamente à sua mercê, Sue! Mas está certa, fiquemos de igual para igual.

Ele levantou-se da cama em movimentos que lembraram a Suzanne um grande felino rondando presa e território. Tirou os sapatos e as meias com meticulosidade, e colocou-os a um canto do amplo quarto. Depois, aproximou-se mais da cama, e levou as mãos aos botões das calças.

Sue nem piscava, e supunha que havia esquecido até de respirar. Passou a língua sobre os lábios bem devagar. Robert a tinha totalmente presa a seus movimentos. Quando a calça comprida escorregou pelas pernas masculinas, e num gesto elegante Barker a recuperou, dobrando-a e pondo-a sobre uma poltrona, Suzanne gemeu, sentindo enfim o ar escapar dos pulmões. Eram belas pernas, com pêlos na proporção certa, longas e tão musculosas como o resto do corpo.

O marquês voltou à cama, e permitiu que Suzanne o ajudasse a despojar-se de seus calções. Tinha-a excitada novamente, sabia por sua expressão, e acompanhou seu olhar curioso enquanto desnudava-o por

NACIONAIS-ACHERON

completo.

Suzanne havia visto homens nus antes, lembrou-se, ante a visão impactante de Robert totalmente despido. Homens ao longe, nadando desinibidos em um rio, pinturas harmoniosas em um ateliê de artes, gravuras eróticas descobertas por acaso entre os papéis do primo Jake, estátuas gregas... Mas nada a havia preparado para a visão real de um espécime masculino excitado.

Nunca na vida vira algo semelhante àquilo.

Não passou despercebido a Barker o discreto fechar de pernas de Suzanne. Sorriu no mesmo instante, e falou a ela em tom suave: — Não tenha medo, meu bem. Não lhe vou machucar.

Suzanne tinha os olhos arregalados, não mais fixos no impressionante apêndice entre as vigorosas coxas de Robert, mas em seu rosto. Mordeu o lábio inferior, denunciando seu temor.

— Confia em mim, Sue?

Ela movimentou a cabeça afirmativamente.

— Então deixe-me mostrar que posso fazer melhor ainda do que fiz há pouco. — deslizou seu corpo sobre o dela, beijando-a, enquanto suas mãos a acariciavam.

Para provar que o que possuía não era uma arma letal, ele levou a mão de Suzanne até seu sexo. Ela mostrou-se relutante a princípio, mas finalmente acarinhou o órgão ereto, em toda sua extensão. Robert gemeu, e empenhou-se ainda mais em dar prazer à sua deusa, com a boca e as mãos.

Não demorou muito para que Suzanne se rendesse, e suas pernas se separassem para Robert mais uma vez. Com carinho tocou-a na intimidade, ajudando-a a umedecer ainda mais, preparando-a para ele. Quando já lhe pareceu pronta e ávida o bastante, posicionou-se entre suas coxas, e começou

a penetrá-la, muito devagar.

Robert estranhou que Suzanne, mesmo excitada como estava, fosse tão... estreita. Não que isso fosse ruim, não, era maravilhoso, mas o deixou um pouco intrigado. Continuou a invadi-la lentamente, indo e voltando, numa tortura sensual e dolorosa para ambos, ouvindo-a gemer e forçando-se a não enlouquecer de vez, tendo cuidado para não machucá-la. Muito apertada... Concentrou seus sentidos ao máximo. Se não tivesse sido tão considerado, e também desejado consumir sua amada de ansiedade erótica ao penetrá-la tão devagar, ele não teria percebido o que estava diante do caminho de seu deleite completo. Era possível?

Porque, mesmo que o sexo tivesse acontecido apenas uma vez, e ela nem saberia dizer como foi, já que estava desmaiada, não deveria ser daquele modo, não deveria parecer que acercava-se de uma barreira.

Sentiu-lhe a resistência interna, tão característica, que já conhecera de outros tempos, que o deliciava sempre, e que já vencera algumas vezes. Seis vezes, mais precisamente. Aquela seria a sétima, e a única que de forma alguma poderia dispensar. Tinha suficiente experiência na área, e não parecia haver engano que o território que tentava invadir era virginal.

Ofegou.

Ah, Suzanne... — Robert fechou os olhos por um instante, tentando lembrar das exatas palavras da amada, dizendo-lhe que se pudesse voltar ao tempo, tomaria outra atitude, e faria tudo diferente. Bem, essa era sua chance...

Suzanne ainda estava intacta, sem sombra de dúvida. E ele era um lascivo que vibrava ante a possibilidade de ser o primeiro a tê-la, de deflorar a mulher que amava. Pensara nisso tantas e tantas vezes, e agora, depois de toda aquela revelação bombástica de Sue, a constatação de que aquilo não mais aconteceria... surpreendentemente estava prestes a realizar seu sonho.

NACIONAIS-ACHERON

Ficou parado por segundos que pareceram-lhe longos demais, sem saber o que fazer.

Retirou-se cuidadosamente de Sue. Mirou-a por um instante, os vistosos cachos vermelhos espalhados em seus lençóis brancos, o peito ofegante e a expressão extasiada, como imaginara que seria.

Fixou-se nos olhos dela, entreabertos num misto de prazer e ansiedade, tão apaixonada quanto ele, e ficou em dúvida quanto a se devia ou não avisar-lhe o que estava acontecendo e quebrar o encanto do momento, arriscar-se a vê-la levantar-se e vestir-se, e talvez perdê-la para sempre, se ela resolvesse que deveria avisar a mãe sobre sua situação real. E se sua genitora decidisse que daria sua mão imediatamente a outro? Não podia permitir tal coisa, nunca. Na verdade tinha diante de si um incontestável trunfo. Não pensava que seria assim antes da conversa com Suzanne na sala de estar? Não planejava mesmo deflorá-la para assim obrigar os Cunningham a aceitá-lo? Então a Robert, naqueles segundos em que precisava tomar uma decisão, com o corpo pulsando em angústia, o coração aos pulos e a mente um tanto turvada de desejo, decidiu calar-se quanto ao que descobrira. Suzanne era virgem, mas sua virgindade acabava ali, naquele instante, na cama do marquês de Brighton. E como sabia que aquele presente em dobro era demais para sua ereção, mandou às favas o desejo anterior de penetrá-la lentamente. Ela estava bem preparada, e quase que adaptada ao seu tamanho pelo ir e vir anterior, então a dor seria breve, ele sabia. Enterrou-se com toda a vontade dentro da amada, com força e possessividade, pondo de lado qualquer outra consideração. O predador que vivia nele soltou um urro de triunfo.

Suzanne prendeu a respiração quando Robert retirou-se dela, e assustou-se quando ele voltou à ação numa investida súbita, mudando de lento e gentil para rápido e agressivo. A dor também a surpreendeu, ao mesmo tempo em que Robbie soltava um ruído alto e intenso próximo ao seu

ouvido, semelhante a um brado.

Ela quase gritou tão intensamente quanto ele, porém obviamente por razão diversa. Enxergou no rosto dele um prazer indizível, enquanto ela sentia ardor e retesava-se instintivamente, tentando apartar-se da sensação tão incômoda. A impressão perturbadora de que havia algo de errado foi ofuscada pelos beijos com que ele a cobriu, segurando-a firme para que não fugisse, sem parar de mover-se dentro dela, aumentando o ritmo das estocadas cada vez mais, implacavelmente. E as afirmações de que a adorava e que estava louco por ela, diminuíram a tensão e serviram para incentivá-la a continuar movimentando-se no ritmo ditado pelo corpo másculo que a cobria. Voltou a sentir prazer, mesmo com a ardência que seguia junto, mesmo com o temor e o mal pressentimento que obscurecera por instantes o momento que achara tão mágico quando se iniciara. Murmurou palavras de amor desconexas. Estar nos braços do homem amado era maravilhoso, e liberar toda a agonia contida dentro dela nos últimos meses, bem como o peso carregado há anos, era indescritível!

Suzanne pensou, por um instante em que seus olhos prenderam-se ao límpido anil vislumbrado entre as pálpebras semicerradas do amante sobre ela, que tudo a volta turvava-se, depois abria-se numa miríade de cores fantásticas e uma tensão no peito que parecia prestes a explodir de maneira fatal. Ah, certamente morreria! Gritou o nome de Robert, e ele pareceu estremecer enquanto urrava com tanta intensidade que à jovem pareceu que talvez morressem juntos.

Sim, pensou Robert, alcançando uma felicidade jamais sentida ao ouvi-la gritar seu nome, aquela era de fato a mulher de sua vida, e até no êxtase obtido no auge do prazer de seus corpos, eram perfeitos um para o outro.

Chegaram ao clímax juntos, e Robert se apertou junto a ela, enquanto

NACIONAIS-ACHERON

Sue suspendia ainda mais — e nem sabia como fôra possível fazê-lo — seus quadris em direção aos dele. Ah, era amante do marquês de Brighton agora! Não havia mais volta, bem como não haveria casamento. Satisfizera o desejo de ambos, e só. Aceitava o fato.

Suzanne desabou sobre os lençóis depois do violento espasmo, saboreando a plenitude que a dominava, e percebeu que Robbie não se afastava, ao contrário, parecia que lhe atingia ainda mais profundamente. Sobressaltou-se, e tentou libertar-se ao notar que o marquês derramava sua seiva diretamente dentro dela. Sabia o que significava, pois sua mãe a examinara procurando indícios de sêmen quando o pai a levava para casa naquele dia fatídico, anos atrás, apavorada com a possibilidade da filha carregar uma criança que era fruto da violência. A mãe não sabia identificar realmente se o maldito estuprador havia tido tempo suficiente para deixar sua marca, diante das manchas de sangue seco em suas pernas e espalhadas em todas as partes de seu corpo por ter abraçado Cedric em seu momento derradeiro. Passaram o mês seguinte em terrível expectativa, e felizmente a gravidez indesejada não aconteceu. Sentiu uma ponta do mesmo medo sentido na Irlanda querer dominar-lhe, antes mesmo que os batimentos de seu coração se desacelerassem.

— Que fez? — tentou levantar-se, mas Robert a manteve à cama, presa pelos pulsos — Robert! Vai me engravidar!

— Eu quero isso. Quero que me dê um filho. — beijou-lhe o pescoço, onde a veia pulsava mais rápido. Estava deliciado por poder ir até o final com Suzanne, sem preocupar-se em retirar-se antes da rendição final, e sem o uso de qualquer artifício para evitar a concepção.

Seu prazer desse modo prolongara-se ainda mais.

— Quer que meus pais morram de desgosto por ter uma filha solteira com um bastardo nos braços? — indagou Suzanne, os olhos verdes estavam

quase saltando do rosto, de tão arregalados.

— Jamais deixaria você sozinha com um filho meu nos braços, Suzanne! — Robert franziu as sobrancelhas, mas não se afastou um centímetro. De onde ela havia tirado ideia tão estapafúrdia?

Suzanne estava começando a enfurecer-se.

— Ah, montaria uma casa para sua concubina e viria me visitar à noite! Não fará isso comigo, Robert! Já fui desonrada o suficiente nessa vida e prefiro morrer a expor meus pais a mais uma vergonha! — no mesmo instante lhe veio à mente a conversa de Stanton e Fox no baile do lorde Edmund.

— Heim? Sue... Sue, o que está dizendo? — Robert não compreendia do que Sue estava falando. Concubina? Como assim?

Ela empurrou o marquês com força, e desvencilhou-se dele, pondo-se de pé. Descobriu, horrorizada, manchas de sangue no tecido onde estava deitada. Abaixou a vista e viu o mesmo em si própria e em Robert. Recuou alguns passos, coordenando as ideias, e enfim adivinhando o que sucedera, ao ligar as imagens à dor que sentira.

Ora, tentar engravidá-la contra sua vontade não era nada diante daquilo...

— Sofri anos por achar que havia sido roubada... — murmurou Suzanne.

— Acredito que vosso pai chegou a tempo, e o bandido não conseguiu ir até o fim no que pretendia... — disse Robert, com ternura na voz.

Os olhos verdes cintilaram, com uma mistura de dor e indignação.

— Mas você foi.

Robert não desejava aquele olhar de acusação. Nem aquela reação

negativa. Respondeu simplesmente com a verdade: — Não pude rejeitar o prêmio que você me ofereceu, Sue.

— Percebeu que eu era virgem?

Ele assentiu com a cabeça, devagar.

Claro que sim, ela pensou com amargura, tinha muita experiência nisso.

— Poderia ter se detido, se quisesse!

Ele concordou mais uma vez, num gesto tímido.

— Mas não quis deter-se. — ela afirmou.

— Não. Não mesmo.

— Robert... Por que fez isso comigo? — perguntou, num fio de voz.

Ah, se Suzanne esperava que ele lhe pedisse perdão, podia esquecer. Robert estava certo de que o que havia acontecido entre eles naquele quarto era a melhor coisa de sua vida. Não pediria desculpas por isso. Não estava arrependido. Adorara cada segundo e agradecera o fato de finalmente descobrir uma forma infalível de vencer a senhora Martha.

— Sou louco por você, a amo. Como acha que eu poderia deter-me? Nenhum homem, principalmente um apaixonado, abriria mão disso se estivesse em meu lugar... — gostaria de saber qual homem no mundo, nu, apaixonado e enfiado entre as pernas de uma mulher linda que estava gemendo de prazer e arranhando-lhe as costas, simplesmente interromperia o ato sexual para conversar, pensou Robert.

Esperou que ela voasse sobre ele e o estapeasse. Aceitaria tal coisa para aplacar sua ira e seu amor próprio ferido. Depois tentaria acalmá-la com um abraço. E possivelmente ela lhe morderia por ainda estar enfurecida. Franziu o cenho. Esperava que ela não lhe deixasse marcas muito profundas.

Suzanne continuou, parada, fitando agora o vazio.

Robert continuava em incômoda expectativa.

Bem, imaginou o marquês, talvez ela estivesse prestes a gritar feito uma histérica, e talvez lhe jogasse a jarra d'água que estava sobre a cômoda. Então teria que ser rápido e se jogar no chão. Não seria a primeira vez que uma mulher irritada tentava agredir um homem, e também nisso ele tinha prática. Calculou mentalmente a distância entre eles, o tamanho do salto que daria, e a possibilidade de avaria caso ela lhe acertasse. Ah, sim, ia doer um bocado... e certamente isso sim deixaria marcas.

Sentiu como se um colarinho invisível lhe incomodasse a garganta, enquanto observava Suzanne, ainda estática.

Considerou por um instante que talvez fosse realmente mais sensato pedir desculpas e tirar sua futura marquesa daquela pose de estátua, mesmo que o pedido soasse falso, já que não havia sequer uma ponta de remorso nele.

A reação seguinte dela não foi mesmo a que Barker esperava.

O marquês viu quando as lágrimas começaram a rolar, grossas e abundantes. Céus, aquilo era pior do que tapas ou gritos, ele pensou. Tentou estender a mão para tocá-la, mas a voz que saiu da garganta de Suzanne parecia vir de outra pessoa, de um lugar distante, e o fez estacar imediatamente.

— Deixe-me.

Robert respirou fundo, pensando o que devia falar. Sempre fora um homem eloquente, e já se vira diante de questões muito mais complexas do que apenas se fazer entender por uma moça ofendida. Comunicar-se com ela, e convencê-la que não cometera nenhum crime não seria tão difícil. Ou seria?

— Não fui roubada antes, mas fui agora. — replicou, entre lágrimas.

Suzanne murmurou alguns palavrões ofensivos, quase para si mesma,

enquanto tentava atabalhoadamente limpar-se das manchas do sexo em seu corpo, arranhando a pele com força durante o processo, e provocando trilhas vermelhas com sua fúria, como se aquelas marcas de amor fossem repulsivas. O marquês estava ainda mais alerta ao observá-la agir desse modo, os olhos azuis apreensivos. Não conseguia interpretá-la naquele exato instante, mas certamente não havia nenhuma máscara ou reserva ali, os sentimentos dela eram puros e simples: raiva, frustração, dor. Decepção. O que ela faria com toda essa massa conflitante em sua cabeça é que era a grande dúvida de Robbie.

Robert sentiu o coração apertar, e temeu que ela pudesse deixá-lo. Não suportaria, não novamente. Sabia que estava indubitavelmente rendido àquela dama, principalmente agora depois de terem compartilhado as mais incríveis sensações envolvendo corpo e alma. O temor de ser abandonado sacudiu-o, a ameaça de solidão pairando mais uma vez sobre sua insignificante vida nunca lhe pareceu tão aterradora como nesse instante, pois estava ainda mais profundamente apaixonado do que meses atrás, quando se deu o primeiro rompimento entre os ambos.

Ele correu a providenciar-lhe uma toalha úmida, oferecendo-a para Sue, esticando a mão num gesto cuidadoso, temendo que qualquer movimento indevido causasse uma explosão ainda pior da parte dela. A jovem aceitou a toalha quase automaticamente.

Tantas palavras rodopiavam na mente de Suzanne que ela já nem mesmo podia chorar. Tentou pensar melhor e ver as coisas de forma clara e prática. O que faria agora? Colocaria suas roupas e partiria daquele lugar, tentando levar consigo o resto de dignidade que lhe restara?

Por um instante ela pareceu apenas congelar. Então voltou a movimentar-se, com uma postura diferente, a expressão no rosto também modificando-se.

Suzanne silenciou, limpando-se de forma lenta, em movimentos repetitivos e eficientes, por um tempo que parecia quase uma eternidade para o marquês ansioso à sua frente. Não voltara os belos olhos esmeralda para ele nenhuma vez mais depois de dar-se conta de que ele a descobrira virgem e calara-se para o fato.

Robert deu um passo vacilante em direção a Suzanne. Sua voz saiu trêmula quando falou: — Sue, eu não cometi uma traição, por favor, não fique tão aborrecida comigo. Pense: Acabou de fazer amor com um homem de sua escolha, e descobriu que sua virgindade não foi tomada por um bandido, e sim foi um presente ofertado a seu futuro marido...

— O que disse? — ela o encarou, deixando cair a toalhinha que tinha nas mãos.

Robert aproximou-se quando percebeu que ela havia baixado um pouco a guarda.

— Não há mais razão alguma que nos impeça de sermos marido e mulher. Seus temores absurdos não têm mais sentido algum! — o marquês explicou, com voz suave.

Marido e mulher? Ela ouvira bem? Ele ainda desejava casar-se com ela?

— Quer realmente casar-se comigo?

— Mas é claro que sim! — Robert finalmente entendeu a reação de Suzanne — Como pode duvidar? Casaria com você sendo ou não virgem. Eu sou o último homem do mundo que poderia julgar alguém por seu passado.

Suzanne deu um sorriso débil, que logo desapareceu de sua face.

— Minha mãe o odeia. — murmurou ela.

Robert começou a perder a paciência:

— Mas vai me ter que me aceitar. Afinal, desvirginei a filha dela!

— Ela não vai acreditar!

— Ah, vai. Levo o lençol para provar. — Robert pegou uma toalha úmida para si, e limpou-se.

Suzanne estava atordoada com as palavras dele.

— Não teria coragem! — ela exclamou.

Ele sorriu, com malícia.

— Tenha certeza que teria coragem de fazer até mais para garantir nossa felicidade. Posso descrever também a cor dos seus mamilos, o formato do seu bumbum... Até a cor dos cachinhos que brotam de...

— Seja assim tão malévolo, e ela o odiará ainda mais! — Suzanne o interrompeu.

— Malévolo, eu? Sua mãe tenta afastar-nos mesmo sabendo que estamos apaixonados, e eu sou malévolo? Está na hora de confrontá-la para entender porque despertei seu ódio sem nunca ter feito nada de mal a ela ou a qualquer membro de sua família.

Robert respirou fundo, jogando sua toalha longe. Sabia que não era sensato ir contra a mãe de sua noiva, então tentou controlar sua língua.

— Vai abrir mão de sua felicidade só para agradar sua mãe?

Suzanne piscou, sem saber o que dizer em relação ao argumento dele. Um segundo de dúvida foi suficiente para Robert notar que ela estava cedendo.

Ele aproximou-se ainda mais, e conseguiu envolvê-la pela cintura.

— Eu não vou abrir mão de você, Sue. De jeito nenhum. — disse o marquês, a voz profunda e desconcertantemente terna.

— Eu errei antes, desobedecendo meus pais, e mesmo assim me apoiaram, pedindo apenas em troca que não mais os desafiassem. Meu pai e minha mãe são a coisa mais importante da minha vida... — murmurou ela,

fitando-o nos olhos.

Robert podia entender isso, mas Suzanne também precisava entender que podia formar uma família ainda maior ao lado dele. E essa seria do seu jeito, num lar de verdade.

— E eu, o que sou para você? — Barker aproximou os lábios, e começou a depositar vários beijos no rosto de Suzanne, em seu pescoço e em sua boca.

— Você... — ela estava ofegante, principalmente quando os beijos começaram a descer pelo busto.

— Sim?

— Você é meu amor...

— Sou, sim.

Ela gemeu alto quando os beijos partiram para seus seios, e os dentes do marquês roçaram um de seus mamilos, antes de tomá-lo em sua boca quente.

— Rob! — ela tremeu-se toda.

E Robert a empurrou novamente em direção a cama.

— E você é minha, minha, Suzanne. Não esqueça nunca.

— Rob? — conseguiu chamar-lhe, enquanto os dentes dele mordiscavam-lhe os lábios.

— Sim, meu amor?

— Por favor, não leve o lençol...

Ele deu uma risadinha divertida, e assentiu.

Beijou-a ardorosamente e mais uma vez maravilhou-se com a forma como se adaptavam um ao outro. Mal haviam feito amor e já estavam prontos novamente. Sua Suzanne era uma amante bem disposta, provavelmente com uma libido tão ávida quanto a dele. Escorregou para dentro dela com tanta

NACIONAIS-ACHERON

facilidade que os dois se surpreenderam. E a dança mais sensual do mundo recomeçou.

Moveram-se febrilmente, atados, quase como se travassem uma luta, disputando o corpo um do outro, contendo o êxtase até um ponto de insuportável angústia.

E quando Robert afundou-se em Suzanne mais uma vez antes do espasmo final, sentindo-a apertá-lo internamente com tanta força que parecia não querer mais deixá-lo sair, e gemendo de forma tão excitante, não pôde mais conter-se. Explodiu dentro dela com um violento tremor, inundando-a mais uma vez. Dessa vez a moça não fugiu, ao contrário, sua pélvis grudou-se mais à dele, enquanto suas pernas mantinham o amado numa prisão lasciva e quente.

Ele sorriu ao vê-la arfar, e depois fechar os olhos, saciada, feliz e um tanto sonolenta. E ele também estava começando a sentir o suave torpor do sono querendo dominar-lhe, coisa que nunca lhe acontecia após o sexo. Só podia significar uma coisa: sua amada o satisfizera, e pela primeira vez na vida sentia-se pleno.

Então Robert fez com Suzanne algo que nunca havia feito com nenhuma mulher antes: adormeceu em seus braços, entre suas pernas, o rosto escondido no pescoço delicado, aspirando o perfume que dela emanava.

Só despertaram na manhã seguinte, tocados pela luz da manhã que transpassava as cortinas. Tanto abandono os surpreendeu. Haviam perdido as horas, a noção, o senso. Talvez por ambos não haverem dormido praticamente nada na véspera de sábado, talvez porque a paixão finalmente deflagrada os tivesse acalmado e exaurido ao mesmo tempo.

Estavam ainda deitados de lado, frente um ao outro, e se admiravam mutuamente, de olhos semicerrados.

Acordar em sua própria casa, acompanhado de uma mulher, era algo

NACIONAIS-ACHERON

novo para Robert, e algo delicioso, pensou, sorrindo para si mesmo e prevendo que em breve essa seria a nova condição de sua vida. Poderia se acostumar rapidamente com isso, certamente. Beijou Suzanne, preparando-a para mais uma vez fazer-lhe amor.

— Sue... está sentindo dor?

— Não muito... — ela respondeu, quase num ronronar.

Robert sorriu diante da expressão de desejo na face de sua amada. Marcara seu território de forma definitiva dessa vez, de forma mais profunda que qualquer sinal que sua boca pudesse deixar.

— Foi tão intenso ontem... Tão maravilhoso... — beijou-a no rosto, nas orelhas, no pescoço, foi descendo os lábios enquanto falava, as mãos acariciando a área macia das nádegas — devemos repetir, meu amor...

Enquanto Suzanne correspondia ardorosamente às carícias de Robert, uma batida na porta os interrompeu. O criado desejava saber se tomariam o café da manhã na cama ou desceriam.

— Vou me vestir. — avisou Suzanne, libertando-se das mãos de Robert, subitamente consciente de que dormira fora de casa, e o que aquilo poderia acarretar em seu próprio lar.

O marquês bateu as mãos na cama, contrariado. Seu único consolo foi admirar o traseiro de Suzanne enquanto ela levantava e se afastava, lépida, em direção às suas roupas, num misto de timidez e medo. Era um traseirinho lindo e arredondado... Robert desviou o olhar e gemeu alto, frustradíssimo.

Mesmo após terem feito amor pela segunda vez, e depois de dormirem, exaustos, com ele ainda preso a ela, Robert era consciente de que Suzanne, sentada ao seu lado na carruagem marquesal, rumando à residência

de Gerald Cunningham, parecia ressentida.

— Sue, se mantiver esse semblante diante de vossos pais, acharão que quero mandá-la às masmorras ao invés de torná-la minha esposa.

Ela não respondeu, apenas continuou olhando através da janela. Robert coçou a cabeça, tenso. Procurou falar-lhe com ternura: — Derramou-se em meus braços depois de nos amarmos pela segunda vez, Sue. Pude sentir seu coração quase saltar, tal qual o meu... Não se desprendeu de mim nem mesmo durante o sono, minha querida, apreciaste cada momento, e agora...

Suzanne o interrompeu, erguendo a mão: — Sim, o que diz é fato. Mas também é fato que tomou-me após me deixar furiosa, enquanto eu ainda tentava entender o acontecido antes. Enquanto eu ainda sentia meu corpo arder, tanto por fora quanto por dentro! Estava com raiva de você em um segundo e no outro... — sua voz soou fria e sem emoção — É muito habilidoso, Robbie, e faz bom uso das oportunidades. Não foi uma luta justa, sabe. Não pode negar, e quero deixar claro que sei disso também.

Robert não se agradou do tom de voz de Suzanne, mas manteve-se quieto. Não havia meios de defender-se, pois mais uma vez ela estava certa.

Suzanne respirou fundo, remexendo a bolsa em seu colo, quase distraidamente.

— Embora continue achando que me devia o direito da escolha, admito que nada tomaste a força, e fui culpada da situação ao oferecer-me de forma tão indecorosa. Que poderia eu esperar, estando nua em seu leito e depois de ter dito, com todas as letras, o quanto o desejava e amava, e permitido que tomasse todas aquelas liberdades com meu corpo?

Robert sentia o rosto quente, e remexeu-se, desconfortável no banco.

Ela tomou novo fôlego, e sua entonação soou mais do que simplesmente resignada.

— Estou um tanto aborrecida é comigo mesma e com minha total falta de controle.

Robert ficou aliviado por Suzanne não estar julgando-o um cafajeste.

— Pois estou feliz por isso. E de forma alguma isto a desmerece. Veio até mim por amor. É muito simples e natural. — respondeu ele, gentilmente.

Suzanne enfim o encarou. Dessa vez os olhos transpareciam o carinho que sentia por Robert.

— Não posso negar que realizei um sonho entregando-me a você, o homem a quem amo.

— Não está guardando rancor, está?

— Não. — ela o tranquilizou — O rancor é um sentimento que cresce rápido e evolui para a amargura, matando todos os bons sentimentos em volta. Não o tratarei como se fosse um inimigo, mas sim como o que realmente é, o meu amado.

Barker pegou a mão da futura esposa, emocionado, os olhos azuis úmidos. Suzanne voltou a falar: — No mais, confesso, nós dois na cama...foi sensacional! Nunca podia imaginar... — ela corou, e Robert conseguiu sorrir.

Suzanne o encarava, muito séria:

— Mas não finja que não gostou de me manter durante toda a noite em sua casa!

— Na verdade não tinha intenção de deixá-la partir ainda ontem, se quisesse fazê-lo, mas nosso cansaço tratou de evitar que eu precisasse contar-lhe meus planos.

Suzanne sorriu-lhe, satisfeita com a sinceridade de seu futuro esposo.

— Ah, ao menos admite!

— Sim. Eu ia sequestrá-la, de qualquer modo. — provocou ele, com

um sorriso malicioso.

Suzanne ergueu as sobrancelhas.

— Sequestrar-me! Cada coisa que passa pela cabeça dos homens! Sempre tentando fazer uso de métodos radicais ou dominadores! — sacudiu uma mão, de modo indolente, e voltou a olhar distraidamente para o lado de fora.

— E o que está te fazendo mal, Suzanne, se não é minha atitude? — indagou Robert.

Ela suspirou. O marquês de Brighton já a conhecia bem. Também era fato que decidira não mais fazer uso de suas máscaras de indiferença ou desdém quando estava ao lado dele.

— Apesar de tudo que aconteceu ontem tenha me deixado com a cabeça a dar voltas, nada está me apavorando mais do que confrontar meus pais. Minha apreensão não é pelo que fizemos, mas pelo que virá disso. — ela levou a mão ao peito — Tenho medo, Rob. E se eles nunca mais quiserem saber de mim? Se me renegarem por mais uma vez eu tê-los desobedecido?

Donzelas do mundo todo haviam sido riscadas do livro de sua família por bem menos do que Suzanne havia feito até agora, e Robert sabia bem disso. Teria que usar de todo seu poder de persuasão se os pais dela se mostrassem propensos e renegá-la. Não podia permitir que sua futura esposa perdesse a referência familiar, tão cara até mesmo para um dissoluto como ele.

As lágrimas começaram a cintilar nos olhos de Sue, prontas a derramarem-se através dos cílios, e Robert a abraçou carinhosamente.

— Não se preocupe, meu amor. Eu a protegerei. Não a renegarão, eu garanto.

— Tal como aconteceu com Cedric, o rejeitam, Robert. Mas o que

sentia por Cedric não se compara ao que sinto por você. Não quero e nem posso perdê-lo. — disse ela, antes de deixarem a carruagem, já à porta do prédio onde ela morava. — Mas também não posso perder meus pais!

Robert sentiu o coração agitar-se. Sentira vontade de indagar a Suzanne sobre seus sentimentos em relação ao rapaz que morrera, mas teve medo da resposta. Disputar com um morto o afeto de uma mulher era o que menos desejava, e agora sentia um desconcertante alívio por ser mais amado que seu falecido rival.

— Resolverei tudo de modo que todas as partes ficarão felizes. — afirmou. — Ademais, se não se mostrarem razoáveis dessa vez, teremos que contar-lhes efetivamente sobre o que andamos fazendo. Derramei minha semente em seu solo fértil o suficiente para fazer-lhe um filho, e não vou arriscar que uma criança seja alvo de maledicências porque os pais demoraram-se a casar em função de brigas familiares. Crê que não quererão saber do neto? — sorriu para Suzanne, confiante. Inclinou-se e lhe depositou um beijo nos lábios.

— Espere! — ela pediu, segurando o braço de Rob.

Ele parou e esperou, pacientemente.

— Marcas? — ela indagou, apontando para próprio pescoço.

Robert deu um sorriso:

— Não, nenhuma. A próxima marca do marquês de Brighton que você receberá será o anel de noivado dos Barker. E essa, ficará para sempre.

CAPÍTULO XI

A porta do apartamento se abriu antes que Suzanne a tocasse. Gerald Cunningham estava pronto para sair, e já havia posto o chapéu na cabeça. Olhou à filha num misto de surpresa e alívio, seus olhos de um suave verde claro se derreteram por um instante.

— Filha!

Olhou-a de cima a baixo, verificando se estava inteira, e assim que constatou não faltar nela nenhum pedaço visível, assumiu uma postura severa: — Fizeste mais uma vez.

O botânico afastou-se para o casal entrasse.

— Papai, este é lorde Robert Andersen Barker, o marquês de Brighton. — Suzanne apressou-se a apresentá-los, antes que uma enxurrada de admoestações saísse da boca de seu pai.

Robert estendeu a mão, mas o pai de Suzanne apenas o encarou fixamente, a íris de seus olhos crescendo e ficando negra, cobrindo quase toda a parte verde. O marquês não teve dúvidas que se aquele olhar fosse uma arma, estaria agora morto.

— Dormiu com minha filha? — o homem indagou, num tom mais de afirmativa que dúvida.

Antes que respondesse, e ainda com a mão estendida, foi interrompido por uma porta que se abriu abruptamente, permitindo entrar na sala uma senhora apressada: — Quem está aí, Ger?

A mulher avistou Suzanne e correu até ela: — Deus do céu! Você está bem, minha filha? — Martha pegou o rosto de Suzanne nas mãos e começou a examiná-la, depois fez o mesmo com os braços, inspecionando-a.

Robert indagou-se se a mulher levantaria as saias de Suzanne para examinar-lhe também as pernas e algo mais. Não havia dúvidas, os pais de Suzanne estavam mesmo preocupados, e eram mais amorosos do que ele julgara a princípio.

— Mamãe, estou bem. Este é o marquês de Brighton, mãe. — disse Suzanne, embaraçada com o escrutínio materno, e indicando Robert.

A mãe voltou-se instantaneamente para o homem parado próximo a elas. Avaliou-o durante um bom tempo, assombrada, e depois murmurou, quase gaguejante: — Robert Andersen Barker?

— Sim, sou eu mesmo. — o marquês não estendeu-lhe a mão, pois a experiência anterior fôra infrutífera, e tinha inclusive o pai de Suzanne perto demais, lembrando-o disso, com seu olhar de leopardo feroz pronto a avançar em seu pescoço a qualquer instante. Mesmo assim Robert conseguiu dar um sorriso cortês à senhora Martha, fazendo-lhe uma reverência.

— Mas... mas... é jovem!

Robert ficou surpreso, e seu sorriso se ampliou: — Talvez pareça mais jovem do que sou na verdade. Fiz 32 no início desse ano.

A mulher parecia confusa. Pensou alguns instantes, ainda o olhando fixamente.

— Existe mais algum cavalheiro em sua família com o nome de Robert? Seu pai, talvez?

— Não, senhora. Meu pai chamava-se Lionel.

— Tem irmãos mais velhos?

— Tive dois. Já faleceram.

— Eram muito mais velhos?

Robert estava um pouco surpreso, mas a dúvida e confusão no rosto da futura sogra já era um bom indício que o repúdio a ele talvez fosse

resolvido mais facilmente do que esperava.

— Reynold tinha quinze anos a mais que eu, e Reginald, doze. Nasci quando meus pais já não esperavam mais nenhum rebento — Robert deu um sorriso cativante para Martha, e completou, com voz suave — e minha mãe dizia que eu era um presentinho do céu.

A senhora Martha não pôde evitar sorrir ternamente ante esse comentário. Suzanne não surpreendeu-se, pois Robert podia ser muito carismático, mas a revelação da diferença de idade entre os irmãos dizia muito a respeito da atitude do pai do seu amado. Talvez o antigo marquês não fosse um patife total ao consertar os erros do filho, afinal, e sim um pai que mimava demais seu caçula, e o superprotegia, sem dar-se conta de qual negativo isso poderia ser para o desenvolvimento de seu caráter. Conversaria mais tarde sobre isso com Rob. Estava certa que essa possibilidade o deixaria aliviado. Ninguém gosta da ideia de ter um pai cafajeste.

Martha voltou a ficar pensativa, e desviou os olhos do marquês de Brighton, tentando pôr suas ideias em ordem. Robert olhou em volta, tentando distrair-se da tensão opressora que sentia diante dos futuros sogros.

O apartamento era amplo, bem arejado e revelava que seus proprietários eram pessoas de posses. Estava, como era de se esperar na residência de um renomado botânico, repleta de vasos com belas e exóticas plantas. O aroma espalhado no ambiente era delicioso, e as tapeçarias, bem como os móveis que aparentavam ser de couro macio, contribuíam para uma atmosfera agradável. Suzanne precisava daquilo, um lar aconchegante e convidativo, algo que ela considerasse um porto seguro depois de anos e anos de existência nômade. Mas ele faria ainda melhor quando casassem. Reformulariam juntos a decoração de sua mansão, que há muito tempo necessitava um toque feminino em seus aposentos, e a deixariam acolhedora suficiente para uma família viver. Sua família. Desejava logo vê-la também

ocupada por crianças, os filhos que teria com Sue. Quantos Deus resolvesse lhes mandar. Sorriu ao pensar nos pequeninos de cabelos vermelhos correndo pela casa e através dos jardins. Seria maravilhoso ter uma prole numerosa!

— Por que não sentamos enquanto você pensa, Martha? — a voz de Gerald soou ligeiramente impaciente, espantando Suzanne. Seu pai não costumava ser rude com a mãe, mas sua irritação nesse momento era claramente endereçada à ela, e não mais ao marquês de Brighton. O que estava acontecendo, afinal?

A senhora sentou-se de forma automática, ainda refém de seus pensamentos. Gerald sentou-se numa poltrona próxima à janela, e Robert e Suzanne ocuparam o outro sofá, mantendo uma distância respeitosa entre eles. O que era irônico, se fossem levar em conta que o casal passara a noite juntos e nus na mesma cama, e a tarde do dia anterior fazendo amor. De fato, Robert pensava agora que fizera amor pela primeira vez na vida ontem, com Suzanne, porque tudo o que houve antes em sua existência desregrada fora apenas sexo, excetuando-se sua primeira relação, uma descoberta saborosa entre crianças curiosas.

Mas Robert achou aquele espaço entre eles conveniente. Sentar-se próximo demais de Suzanne, e aspirar a fragrância perturbadora emanada de seus cabelos, acabava mexendo com seu instinto primal, e tudo o que menos desejava agora era desandar a calmaria momentânea e causar uma grande confusão se os pais de Sue percebessem que ele estava começando a ficar excitado. Cruzou as pernas discretamente e começou a recitar para si mesmo trechos de seu último discurso no Parlamento até seu corpo dar sinais de voltar ao normal, liberando-o de uma situação vexatória.

— Mas que coisa... Eu não entendo... Você deveria ser bem mais velho... — Martha murmurou.

— Eu é que não estou entendendo. — retrucou Suzanne.

— Mesmo sem querer, mesmo procurando fugir a cada vez que ouvia falar vosso nome, foi impossível não escutar muita coisa a seu respeito, marquês. Suas histórias alcançavam mesmo lugares longínquos.

Robert ficou alerta imediatamente. A voz da senhora Martha Cunningham estava mais firme, e ela voltara a encará-lo com olhos perscrutadores. Ele aguardou que ela falasse mais.

— Sua vida é uma sucessão de escândalos e ofensas às pessoas honradas.

— Martha, tenha cautela. — a voz de Gerald soou potente pelo recinto, numa advertência clara à posição que o outro homem ocupava junto à Coroa.

Robert ergueu uma das mãos para Gerald e abanou a cabeça levemente, num gesto apaziguador: — As pessoas mudam. Não sou mais o que era há dez anos, não sou sequer o que era quatro anos atrás. E certamente sou outro desde que conheci vossa filha. Creiam-me, se pudesse desfaria minhas faltas cometidas no passado. Se me derem uma chance de provar-lhes, garanto-lhes que serei um excelente marido para Suzanne, fiel e cuidadoso.

Martha o encarou por bastante tempo, e de repente voltou a falar, sem nenhuma inflexão na voz: — É um assassino.

Robert e Suzanne levantaram-se ao mesmo tempo, em movimentos abruptos.

— Mamãe! — Suzanne estava chocada. A mãe havia enlouquecido? Não permitiria que acusassem seu amado daquele modo. Ia partir em sua defesa, quando ele mesmo a interrompeu.

— Se a senhora está falando sobre os duelos em que me envolvi, preciso dizer que eu fui o desafiado, não tive escolha. — defendeu-se Robert,

tentando manter a voz calma e controlada. Ser chamado de assassino era desconfortável, pois o adjetivo remetia a frieza e crueldade, e não fôra assim, apenas defendera-se de inimigos traiçoeiros.

A mulher sacudiu a mão, como quem espanta um inseto.

— Não, não falo disso! Na verdade, quando soube dos homens com os quais duelou, em diferentes épocas, disse a mim mesma que era a única coisa boa que o senhor havia feito à humanidade. Hart e Trent eram dois monstros que espancavam esposa, filhos e servos, cometiam abusos e desonestidades de vários tipos, todo mundo do Reino Unido sabia e não fazia nada a respeito por temê-los! Quanto a isso, Deus me perdoe, lhe dou parabéns.

Robert arqueou as sobrancelhas, surpreso. Metera-se em outros tipos de contendas além dessas que a senhora mencionara, que foram interrompidas pela chegada de homens da lei e resolvidas de forma branda, mas só a de Hart e a de Trent resultaram em morte.

O marquês fez um breve movimento em direção à Suzanne, indicando-lhe que voltasse a sentar, e fez o mesmo em seguida. Pigarreou antes de voltar-se à senhora Cunningham.

— Então não sei mesmo do que a senhora está falando. Felizmente carrego apenas essas duas mortes comigo, e garanto que se não resolvesse a questão da forma que cada um deles exigiu a seu tempo, um com espada e outro com pistola, eu acabaria sendo considerado um covarde e atacado pelas costas a qualquer momento ou em qualquer lugar. Eram dois sujeitos perigosos, e não gosto de sombras se esgueirando atrás de mim.

— Fez o que qualquer homem de fibra faria. Se a lei não resolve certos assuntos, é obrigação do cidadão fazê-lo. — retrucou Gerald, com olhar perdido através da janela.

O comentário fez Robert lembrar-se que aquele senhor de aparência

NACIONAIS-ACHERON

calma e distinta havia matado o homem que ameaçara sua filha anos atrás. Tinha certeza que ele faria de novo se fosse necessário. Barker admirava essa atitude, e certamente também mataria para proteger a quem estimasse de fato.

— Conheci Lizandra, a filha dos Williams, num vilarejo remoto em Norfolk, muito tempo atrás. Ao que me parece, uma eternidade.

Robert retesou-se ao ouvir a frase de Martha. Ah, agora as coisas ficavam mais claras! Martha o responsabilizara pela morte de Liz, como ele próprio se culpara durante anos.

— Lembra-se dela? — a pergunta soou ligeiramente cruel.

— Claro que sim. Lizandra e eu praticamente crescemos juntos em Barker Castle, ela era minha melhor amiga.

Por apenas um segundo Robert parou de falar. Engoliu em seco antes de prosseguir.

— Como terceiro filho de um marquês, ninguém se preocupava muito em me transmitir educação de líder, nem me cobravam uma postura de lorde, então toda a época de férias passávamos mais tempo um com o outro do que com nossos familiares.

Martha desviou os olhos do rosto de Robert ao perceber que a voz dele não estava mais tão firme como antes. Ai, Deus, parecia que vira lágrimas presas naquele olhar infinitamente azul! Sentiu uma ponta de vergonha por tê-lo provocado com a lembrança de Lizandra, lembrança que também a deixava desconfortável, mais ainda ao perceber que a dimensão dos sentimentos dela, durante anos, fôra um grande equívoco. Mesmo assim, ela continuou: — Moramos algum tempo no mesmo vilarejo que os Williams, e enquanto Gerald passava a maior parte de seus dias pesquisando plantas e compilando dados para um curso que se iniciaria em alguns meses, eu ajudava às pessoas mais pobres da área com meu conhecimento sobre ervas medicinais. Quando Lizandra entrou em trabalho de parto e ficou óbvio

NACIONAIS-ACHERON

que o bebê estava tendo dificuldades para sair, fui chamada para ajudar. Com a cooperação da parteira local, começamos a trabalhar. O bebê estava virado.

Robert levantou-se quase num salto e foi para perto da janela aberta, procurando ar.

— Acho que sabe o fim da história. Não conseguimos salvar nem mãe e nem filho. A pobrezinha perdeu muito sangue. Eu só pensava em como ela era jovem, com seu corpo frágil e pequeno...

— Ela estava com doze anos. Eu tinha pouco a mais... — Robert murmurou, sem voltar-se — Nos gostávamos tanto! Mas meu pai, e os dela também, acharam esse romance o fim do mundo!

Robert deu uma risada seca e rápida.

— O que fizemos foi tão instintivo que nem sei como Liz engravidou! Éramos muito, muito jovens! Nem podia imaginar que carregava um filho meu, e quando consegui descobrir o paradeiro dos Willians, era tarde demais.

Martha levantou-se e pôs-se atrás de Robert.

— Sabia que ela era uma criança. Mas nunca soube que você também era. Quando os pais dela, arrasados e revoltados, contaram-me que o pai do bebê era seu antigo patrão, e citaram o nome Barker, imaginei um homem maduro, um depravado total, aproveitador de crianças... Eu tinha Suzanne já, ela era ainda bem pequena, e meu senso de proteção estava em grau máximo nessa época. Foi muito traumatizante para mim também, e à medida que o tempo ia passando minha revolta a respeito dessa tragédia só foi aumentando. Formei em minha mente uma imagem sua, e as informações que me vinham fragmentadas só pioravam a situação. Gerald recebeu minha influência, então pode compreender como ele também tinha horror ao seu nome.

Robert voltou-se para a família que o fitava, e ficou satisfeito quando

percebeu Suzanne ao seu lado, tomando-lhe a mão, com expressão amorosa na face.

— Quando ouvi dizer que estava interessado em minha filha, fiquei apavorada. Pensei que a vida dela seria um inferno ao lado de um homem sem coração, capaz de violar meninas!

O marquês assentiu. Sentia-se muito cansado. Exausto, até. Afinal, ele havia sido mesmo a razão de todo o impasse envolvendo sua relação com Suzanne... Tinha, sim, uma parcela de culpa naquela confusão, infelizmente. Se não houvesse levado uma vida tão irresponsável e dissoluta, não teria contribuído para o imaginário da mãe de Suzanne, e não teria vivido toda a tensão de um noivado proibido durante os últimos meses.

— Não dissemos à Suzanne, mas estávamos arranjando uma viagem para sairmos do país na próxima semana. Íamos para as Índias em caráter definitivo, para livrarmos nossa filha de seu poder de sedução. — Martha sorriu — Não podia compreender porque minha filha gostava de um patife que devia ser sexagenário! Agora eu entendi!

Robert percebeu-se sorrindo.

— Sim, eu sei que as pessoas mudam, marquês. E agora, vendo-o pessoalmente, dou-me conta que parece... verdadeiro.

A voz de Martha soara compreensiva. E simpática.

O marquês curvou-se num cumprimento solene.

— Posso jurar sobre a bíblia, e preparar os mais rebuscados contratos para provar-lhe o quanto respeito sua filha, e quanto me sentirei honrado se aprovarem meu casamento com ela. — ele acrescentou.

A senhora Cunnhingham aquiesceu.

— Lamento meu modo de agir em relação a você. A vocês dois. — tocou o rosto da filha, que tinha os olhos úmidos.

— Sendo mãe, sua preocupação foi louvável. — respondeu Robert. Todo o seu ressentimento em relação àquela senhora esvaíra-se por completo. Sentia-se leve e generoso, o coração batendo ligeiramente descompassado, mas feliz.

— Agora que o mal entendido foi desfeito, eu e o senhor marquês aqui temos um assunto importante a tratar. Acompanhe-me ao meu escritório, rapaz. — Gerald ergueu-se, fazendo um sinal para que Robert o seguisse.

— Espere aí um instante, Ger. — pediu a senhora Marta, e virou-se para Robert — É verdade o que meus sobrinhos disseram, que gosta mesmo de minha filha?

— Amo sua filha, senhora Martha, com todo o meu coração. — ele levou a mão ao peito, teatralmente, mas sua voz era sincera.

Martha olhou para a filha, e seu rosto enterneceu-se. Se havia fugido para a casa do marquês na noite anterior, era de se supor que haviam compartilhado o mesmo quarto para forçar o casamento, como tantos outros apaixonados já haviam feito no decorrer dos anos, e com isso ele haveria descoberto o segredo de Suzanne, e a aceitado mesmo assim. Diferentemente do casal Cunningham, o lorde não havia feito julgamentos severos, e estava ali, dando apoio à moça e escutando humildemente as queixas contra ele. Só esse fato já colaborava em muito para apagar a imagem de sem-vergonha que o lorde construía para si mesmo.

A senhora Cunningham abriu um sorriso de orelha a orelha.

— E é verdade também que ajuda crianças e mães necessitadas?

— Minha senhora, será uma honra contar-lhe com detalhes cada um dos projetos em que me envolvi até hoje. — Robert curvou-se, pegou a mão de Martha e a beijou, reverentemente.

— Chega disso, galanteador. E é melhor rever esses modos garbosos

antes de casar-se, se não quiser que Suzanne lhe bata com o leque na cabeça todos os dias! — Gerald puxou o futuro genro pelo braço, afastando-o das damas que lhe sorriam.

— Posso levar Suzanne ao Hyde Park depois que acertarmos todos os termos do casamento, querido sogro? — perguntou Robert, com ar inocente.

Gerald suspirou alto.

— Você é um rapaz atrevido mesmo, heim? — resmungou o velho Gerald, e depois sorriu.

A verdade é que todos na casa estavam sentindo-se aliviados, tranquilos e bem-humorados.

— Bem então, Vossa Graça, quer um modelo rosa com laços cor de vinho, cinza escuro com flores vermelhas, renda marrom com dourado... — madame Lettice ia colocando vários modelos de lingerie sobre a mesa, entre ela e o marquês de Brighton — E este preto?

Thereza Whirley estacou ao ouvir a risada maliciosa de Robert Barker vindo de um reservado da elegante loja da modista mais cara da Bond Street, e sua resposta, em tom animado: — Madame Lettice! Definitivamente o preto também!

— Fazendo compras, milorde?

Robert olhou Thereza de soslaio e a cumprimentou. A última mulher com quem se deitara antes de conhecer Suzanne estava ao seu lado, fitando, com olhar apreensivo, as peças que ele escolhera. Pareceu ao marquês ter detectado também uma ponta de inveja na dama. Conteve a irritação. Não pretendia ser flagrado comprando roupas íntimas para Sue. Madame Lettice era discreta, mas duvidava que Thereza mantivesse sua boca fechada sobre o

que vira.

— Madame, mande entregar as peças em minha casa, por favor.

A senhora assentiu, recolhendo com ligeireza os modelos e os tecidos que o nobre escolhera.

— Constrangido de dizer diante de mim o endereço da dama para quem fez suas encomendas, marquês de Brighton? — Thereza alfinetou.

— Nem um pouco. — ele sorriu, e deu um passo para o lado, fazendo menção de afastar-se para deixar a loja.

— É verdade então que tomou uma mocinha como sua amante? Uma tal de Suzanne Cunningham?

— Não tenho nenhuma amante, mas sim uma noiva. E não é “uma tal” de Suzanne Cunningham, é senhorita Suzanne Cunningham. Seria bom acostumar-se a tratá-la com respeito, pois em breve será uma marquesa, a minha marquesa. Mas numa coisa você está certa: ela é uma mocinha. Linda, vigorosa e cheia de frescor. — ele sorriu-lhe mais uma vez, um sorriso sem humor, acompanhado de um olhar frio.

Thereza deu-lhe passagem, abaixando a cabeça. Se Robert pudesse ver o olhar de ódio que havia nela ao vê-lo se afastar, teria ficado impressionado.

— Pois cá estou em papos de aranha com minha noiva, porque um certo marquês galante deixou-se flagrar comprando roupas íntimas para presentear à sua esposa na lua-de-mel, e agora todas as damas da cidade acharam tão encantador, que eu tenho que fazer a mesma coisa!!

Antes mesmo que Chris terminasse a frase, uma estrondosa explosão de gargalhadas ressoava pelo salão verde da mansão de Brighton na elegante

Mayfair. O marquês, refestelado confortavelmente numa poltrona, com um copo de uísque na mão, divertia-se com a quantidade de troças que seus amigos mais caros lhe faziam, animados por doses generosas de bebida e pela intimidade de estarem num grupo restrito. A questão da lingerie, especificamente, lhe causava uma grande satisfação. Sabia muito bem que quando Thereza espalhara o boato sobre as compras com a madame Lettice, fizera isso para denegrir a imagem de Suzanne. Jamais a viúva poderia esperar que a repercussão do fato fosse tão positiva, ainda mais porque praticamente todas as mocinhas que estavam debutando eram amigas da adorável senhorita Cunningham. O tiro saíra pela culatra, e comprar camisolas e espartilhos para a futura esposa transformara-se, da noite para o dia, em última moda, para espanto e ultraje dos mais conservadores.

E pensar em Suzanne usando um dos modelos indecentes que ele havia escolhido fazia subitamente suas calças tornarem-se mais apertadas. Riu para si mesmo. Resignara-se a ser privado de sexo com a noiva até o dia do casamento, e comportar-se como um cavalheiro. Só havia passado uma semana desde o anúncio do noivado, e ele já estava quase subindo pelas paredes de ansiedade pela espera. Enlouqueceria em um mês, ainda mais depois de experimentar o prazer que era fazer amor com Sue. Já visualizava o trabalho delicioso que teria para ensinar à bela esposa todas as maravilhas que podiam fazer juntos na cama. Ou no tapete, no sofá, na mesa... nada que sua imaginação fértil pudesse julgar tépido ou entediante.

— Ah, vou lhes contar uma coisa — elevou-se a voz de Tristan, entre os amigos — Certo marquês, creio que um galante marquês, como o dos corpetezinhos de renda que o Chris falou, rejeitou publicamente meus charutos importados porque alegou não fumar mais! E sabem por que? Por que sua noivinha ruiva disselhe que o cheiro da fumaça e do fumo era horrível, e dava ojeriza às damas belas e delicadas! A quantidade de homens

que jogou fora seus cigarros depois de ouvir isso foi absurda! Quase que minhas tabacarias foram à bancarrota com essa história!

Novas gargalhadas se espalharam pelo salão.

— Não sei se notaram a nova decoração da cidade, meus caros. — emendou Tim — Todas as casas onde há damas solteiras ou viúvas, as casas das cortesãs, das bailarinas, e os bordéis com as mais caras meretrizes, têm pendurados em suas janelas tecidos e toalhas pretas. Ouviram dizer do casamento de um certo marquês... São muitas damas de luto em Londres!

— Não! Será que é o mesmo marquês das peças íntimas? — gritou Jake.

— Não é possível! Aposto que é o mesmo marquês que largou o vício de fumar por causa de sua noiva! — berrou Grayson.

— E será que esse distinto marquês, depois de casar-se, abandonará seus hábitos noturnos, lascivos e festeiros? — Miles provocou.

— Tenho certeza que sim. — respondeu Robert.

— Céus! Tornar-se-á monogâmico? — Jake levantou-se num gesto exagerado, e arregalou os olhos teatralmente, como quem se escandaliza com algo realmente sério, fazendo ecoar um sonoro e divertido “oh” pelo aposento.

— Perante os homens e perante Deus. — Robbie sorriu, coçando o queixo, despreocupadamente.

— E perante o “padrinho” que supostamente esse marquês tem? — replicou Tim, dando uma boa risada.

— Sobretudo perante ele!

— O “padrinho” dele ficará decepcionado... — comentou Grayson.

As gargalhadas soaram ainda mais altas.

— Tenho certeza também que o marquês em questão sempre receberá

de portas abertas seus amigos para conversar, jogar cartas, e compartilhar seu melhor uísque! — completou o anfitrião.

— Deus seja louvado! — gritaram Jake e Tristan, ao mesmo tempo.

— Amém! — gritaram os outros.

Em meio às risadas, o criado pessoal do marquês entrou apressado, seguido pelo mordomo Sam, que trazia mais bebidas, e parecia apreensivo.

— Um homem muito suspeito mandou-lhe entregar essa carta, milorde. Falou que era urgente. — disse Callum.

Robert abriu a carta, ficando pálido imediatamente diante do seu conteúdo: “Você tirou algo meu e então eu peguei algo seu. Se quiser reaver o que lhe pertence, venha já ao endereço escrito abaixo. Sozinho.”

O marquês levantou-se abruptamente, derrubando a cadeira onde antes estava sentado tranquilamente.

— O que houve? — indagou Miles, alerta.

Tristan, Jake, Chris, Tim, Grayson, e os criados olhavam preocupados para Robert.

— Suzanne foi sequestrada! — respondeu Robert.

Suzanne ainda recriminava-se por ter entrado na carruagem de Thereza Whirley, uma quase desconhecida sua. Ainda estava surpresa pela coincidência de encontrar a dama pela terceira vez na mesma semana, e ela mais uma vez oferecer-se para levar-lhe em casa de carruagem, coisa que Suzanne sempre recusava educadamente. Só que hoje, com alguns pacotes na mão, e depois de despedir-se de Juliet que seguia na direção contrária com os braços cheios também, após uma tarde agradável de compras e risadas, acabou por render-se em troca de um pouco de conforto dentro do veículo

daquela mulher cordial. Que mal poderia haver?

Mal entrara na carruagem, dera-se conta de seu erro e perigo que corria. Dois homens mal encarados estavam escondidos lá dentro, e logo a amarraram e amordaçaram, sob o olhar cínico de Thereza.

— Não precisa preocupar-se, senhorita Cunningham, vai apenas fazer uma viagem. Sabe, eu deveria ser a futura marquesa de Brighton. Eu estava com Robert até você ficar noiva dele!

Suzanne piscou, aturdida. Então a última amante de Robert não havia sido Eve Blanaid? Devia ter imaginado que Rob não ficaria resignadamente comportado até casar-se. Que decepção! Sacudiu a cabeça, sentindo-se ridícula por ter pensamentos enciumados quando estava sendo raptada por uma mulher que demonstrava ser obviamente muito perigosa.

Enquanto se debatia contra seus raptadores, ouviu Thereza mais uma vez: — Depois que você partir, sem a menor consideração pelos sentimentos de seu nobre noivo, ele vai entender que eu sou a melhor escolha para um casamento seguro e estável!

A mulher deu uma risada alta, e continuou: — E agora vamos ao cais, onde mais um amigo nos aguarda. Ele está providenciando seu embarque!

E nesse momento Suzanne estava apavorada, amarrada a um catre improvisado em um armazém sujo de beira de cais, com o malévolo senhor Etier Fox olhando-a com um sorriso assustador no rosto.

— Olhe aqui, senhor Fox, não sei se estou confortável com o modo em que está a moça — cochichou Thereza, a uma certa distância de onde estava Suzanne — Ela não deveria estar sendo despachada em um navio agora? Por que a pôs amarrada desse jeito? Não foi isso que o senhor disse que faria!

NACIONAIS-ACHERON

Thereza estava aflita. Detectara um olhar malicioso demais para seu gosto no rosto dos homens que estavam naquele armazém. Por mais que desejasse afastar a rival, não queria que nada de grave lhe acontecesse.

— Ah, não se preocupe, querida. Só programei uma diversãozinha antes da... partida da moça.

— Como assim, diversãozinha? Por Deus do céu, o que está pensando? É uma mocinha, não uma mundana! Não permitirei...

Fox interrompeu-a com um gesto brusco, e a sacudiu pelos ombros com violência: — Cale-se, sua tola! Você também não é nenhuma mundana, mas também vai nos divertir um pouco hoje!

— O quê? — Thereza estava horrorizada. Fox estava tão perto de seu rosto que podia ver a fúria e a maldade refletindo em sua íris escura.

— Você entendeu bem, dama gelada. Eu a cortejei várias vezes, e recusou-me. No entanto deitou-se com Robert, não é mesmo? Ele não é melhor do que eu e vou provar, tomando-a como ele lhe tomou!

— Não! — ela gritou, tentando afastar-se.

— Sim, e pode ser por bem ou por mal, você escolhe. — Fox olhou em volta, sinalizando para ela que estavam em um lugar ermo, cercado por capangas dele, e aproximou o rosto ainda mais, completando quase num sibilo — Mas aviso-lhe já uma coisa, Thereza: eu gosto muito mais ainda quando as damas resistem....

Fox deu uma risada estridente, e chamou seus homens: — Que tal uma ajudazinha aqui para levar a bela dama ao quarto lá em cima? Quem chegar primeiro aqui poderá se divertir com ela também!

Dois homens grandes se aproximaram a passos rápidos e seguraram a mulher, cada um por um braço.

— Bill e Terence! Acho que houve um empate! Teremos que dividir

para três!

Os homens riram e arrastaram Thereza para uma escada de madeira, onde Suzanne não os podia ver mais, porém ouvia os gritos de pavor enquanto a mulher era carregada, e isso a deixou mais aterrorizada ainda. Mesmo assim gritou: — Não façam isso com ela!

— Fique quieta! A sua vez será logo, só estou aguardando seu noivinho chegar para fazermos uma demonstração diante dele! — respondeu Fox, por sobre o ombro, enquanto subia as escadas, já com a mão nas calças.

Suzanne adivinhou o que eles iriam fazer com a mulher, e sentiu um frio terrível no estômago. Reviveu todo o pavor de anos atrás, perante a iminência de um estupro, e agora parecia ainda pior, pois estava imobilizada. Da primeira vez safara-se, e considerava que fôra de fato um milagre. Mas seria digna de receber o mesmo favor divino mais uma vez? Tentou rezar, sentindo as forças faltarem, tanto em seu corpo como em sua mente. Sacudiu a cabeça para manter-se alerta, não podia dar-se ao luxo de desmaiar e facilitar ainda mais as coisas para Fox e seus comparsas brutamontes. Ela lutaria com o que pudesse: dando cabeçadas ou mordidas, mas não aceitaria passivamente o abuso sexual.

Pareceu levar horas até os gritos de Thereza finalmente cessarem, e logo depois Fox retornou. Olhou-a com um sorriso satisfeito e malicioso no rosto: — Foi muito bom, sabe? Quem diria que uma mulher com a aparência tão fria como Thereza pudesse na verdade ser tão quente? — Ele passou um dedo bem devagar pelo braço de Suzanne, fazendo-a retesar — Mas creio que com você será ainda melhor...

O homem deu uma risada sinistra.

Suzanne encolheu-se.

— Estou brincando. Não foi assim tão divertido. A idiota desmaiou e tirou todo o prazer da coisa! — ele deu de ombros — esperarei que desperte e

NACIONAIS-ACHERON

então terei meu prêmio. E espero que na sua vez não desmaie também, senhorita Cunningham... afinal nenhum homem gosta de fazer sexo com um ser inanimado.

Suzanne estava certa que o homem era louco.

— Senhor Fox, por favor, não faça isso!

O homem voltou a rir.

— Adoro quando suplicam...

O homem circulou em volta de Suzanne, conteve um pequeno bocejo e depois parou diante dela.

— Você muito bonita, senhorita Suzanne... O que acha de mim? — ele aproximou seu rosto — Posso não ser tão bonito como seu noivo, mas tenho um belo sorriso e uma boa aparência, não?

Suzanne não saberia dizer. Não conseguia pensar com clareza, tão atemorizada estava. Seus braços e pés estavam amarrados com tanta força que parecia prender sua circulação. A verdade é que sua visão já estava turva. Talvez fosse também porque aquela era uma situação semelhante a que já vivenciara antes, e o pânico não lhe permitisse enxergar. Forçou a vista para desanuviá-la, e mesmo que tivesse achado seu algoz a pior aberração da face da Terra, não acreditava que fosse boa ideia desdenhá-lo respondendo-lhe com os desaforos que desejava dizer. Rezou para que a ajuda chegasse logo. Ouvira os comparsas de Etíel dizerem que o inimigo do patrão chegaria a qualquer momento, e ela adivinhou logo que falavam de Robert. Esperava que ele não fosse tolo o bastante para acatar a ordem de vir ao armazém sozinho.

Fox cutucou-a, impaciente:

— Responda-me!

— O senhor é bonito e não precisa impor sua vontade sobre dama

nenhuma. Tenho certeza que muitas o aceitariam alegremente.

— Thereza não quis — ele deu de ombros, como se isso não o incomodasse — e nem você.

— Eu sou noiva. — murmurou.

— E se seu noivo morresse? Cederia a mim do modo como falou, “alegremente”? — ele ironizou.

Suzanne piscou com dificuldade.

— Por que odeia o marquês?

— Por quê? Esse homem é uma pedra no meu sapato já faz anos! Atrapalhou todos os negócios que eu fazia com o tráfico de mercadorias e escravos, um negócio que prosperou em minha família durante gerações, mesmo na época da guerra contra Napoleão. Agora, há poucos dias, resolveu perseguir a mim e meus sócios com força total, e acabou por banir a todos nós da sociedade. Eu deveria ter partido com eles, mas me escondi e aguardei a poeira assentar para então agir. E finalmente terei minha vingança. Humilharei Robert Andersen Barker, ainda mais do que ele me humilhou, e depois o matarei!

Suzanne estava cada vez mais preocupada. Procurou defender o noivo: — Tenho certeza que não há provas de que foi o marquês de Brighton.

— Não seja ingênua. Claro que ele está por trás disso. Venho-o observando ao longo dos anos. Era um safado de marca maior, amoral e cínico, mas então, pouco a pouco... vem mudando, e atrapalhando a vida de muitos com este senso de justiça e boa vontade que não sei onde adquiriu...

— Eu tenho tentado evoluir, diferentemente de certas pessoas, que andam para trás como caranguejos. Não bastasse seus pecados anteriores, resolveu juntar a eles o crime de sequestro? — Robert havia entrado silenciosamente no recinto, e já estava a uma distância razoável de Fox e

Suzanne, apoiado displicentemente em sua elegante bengala.

— Robert! — Fox e Sue gritaram ao mesmo tempo, com entonações diferentes.

— Como entrou aqui? Onde estava meu porteiro? Ted? — Fox olhou ao redor, agitado, e percebendo-se sozinho, gritou — Bill! Terence! Amarrem a mulher e venham aqui agora!

Robert olhou em volta, aturdido. Havia mais uma mulher presa? Fox estava louco!

— Thereza também é refém, lá em cima! — gritou Suzanne.

Fox deu-lhe um tapa no rosto e mandou-a calar-se, ao mesmo tempo que os outros dois bandidos entravam correndo no local, e Robert avançava furioso contra seu inimigo.

— Nem mais um passo, Robert! Bill, veja se ele está armado!

Bill retirou uma pistola da cintura de Robert, e não encontrou mais nenhuma arma. Ele e Terence puseram-se cada um a um lado do marquês, contendo seus braços.

— Você veio mesmo sozinho, heim, Robert! Gosta realmente de sua noiva, para arriscar-se desse modo... E deve saber que não tenho intenção de que saia daqui com vida. — Fox sorriu, arrogante.

— Seus homens sabem quem eu sou? Sabem que sou o marquês de Brighton, amigo do primeiro ministro, e um dos conselheiros de Sua Majestade?

Bill e Terence entreolharam-se, e Robert não precisou mover a cabeça para detectar o medo deles.

— Eu dobro o pagamento que lhes ofereci! — gritou Fox, sentindo o perigo avizinando-se.

— Pois eu triplico o pagamento se nesse exato momento prenderem o

seu senhor. E não os mandarei enforcar pelo rapto de minha noiva. — Robert disse, tranquilo.

Os dois homens o soltaram imediatamente, e voaram para cima de Fox, que correu para os fundos do armazém.

Diretamente para onde estavam Jake e Christian, o aguardando com suas armas em punho. E, parado junto à porta de saída, barrando qualquer tentativa de fuga, estava Timothy, tendo aos seus pés um dos vigias de Etíel, amarrado e amordaçado. Não precisava ser nenhum gênio para entender que o mesmo havia acontecido ao porteiro Ted, que estava de guarda à entrada principal. O armazém, tanto quanto os capangas de Fox, estavam cercados de homens do marquês de Brighton. Praguejou quando Bill e Terence o seguraram: — Traidores!

Grayson e Tristan já desciam as escadas de madeira, carregando com cuidado Thereza Whirley, que jazia ainda desmaiada.

Enquanto Bill segurava firmemente o braço de Fox, Terence tratou de defender-se, ao ver tantos homens do marquês cercando-os: — Juro que não fizemos nada com esta mulher! Ela está assim por causa do que o “seu” Fox fez. Ele estava abusando dela, mas nós não fizemos nada! Nós tentamos é fazer ela acordar, porque pensamos que estava morta! Nós não mata mulher, não!

— Pensamos que ele só estava tentando assustar ela, mas ele... ele a atacou... — o homem baixou os olhos, envergonhado.

Não completou a frase, e os outros homens resmungaram impropérios, indignados.

— E vocês não fizeram nada para impedir esse abuso! — acusou Tristan.

— Ele... ele parou porque ela desmaiou, e disse que terminaria o

serviço quando ela acordasse ... — replicou Terence.

— Ainda ia fazer mais, seu maldito bastardo?! — vociferou Grayson, fuzilando Etel Fox com os olhos.

Fox olhava furioso para todos, sem nada dizer. Aproveitou enquanto os homens conversavam para desvencilhar-se de Bill, e correu até onde Robert estava, já desamarrando Suzanne.

— Arma! — gritou Miles, que entrava pela porta principal, seguido por Callum.

No momento em que Fox empunhou sua arma para atirar em Robert, próximo o bastante para não errar, o marquês brandiu sua bengala e com a habilidade de um esgrimista desarmou o patife. Ao mesmo tempo Christian, Jake e Miles atiraram, e no minuto seguinte o sequestrador estava inerte no chão, morto com três tiros: um na cabeça, um no coração, e outro nas costas.

Todos os homens se aproximaram do homem caído, conferindo se estava mesmo morto, enfim.

O silêncio tenso foi quebrado pela voz do marquês de Brighton: — Obrigado. — disse Robert para os amigos, enquanto abraçava Suzanne, já liberta — Sinto-me grato por vocês terem imposto sua presença aqui, afinal.

— Às ordens, primo Robbie! — sorriu Christian.

Os rapazes rodearam Suzanne, observando-a com cuidado: — Fox também tentou abusar de você, prima? — indagou Jake, num fio de voz.

Suzanne piscou, despertando como de um pesadelo, aturdida ainda com a imagem de Fox morto e com toda a situação apavorante que revivera. Sentiu Robert massageando suavemente seus ombros.

— Não, só ameaçou. — ela conseguiu responder, ainda nervosa. — Eu... Eu agradeço a todos vocês.

Suzanne voltou-se para Robert, que a fitava com preocupação, e

acariciou-lhe o rosto: — Me desculpe por colocá-lo em perigo, fui uma tola aceitando entrar na carruagem de lady Thereza. Pensava que ela estava sendo gentil, mas queria se livrar de mim, e trouxe-me para cá, acreditando que seria despachada em um navio para um lugar distante. No final das contas também tornou-se refém.

— Não se desculpe, Sue. Você não poderia adivinhar o que a maldita planejava. — respondeu o marquês.

— Ela teve uma dura lição... — disse Suzanne, com olhar suplicante para Robert. No entanto, sabia muito bem que ele não deixaria a maldade dela impune.

— Thereza recebeu uma lição e tanto por associar-se às pessoas erradas, mas mesmo assim ela e os comparsas de Fox terão que pagar por seus atos junto às autoridades. — o marquês replicou. Seu olhar era duro e implacável, e Suzanne sabia que ele estava certo. Se os atos deles não fossem punidos, quem garantiria que não poderiam se repetir?

De repente Suzanne lembrou-se das palavras de Thereza enquanto a sequestrava, e afastou-se de Robert alguns passos.

— Ela queria me tirar do caminho porque era sua amante. Você me traiu com ela!

Robert piscou, surpreso. Uma crise de ciúme naquele momento? Não sabia se ria ou se irritava-se. Optou por um meio termo: — Quando conheci você na mansão dos sogros de seu primo Christian, já não tinha mais nada com ela.

— Eu não... eu não tenho condições de pensar nisso! — Suzanne afastou-se de Robert, ainda mais, sacudindo a cabeça — Eu apenas quero sair daqui, voltar para minha casa!

Robert deu um passo em direção a Suzanne, evitando a distância. Sua

amada ainda estava trêmula. Não desejava vê-la tendo uma crise de nervos agora, e por algo que era totalmente inútil.

— Sim, nós a levaremos para sua casa! Mas não posso permitir que mais uma sombra venha interpor-se entre nós! Não, Suzanne, você tem que me ouvir e acreditar em mim.

Ela trincou os dentes, e com a mão fez um amplo movimento, mostrando os homens em volta.

— Tem certeza que é o momento certo para conversarmos sobre isto?

O marquês deu-lhe um leve sorriso. Respondeu com toda a paciência e doçura na voz: — Ah, Suzanne... Olhe nos meus olhos, meu amor. — com gentileza Robert ergueu o queixo de Suzanne para que o fitasse — Eu não sou amante de Thereza.

A verdade estava límpida nos olhos de Robert, e Suzanne teve suas dúvidas dissipadas ao encará-lo. Mesmo assim, sussurrou-lhe a pergunta: — Jura?

O sorriso nos belos lábios do marquês estendeu-se quando ele respondeu: — Juro pelo que é mais sagrado, meu amor.

Suzanne abriu um sorriso grandioso. Confiava e acreditava em Robert. Abraçou-o com força, seu Príncipe Encantado de carne e osso.

— Que alívio! — e atirou-se mais uma vez aos braços do noivo.

Robert a beijou demorada e apaixonadamente, fazendo-a esquecer todo o medo que acabara de vivenciar.

EPÍLOGO

Robert empertigou-se na cadeira, e apoiou a carta que tinha nas mãos sobre a grande mesa de madeira maciça de seu escritório. Havia lido a missiva três vezes. O último ano havia sido o melhor de sua vida em muito tempo. Não julgava que as coisas pudessem ficar melhores. Casara-se com a moça mais adorável do mundo, e recebera junto uma turba de parentes barulhentos e divertidos, que enchiam sua casa de alegria sempre que vinham visitá-los. Tão maravilhoso quanto a profusão de tios e primos que ganhara, sem falar nos sogros carinhosos que insistiam que o marquês os chamasse de pai e mãe, fôra sua ideia de procurar Elise, a noiva de Reynold, na Cornualha, para oferecer-lhe todo o apoio que deveria ter oferecido quando da ocasião da morte do irmão. Nunca era tarde para desculpar-se.

Quando estava cavalgando nas cercanias da propriedade, pensou estar vendo um fantasma. Seu irmão vinha em sua direção, cavalgando um corcel negro. Porém estava bem mais jovem! Robert quase havia caído do cavalo com o susto.

Não precisou pensar muito para entender que estava diante do filho de Rey. Sim, estava certo de haver encontrado o filho de seu irmão, um sobrinho que nem sequer imaginava existir!

Chegando à casa, uma tímida Elise confessou-lhe que havia deixado a sociedade porque estava grávida do noivo falecido. Um amigo de infância ofereceu-se para casar-se com ela e salvar-lhe da vergonha de ser mãe solteira, dando-lhe sobrenome e o carinho que seu filho precisava. No

NACIONAIS-ACHERON

entanto, agora já um rapaz, Dennis estava apaixonado por uma moça da fazenda vizinha, e não tinha posses suficientes para propor-lhe casamento e viver com conforto e segurança. Cercado de um ambiente amoroso, mesmo sabendo ser filho de um nobre, não lhe passou pela cabeça procurar seus verdadeiros parentes pelo lado paterno para ajudá-lo financeiramente.

Pois Robert resolveu logo o problema. Feliz da vida por ter sido agraciado por um sobrinho afável e de bom caráter, quando julgava não ter mais nenhum familiar consanguíneo vivo, providenciara para ele dinheiro suficiente para adquirir suas próprias terras, e garantiu a Dennis uma boa mesada vitalícia, além da promessa de visitá-lo e ser visitado por ele frequentemente, tudo com o devido consentimento do pai adotivo do moço, um homem tranquilo e bonachão. O arranjo entre o casal dera certo, pensou Robert, satisfeito, antes de partir. Parecia uma família feliz.

Agora recebera aquela carta vinda da América do Sul. De Reggie.

O irmão do meio afinal estava vivo, e sua vida havia sido uma sucessão de aventuras. Ficara anos preso em uma ilha na ocasião de seu naufrágio, depois fôra resgatado por um navio de bucaneiros, e metera-se com eles em uma série de negócios arriscados, e pouco honestos, mas adquirira com isso uma pequena fortuna. Ao aportar no Brasil em uma de suas negociatas, encantou-se com o lugar, e acabou por apaixonar-se por uma bela moça. Como a jovem era de boa família, Reginald pôs seu antigo ofício de lado, e começou a comercializar tecidos, tornando-se um próspero e honesto comerciante, e conseguindo a mão de sua amada em troca. Agora, anos depois de sua partida, resolvera entrar em contato com sua família. Não o fizera antes porque envergonhava-se de sua desobediência, e supunha que seu pai o houvesse renegado por isso. Nunca gostara de títulos e da pompa da nobreza, mas temia a reação do progenitor ao seu modo de vida. Não sabia que o pai estava morto. E nem sabia que Rey também falecera.

— Têm duas filhas! — exclamou Robert, olhando para sua esposa, que estava confortavelmente sentada numa poltrona à sua frente, sorrindo — Eu tenho duas sobrinhas! E meu irmão Reggie está vivo e feliz! Eu tenho uma família grande, afinal!

— É maravilhoso! — Suzanne respondeu. Robert já havia lido a carta em voz alta para ela, mas fazia questão de frisar seus tópicos.

Robert agora passeava pelo aposento, sorrindo, ainda com a carta do irmão na mão.

— Vou avisá-lo que o título de marquês pertence a ele, mas tenho certeza que irá recusar de modo veemente. Já garantiu que não trocará nunca sua casa no Brasil por uma na Inglaterra, nunca, pois o clima lá é bem mais agradável.

— Sim, já ouvi dizer. Nunca faz muito frio, como aqui.

— E como as meninas nunca viram neve, pergunta-me se poderiam vir todos passar o próximo inverno conosco, e é claro, o Natal! Poderíamos aproveitar para convidar meu sobrinho Dennis e sua futura esposa! Meu Deus, não me lembro de ter um Natal com a casa cheia... Deve ser incrível, não acha?

Robert estava mais empolgado que uma criança, e Suzanne deu uma risada, contagiada por sua alegria.

— Vai ser fantástico! E, é claro, devemos dar graças também pela família continuar aumentando.

— Continuar aumentando? — ele indagou, desconfiado.

— A família aumentará ainda mais em alguns meses, Rob. — respondeu Sue, pondo a mão sobre o ventre.

Robert largou imediatamente a carta, e colocou-se de joelhos em frente à esposa.

— É verdade? Teremos um bebê?

— O primeiro deles, meu amor.

— Sue! E você cavalgou ontem! Ai, meu Deus! — pôs a mão protetoramente sobre a barriga da sua marquesa — Não pode mais fazer isso!

— Rob! — ela censurou-o, gentilmente.

— E nem deve cansar-se subindo e descendo escadas toda hora, e abaixando-se para ver suas ervas, e deve também diminuir esse ritmo alucinado de visitas a orfanatos e asilos, e...

Ela cobriu a boca de Robert com seus dedos, forçando-o a calar-se.

— Continuando assim, me dirá que não podemos mais fazer amor, para não incomodar o bebê.

Os olhos azuis, arregalados de alegria e surpresa, brilharam ainda mais ao avaliar o que a amada dizia-lhe. Deu-lhe um sorriso travesso: — Bem... acho que isso pode...

Deram uma risada juntos, e selaram o começo da nova fase de suas vidas com um apaixonado e longo beijo.

FIM

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON